

MORGAN RICE

DE COROAS E GLÓRIA - LIVRO 2

VADIA,
PRISIONEIRA,
PRINCESA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



MORGAN RICE

DE COROAS E GLÓRIA--LIVRO 2

VADIA,
PRISIONEIRA,
PRINCESA

VADIA, PRISIONEIRA, PRINCESA

(DE COROAS E GLÓRIA--LIVRO 2)

MORGAN RICE

Morgan Rice

Morgan Rice é a best-seller nº1 e a autora do best-selling do USA TODAY da série de fantasia épica O ANEL DO FEITICEIRO, composta por dezassete livros; do best-seller nº1 da série OS DIÁRIOS DO VAMPIRO, composta por doze livros; do best-seller nº1 da série TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico composto por dois livros (a continuar); da série de fantasia épica REIS E FEITICEIROS, composta por seis livros; e da nova série de fantasia épica DE COROAS E GLÓRIA. Os

livros de Morgan estão disponíveis em edições áudio e impressas e as traduções estão disponíveis em mais de 25

idiomas.

[TRANSFORMADA \(Livro n 1 da série Diários de um Vampiro\), ARENA](#)

[UM \(Livro n 1 da série A Trilogia da Sobrevivência\) e EM BUSCA DE HERÓIS](#)

(Livro n 1 da série O Anel do Feiticeiro) e [A ASCENÇÃO DOS DRAGÕES](#)

(Reis e Feiticeiros – Livro n 1) estão disponíveis gratuitamente no Google Play!

Morgan adora ouvir a sua opinião, pelo que, por favor, sinta-se à vontade para visitar www.morganricebooks.com e juntar-se à lista de endereços eletrónicos, receber um livro grátis, receber ofertas, fazer o download da aplicação grátis, obter as últimas notícias exclusivas, ligar-se ao Facebook e ao Twitter e manter-se em contacto!

Seleção de aclamações para Morgan Rice

"Se pensava que já não havia motivo para viver depois do fim da série O ANEL

DO FEITICEIRO, estava enganado. Em A ASCENSÃO DOS DRAGÕES Morgan Rice surgiu com o que promete ser mais uma série brilhante, fazendo-nos imergir numa fantasia de trolls e dragões, de valentia, honra, coragem, magia e fé no seu destino. Morgan conseguiu mais uma vez produzir um conjunto forte de personagens que nos faz torcer por eles em todas as páginas... Recomendado para a biblioteca permanente de todos os leitores que adoram uma fantasia bem escrita."

-- *Books and Movie Reviews*

Roberto Mattos

"Uma ação carregada de fantasia que irá certamente agradar aos fãs das histórias anteriores de Morgan rice, juntamente com os fãs de trabalhos tais como O

CICLO DA HERANÇA de Christopher Paolini...Fãs de ficção para jovens adultos irão devorar este último trabalho de Rice e suplicar por mais."

-- *The Wanderer, A Literary Journal (referente a Ascensão dos Dragões)*

"Uma fantasia espirituosa que entrelaça elementos de mistério e intriga no seu enredo. *A Busca de Heróis* tem tudo a ver com a criação da coragem e com a compreensão do propósito da vida e como estas levam ao crescimento, maturidade e excelência... Para os que procuram aventuras de fantasia com sentido, os protagonistas, estratégias e ações proporcionam um conjunto vigoroso de encontros que se relacionam com a evolução de Thor desde uma criança sonhadora a um jovem adulto que procura a sobrevivência apesar das dificuldades... Apenas o princípio do que promete ser uma série de literatura juvenil épica."

--*Midwest Book Review (D. Donovan, eBook Reviewer)*

"O ANEL DO FEITICEIRO reúne todos os ingredientes para um sucesso instantâneo: enredos, intrigas, mistério, valentes cavaleiros e relacionamentos que florescem repletos de corações partidos, decepções e traições. O livro manterá o leitor entretido por horas e agradará a pessoas de todas as idades. Recomendado para a biblioteca permanente de todos os leitores do gênero de fantasia."

-- *Books and Movie Reviews*, Roberto Mattos.

"Neste primeiro livro cheio de ação da série de fantasia épica Anel do Feiticeiro (que conta atualmente com 14 livros), Rice introduz os leitores ao Thorgrin

"Thor" McLeod de 14 anos, cujo sonho é juntar-se à Legião de Prata, aos cavaleiros de elite que servem o rei... A escrita de Rice é sólida e a premissa intrigante."

--*Publishers Weekly*

Livros de Morgan Rice

O CAMINHO DA ROBUSTEZ

APENAS OS DIGNOS (Livro nº1)

DE COROAS E GLÓRIA

ES CRAVA, GUERREIRA, RAINHA (Livro nº1)

VADIA, PRISIONEIRA, PRINCESA (Livro nº2)

REIS E FEITICEIROS

A ASCENSÃO DOS DRAGÕES (Livro nº1)

A ASCENSÃO DOS BRAVOS (Livro nº2)

O PESO DA HONRA (Livro nº3)

UMA FORJA DE VALENTIA (Livro nº4)

UM REINO DE SOMBRAS (Livro nº5)

A NOITE DOS CORAJOSOS (Livro nº6)

O ANEL DO FEITICEIRO

EM BUSCA DE HERÓIS (Livro nº1)

UMA MARCHA DE REIS (Livro nº2)

UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro nº3)

UM GRITO DE HONRA (Livro nº4)

UM VOTO DE GLÓRIA (Livro nº5)

UMA CARGA DE VALOR (Livro nº6)

UM RITO DE ESPADAS (Livro nº7)

UM ESCUDO DE ARMAS (Livro nº8)

UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro nº9)

UM MAR DE ESCUDOS (Livro nº10)

UM REINADO DE AÇO (Livro nº11)

UMA TERRA DE FOGO (Livro nº12)

UM GOVERNO DE RAINHAS (Livro nº 13)

UM JURAMENTO DE IRMÃOS (Livro nº 14)

UM SONHO DE MORTAIS (Livro nº 15)

UMA JUSTA DE CAVALEIROS (Livro nº 16)

O PRESENTE DA BATALHA (Livro nº 17)

TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA

ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro nº 1)

ARENA DOIS (Livro nº 2)

ARENA TRÊS (Livro nº 3)

VAMPIRO, APAIXONADA

ANTES DO AMANHECER (Livro nº 1)

MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO

TRANSFORMADA (Livro nº 1)

AMADA (Livro nº 2)

TRAÍDA (Livro nº 3)

PREDESTINADA (Livro nº 4)

DESEJADA (Livro nº 5)

COMPROMETIDA (Livro nº 6)

PROMETIDA (Livro nº 7)

ENCONTRADA (Livro nº 8)

RESSUSCITADA (Livro nº 9)

ALMEJADA (Livro nº 10)

DESTINADA (Livro nº 11)

OBCECADA (Livro nº 12)

KINGS AND SORCERERS



THE SORCERER'S RING



THE SURVIVAL TRILOGY



the vampire journals



[Faça o download dos livros de Morgan Rice no Google Play agora mesmo!](#)



Oiça a série O ANEL DO FEITICEIRO em formato Audiobook!

Agora disponível em:

[Amazon](#)

[Audible](#)

[iTune s](#)

Quer livros gratuitos?

Subscreva a lista de endereços de Morgan Rice e receba 4 livros grátis, 3 mapas grátis, 1 aplicação grátis, 1 jogo grátis, 1 história em banda desenhada grátis e ofertas exclusivas! Para subscrever, visite: www.morganricebooks.com

Copyright © 2016 por M organ Rice. Todos os direitos reservados. Exceto conforme permitido pela Lei de Direitos de Autor dos EUA de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, ou armazenada numa base de dados ou sistema de recuperação, sem a autorização prévia da autora. Este e-book é licenciado para o seu uso pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou cedido a outras pessoas. Se quiser compartilhar este livro com outra pessoa, por favor, compre uma cópia adicional para cada destinatário. Se está a ler este livro e não o comprou, ou se ele não foi comprado apenas para seu uso pessoal, por favor, devolva-o e adquira a sua própria cópia. Obrigado por respeitar o trabalho árduo desta autora. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares, eventos e incidentes são produto da imaginação da autora ou foram usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é mera coincidência. Imagem da capa Copyright Kiselev Andrey Valerevich, usada com autorização da Shutterstock.com.

CONTEÚDO

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITO

CAPÍTULO NOVE

CAPÍTULO DEZ

CAPÍTULO ONZE

CAPÍTULO DOZE

CAPÍTULO TREZE

CAPÍTULO CATORZE

CAPÍTULO QUINZE

CAPÍTULO DEZASSEIS

CAPÍTULO DEZASSETE

CAPÍTULO DEZOITO

CAPÍTULO DEZANOVE

CAPÍTULO VINTE

CAPÍTULO VINTE E UM

CAPÍTULO VINTE E DOIS

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

CAPÍTULO VINTE E CINCO

CAPÍTULO VINTE E SEIS

CAPÍTULO VINTE E SETE

CAPÍTULO VINTE E OITO

CAPÍTULO VINTE E NOVE

CAPÍTULO TRINTA

CAPÍTULO TRINTA E UM

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

CAPÍTULO TRINTA E SETE

CAPÍTULO UM

"Ceres! Ceres! Ceres!"

Ceres conseguia sentir o cântico da multidão tão nitidamente quanto o seu próprio coração a bater. Ela ergueu a espada em reconhecimento, segurando-a com força, testando o couro. Para si não era importante que eles apenas tivessem sabido o seu nome há momentos. Era suficiente que o soubessem e que isso reverberasse em si, para que o pudesse sentir quase como uma força física.

Do outro lado do Stade, de frente para ela, o seu oponente, o enorme lorde de combate, caminhava de um lado para o outro, na areia. Ao vê-lo, Ceres engoliu em seco, ainda com mais medo, por mais que o tentasse suprimir. Ela sabia que esta poderia muito bem ser a última luta da sua vida.

O lorde de combate andava como um leão enjaulado, a balançar a sua espada no ar em arcos, que pareciam projetar-se para exibir os seus músculos salientes.

Com a sua armadura peitoral e elmo com viseira, parecia como se ele tivesse sido esculpido em pedra. Era difícil para Ceres acreditar que ele era simplesmente de carne e osso.

Ceres fechou os olhos e preparou-se mentalmente.

Tu consegues, disse para si mesma. Podes até nem ganhar, mas deves enfrentá-lo corajosamente. Se é para morreres, deves morrer honradamente.

Uma trombeta soou nos ouvidos de Ceres, fazendo-se ouvir mesmo por cima do som do uivo da multidão. Tal encheu a arena. De repente, o seu adversário avançou.

Ele foi mais rápido do que ela pensava que um homem grande conseguia ser, atacando-a antes de ela ter hipótese de reagir. Tudo o que Ceres conseguiu fazer foi esquivar-se, levantando poeira ao desviar-se do

caminho do guerreiro.

O lorde de combate girou a espada com as duas mãos e Ceres baixou-se, sentindo o ar a passar por si. Ele golpeava como um talhante empunhando um cutelo, e quando ela girou e bloqueou o golpe, o impacto do metal no metal fez com que os seus braços estremecessem. Ela achava que não era possível um guerreiro poder ser tão forte.

Ela afastou-se e o seu oponente seguiu-a com uma inevitabilidade sombria.

Ceres ouvia o seu nome misturado com os gritos e vaias da multidão.

Obrigou-se a manter o foco; ela mantinha os olhos fixados no seu adversário e tentava lembrar-se dos seus treinos, pensando em todas as coisas que podiam acontecer a seguir. Ela tentava golpear e, depois, contorcia o seu pulso para responder com a sua espada ao ataque.

Mas o lorde de combate limitou-se a grunhir quando a espada dela lhe fez um pequeno corte no antebraço.

Ele sorriu como se tivesse gostado.

"Vais pagar por isto", avisou ele. O seu sotaque era encorpado, de um dos cantos distantes do Império.

Ele atacou-a outra vez, obrigando-a a desviar-se e a esquivar-se. Ela sabia que não podia arriscar um confronto direto, não com alguém tão forte.

Ceres sentiu o chão ceder debaixo do seu pé direito, uma sensação de vazio ali onde deveria ter havido um apoio firme. Ela olhou para baixo e viu areia a cair para um fosso. Por um momento, o seu pé ficou pendurado sobre o espaço vazio. Cegamente, com a sua espada, ela tentava impulsionar-se para fora dali, enquanto lutava para manter o equilíbrio.

O contra-ataque do lorde de combate era quase de desprezo. Por um instante, Ceres teve certeza que ia morrer, porque não havia nenhuma maneira de parar completamente o ataque. Ela sentiu o impacto dissonante do golpe contra a sua espada, que, ainda assim, desacelerou ao embater na sua armadura. A sua armadura peitoral fez pressão contra o seu corpo com uma força contundente. No local onde aquela terminava, ela sentiu uma dor quente a queimá-la quando a espada lhe proferiu um corte ao longo da sua clavícula.

Ela cambaleou para trás e, ao fazê-lo, viu mais fossos a abrirem-se ao redor do chão da arena, como se fossem bocas de animais famintos. E então, desesperada, ela teve uma ideia: talvez ela conseguisse usá-los em sua vantagem.

Ceres contornava as bordas dos fossos, na esperança de retardar a aproximação dele.

"Ceres!", chamou Paulo.

Ela virou-se e a sua guardiã de armas atirou uma curta lança na sua direção.

Quando ela a apanhou, o seu eixo bateu-lhe na palma da mão macia, fazendo com que ela sentisse a madeira áspera. A lança era menor das que talvez fossem usadas numa verdadeira batalha, mas ainda

tinha tamanho suficiente para lançar através dos fossos a sua cabeça em forma de folha.

"Vou fazer-te em pedaços", prometeu o lorde de combate, percorrendo a borda à volta.

Com um adversário tão forte, pensava Ceres, a sua melhor esperança era tentar cansá-lo. Quanto tempo conseguiria alguém tão enorme continuar a lutar?

Ceres já sentia os seus próprios músculos a arderem-lhe e o suor a escorrer-lhe pelo rosto. Seria pior para o lorde de combate que ela enfrentava?

Era impossível ter a certeza, mas tinha de ser a sua melhor esperança. Então, ela esquivou-se e golpeou usando o comprimento da lança da melhor maneira que

conseguiu. Ela conseguiu escapar-se por entre as defesas do enorme guerreiro, apesar de a lança apenas ter tinido da armadura dele.

O lorde de combate deu pontapés na poeira em direção aos olhos de Ceres, mas ela virou-se a tempo. Ela rodopiou para trás e atirou a lança baixa, em direção às pernas desprotegidas dele. Ele saltou, desviando-se daquele lançamento, mas ela conseguiu fazer-lhe outro ferimento ao longo do seu antebraço ao desembainhar novamente a lança.

Ceres, agora, incitava com golpes baixos e altos, apontando para os membros do seu oponente. O grande homem atacava e bloqueava, tentando encontrar uma maneira para além da ponta de ataque, mas Ceres mantinha-o em movimento. Ela golpeou em direção ao seu rosto, na esperança, pelo menos, de o conseguir distrair.

O lorde de combate apanhou a lança. Ele agarrou a lança por trás da cabeça da mesma, puxando-a para a frente e desviando-se. Ceres teve de a largar, porque ela não queria correr o risco de ser puxada na direção da espada do homem grande. O seu oponente partiu a lança com um joelho, tão facilmente quanto poderia ter partido um galho.

A multidão vibrou.

Ceres sentiu um suor frio pela sua espinha. Por um instante, ela imaginou o homem grande a partir o seu corpo com a mesma facilidade. Ela engoliu em seco só de pensar e preparou a sua espada novamente.

Quando os golpes seguintes vieram, ela agarrou o punho da espada com ambas as mãos, porque era a única maneira de absorver um pouco da força dos ataques do lorde de combate. Mesmo assim, era incrivelmente difícil. Cada golpe parecia como se ela fosse um sino a ser atingido por um martelo. Cada um enviava ondas de choque que lhe percorriam os braços.

Ceres já se sentia cansada com os ataques. Cada respiração era irregular, parecendo que respirava à força. Não havia dúvida agora sobre tentar contra-atacar, ou fazer qualquer coisa, que não fosse recuar e ter esperança.

E então aconteceu. Lentamente, Ceres sentiu o poder a crescer dentro de si.

Vinha acompanhado de um calor, como as primeiras brasas de uma fogueira.

Instalou-se na sua barriga, à sua espera. Ceres agarrou-o.

A energia percorreu-a. O mundo desacelerou, movendo-se como se a rastejar, e, de repente, ela sentiu que tinha todo o tempo do mundo para aparar o próximo ataque.

Ela tinha toda a força, também. Ela bloqueou o ataque facilmente e, em seguida, oscilou a espada ao redor e golpeou o braço do lorde de combate num ápice.

"Ceres! Ceres!", gritava a multidão.

Ela via a raiva do lorde de combate a crescer enquanto o cântico da multidão continuava. Ela podia entender o porquê. Era suposto eles ecoarem cânticos por *ele*, proclamando a sua vitória, disfrutando da morte dela.

Ele rugia, avançando para o ataque. Ceres esperou durante o tempo que se conseguiu atrever, obrigando-se a ficar parada até ele quase a alcançar.

Então ela baixou-se. Ela sentiu o assobio da espada dele a passar-lhe sobre a cabeça, e, depois, a areia áspera quando os seus joelhos tocaram no chão. Ela atirou-se para a frente, balançando a sua espada à volta, num arco, que embateu contra as pernas do lorde de combate quando ele passou.

Ele caiu de cara no chão e a sua espada caiu-lhe das mãos.

A multidão foi à loucura.

Ceres ficou em cima dele, a olhar para a cena horrível que a sua espada tinha provocado nas pernas dele. Por um momento, ela perguntou-se se ele conseguiria levantar-se mesmo naquele estado, mas ele caiu novamente, virando-se de costas e levantando uma mão enquanto implorava por misericórdia. Ceres retinha-o, olhando em volta para os membros da realeza que decidiriam se o homem que estava à frente dela viveria ou morreria. De qualquer forma, ela havia decidido, ela não mataria um guerreiro indefeso.

Ouviu-se outro toque de trombeta.

Um rugido seguiu-se quando os portões de ferro na parte lateral da arena se abriram. O seu tom foi o suficiente para arrepiar Ceres. Naquele momento, ela sentiu-se nada mais do que uma presa, algo a ser caçado, algo que tinha de fugir.

Ela atreveu-se a olhar para cima na direção do recinto real, sabendo que tal tinha de ser deliberado. A luta tinha acabado. Ela tinha *ganhado*. No entanto, isso não era suficientemente bom. Ela apercebeu-se que eles a iam matar, de uma forma ou de outra. Eles não a deixariam sair viva do Stade.

Uma criatura apareceu ali, desajeitadamente, maior do que um ser humano, coberta de pelo desgrenhado. Tinha os caninos para fora, um focinho parecido com um urso e saliências espinhosas estendiam-se ao longo das suas costas. Os seus pés tinham garras do comprimento de adagas. Ceres não sabia o que aquilo era, mas também não precisava porque sabia que seria mortal.

A criatura parecida com um urso caiu de quatro e correu para a frente, enquanto Ceres preparou a sua espada.

Chegou primeiro ao lorde de combate caído no chão. Ceres teria desviado o olhar se se atrevesse. O homem gritou quando a criatura atacou. Era impossível ele ter rebolado para se desviar do caminho a tempo. Aquelas patas gigantes esmagavam-no. Ceres ouvia o ruído da sua armadura peitoral a ceder. A fera rugia enquanto atacava selvaticamente o seu anterior oponente.

Quando a fera olhou para cima, os seus caninos estavam molhados de sangue.

Ela olhou para Ceres, arreganhou os dentes e avançou para atacar.

Ela mal se conseguiu afastar a tempo, golpeando com a sua espada à medida que a criatura passava. A criatura deu um grito de dor.

No entanto, um puro impulso arrancou a espada das mãos de Ceres, parecendo que tal lhe iria arrancar o braço se ela não a largasse. Horrorizada, ela viu a sua espada a girar pela areia, caindo num dos fossos.

O animal continuou a avançar. Ceres, frenética, olhou para o local na areia onde as duas partes partidas da lança estavam. Ela mergulhou para as apanhar, agarrando uma das partes, rebolando num único movimento.

Quando ela se pôs num joelho para se levantar, já a criatura estava a avançar.

Ceres não podia fugir, dizia ela a si mesma. Esta era a sua única oportunidade.

A criatura embateu nela. O peso e a velocidade da coisa levantaram Ceres.

Não houve tempo para pensar, não houve tempo para ter medo. Ceres empurrava com a parte partida da lança, golpeando sem parar, enquanto as patas da besta tipo urso lhe apertavam o cerco.

A força da criatura era terrível, demasiada para se igualar. Ceres sentia como se as suas costelas pudessem estourar com a pressão da criatura, com a sua armadura peitoral a ranger sob a força da criatura. Ela sentiu as suas garras a arranharem-lhe as costas e as pernas, numa lancinante agonia.

A pele da criatura era muito grossa. Ceres atacava-a sem parar, mas ela sentia que a ponta da lança mal penetrava a sua carne. A criatura estava a dilacerá-la, com as suas garras a rasgarem toda a pele que ela tivesse exposta.

Ceres fechou os olhos. Com tudo o que tinha, ela foi buscar todo o poder dentro de si, mesmo sem saber se funcionaria.

Ela sentiu a surgir em si uma bola de poder. Então, ela colocou toda a sua força na sua lança, empurrando-a para cima na direção do espaço onde ela esperava que o coração da criatura estivesse.

O animal gritou, recuando para longe dela.

A multidão vibrava.

Ceres, sofrendo com a dor dos seus arranhões, saiu, cambaleando, de baixo da criatura, levantando-se em fraqueza. Ela olhou para baixo enquanto a besta, com a lança alojada no seu coração, rolava e gemia, fazendo um som que parecia pequeno demais para algo tão grande.

Em seguida, a criatura ficou rija e morreu.

"Ceres! Ceres! Ceres!"

O Stade aclamava novamente. Para onde quer que Ceres olhasse, havia pessoas a chamar pelo nome dela. Nobres e pessoas comuns pareciam estar,

igualmente, a juntarem-se aos cânticos, perdendo-se a si mesmos naquele momento da vitória dela.

"Ceres! Ceres! Ceres!"

Ela deu por si a sorver o acontecimento. Era impossível não ser apanhada pelo sentimento de adulação. Todo o seu corpo parecia pulsar em sincronia com o cantar que a rodeava. Ela estendeu as mãos como se para acolher tudo aquilo. Ela virou-se lentamente em círculo, observando os rostos daqueles que no dia anterior nem sequer tinham ouvido falar dela, mas que agora estavam a tratá-la como se ela fosse a única pessoa no mundo que importasse.

Ceres estava tão entregue àquele momento que quase já não sentia a dor das feridas. Ela levou a mão ao ombro, que agora lhe doía. A mão saiu molhada, embora o sangue ainda estivesse vermelho brilhante à luz do sol.

Ceres olhou para aquela mancha por alguns segundos. A multidão ainda estava a entoar o seu nome, mas o pulsar do seu coração nos seus ouvidos, de repente, parecia muito mais alto. Ela olhou para a multidão, demorando um momento para perceber que estava de joelhos. Ela não se conseguia lembrar de ter caído de joelhos.

Do canto do olho, Ceres podia ver Paulo correndo para a frente, mas tal parecia muito distante, como se não tivesse nada a ver com ela. O sangue escorria dos seus dedos para a areia, escurecendo-a onde tocava. Ela nunca se tinha sentido tão tonta, tão estonteada.

De repente, ela deu por si a cair de cara no chão da arena, sentindo-se incapaz de alguma vez se voltar a mover novamente.

CAPÍTULO DOIS

Thanos abriu os olhos lentamente, confuso ao sentir as ondas a baterem-lhe nos tornozelos e pulsos. Por baixo dele, ele sentia a areia branca arenosa das praias de Haylon. Ocasionalmente, o sal que era pulverizado enchia-lhe a boca, tornando-se difícil respirar.

Thanos olhou para os lados ao longo da praia, incapaz de fazer mais do que isso. Mesmo aquilo era uma luta, já que ele entrava e saía do seu estado de consciência. Ele pensava estar a ver chamas ao longe e a distinguir sons de violência. Ele ouvia gritos, juntamente com o som de aço a embater em aço.

A ilha, ele lembrava-se. Haylon. O ataque deles tinha começado.

Então, porque estava ele deitado na areia?

Levou um momento até que a dor no seu ombro lhe respondeu a essa pergunta.

Lembrou-se, e estremeceu com a lembrança. Lembrou-se do momento em que a espada tinha mergulhado em si, lancetando-o na sua parte superior das costas.

Lembrou-se do choque com isso uma vez que Typhoon o havia traído.

A dor percorria o corpo de Thanos, expandindo-se como uma flor a partir do ferimento nas costas. Cada respiração doía-lhe. Ele tentou levantar a cabeça -

mas apenas conseguiu desmaiar.

Quando voltou a acordar, Thanos estava novamente virado para baixo na areia, e ele apenas conseguia dizer que o tempo tinha passado, porque a maré tinha subido um pouco, com a água a bater-lhe agora na cintura ao invés de nos tornozelos. Ele conseguiu, finalmente, levantar a cabeça o suficiente para ver que havia outros corpos na praia. Os mortos pareciam cobrir o mundo, estendidos sobre as praias de areia branca, tanto quanto ele conseguia ver. Viu homens com a armadura do Império, esparramados onde tinham caído, misturados com os defensores que tinham morrido a proteger as suas casas.

O fedor da morte enchia as narinas de Thanos, e era tudo o que ele conseguia fazer para não vomitar. Ninguém tinha ainda separado os mortos em amigos e inimigos. Tais subtilezas podiam esperar pelo fim da batalha. Talvez o Império deixasse isso nas mãos da maré; um olhar para trás mostrou sangue na água, e Thanos conseguiu ver as barbatanas a rebentar as ondas. Porém, não eram tubarões grandes, necrófagos em vez de caçadores - mas precisariam eles de ser muito grandes para o devorar quando a maré subisse?

Thanos sentiu uma onda de pânico. Ele tentou arrastar-se até a praia, puxando com os braços como se estivesse a tentar escalar pela areia. Ele gritava de dor ao tentar puxar-se para a frente, talvez a metade do comprimento do seu corpo.

A escuridão apoderou-se da sua visão novamente.

Quando voltou a si, Thanos estava de lado, a olhar para as figuras que estavam agachadas sobre si, perto o suficiente para lhes conseguir tocar, se tivesse forças para fazê-lo. Eles não se pareciam com soldados do Império. Na verdade, não se pareciam sequer com soldados. Thanos tinha passado tempo suficiente rodeado de guerreiros para saber a diferença. Aqueles, um homem mais jovem e um mais velho, pareciam-se mais com agricultores, homens comuns, que provavelmente tinham fugido das suas casas para evitar a violência. Isso não queria dizer que eles fossem menos perigosos, apesar de tudo. Ambos possuíam facas, e Thanos deu por si a perguntar-se se eles podiam ser tão necrófagos como os tubarões. Ele sabia que havia sempre aqueles que procuravam roubar os mortos após as batalhas.

"Este ainda está a respirar", disse o primeiro deles.

"Eu a ver. Corta-lhe simplesmente a garganta e acaba já com isto".

Thanos ficou tenso, com o seu corpo a preparar-se para lutar, mesmo não havendo nada que pudesse fazer naquele momento.

"Olha para ele", insistiu o homem mais jovem. "Alguém o esfaqueou nas costas."

Thanos viu o homem mais velho a franzir ligeiramente as sobrancelhas para aquilo. Deslocou-se à volta, para trás de Thanos, fora da sua linha de visão.

Thanos conseguiu evitar gritar novamente quando o homem tocou no local onde o sangue ainda saía da ferida. Ele era um príncipe do Império. Ele não ia mostrar fraqueza.

"Parece que estás certo. Ajuda-me a levá-lo até onde os tubarões não o apanhem. Os outros vão querer ver isto."

Thanos viu o homem mais jovem acenar, e, juntos, eles conseguiram levantá-

lo, com a armadura e tudo. Desta vez, Thanos gritou, incapaz de parar a dor à medida que eles o puxavam pela praia acima.

Deixaram-no como um tronco flutuante, para além do ponto onde a maré tinha deixado para trás as algas, abandonando-o na areia seca. Eles afastaram-se num ápice, mas Thanos estava com demasiadas dores para os ver a irem-se embora.

Não havia nenhuma maneira de ele saber quanto tempo tinha passado. Ele ainda conseguia ouvir ao fundo a batalha, com os seus gritos de violência e raiva, os seus gritos de guerra e as suas cornetas de aviso. Uma batalha podia durar minutos ou horas, apesar de tudo. Podia terminar na primeira leva, ou continuar até que nenhum dos lados tivesse força para fazer mais do cambalear. Thanos não tinha nenhuma maneira de saber qual das situações aquela era.

Por fim, um grupo de homens aproximou-se. Pareciam-se *efetivamente* com soldados, com uma maior agressividade que só os homens que tinham lutado

durante toda a sua vida tinham. Era fácil ver qual deles era o líder. O homem alto, de cabelos escuros, que estava à frente não usava a elaborada armadura trabalhada que um general do Império talvez devesse usar, mas todos ali olhavam para ele à medida que o grupo se aproximava, obviamente, aguardando ordens.

O recém-chegado estava provavelmente na casa dos trinta, com uma barba curta tão escura como o resto do seu cabelo, e uma estrutura que, ainda assim, o fazia parecer ter força. Ele tinha uma espada curta em cada quadril. Thanos imaginava que não fossem apenas para serem exibidas, a julgar pela forma como as suas mãos pairavam automaticamente perto dos punhos. Pela sua expressão, Thanos achava que ele estava silenciosamente a calcular todos os ângulos presentes na praia, considerando cuidadosamente a possibilidade de uma emboscada, sempre antecipando os acontecimentos. Os olhos dele detiveram-se nos de Thanos, e o sorriso que se seguiu tinha, por detrás, um estranho tipo de humor, como se o seu dono tivesse visto algo no mundo que mais ninguém tinha.

"Foi para ver isto que vocês me trouxeram até aqui?", perguntou ele, quando os dois que tinham encontrado Thanos se chegaram à frente. "Um soldado Imperial a morrer numa armadura demasiado brilhante para si?"

"Um nobre porém", disse o mais velho. "Consegues ver isso pela armadura."

"E ele foi apunhalado pelas costas", o mais jovem salientou. "Pelos seus próprios homens, ao que parece."

"Então ele nem sequer é bom o suficiente para a escumalha que está a tentar tomar a nossa ilha?",

perguntou o líder.

Thanos observava enquanto o homem se aproximava, ajoelhando-se ao seu lado. Talvez ele pretendesse terminar o que o Typhoon tinha começado. Nenhum soldado de Haylon teria qualquer amor por aqueles no seu lado do conflito.

"O que é que fizeste para o teu próprio lado te tentar matar?", perguntou o recém-chegado, num tom tão baixo que só Thanos o conseguiu ouvir.

Thanos conseguiu encontrar a força para abanar a cabeça. "Eu não sei." As palavras saíram-lhe entorpecidas. Mesmo se ele não tivesse sido ferido, ele havia estado estendido na areia muito tempo. "Mas eu não queria isto. Eu não queria lutar aqui."

Tal provocou mais um daqueles sorrisos estranhos. Thanos pensava que ele se estava a rir do mundo, apesar de não haver nada para rir.

"E, no entanto, estás aqui", disse o recém-chegado. "Tu não querias fazer parte de uma invasão, mas estás nas nossas praias, em vez de estares seguro em casa.

Tu não querias oferecer-nos a violência, mas o exército do Império está a queimar casas enquanto falamos. Sabes o que está acontecer naquela praia?"

Thanos abanou a cabeça. Até aquilo doía.

"Estamos a perder", continuou o homem. "Oh, nós estamos a lutar com todas as nossas forças, mas isso não importa. Não com estas hipóteses. A batalha ainda está ao rubro, mas isso é só porque uma metade do meu lado é demasiado teimosa para reconhecer a verdade. Não temos tempo suficiente para distrações como esta."

Thanos viu o recém-chegado a desembainhar uma das suas espadas. Parecia perversamente afiada. Tão afiada que ele provavelmente não iria sequer senti-la quando ela mergulhasse no seu coração. Em vez disso, porém, o outro homem gesticulou com ela.

"*Tu e tu*", disse ele aos homens, "tragam o nosso novo amigo. Talvez ele valha alguma coisa para o outro lado", disse ele sorrindo maleficamente. "E se não valer, eu próprio o matarei."

A última coisa que Thanos sentiu foram umas mãos fortes a agarrarem-no por debaixo dos braços, puxando-o para cima, arrastando-o para longe, antes de ele finalmente resvalar novamente para a escuridão.

CAPÍTULO TRÊS

Berin sentia a dor da saudade enquanto ia pelo caminho fora na direção da sua casa em Delos, sendo que pensar na sua família – em Ceres, era a única coisa que lhe dava forças para continuar. Pensar em voltar para a sua filha era o suficiente para ele insistir, mesmo tendo achado que os dias de caminhada eram árduos, em caminhos difíceis com sulcos e pedras, sob os seus pés. Os seus ossos não estavam cada vez mais jovens, e ele já sentia dores nos joelhos por causa da sua jornada, que se somavam às dores que vinham de uma vida passada a martelar e a aquecer metal.

Porém, tudo valia a pena para ver a sua casa novamente. Para ver a sua família. Durante todo o tempo em que Berin tinha estado afastado, era tudo o que ele queria. Ele conseguia imaginá-lo agora. Marita estaria a cozinhar na parte de trás da humilde casa de madeira e o cheiro estaria a flutuar na direção da rua pela porta da frente. Sartes estaria a brincar algures nas traseiras, provavelmente com Nasos a observá-lo, mesmo que o seu filho mais velho estivesse a fingir que não estava.

E, depois, estaria Ceres. Ele amava todos os seus filhos, mas com Ceres tinha sempre havido aquela ligação extra. Ela tinha sido a única a ajudá-lo na forja, aquela que mais tinha tomado o seu lugar, e que parecia ser a que, mais provavelmente, seguiria os seus passos. Deixar Marita e os rapazes tinha sido um doloroso dever, necessário para conseguir sustentar a sua família. Deixar Ceres para trás tinha sido como se ele tivesse abandonado uma parte de si mesmo ao partir.

Agora estava na hora de o recuperar.

Berin apenas desejava levar notícias mais felizes. Ele caminhava ao longo do cascalho que o levava de volta à sua casa, e ele franziu a testa; ainda não era inverno, mas seria em breve. O plano tinha sido ele sair e encontrar trabalho. Os lordes estavam sempre a precisar de cutedeiros para fornecer armas aos seus guardas, às suas guerras, às suas Matanças. No entanto, eles não precisavam *dele*.

Eles tinham os seus próprios homens. Homens mais jovens e fortes. Até mesmo o rei que tinha parecido querer o seu trabalho queria Berin como ele era há dez anos.

O pensamento magoava-o, mas ele sabia que deveria ter calculado que eles não teriam necessidade de um homem com uma barba mais cinza do que preta.

Tal tê-lo-ia magoado mais se não significasse que ele tinha de ir para casa.

Para Berin, a sua casa era o que lhe importava, mesmo sendo pouco mais do que

um quadrado de paredes de madeira mal serrada, coberta por um telhado de colmo. A sua casa era acerca das pessoas que lá estavam à espera, e pensar nelas era o suficiente para fazê-lo acelerar os seus passos.

No entanto, quando subiu uma colina e a avistou, Berin sabia que algo estava errado. Ficou aterrorizado. Berin sabia como era a sua casa. Apesar de toda a aridez do terreno circundante, a sua casa era um lugar cheio de vida. Havia sempre barulho, quer fosse de alegria ou de discussão. Naquela época do ano, haveria sempre, também, pelo menos algumas culturas a crescerem no terreno à sua volta, com legumes e pequenos arbustos de bagas, coisas resistentes que, pelo menos, produziam sempre alguma coisa para alimentá-los.

Isso não era o que ele via diante de si.

Berin desatou a correr, naquele momento, tanto quanto conseguiu, depois de tanto tempo a caminhar, com a sensação de que algo estava errado a corroê-lo, sentindo como se um dos seus tornos estivesse a apertar o seu coração.

Ele alcançou a porta e abriu-a totalmente. Talvez, pensou ele, estivesse tudo bem. Talvez eles o tivessem visto e estivessem todos apenas a garantir que a sua chegada seria uma surpresa.

Estava escuro lá dentro. As janelas estavam incrustadas com sujidade. E ali estava uma presença.

Marita estava na sala principal, mexendo uma panela que cheirava demasiado a azedo para Berin. Ela virou-se para ele quando ele entrou de rompante. E

quando ela se virou, Berin soube que ele tinha razão. Algo estava errado. Algo estava muito errado.

"Marita?", começou ele.

"Marido". Até mesmo a forma seca como ela lhe disse aquilo fê-lo perceber que nada estava como deveria. De todas as outras vezes que ele tinha estado fora, Marita atirava-se para os seus braços quando ele aparecia à porta. Ela parecia sempre que estava cheia de vida. Agora, ela parecia... vazia.

"O que é que está a acontecer aqui?", perguntou Berin.

"Eu não sei o que é que queres dizer com isso." Mais uma vez, houve menos emoção do que deveria ter havido, como se algo na sua esposa se tivesse destruído, deixando toda a alegria sair de si.

"Porque é que tudo por aqui está tão... *calmo*?", quis saber Berin. "Onde estão os nossos filhos?"

"Eles não estão aqui agora", disse Marita. Ela voltou para a panela como se estivesse tudo perfeitamente normal.

"Onde eles estão, então?", Berin não ia desistir. Ele acreditava que os rapazes pudessem ter ido para o riacho mais próximo ou tivessem coisas para fazer, mas

um dos seus filhos, pelo menos, tê-lo-ia visto a chegar a casa e teria ido lá ir ter com ele. "Onde está Ceres?"

"Ah, sim", disse Marita, e Berin conseguiu naquele momento ouvir a amargura dela naquelas palavras. "Claro que perguntarias por *ela*. Não como as coisas estão comigo. Não pelos teus filhos. Por ela."

Berin nunca tinha ouvido a sua esposa a falar assim antes. Oh, ele sempre soubera que havia algo de duro em Marita, mais preocupada consigo do que com o resto do mundo, mas agora parecia como se o seu coração estivesse em cinzas.

Depois, Marita pareceu acalmar-se. Mas a velocidade absoluta com que ela o fez, fez com que Berin ficasse desconfiado.

"Queres saber o que é que a tua preciosa filha fez?", disse ela. "Ela fugiu."

A apreensão de Berin aprofundou-se. Ele abanou a cabeça. "Eu não acredito nisso."

Marita continuou. "Ela fugiu. Não disse para onde ia, limitou-se a roubar de nós o que conseguiu quando se foi embora."

"Nós não temos dinheiro para roubar", disse Berin. "E Ceres nunca faria isso."

"É claro que vais ficar do lado dela", disse Marita. "Mas ela levou... coisas daqui, posses. Tudo o que ela pensou que conseguia vender na próxima cidade, se bem a conheço. Ela abandonou-nos."

Se era aquilo que Marita pensava, então Berin tinha certeza que ela nunca tinha conhecido a sua própria filha. Ou nunca o tinha conhecido a ele, se ela pensava que ele iria acreditar numa mentira tão óbvia. Ele agarrou-a pelos ombros, e, mesmo não tendo a mesma força de outros tempos, Berin ainda era forte o suficiente para que a sua esposa se sentisse frágil, por comparação.

"Diz-me a verdade, Marita! O que aconteceu aqui?", Berin abanou-a, como se, de alguma forma, tal pudesse trazer de volta a versão antiga da sua esposa, e ela pudesse, de repente, voltar a ser a Marita com que ele se tinha casado há tantos anos. Mas tal apenas fez com que ela se afastasse.

"Os teus filhos estão mortos!", gritou-lhe Marita. As palavras preencheram a sua pequena casa, como um grunhido. O tom da voz dela baixou. "Foi isso que aconteceu. Os nossos filhos estão mortos."

As palavras atingiram Berin como um pontapé de um cavalo que não se queria ferraduras. "Não", disse ele. "É mais uma mentira. Tem de ser."

Ele não conseguia lembrar-se de outra coisa que Marita pudesse ter dito que o tivesse magoado tanto. Ela só podia estar a dizer aquilo para o magoar.

"Quando é que decidiste que me odiavas tanto?", perguntou Berin, porque essa era a única razão que ele conseguia arranjar para que ela lhe atirasse para cima algo tão vil, usando a ideia da morte dos seus filhos como uma arma.

Naquele momento Berin pode ver lágrimas nos olhos de Marita. Não tinha havido nenhuma quando ela tinha falado acerca da filha deles supostamente ter fugido.

"Quando decidiste abandonar-nos", disse ela de repente. "Quando eu tive de ver Nasos a morrer!"

"Só Nasos?", disse Berin.

"Não é suficiente?", gritou Marita de volta. "Ou não te preocupas com os teus filhos?"

"Há pouco disseste que Sartes estava morto também", disse Berin. "Para de me mentir, Marita!"

"Sartes também está morto", a sua esposa insistiu. "Os soldados vieram e levaram-no. Eles levaram-no para ele ser uma parte do exército do Império, e ele é apenas um rapaz. Quanto tempo é que achas que ele vai sobreviver sendo parte daquilo? Não, ambos os meus dois rapazes partiram, enquanto Ceres..."

"O quê?", exigiu saber Berin.

Marita apenas abanou a cabeça. "Se estivesses estado aqui, talvez até nem tivesse acontecido."

"*Tu* estavas aqui", argumentou Berin, a tremer por todos os lados. "A questão era essa. Achas que eu queria ir? Era suposto tu ficares a cuidar deles enquanto eu arranjava dinheiro para podermos comer."

O desespero tomou conta de Berin, que começou a chorar, como já não fazia desde criança. O seu filho mais velho estava morto. Apesar de todas as outras mentiras com que Marita se saíra, aquela soava a verdadeira. A perda deixava um buraco que parecia ser impossível de preencher, mesmo com a tristeza e raiva que estava a crescer dentro de si. Ele obrigou-se a concentrar-se nos outros, porque parecia ser a única maneira de impedir que ficasse devastado.

"Os soldados levaram Sartres?", perguntou ele. "Os soldados do Império?"

"Achas que eu te estou a mentir acerca disso?", perguntou Marita.

"Eu não sei mais em que acreditar", respondeu Berin. "Nem sequer os tentaste deter?"

"Eles tinha uma faca apontada ao meu pescoço", disse Marita. "Eu tive de o fazer."

"Tiveste de fazer o quê?", perguntou Berin.

Marita abanou a cabeça. "Eu tive de o chamar lá de fora. Eles ter-me-iam matado."

"Então entregaste-o a eles, ao invés?"

"O que é que achas que eu poderia fazer?", exigiu saber Marita. "Tu não estavas aqui."

E Berin iria provavelmente sentir-se culpado por aquilo enquanto vivesse.

Marita estava certa. Talvez se ele estivesse estado ali, aquilo não tivesse acontecido. Ele tinha ido para fora, procurando evitar que a sua família morresse de fome, e, enquanto ele tinha estado afastado, as coisas tinham-se desmoronado.

Sentir-se culpado não substituía a dor ou a raiva, ainda assim. Apenas se fazia crescer àquelas. Tal agitava-se dentro de Berin, como se fosse algo vivo a lutar para sair.

"E Ceres?", quis ele saber. Ele abanou Marita novamente. "Conta-me! A verdade desta vez. O que é que fizeste?"

Porém, Marita simplesmente afastou-se outra vez, e, sentando-se de calcanhares no chão, enrolou-se, sem sequer olhar para ele. "Descobre por ti mesmo. Fui eu que tive de viver com isto. Eu, não tu."

Havia uma parte de Berin que queria continuar a abaná-la até que ela lhe desse uma resposta. Que queria obrigá-la a dizer a verdade, custasse o que custasse. No entanto, ele não era esse tipo de homem, e sabia que nunca poderia ser. Só de pensar nisso sentia-se repugnado.

Ele não levou nada de casa quando se foi embora. Não havia nada que ele quisesse de lá. Ao olhar novamente para Marita, tão embrulhada na sua própria amargura por ter desistido do seu filho, tentando disfarçar o que tinha acontecido aos seus filhos, era difícil acreditar que alguma vez tivesse acontecido.

Berin saiu para a rua, enquanto enxugava o que restava das suas lágrimas. Foi só quando o brilho do sol lhe bateu que ele percebeu que não tinha ideia do que ia fazer a seguir. O que é que ele poderia fazer? Não ia ajudar o seu filho mais velho, não agora, enquanto os outros podiam estar em qualquer lugar.

"Isso não importa", Berin disse para si mesmo. Ele sentia a sua determinação a transformar-se em algo como o ferro em que ele trabalhava. "Isso não me vai impedir."

Talvez alguém nas proximidades tivesse visto para onde eles tinham ido.

Certamente, alguém saberia onde o exército estava, e Berin sabia tão bem quanto qualquer um, que um

homem que fazia espadas podia sempre encontrar uma maneira de chegar mais perto do exército.

Quanto a Ceres... haveria algo. Ela devia estar *em algum lugar*. Porque a alternativa era impensável.

Berin olhou para a paisagem que circundava a sua casa. Ceres estava algures.

E Sartres também. Ele disse as palavras que se seguiram em voz alta, porque fazê-

lo parecia transformá-las numa promessa, para si mesmo, para o mundo, para os seus filhos.

"Vou encontrar-vos a ambos", prometeu ele. "Custe o que custar."

CAPÍTULO QUATRO

A respirar com dificuldade, Sartres corria entre as tendas do exército, segurando o pergaminho na sua mão e limpando o suor dos seus olhos, sabendo que se não alcançasse a tenda do seu comandante em breve seria açoitado. Ele baixou-se e serpenteou pelo caminho o melhor que conseguiu, sabendo que o seu tempo se estava a esgotar. Ele já havia sido retido demasiadas vezes.

Sartres já tinha marcas de queimaduras nas pernas dos tempos em que não tinha conseguido, sendo a chicotada deles apenas mais uma entre muitas até agora.

Ele pestanejava, desesperado, olhando ao redor do acampamento do exército, tentando discernir qual a direção correta para continuar a correr entre a infinita grelha de tendas. Havia sinais e normas para assinalar o caminho, mas ele ainda estava a tentar aprender a decifrá-los.

Sartres sentiu algo a agarrar-lhe o pé, e, então, ele tropeçou, e o mundo pareceu virar-se de cabeça para baixo quando ele caiu. Por um momento ele pensou que tinha tropeçado numa corda, mas, depois, ele olhou para cima e viu soldados a rirem-se. O que estava do lado da sua cabeça era um homem mais velho, com cabelo restolho e curto a ficar grisalho e com cicatrizes de muitas batalhas.

Então, o medo apoderou-se de Sartres, mas também uma espécie de resignação; esta era simplesmente a vida no exército para um recruta como ele.

Ele não exigia saber porque o outro homem tinha feito aquilo, porque era certo que se ele dissesse alguma coisa lhe bateriam. Tanto quanto ele conseguia perceber, praticamente qualquer coisa que ele fizesse serviria para eles lhe baterem.

Em vez disso, ele levantou-se, afastando o pior da lama da sua túnica.

"O que é que vais fazer, filhote?", exigiu saber o soldado que o tinha feito tropeçar.

"Fazer um recado ao meu comandante, senhor", disse Sartres, levantando um pedaço do pergaminho para o outro homem ver. Ele esperava que tal fosse suficiente para mantê-lo seguro. Muitas vezes não era, apesar de as regras que diziam que as ordens tinham precedência sobre qualquer outra coisa.

Desde que havia ali chegado que Sartres tinha aprendido que o exército do Império tinha muitas regras. Algumas eram oficiais: sair do acampamento sem permissão, recusar-se a seguir ordens, trair o exército, e poder-se-ia ser morto.

Marchar de forma errada, fazer qualquer coisa sem permissão, e poder-se-ia ser

espancado. Mas havia outras regras também. Menos oficiais cuja infração poderia ser igualmente perigosa.

"E que recado seria esse?", exigiu saber o soldado. Outros estavam agora a aproximar-se. O exército tinha sempre falta de fontes de entretenimento, por isso, quando havia a perspectiva de um pouco de diversão à custa de um recruta, as pessoas prestavam atenção.

Sartes fazia o seu melhor para parecer que não tinha culpa. "Eu não sei, senhor. Eu só tenho ordens para entregar esta mensagem. Podes lê-la, se quiseres."

Aquele era um risco calculado. A maioria dos soldados comuns não sabia ler.

Ele esperava que o tom com que tinha dito aquilo não o fizesse ganhar um puxão de orelhas por insubordinação, mas tentou não demonstrar qualquer medo. Não mostrar medo era uma das regras que não estava escrita. O exército tinha, pelo menos, tantas daquelas regras como das oficiais. Regras sobre quem tinhas de conhecer para obter comida melhor. Sobre quem conhecia quem, e de quem tinhas de ter cuidado, independentemente da patente. Conhecê-las parecia ser a única maneira de sobreviver.

"Bem, é melhor que continues com isso, então!", vociferou o soldado, dando um pontapé a Sartes para o pôr em movimento. Os outros ali riram-se como se fosse a melhor piada que tinham visto.

Uma das maiores regras não escritas parecia ser que os novos recrutas eram jogo limpo. Desde que Sartes tinha chegado, tinha sido espancado, esmurrado e empurrado. Tinham-no obrigado a correr até ele se sentir a colapsar e, em seguida, obrigá-lo a correr um pouco mais. Ele tinha sido obrigado a carregar com tanta coisa que ele tinha sentido que mal conseguia ficar de pé, obrigado a transportá-las, a cavar buracos no chão sem motivo aparente, obrigado a trabalhar. Ele tinha ouvido histórias de homens nas fileiras que gostavam de fazer pior aos novos recrutas. Mesmo se morressem, o que é que isso importava para o exército? Eles estavam lá para serem atirados ao inimigo. Todos esperavam que eles morressem.

Sartes tinha pensado que ia morrer no primeiro dia. Até o final do mesmo, ele até tinha sentido que queria. Ele tinha-se enrolado dentro da tenda muito estreita que lhe tinha sido atribuída e estremecia, esperando que o chão o engolissem.

Incrivelmente, no dia seguinte tinha sido pior. Outro novo recruta, cujo nome Sartes ainda nem sequer tinha aprendido, tinha sido morto naquele dia. Ele havia sido apanhado a tentar fugir, e todos eles tiveram que assistir a sua execução, como se fosse algum tipo de lição. A única lição que Sartes tinha conseguido aprender era o quão cruel o exército era para quem mostrasse ter medo. Foi

quando ele começou a tentar enterrar o seu medo, não o mostrando, mesmo estando sempre lá no fundo quase todos os momentos em que ele estava acordado.

Ele fez um desvio por entre as tendas, naquele momento, mudando de direção ligeiramente para passar por uma das tendas da messe, onde um dia atrás, um dos cozinheiros tinha precisado de ajuda para compor uma mensagem para casa. O

exército mal alimentava os seus recrutas e Sartes sentia o seu estômago a fazer barulho com a perspectiva

de comida, mas ele não comeu o que levava consigo enquanto corria para a tenda do seu comandante.

"Por onde é que tens andado?", exigiu saber o oficial. O seu tom deixou claro que ter-se atrasado por causa de outros soldados não contaria como uma desculpa. Mas Sartre já sabia disso. Era parte da razão pela qual ele tinha ido à tenda da messe.

"A apanhar isto no caminho, senhor", disse Sartre, estendendo a tarte de maçã que ele tinha ouvido que era a favorita do oficial. "Eu sabia que hoje talvez não a conseguisses obter."

O comportamento do oficial mudou instantaneamente. "Isso é muito atencioso, recruta..."

"Sartre, senhor". Sartre não se atreveu a sorrir.

"Sartre. Davam-nos jeito alguns soldados que soubessem pensar. Embora, da próxima vez, lembra-te de que as ordens têm de vir primeiro."

"Sim, senhor", disse Sartre. "Há alguma coisa que precisas que eu faça, senhor?"

O oficial fez-lhe sinal com a mão para se ir embora. "Neste momento não, mas vou lembrar-me do teu nome. Podes retirar-te."

Sartre deixou o pavilhão do comandante sentindo-se muito melhor do que quando tinha entrado. Ele não tinha certeza de que o pequeno ato fosse suficiente para salvá-lo após o atraso que os soldados tinham causado. Por enquanto, porém, ele parecia ter evitado a punição, tendo conseguido chegar a uma posição em que um oficial sabia quem ele era.

Parecia a ponta da navalha, mas para Sartre todo o exército lhe parecia assim.

Até àquele momento, ele tinha sobrevivido no exército por ser inteligente, e por se manter um passo à frente do pior da violência por aqueles lados. Ele tinha visto rapazes da sua idade mortos ou espancados com tanta violência que era óbvio que iriam morrer em pouco tempo. Mesmo assim, ele não tinha certeza se seria capaz de manter-se assim muito tempo. Para um recruta como ele, aquele era o tipo de lugar onde a violência e a morte só poderiam ser adiadas tanto tempo.

Sartre engolia em seco ao pensar em todas as coisas que podiam correr mal.

Um soldado podia levar um espancamento demasiado longe. Um oficial podia ofender-se com qualquer pequena ação e ordenar uma punição concebida para

dissuadir os outros com a sua crueldade. Ele podia ser empurrado para a batalha a qualquer momento, e ele tinha ouvido falar que os recrutas iam na linha da frente para "eliminar os fracos." Mesmo os treinos podiam ser mortais, quando o exército tinha pouco uso de armas contundentes e os recrutas recebiam pouca instrução real.

O único medo que todos tinham era de que alguém descobrisse que ele tinha tentado juntar-se a Rexus e aos rebeldes. Não deveria haver maneira de o conseguirem, mas até mesmo a mais ínfima possibilidade era suficiente para compensar todas as outras. Sartre tinha visto o corpo de um soldado acusado de ter simpatias junto dos rebeldes. A própria unidade a que ele pertencia tinha sido ordenada a cortá-lo em pedaços para provar a sua lealdade. Sartre não queria acabar assim. Bastava-lhe pensar naquilo para que

o seu estômago se apertasse para além da fome.

"Tu aí!", chamou uma voz. Sartre assustou-se. Era impossível afastar a sensação de que talvez alguém tivesse adivinhado o que ele estava a pensar.

Obrigou-se a pelo menos fingir estar calmo. Sartre olhou em volta e viu um soldado com a armadura elaborada e musculosa de um sargento, com marcas tão profundas de varíola nas suas bochechas que eram quase como uma outra paisagem. "És o mensageiro do capitão?"

"Eu acabei de lhe vir trazer uma mensagem, senhor", disse Sartre. Não era bem uma mentira.

"Então és suficiente bom para mim. Vai e descobre para onde foram os carrinhos com o meu material de madeira. Se alguém te causar problemas, diz-lhe que Venn te enviou".

Sartre saudou apressadamente. "É para já, senhor."

Ele correu para a missão, mas não estava concentrado no que tinha em mãos.

Ele foi por um caminho mais longo, mais tortuoso. Um caminho que lhe permitia espionar os arredores do acampamento, os seus pontos de estrangulamento, um caminho que lhe permitia espiar quaisquer pontos fracos.

Porque, morto ou não, Sartre iria encontrar uma maneira de escapar naquela noite.

CAPÍTULO CINCO

Lucious abria caminho por entre a multidão de nobres na sala do trono do castelo, fumegando. Ele irritava-se com o facto de que ter de fazer o seu caminho aos empurrões, quando toda a gente ali se devia afastar para o lado e fazer-lhe uma vénia, abrindo caminho para ele passar. Ele irritava-se com o facto de Thanos receber toda a glória, por ter acabado com os rebeldes em Haylon. Acima de tudo, porém, ele irritava-se com a forma como as coisas tinham acontecido no Stade. Aquela prostituta, Ceres, havia arruinado os seus planos mais uma vez.

À frente, Lucious podia ver o rei e a rainha em profunda conversa com Cosmas, o velho tolo da biblioteca. Lucious tinha pensado que tinha visto o último dos estudiosos de idade quando criança, quando era suposto eles todos aprenderem factos absurdos sobre o mundo e o seu funcionamento. Mas não, aparentemente, na sequência da carta que ele tinha fornecido, mostrando a verdadeira traição de Ceres, Cosmas tinha de ser ouvido pelo seu rei.

Lucious continuava a avançar aos empurrões. À sua volta, ele ouvia os nobres da corte a conspirarem. Ele via a sua prima distante, Stephania, não muito longe, a rir-se de alguma piada que outra miúda nobre com uma apresentação perfeita fizera. Ela olhou por cima, apanhando o olhar de Lucious o tempo suficiente para lhe sorrir. Lucious decidiu que ela era, de facto, uma verdadeira cabeça oca. Mas bela. Talvez no futuro, ele pensou, pudesse haver uma oportunidade de passar mais tempo com a miúda nobre. Ele era pelo menos tão impressionante quanto Thanos.

Por enquanto, porém, a raiva de Lucious pelo que tinha acontecido era demasiado grande, para que até mesmo aqueles pensamentos o distraíssem. Ele caminhou até aos pés dos tronos, diretamente até à tribuna que lá se erguia.

"Ela ainda está viva!", deixou ele escapar enquanto se aproximava do trono.

Ele não se importava que fosse alto o suficiente para se ouvir por toda a câmara.

Deixai-os ouvir, decidiu. Certamente não fazia diferença que Cosmas ainda estivesse a sussurrar para o rei e para a rainha. Lucious indagava-se sobre o que poderia um homem que passava o seu tempo em torno de pergaminhos, eventualmente, ter para dizer que valesse a pena?

"Ouviste-me?", disse Lucious. "A miúda ainda está..."

"Viva, sim", disse o rei, parando-o com uma mão levantada para o silêncio.

"Estamos a discutir assuntos mais importantes. Thanos está desaparecido na batalha por Haylon."

O gesto foi apenas mais uma coisa a acrescentar à raiva de Lucious. Ele estava a ser tratado como um servo que se mandava calar, ele pensou. Mesmo assim, ele esperou. O rei não se podia irritar com ele. Além disso, ele precisou de alguma tempo para digerir o que acabara de ouvir.

Thanos estava desaparecido? Lucious tentou perceber como é que isso o afetava. Isso mudaria a sua posição dentro da corte? Ele deu por si a olhar para Stephania novamente, pensativo.

"Obrigado, Cosmas", disse a rainha finalmente.

Lucious observou o discípulo a descer de volta para a multidão de nobres que assistia. Só então o rei e a rainha lhe deram a sua atenção. Lucious tentou ficar em sentido. Ele não deixaria que os outros vissem nem um pouco do ressentimento que o consumia por causa do pequeno insulto. Lucious dizia para si mesmo que se outras pessoas o tivessem tratado daquela forma, ele já as teria matado.

"Estamos cientes de que Ceres sobreviveu à última Matança", disse o Rei Claudius. Para Lucious, ele quase nem sequer parecia incomodado com isso, e nem sequer estava com a mesma raiva que o inundava a ele ao pensar no camponês.

Mas, então, Lucious pensou, o rei tinha sido quem tinha sido derrotado pela miúda. Não uma, mas duas vezes agora, porque ela o tinha derrotado através de alguns truques quando ele tinha ido ao quarto dela para lhe ensinar uma lição também. Lucious sentiu que ele tinha toda a razão, todo o *direito* de levar a peito a sobrevivência dela.

"Então estás ciente de que não pode ser permitido que continue", disse Lucious. Ele não conseguia manter o tom tão cortês e suave como deveria. "Tens de lidar com ela."

"Tem?", perguntou a Rainha Athena. "Cuidado, Lucious. Nós ainda somos os teus governantes."

"Com respeito, suas majestades", disse Stephania, e Lucious observou-a a deslizar para a frente, com o seu justo vestido de seda. "Lucious está certo. Ceres não pode ser autorizada a viver."

Lucious viu os olhos do rei estreitarem-se ligeiramente.

"E o que é que sugeres que façamos?", exigiu saber o Rei Claudius. "Arrastá-

la para as areias e mandá-la decapitar? Foste tu que sugeriste que ela deveria lutar, Stephania. Não podes reclamar se ela não está a morrer tão depressa quanto querias."

Pelo menos Lucious entendeu aquela parte. Não havia nenhum pretexto para a morte dela, e o povo parecia exigir que houvesse um pretexto para aqueles que amava. Era ainda mais surpreendente que eles *efetivamente* pareciam amá-la.

Porquê? Porque ela conseguia lutar um pouco? Tanto quanto Lucious conseguia

ver, qualquer idiota conseguia fazer aquilo. Muitos tolos faziam. Se as pessoas tivessem algum bom senso, elas dariam o seu amor onde ele era merecido: aos seus governantes legítimos.

"Eu entendo que ela não pode simplesmente ser executada, sua majestade", disse Stephania, com um daqueles sorrisos inocentes que Lucious tinha notado que ela fazia tão bem.

"Estou feliz que o percebas", disse o rei, com um aborrecimento óbvio.

"Também percebes o que aconteceria se ela *fosse* ferida agora? Agora que ela lutou? Agora que ela ganhou?"

Claro que Lucious compreendia. Ele não era uma criança para quem a política fosse uma coisa do outro mundo.

Stephania resumiu. "Seria fomentar a revolução, sua majestade. As pessoas da cidade podiam revoltar-se."

"Não há aqui nenhum 'podiam'", disse o Rei Claudius. "Nós temos o Stade por uma razão. As pessoas têm uma sede de sangue, e nós damos-lhes o que elas estão à procura. Essa necessidade de violência pode virar-se contra nós facilmente."

Lucious riu-se. Era difícil de acreditar que o rei realmente pensasse que a população de Delos alguma vez os conseguisse aniquilar. Ele já os tinha visto, e eles não eram de provocar um derramamento de sangue. Eles eram uma multidão.

Tem de se lhes ensinar uma lição, pensou. Mate-se um número suficiente deles, mostre-se-lhes as consequências das suas ações de forma suficiente dura, e eles, em pouco tempo, ficam em sentido.

"É algo engraçado, Lucious?", perguntou-lhe a rainha. Lucious apercebeu-se da ponta de ironia. O rei e a rainha não gostavam de ser ridicularizados.

Felizmente, porém, ele tinha uma resposta.

"É só porque a resposta para tudo isto parece óbvia", disse Lucious. "Eu não estou a pedir para Ceres ser executada. Eu estou a dizer que nós subestimamos as suas habilidades enquanto lutadora. Da próxima vez, não devemos."

"E dar-lhe uma desculpa para se tornar mais popular, se ela ganhar?", perguntou Stephania. "Ela tornou-se amada pelo povo por causa da vitória dela."

Lucious sorriu. "Viste a forma como os plebeus reagem no Stade?", perguntou ele. Ele entendia aquela parte, mesmo se os outros não entendessem.

Ele viu Stephania a fungar. "Eu tento não os ver, primo."

"Mas vais ouvi-los. Eles chamam pelos nomes dos seus favoritos. Eles vociferam por sangue. E quando os seus favoritos caem, então o que é que acontece?" Ele olhou à volta, meio que à espera que alguém tivesse uma resposta para ele. Para sua decepção, ninguém o fez. Talvez Stephania não fosse esperta o suficiente para vê-lo. Lucious não se importava com isso.

"Eles chamam pelos nomes dos novos vencedores", explicou Lucious. "Eles amam-os tanto quanto eles amavam os últimos. Oh, eles chamam por esta miúda agora, mas quando ela estiver a sangrar na areia, eles vão vociferar pela sua morte tão rapidamente quanto pela morte de qualquer outra pessoa. Nós apenas temos de aumentar as probabilidades contra ela um pouco mais."

O rei parecia pensativo com aquilo. "O que é que tinhas em mente?"

"Se isto não der certo", disse a rainha, "eles ainda a vão amar mais."

Finalmente, Lucious conseguia sentir alguma da sua ira a ser substituída por outra coisa: satisfação. Ele olhou para as portas da sala do trono, onde um dos seus assistentes estava à espera. Um estalar de dedos foi o suficiente para que o homem começasse a correr, mas, em seguida, todos os servos de Lucious rapidamente aprenderam que irritá-lo era tudo menos sensato.

"Eu tenho um remédio para isso", disse Lucious, apontando para a porta.

O homem algemado que entrou tinha facilmente mais do que sete pés de altura, com pele negra de ébano e músculos que se notavam por cima do curto kilt que usava. A sua carne estava coberta de tatuagens; o traficante de escravas que tinha vendido o lorde de combate tinha dito a Lucious que cada um representava um inimigo que ele havia matado num único combate, tanto dentro do Império como nas terras no extremo sul, onde ele tinha sido encontrado.

Mesmo assim, para Lucious, a parte mais intimidante de tudo aquilo não era o tamanho do homem ou a sua força. Era o olhar dos seus olhos. Havia algo neles que simplesmente parecia não compreender coisas como compaixão ou misericórdia, dor ou medo. Tal poderia ter-lhes arrancado membro por membro, com satisfação, sem sentir nada. Havia cicatrizes no torso do guerreiro, onde espadas o haviam ferido. Lucious não conseguia imaginar aquela expressão a mudar mesmo assim.

Lucious gostava de observar as reações dos outros ao verem o lutador, acorrentado como um animal selvagem e a persegui-los. Algumas das mulheres faziam pequenos sons de medo, enquanto os homens recuavam às pressas saindo do seu caminho, parecendo sentir instintivamente o quão perigoso aquele homem era. O medo parecia empurrar o vazio à sua frente, e Lucious deleitava-se com o efeito que o seu lorde de combate tinha. Ele observou Stephania a dar um passo para trás desviando-se do caminho, e Lucious sorriu.

"Chamam-lhe o Último Suspiro", disse Lucious. "Ele nunca perdeu uma luta, e nunca deixou um inimigo vivo. Diz olá ao próximo – e último - adversário de Ceres", disse ela a sorrir.

CAPÍTULO SEIS

Ceres acordou para a escuridão, com o quarto iluminado apenas pelo luar filtrado através das persianas e por uma única vela que cintilava. Ela lutava pela consciência, lembrando-se. Lembrava-se das garras da fera a rasgarem-na.

Apenas a memória parecia ser suficiente para as dores voltarem. As costas arderam-lhe quando ela deu meia volta, repentinamente e com tanta intensidade que a fizeram gritar. A dor era insuportável.

"Oh," disse uma voz: "dói?"

Uma figura apareceu. Ceres não conseguia distinguir os detalhes ao início, mas aos poucos, eles foram ao lugar. Stephania estava ali sobre a sua cama, tão pálida como os raios de luar que a rodeavam, formando uma imagem perfeita da nobre inocente, ali para visitar os doentes e os feridos. Ceres não tinha dúvida de que era deliberado.

"Não te preocupes", disse Stephania. Para Ceres, as palavras ainda pareciam vir de muito longe, lutando contra o seu caminho através da névoa. "Os curandeiros aqui deram-te algo para te ajudar a dormir enquanto eles te suturavam. Eles pareciam bastante impressionados por ainda estares viva e eles queriam tirar-te as dores."

Ceres viu que ela segurava uma pequena garrafa. Era um verde desmaiado contra a palidez da mão de Stephania, tapada com uma rolha e a brilhar ao redor do aro. Ceres viu a miúda nobre a sorrir, e aquele sorriso parecia como se fosse feito de bordas afiadas.

"*Eu* não estou impressionada por teres conseguido sobreviver", disse Stephania. "Essa não era *de todo* a intenção."

Ceres tentou chegar-se a ela. Em teoria, aquele deveria ter sido o momento para escapar. Se ela tivesse sido mais forte, ela poderia ter passado de rompante por Stephania na direção da porta. Se ela conseguisse ter encontrado uma maneira de lutar para além da nebulosidade que parecia que lhe estava a encher a cabeça até ao ponto de rutura, ela poderia ter sido capaz de agarrar Stephania e forçá-la a ajudar na fuga.

No entanto, parecia que o seu corpo apenas lhe obedecia lentamente, respondendo passado muito tempo ao que ela queria. Tudo o que Ceres conseguia fazer era sentar-se com as cobertas envolvidos à sua volta, e, até mesmo isso, trazia-lhe uma nova onda de agonia.

Ela viu um dedo de Stephania a deslizar pela garrafa abaixo. "Oh, não te preocupes, Ceres. Há uma razão para te estares a sentir tão impotente. Os

curandeiros pediram para que me certificasse de que tu tinhas a dose da droga deles e foi o que eu fiz. Alguma dela, pelo menos. O suficiente para te manter dócil. Não o suficiente para realmente te tirar as dores."

"O que eu fiz eu para me odiar tanto assim?", perguntou Ceres, embora ela já soubesse a resposta. Ela tinha estado perto de Thanos, e ele tinha rejeitado Stephania. "Será que teres Thanos como marido é realmente assim tão importante para ti?"

"Estás a pronunciar as tuas palavras, Ceres", disse Stephania, com outro daqueles sorrisos, sem qualquer calor por trás dele que Ceres conseguisse ver. "E

eu não te odeio. Odiar-te implicaria que tu fosses de alguma forma digna de ser minha inimiga. Diz-me, sabes alguma coisa sobre veneno?"

Só mencioná-lo era o suficiente para fazer o coração de Ceres acelerar, com a ansiedade a florescer no seu peito.

"O veneno é uma arma tão elegante", disse Stephania, como se Ceres nem estivesse lá. "Muito mais do que facas ou lanças. Achas que és tão forte, porque consegues lutar usando as espadas, com todas as lances de combate reais? No entanto, eu poder-te-ia ter envenenado enquanto dormias, tão facilmente. Eu poderia ter acrescentado algo ao teu sono. Eu poderia simplesmente ter-te dado muito veneno, para que nunca mais acordasses."

"As pessoas teriam sabido," conseguiu dizer Ceres.

Stephania encolheu os ombros. "Ter-se-iam importado? Em qualquer caso, teria sido um acidente. Pobre Stephania, a tentar ajudar, mas sem saber realmente o que estava a fazer, deu à nossa nova lorde de combate demasiado medicamento."

Ela levou a mão à boca, fingindo-se surpreendida. Era uma mímica tão perfeita de choque e remorso, que até mesmo uma lágrima parecia brilhar no canto do olho. Quando voltou a falar, Ceres achou que ela estava diferente. A sua voz estava grossa, pesarosa e descrente. Parecia que estava engasgada, como se estivesse a lutar para conter o impulso de chorar aos soluços.

"Ah não. O que foi que eu fiz? Eu não queria. Eu pensava... eu pensava que tinha feito exatamente tudo da maneira que eles me tinham dito para fazer! "

Então, ela riu-se, e, naquele momento, Ceres viu como ela era. Ela conseguia ver através da atuação que Stephania tão cuidadosamente mantinha o tempo todo.

Como é que ninguém via? Ceres perguntou-se. Como é que eles não conseguiam ver o que estava por detrás dos belos sorrisos e das gargalhadas delicadas?

"Todos pensam que eu sou estúpida, sabes", disse Stephania. Ela estava agora mais direita, parecendo agora muito mais perigosa para Ceres do que antes. "Eu esforço-me para *garantir* que eles achem que eu sou estúpida. Oh, não fiques tão preocupada, eu não te vou envenenar."

"Porque não?", perguntou Ceres. Ela sabia que tinha que haver uma razão.

Ela viu a expressão de Stephania endurecer à luz das velas, franzindo a pele, de outra maneira lisa, da sua testa.

"Porque isso seria muito fácil", disse Stephania. "Depois da maneira como tu e Thanos me humilharam, eu prefiro vê-los sofrer. Ambos merecem isso."

"Não há nada mais que me possas fazer", disse Ceres, embora naquele momento, isso não parecesse ser assim. Stephania poderia ter caminhado até à cama e magoado-a de uma centena de maneiras diferentes, e

Ceres sabia que não a conseguiria deter. Ceres sabia que os nobres não tinham ideia de como lutar, mas ela poderia derrotar Ceres facilmente logo de seguida.

"É claro que há", disse Stephania. "Há armas no mundo ainda melhores do veneno. As palavras certas, por exemplo. Vamos ver agora. Qual destas vai doer mais? O teu amado Rexus está morto, claro. Vamos começar por aí."

Ceres tentou que o choque que sentiu não fosse visível no seu rosto. Tentou não deixar que a dor subisse o suficiente para que a miúda nobre a conseguisse ver. No entanto, ela percebeu pelo olhar de satisfação no rosto de Stephania que devia ter havido algum lampejo.

"Ele morreu a lutar por ti", disse Stephania. "Achei que gostarias de saber essa parte. Faz com que seja muito mais... romântico."

"Estás a mentir", insistiu Ceres, mas bem lá dentro ela sabia que Stephania não estava. Ela só diria algo assim se fosse uma verdade que Ceres conseguisse verificar, algo que a iria magoar e continuar a magoar quando ela descobrisse a realidade acerca disso.

"Eu não preciso mentir. Não quando a verdade é muito melhor", disse Stephania. "Thanos está morto também. Ele morreu na luta por Haylon, ali mesmo nas praias."

Uma nova onda de tristeza abateu-se sobre Ceres, espalhando-se sobre ela e ameaçando retirar-lhe todo o seu bom sendo. Ela tinha discutido com Thanos, antes de ele se ir embora, sobre a morte do seu irmão, e sobre o que ele estava a planear fazer, a lutar contra a rebelião. Ela nunca tinha pensado que aquelas poderiam ser as últimas palavras que ela lhe diria. Ela tinha deixado uma mensagem com Cosmas especificamente de modo a que não fossem.

"Mas há mais", disse Stephania. "O teu irmão mais novo? Sartes? Ele foi levado para o exército. Certifiquei-me que os raptos não o tratavam com privilégios só porque ele era o irmão da guardiã de armas de Thanos."

Ceres tentou atirar-se a ela desta vez, com a raiva que a enchia a alimentar o seu salto na direção da miúda nobre. Mas ela estava tão fraca que não havia qualquer hipótese de sucesso. Ela sentiu as pernas a enrolarem-se nos lençóis da cama, fazendo-a cair para o chão, olhando para Stephania.

"Quanto tempo achas que o teu irmão vai durar no exército?", perguntou Stephania. Ceres viu a sua expressão transformar-se em algo como falsa piedade.

"Pobre rapaz. Eles são tão cruéis para os recrutas. Eles são todos praticamente traidores, afinal."

"Porquê?", conseguiu dizer Ceres.

Stephania estendeu as mãos. "Levaste Thanos de mim, e ele era tudo o que eu tinha planeado para o meu futuro. Agora, eu vou tirar tudo de ti."

"Vou matar-te", prometeu Ceres.

Stephania riu-se. "Não vais ter qualquer hipótese". Ela tocou com a mão nas costas de Ceres, e Ceres teve de morder o lábio para não gritar. "Isto não é nada."

Aquela pequena luta no Stade não foi nada. As piores lutas que se possam imaginar estarão lá à tua espera, uma e outra vez, até que morras."

"Achas que as pessoas não vai notar?", perguntou Ceres. "Achas que eles não vão adivinhar o que estás a fazer? Atiraste-me para lá porque pensaste que eles se iriam erguer. O que é que eles vão fazer se acharem que estás a trai-los?"

Ela viu Stephania a abanar a cabeça.

"As pessoas veem o que querem ver. Contigo, parece que eles querem ver a sua lorde de combate princesa, a miúda que pode lutar tão bem como qualquer homem. Eles vão acreditar e vão amar-te, até ao ponto em que te transformares num motivo de chacota nas areias. Eles vão ver-te a ficares despedaçada, mas antes disso, eles vão torcer para que isso aconteça."

Ceres apenas conseguiu ver Stephania a dirigir-se para a porta. A miúda nobre parou, voltando-se para ela, e, por um momento, ela pareceu tão doce e inocente como sempre.

"Oh, quase que me esqueci. Tentei dar-te o teu medicamento, mas não achei que fosses derrubá-lo da minha mão antes de te conseguir dar o suficiente."

Ela tirou o frasco que tinha tido antes, e Ceres viu-o cair no chão quando ela o deixou cair. Ele partiu-se, com os seus pedaços a girar no chão do quarto de Ceres em lascas, o que tornaria mais doloroso e perigoso ela tentar encontrar o caminho de volta para a sua cama. Ceres não tinha dúvidas de que Stephania o tinha feito de propósito.

Ela viu a miúda nobre chegar ao pé da vela que iluminava o quarto, e brevemente, imediatamente antes de a apagar, o sorriso doce de Stephania desapareceu novamente, sendo substituído por algo cruel.

"Eu estarei lá para dançar no teu funeral, Ceres. Eu prometo-te."

CAPÍTULO SETE

"Eu continuo a dizer que devemos cortar-lhe as tripas e atirar fora o seu corpo para os outros soldados do Império o encontrarem."

"Isso é porque és um idiota, Nico. Mesmo se eles vissem mais um corpo entre os restantes, quem te diz que eles se importariam? E depois teríamos o problema de levá-lo para algum lugar onde o vissem. Não. Devíamos pedir um resgate."

Thanos estava na caverna onde os rebeldes se tinham escondido para o momento, ouvindo-os a discutir sobre o seu destino. As suas mãos estavam amarradas à frente, mas pelo menos eles tinham feito o seu melhor para cobrir e proteger as suas feridas, deixando-o à frente de uma pequena fogueira para que ele não ficado enregelado enquanto eles decidiam se o iam matar a sangue frio ou não.

Os rebeldes estavam sentados noutras fogueiras, encolhidos ao redor delas, a discutir o que poderiam fazer para evitar que a ilha caísse nas mãos do Império.

Eles falavam em voz baixa, para que Thanos não conseguisse ouvir os detalhes, mas ele já sabia a essência dos mesmos: eles estavam a perder e a perder à grande. Eles estavam nas cavernas, porque não

havia nenhum outro lugar para onde eles irem.

Depois de um tempo, aquele que era, obviamente, o seu líder, foi ter com Thanos, sentando-se diante de si, cruzando as pernas na pedra dura do chão da caverna. Ele deu-lhe um pedaço de pão que Thanos devorou avidamente. Ele não tinha a certeza de quando é que havia comido a última vez.

"Eu sou Akila," disse o outro homem. "Eu comando esta rebelião."

"Thanos."

"Só Thanos?"

Thanos conseguia ouvir a curiosidade e a impaciência. Ele perguntava-se se o outro homem sabia quem ele era. De qualquer das maneiras, a verdade parecia ser a melhor opção naquele momento.

"Príncipe Thanos", admitiu.

Akila, ficou ali quieto à sua frente por alguns segundos, e Thanos perguntou-se se iria morrer de seguida. Tinha sido por pouco que os rebeldes tinham pensado que ele era apenas um nobre sem nome. Agora que eles sabiam que ele era um membro da família real, perto do rei que os havia oprimido tanto, parecia impossível que eles não fizessem nada.

"Um príncipe", disse Akila. Ele olhou para os outros, e Thanos viu ali o brilho de um sorriso. "Ei, rapazes, nós temos um príncipe aqui."

"Nós definitivamente devíamos pedir um resgate, então!", gritou um dos rebeldes. "Ele valeria uma fortuna!"

"Nós definitivamente devíamos matá-lo", retorquiu outro. "Pensem em tudo o que os da sua espécie nos têm feito!"

"Muito bem, já chega", disse Akila. "Concentrem-se na luta que temos pela frente. Vai ser uma noite longa."

Thanos ouviu um leve suspiro do outro homem quando os outros homens voltaram para as suas fogueiras.

"Não está a correr bem, então?", perguntou Thanos. "Tinhas dito antes que o teu lado estava a perder."

Akila atirou-lhe um olhar penetrante. "Eu devia saber quando devia manter a minha boca fechada. Talvez tu também."

"De qualquer das formas, estás a questionar-te se me matas", salientou Thanos. "Eu acho que não tenho muito a perder."

Thanos esperou. Aquele não era o tipo de homem que ele pudesse forçar a dar-lhe respostas. Akila aparentava dureza. Inflexibilidade e obstinação. Thanos imaginava que teria gostado dele, se eles se tivessem conhecido em melhores circunstâncias.

"Tudo bem", disse Akila. "Sim, nós estamos a perder. Vocês os Imperiais têm mais homens do que nós, e

vocês não se preocupam com os danos que fazem. A cidade está sob o cerco da terra e da água, de modo que ninguém pode fugir. Nós lutaremos das colinas, mas quando te podes apenas reabastecer pela água, não há muito que possamos fazer. Draco pode ser um talhante, mas ele é um talhante esperto."

Thanos assentiu. "Ele é."

"E, claro, provavelmente tu estavas lá quando ele planeou tudo", disse Akila.

Agora Thanos compreendia. "É isso que estás à espera? Que eu saiba todos os seus planos?". Ele abanou a cabeça. "Eu não estava lá quando eles os traçaram.

Eu não queria lá estar, e só fui porque eles me escoltaram para o navio sob guarda. Talvez se eu estivesse lá, eu tivesse ouvido a parte onde eles planeavam apunhalar-me pelas costas."

Ele pensou em Ceres nesse momento, acerca da maneira como ele tinha sido forçado a deixá-la para trás. Isso doía-lhe mais do que tudo o resto. Ele questionava-se, se alguém numa posição de poder tentasse que o matassem, o que fariam com ela?

"Tu tens inimigos", Akila concordou. Thanos vi-o a cerrar e a soltar uma mão, como se a longa batalha pela cidade fizesse com que ela tivesse espasmos. "Eles são também os meus inimigos. Eu não sei se isso faz de ti meu amigo, ainda assim."

Thanos olhou em volta incisivamente para o resto da caverna. Para o número surpreendentemente baixo de soldados que restavam ali. "Neste momento, parece que podias utilizar todos os amigos que conseguisses arranjar."

"Tu ainda és um nobre. Tu ainda tens a tua posição por causa do sangue das pessoas comuns", disse Akila. Ele suspirou novamente. "Parece que se eu te matar, estou a fazer o que Draco e os seus mestres queriam, mas também se pedir um resgate por ti, não vou receber nada. Eu tenho uma luta para ganhar, e não tenho tempo para manter presos ao meu redor se eles não sabem nada. Então, o que é que eu devo fazer contigo, Príncipe Thanos?"

Thanos teve a impressão de que ele estava a falar a sério. Que ele realmente queria uma solução melhor. Thanos pensou rapidamente.

"Eu acho que a tua melhor opção é deixares-me ir", disse ele.

Akila riu-se. "Boa tentativa. Se isso é o melhor que tens, fica quieto. Vou tentar fazer com que isto seja o menos doloroso possível."

Thanos viu a sua mão a dirigir-se para uma das suas espadas.

"Estou a falar a sério", disse Thanos. "Eu não consigo ajudar-te a ganhar a batalha pela ilha se ficar aqui."

Ele podia ver a descrença de Akila e a certeza de que tinha de ser uma armadilha. Thanos continuou rapidamente, sabendo que a sua melhor esperança de sobreviver nos próximos minutos estava em convencer aquele homem que ele queria ajudar a rebelião.

"Tu próprio disseste que um dos grandes problemas é que o Império tem a sua frota a apoiar o ataque", disse Thanos. "Eu sei que eles deixaram suprimentos nos navios porque estavam ansiosos por começar o ataque. Portanto, tomamos os navios."

Akila levantou-se. "Ouviram isto, rapazes? O príncipe aqui tem um plano para lhes tirar os navios do Império."

Thanos viu os rebeldes a começarem a reunirem-se à volta.

"De que é que serviria?", perguntou Akila. "Tomamos os navios deles, mas e depois?"

Thanos fez o seu melhor para explicar. "No mínimo, será uma rota de fuga para algumas das pessoas da cidade e para alguns dos teus soldados. Vai tirar suprimentos dos soldados do Império também, pelo que eles não vão conseguir continuar por muito tempo. E depois há as balistas."

"O que são eles?", perguntou um dos rebeldes. Ele parecia ser um soldado que não ia aguentar muito. Muito poucos soldados na sala pareciam, aos olhos de Thanos.

"Atiradores de dardos", explicou Thanos. "Armas projetadas para danificar outros navios, mas se fossem voltadas contra soldados perto da costa..."

Akila, pelo menos, parecia estar a considerar as possibilidades. "Isso poderia ser algo", ele admitiu. "E podemos incendiar quaisquer navios que não conseguirmos usar. No mínimo, Draco iria puxar os seus homens de volta para tentar obter os seus navios de volta. Mas, para começar, como podemos obter esses navios, Príncipe Thanos? Eu sei que de onde tu vens, se um príncipe pede algo, ele recebe-lo, mas eu duvido que tal seja aplicado à frota de Draco."

Thanos forçou-se a sorrir com um nível de confiança que não sentia. "Isso é quase exatamente o que vamos fazer."

Mais uma vez, Thanos tinha a impressão que Akila estava a perceber mais rápido do que qualquer um dos seus homens. O líder dos rebeldes sorriu.

"Estás louco", disse Akila. Thanos não conseguiu perceber se a intenção era insultar ou não.

"Há mortos suficientes nas praias", Thanos explicou, para benefício dos outros. "Tiramos-lhes as armaduras e vamos para os navios. Comigo lá, vai parecer como uma companhia de soldados a voltar da batalha para se abastecerem de provisões."

"O que achas?", perguntou Akila.

À luz do fogo que cintilava no interior da caverna, Thanos não conseguia perceber quais eram os homens que falavam. Em vez disso, as perguntas deles pareciam emergir da escuridão, pelo que ele não poderia dizer quem concordava com ele, quem duvidava dele e quem o queria ver morto. Ainda assim, aquilo não era pior do que os políticos na sua casa. Melhor, por muitos aspetos, já que ninguém estava a sorrir para si, enquanto conspirava para matá-lo.

"E quanto aos guardas nos navios?", perguntou um dos rebeldes.

"Não haverá muitos", disse Thanos. "E eles vão saber quem eu sou."

"E quanto a todas as pessoas que irão morrer na cidade, enquanto fazemos isso?", gritou outro.

"Eles estão a morrer agora", insistiu Thanos. "Pelo menos assim, tens uma forma de ripostar. Se o fizermos bem, teremos uma maneira de salvar centenas, se não milhares, de eles."

Fez-se silêncio, e a última pergunta surgiu como uma flecha.

"Como podemos confiar nele, Akila? Ele não é apenas um deles, ele é um *nobre*. Um *príncipe*."

Thanos girou, afastando-se da direção de onde a voz tinha vindo, virando-se de costas para todos verem. "Eles apunhalaram-me pelas costas. Eles abandonaram-me para eu morrer. Eu tenho tantos motivos para os odiar como qualquer homem aqui."

Naquele momento, ele não estava apenas a pensar no Typhoon. Ele estava a pensar em tudo o que a sua família havia feito ao povo de Delos, e, sobretudo o

que tinha feito a Ceres. Se eles não o tivessem obrigado a ir à Praça do Chafariz, ele nunca teria lá estado quando o seu irmão morreu.

"Podemos ficar aqui sentados", disse Thanos, "ou podemos agir. Sim, será perigoso. Se eles perceberem o nosso disfarce, provavelmente morreremos. Eu estou disposto a arriscar. E vocês?" Ninguém respondeu e Thanos levantou a sua voz. " *E vocês?*"

Tal obteve uma aclamação em resposta. Akila aproximou-se dele, batendo com a mão no ombro de Thanos.

"Tudo bem, Príncipe, parece que estamos a fazer as coisas à tua maneira. Faz com que isto resulte, e terás um amigo para a vida." A mão dele apertava-o até Thanos sentir a dor de um disparo nas suas costas. "Se nos traíres, no entanto, ou matares os meus homens, juro que te perseguirei."

CAPÍTULO OITO

Havia partes de Delos, onde Berin normalmente não ia. Eram partes que fediam a suor e desespero, já que as pessoas faziam o que precisavam, a fim de sobreviverem. Ele dispensava ofertas vindas das sombras, dando aos habitantes um olhar duro para os manter afastados.

Se eles soubessem acerca do ouro que transportava, Berin sabia que eles lhe cortariam a garganta, dividiriam a bolsa debaixo da sua túnica e a gastariam nas tabernas locais e casas de jogo antes do dia terminar. Era nesses lugares que ele agora procurava, porque onde mais é que ele iria encontrar soldados quando eles estavam de folga? Enquanto couteleiro, Berin conhecia os lutadores e sabia os lugares onde eles iam.

Ele tinha ouro porque ele tinha visitado um comerciante, levando consigo duas adagas que ele tinha forjado como exemplos para aqueles que poderiam empregá-lo. Elas tinham sido coisas bonitas, dignas do cinto de qualquer nobre, trabalhadas com filigrana de ouro e gravadas com cenas de caça nas lâminas. Elas eram as últimas coisas de valor que lhe restavam no mundo. Ele tinha estado numa fila com uma dúzia de outras pessoas na frente da mesa do comerciante, e não tinha obtido metade do valor que ele

sabia que elas valiam.

Para Berin, isso não importava. Tudo o que lhe importava era encontrar os seus filhos, e para isso era preciso ouro. Ouro que ele poderia usar para comprar cerveja para as pessoas certas, ouro que ele poderia pressionar contra as palmas das mãos certas.

Ele percorreu as tabernas de Delos, tendo tal sido um processo lento. Ele não podia simplesmente aparecer e fazer as perguntas que queria. Ele tinha de ter cuidado. O facto de ele ter alguns amigos na cidade e outros mais no exército do Império ajudava. As suas espadas tinham salvado mais do que apenas algumas vidas ao longo dos anos.

Ele encontrou o homem que procurava, meio bêbado, a meio da tarde, sentado numa taberna e fedendo tanto que tinha espaço livre à sua volta. Berin adivinhou que era apenas o uniforme do exército do Império que os impedia de o atirar para a rua. Bem, isso e o facto de que Jacare era gordo o suficiente para que fosse preciso metade dos clientes para erguê-lo.

Berin viu os olhos do homem gordo levantarem-se quando ele se aproximou.

"Berin? Meu velho amigo! Vem tomar uma bebida comigo! Embora tenhas de a pagar. Atualmente estou um pouco..."

"Gordo? Bêbado?", adivinhou Berin. Ele sabia que o outro homem não se importaria. O soldado parecia fazer um esforço para ser o pior exemplo do exército do Império. Ele até parecia sentir uma espécie de orgulho perverso nisso.

"... financeiramente envergonhado", Jacare terminou.

"Eu talvez te possa ajudar com isso", disse Berin. Ele pediu bebidas, mas não tocou na dele. Ele precisava manter a cabeça limpa para procurar Ceres e Sartes.

Em vez disso, ele esperou que Jacare emborcasse a sua com um ruído que soava a Berin como um burro numa calha de água.

"Então, o que traz um homem como tu à minha humilde presença?", perguntou Jacare depois de um tempo.

"Estou à procura de notícias", disse Berin. "O tipo de notícia que um homem na tua posição talvez possa ter ouvido."

"Ah, bem, *notícias*. As notícias são um negócio com sede. E, possivelmente, um negócios dos caros".

"Eu estou à procura do meu filho e da minha filha", explicou Berin. Com outra pessoa, ele poderia ter ganho alguma piedade, mas ele sabia que com um homem como aquele, tal não teria muito efeito.

"O teu filho? O Nesos, certo?"

Berin inclinou-se sobre a mesa, apertando com a sua mão o pulso de Jacare como o homem ia buscar outra bebida. Ele já não tinha muita da velha força que tinha criado a empunhar martelos de forjar, mas ainda tinha a suficiente para fazer o outro homem estremecer. Ótimo, pensou Berin.

"Sartes", disse Berin. "O meu filho mais velho está morto. Sartes foi levado pelo exército. Eu sei que ouves coisas. Eu quero saber onde ele está e quero saber onde a minha filha Ceres está."

Jacare encostou-se para trás e Berin deixou-o fazê-lo. Ele não tinha certeza se conseguia aguentar o homem no lugar por muito mais tempo de qualquer maneira.

"Esse é o tipo de coisa que eu poderia ter ouvido", o soldado admitiu, "mas esse tipo de coisa é difícil. Eu tenho despesas."

Berin tirou a pequena bolsa de ouro. Ele derramou-o sobre a mesa, apenas suficientemente longe de Jacare para que ele não conseguisse arrebatá-lo facilmente.

"Será que isto vai cobrir as tuas despesas?", perguntou Berin, a olhar para a taça do homem. Ele viu o homem a contar o ouro, provavelmente, a avaliar se havia mais.

"A tua filha é fácil", disse o Jacaré. "Ela está no castelo com os nobres. Eles anunciaram que ela estava para se casar com o príncipe Thanos."

Berin atreveu-se a dar um suspiro de alívio, embora ele não estivesse certo do que pensar. Thanos era um dos poucos membros da realeza com alguma decência para ele, mas casar?

"O teu filho é mais difícil. Deixa-me pensar. Ouvi dizer que alguns dos recrutadores da Vigésima Terceira estavam a fazer as rondas ao teu quartirão, mas não há nenhuma garantia de sejam eles. Se forem, eles estão acampados um pouco para o sul, tentando treinar os recruta para combater os rebeldes."

A bile subiu à boca de Berin com aquele pensamento. Ele podia adivinhar como o exército trataria Sartes e o que aquele "treino" envolveria. Ele tinha de ter o seu filho de volta. Mas Ceres estava mais perto e a verdade era que ele tinha, pelo menos, de ver a sua filha, antes de ir atrás de Sartes. Ele levantou-se.

"Não vais terminar a tua bebida?", perguntou Jacare.

Berin não respondeu. Ele ia para o castelo.

Era mais fácil para Berin do que praticamente para qualquer outra pessoa entrar no castelo. Já tinha passado algum tempo, mas ele ainda era o único que tinha ido até lá para discutir os requisitos para as armas dos lordes de combate, ou para levar peças especiais para os nobres. Era simples o suficiente fingir que ele estava de volta ao negócio, passando diretamente pelos guardas nos portões exteriores e para o espaço onde os combatentes se preparavam.

O passo seguinte era chegar de ali até onde quer que a sua filha estivesse.

Havia um portão de entrada barrado entre o espaço abobadado onde os guerreiros praticavam e o resto do castelo. Berin teve de esperar para que o portão fosse aberto do outro lado, passando rapidamente pelo servo que o abriu, tentando fingir que tinha negócios importantes nas outras partes do edifício.

Ele tinha, mas não o tipo de negócio que a maioria das pessoas dali pensava que ele tinha.

"Ei, tu! Onde é que pensas que vais?"

Berin congelou com o tom agressivo. Ele sabia antes de virar que haveria um guarda ali, e ele não tinha uma desculpa que os fosse satisfazer. O melhor que ele poderia esperar agora seria ser atirado para fora do castelo antes de se conseguir aproximar e ver a sua filha. O pior envolveria masmorras do castelo, ou talvez ser simplesmente arrastado para ser executado onde ninguém jamais soubesse.

Ele virou-se e viu dois guardas que obviamente tinham sido soldados do Império por um tempo. Eles tinham tantos cabelos grisalhos como Berin nos dias de hoje, com o olhar desgastado dos homens que tinha passado muito tempo a lutar ao sol ao longo de muitos anos. Um deles era uma boa cabeça mais alto que

Berin, mas inclinava-se ligeiramente sobre a lança. O outro tinha uma barba que oleava e encerava até parecer quase tão acentuada como a arma que segurava.

Berin ficou aliviado quando os viu, porque reconheceu os dois.

"Varo, Caxus?", disse Berin. "Sou eu, Berin."

Houve ali um momento de tensão e Berin esperava que aqueles dois se lembrassem dele. Em seguida, os guardas riram-se.

"Pois és", disse Varo, inflexível do alto da sua lança por um momento. "Nós não te vemos há... há quanto tempo, Caxus?"

O outro coçava a barba enquanto pensava. "Já passaram alguns meses desde que ele esteve aqui pela última vez. Não conversamos propriamente desde que ele me entregou aquelas braçadeiras no verão passado."

"Eu estive longe", explicou Berin. Ele não disse onde. As pessoas podiam não pagar muito aos seus cuteleiros, mas ele duvidava que eles reagissem bem ao facto de ele procurar trabalho noutros lugares. Os soldados geralmente não gostavam da ideia dos seus inimigos receberem boas espadas. "Os tempos têm sido difíceis."

"Os tempos têm sido difíceis por todo o lado", concordou Caxus. Berin viu-o franzir a testa ligeiramente. "Isso ainda não explica o que estás a fazer no castelo principal."

"Não devias estar aqui, cuteleiro, e tu sabes disso", concordou Varo.

"O que é que se passa?", perguntou Caxus. "Um reparo de emergência para a espada favorita de algum nobre? Acho que teria ouvido se Lucious tivesse partido uma espada. Ele provavelmente teria açoitado os seus servos até ficarem em carne viva."

Berin sabia que ele não seria capaz de escapar com uma mentira como aquela.

Em vez disso, ele decidiu tentar a única coisa que podia funcionar: honestidade.

"Estou aqui para ver a minha filha."

Ele ouviu Varo sugar o ar entre os dentes. "Ah, agora é que é um assunto delicado."

Caxus assentiu. "Eu vi-a lutar no Stade no outro dia. Pequena e valente. Ela matou um urso espinhoso e um lorde de combate. Foi um combate violento, porém".

O coração de Berin apertou-se no seu peito ao ouvir aquilo. Eles tinham posto Ceres a lutar nas areias? Mesmo sabendo que ela sonhava lutar ali, aquilo não parecia ser o cumprimento desse sonho. Não, aquilo era outra coisa.

"Eu tenho de a ver", Berin insistiu.

Varo inclinou a cabeça para um lado. "Como eu disse, complicado. Ninguém entra para vê-la agora. Ordens da Rainha."

"Mas eu sou o pai dela", disse Berin.

Caxus estendeu as mãos. "Não há muito que possamos fazer."

Berin pensou rapidamente. "Não há muito que possamos fazer? Foi isso que eu disse quando precisavas da tua lança com um novo punho antes que o teu capitão visse que tu o tinhas partido daquela vez?"

"Nós dissemos que não falaríamos sobre isso", disse o guarda, com um olhar preocupado.

"E tu, Varo?", continuou Berin, pressionando antes que o outro pudesse decidir expulsá-lo. "Eu disse que era 'complicado' quando querias uma espada que, realmente, se adequasse à tua mão, para não teres problemas com o exército?"

"Bem..."

Berin não parou. O importante era pressionar para lá das objeções deles.

Não, o *importante* era ver a sua filha.

"Quantas vezes é que o meu trabalho salvou as vossas vidas?", perguntou ele.

"Varo, tu contaste-me a história daquele chefe dos bandidos que a tua unidade perseguiu. Que espada usaste para matá-lo?"

"A tua", admitiu Varo.

"E Caxus, quando querias todo aquele trabalho de filigrana nas tuas grevas para impressionar aquela miúda com quem te casaste, com quem é que foste ter?"

"Contigo", disse Caxus. Berin podia vê-lo a pensar.

"E isso é antes de chegarmos aos dias em que eu te segui por todo o lado em campanha", disse Berin. "Que tal..."

Caxus levantou a mão. "Tudo bem, tudo bem. Já explicaste o teu ponto. O

quarto da tua filha é mais para cima. Vamos mostrar-te o caminho. Mas se alguém perguntar, nós estamos apenas a escoltar-te *para fora* do edifício."

Berin duvidava que alguém fosse perguntar, mas isso não importava naquele momento. Só uma coisa importava. Ele ia ver a sua filha. Ele seguiu os dois ao longo dos corredores do castelo, chegando, finalmente, a uma porta que estava barrada e trancada do lado de fora. Como a chave estava na fechadura, ele rodou-a.

O coração de Berin quase explodiu ao ver a sua filha que não via há meses.

Ela estava deitada na cama, gemendo, quando olhou para ele com olhos turvos.

"Pai?"

"Ceres!". Berin correu para ela, abraçando-a e esmagando-a com força contra ele. "Está tudo bem. Eu estou aqui."

Ele queria abraçá-la com força e não a largar mas, de seguida, ele ouviu um suspiro de dor de Ceres enquanto ela o abraçava, e ele afastou-se apressadamente.

"O que é que se passa?", perguntou Berin.

"Não, está tudo bem", disse Ceres. "Estou bem."

"Tu não estás bem", disse Berin. A sua filha tinha sempre sido tão forte, pelo que se ela estava com dores era porque era grave. Berin nunca quis ver a sua filha ferida assim. "Deixa-me ver."

Ceres deixou. Berin estremeceu com o que viu. Feridas firmemente suturadas percorriam em linhas paralelas todas as costas da sua filha.

"Como é que entraste aqui?", perguntou Ceres enquanto ele via aquilo. "Como é que me encontraste sequer?"

"Eu ainda tenho alguns amigos", disse o pai. "E eu não ia desistir sem te encontrar."

Ceres virou-se para ele. Berin conseguia ver o amor nos olhos dela. "Estou feliz por estares aqui."

"Eu também", disse Berin. "Eu nunca te deveria ter deixado com a tua mãe."

Ceres estendeu a mão para agarrar a mão dele. Berin havia-se esquecido o quanto sentia a falta da sua filha até então. "Estás aqui agora."

"Estou", disse Berin. Ele olhou mais uma vez para as costas dela. "Eles não as limparam adequadamente. Deixa-me encontrar algo que possa ajudar."

Era difícil ter de sair, mesmo durante um curto espaço de tempo. Varo e Caxus ainda estavam do lado de fora, e não demorou muito para que eles levassem comida e água. Talvez eles tivessem visto o olhar no seu rosto quando se tratava de coisas que envolvessem o bem-estar de Ceres.

Ele passou-lhe o prato da comida. A velocidade com que Ceres devorou a comida disse a Berin tudo o que ele precisava de saber sobre a forma como eles a tinham vindo a tratar ali. Ele pegou a tigela de água e usou-a para limpar as feridas que ela tinha obtido na luta

Ceres assentiu. "Eu estou muito melhor do que estava."

"Então eu nem quero pensar o quão mau estava", disse Berin.

Ele não conseguia libertar-se da culpa. Se ele não se tivesse ido embora, então, os seus filhos nunca teriam passado por nada daquilo.

"Eu sinto muito, eu deveria ter estado aqui."

"Podia ter sido tudo igual", disse Ceres. Berin percebia que ela estava a tentar tranquilizá-lo. "A rebelião ainda teria acontecido. Eu ainda poderia ter lutado no Stade."

"Talvez". Berin não queria acreditar. Ele sabia que Ceres sempre se tinha sentido atraída para o perigo do Stade, mas isso não significava que ela teria de lá lutar. Ela poderia ter estado em segurança. "Eu poderia ter protegido, a ti e aos teus irmãos."

Ceres pegou na mão dele novamente. "Eu acho que há algumas coisas das quais nem tu nos consegues proteger."

Berin sorriu. "Lembras-te quando eras pequena? Costumavas pensar que eu era o homem mais forte do mundo e que eu conseguia proteger-te de qualquer coisa?"

Ceres sorriu de volta. "Agora eu tenho que me proteger a mim própria, e sou forte o suficiente para fazê-lo."

Havia uma parte de Berin que ficava feliz por aquilo ser verdade, mas ele ainda queria estar ali para proteger a sua filha. "Seja como for, acabou. Vamos tirar-te daqui."

Berin pensou nos guardas. Exatamente quanto é que eles lhe deviam?

Exatamente quanto é que eles iriam ajudar antes de decidirem que era mais fácil levá-lo para custódia?

"Eu vou encontrar um caminho", prometeu Berin.

Ceres abanou a cabeça rapidamente. "Não. Eu não vou fugir."

"Eu sei que estás preocupada em ser apanhada", disse Berin, cobrindo a mão dela com a sua, "mas eu acho que tenho bastantes amigos no castelo para nos ajudarem a sair. Poder-nos-íamos juntar à rebelião."

"Não é isso", disse Ceres. "Este é o meu caminho. Estou aqui para lutar. Eu estou destinada a lutar."

Ele olhou para ela, atordoado.

"Tu *queres* ficar aqui?". Tal era difícil de acreditar, especialmente quando lhe tinha sido tão difícil encontrá-la. Tinha sido óbvio para ele que, ao conseguir entrar, ele poderia ter a sua família de volta.

"Pensei que quisesses ir. Que nós pudéssemos ir juntos à procura de Sartres e que tudo ficaria bem."

"Vai ficar tudo bem", prometeu-lhe Ceres. "E devias ir procurar Sartres. Pô-lo a salvo."

Ela levantou-se e colocou as suas roupas de treino. Por um momento, Berin pensou que ela, afinal, fosse com ele, mas ela não mostrou nenhum sinal de o estar a fazer.

"O que estás a fazer?", perguntou. "Se não vens comigo, devias ficar a descansar."

"Eu não posso", disse Ceres. Ela virou-se para ele, com a determinação estampada no seu rosto. "Eu vou treinar. Eles querem matar-me, mas eu não vou deixá-los. Eu não vou desistir e não vou dar-lhes a satisfação de me verem fugir."

Berin engoliu em seco com a força ali na sua filha. Mesmo assim, ele não queria deixá-la. "Eu podia ir contigo. Eu podia ajudar-te."

Ceres abanou a cabeça.

"É um caminho só para mim, Pai."

Ele sorriu-lhe, com os olhos cheios de lágrimas e viu que os dela também estavam. Mais do que nunca, ele estava orgulhoso dela e amava-a.

Eles aproximaram-se e abraçaram-se durante muito tempo.

"Amo-te, Ceres", ele sussurrou, "e sempre te amarei."

"Eu sei, Pai", ela respondeu. "E quer nos voltemos ou não a encontrar outra vez, devias saber que eu te amo também."

CAPÍTULO NOVE

Ceres concentrou-se, esquivando-se, serpenteando, ofegante, com contusões a surgirem onde as varas a atingiam. O Mestre Isel estava de frente para ela nos campos de treino, e ela olhava fixamente para ele. Ali, ela se perguntava teria feito bem ao pedir que ele a treinasse novamente tão cedo. Ele tinha parecido ter tido dúvidas que ela estivesse suficiente bem recuperada dos seus ferimentos. No entanto, ela tinha insistido, determinada a voltar, a melhorar, para estar pronta para o próximo encontro.

Para lutar no Stade.

Quando Ceres disse que estava recuperada, Isel acreditou na sua palavra, puxando por ela mais do que antes. Ele, também, parecia saber o que estava em jogo.

"Mexe-te!", gritava ele.

Ceres tentava acompanhar as instruções do Mestre Isel enquanto girava no campo da luta. Ele estava a usar um par de varas longas contra ela, balançando-as para que Ceres tivesse de se esquivar e atacar com a espada de treinos que ela segurava.

"Circula ao contrário!", gritou ele, quando Ceres deu um passo para a direita.

Ela tinha de se esquivar para trás quando ele empurrava com uma das suas varas.

"Não vás diretamente para trás. Queres que um inimigo te persiga? Não, não, não dessa maneira!"

Uma das varas rodou, tirando a espada de Ceres da sua mão ao bater no seu antebraço. Ela sentiu uma pontada de dor e viu a espada a aterrar com a ponta na areia.

"Estende a tua espada quando não estás a atacar e ficas sem braço!"

O Mestre Isel balançou as suas varas sobre a cabeça de Ceres para demonstrar o seu ponto de vista. Ceres rebolou pelo chão, aparecendo com a espada na mão.

Ceres saltava e esquivava-se, bloqueado e evitando. Mesmo assim, alguns dos golpes conseguiam passar. Um arrancou-lhe o ar dos pulmões, e ela teve de se esforçar para continuar a lutar. Ela lutava até ficar quase sem ver, com o suor a fazer arder-lhe os olhos.

Finalmente, Isel recuou, estudando-a, sinalizando que era hora de descansar.

Ela inclinou-se sobre a sua espada e fez uma pausa.

Com o canto do olho Ceres vislumbrou Lucious a descer para as areias para treinar. Ele caminhou vestindo a armadura completa, embora ninguém ali usasse

nenhuma. Ele olhou em volta, fez um gesto para um guardião de armas e começou a treinar com ele, embora o guardião de armas não tivesse claramente nenhuma experiência. Lucious parecia estar deliciando a bater a sua espada de prática contra o seu oponente desprotegido.

Ceres parou para ver quando, de repente, uma pancada de uma das varas do Mestrado Isel a chamou a atenção.

"Era hora de descansar!", exclamou ela, indignada.

Ele sorriu.

"Nunca confies no teu adversário."

Ceres começou a sua dança com as varas constantemente em movimento novamente. Continuavam sem parar, até que, finalmente, o Mestre Isel recuou.

"Por agora chega", disse com um aceno de cabeça. "Vai beber água e depois continuamos."

Ceres foi até onde estava um grupo de outros lutadores à volta de um barril de água potável, bebendo água utilizando uma concha. Ceres estava à espera de ter de se aproximar da borda ao pé deles ou esperar até que eles estivessem despachados. Em vez disso, um lorde de combate com os músculos firmes e cabelo raspado passou a concha.

"Estiveste bem", disse ele. "A primeira vez que o Mestre Isel usou as varas comigo, eu foi atingido uma

dúzia de vezes."

Um lorde de combate mais baixo com cabelo fraco assentiu. Quando ele falou, foi óbvio para Ceres que ele tinha ido para o Império vindo das terras do norte.

"Estiveste bem na tua luta também. Não fugiste. Perante uma besta assim, a maioria das pessoas recua, mas tu continuaste. Bons instintos."

Os outros não falaram, mas eles não precisavam. Era suficiente para Ceres que parecesse que eles a aceitavam, abrindo espaço para ela entre eles enquanto ela conseguia o frescor de que precisava.

Claro, tinha de ser Lucious a meter-se com ela. Ele foi em direção à água, como se ele não pudesse ter lá mandado uma dúzia de servos buscar-lhe água.

"Saíam do meu caminho, camponeses", disse ele para os lordes de combate.

Ceres pensou ter visto um deles sorrir.

"Pensei que tinha ouvido alguma coisa", disse ele.

Outro encolheu os ombros. "Provavelmente era só o vento."

Lucious aproximou-se deles, e, naquele momento Ceres conseguiu ver o seu rosto a ficar vermelho. Ele parou diante dela. Ceres suspeitava que se estivessem sozinhos ele a teria atacado. E provavelmente ainda bem que não estavam, decidiu ela. Ela apenas teria ficado novamente em apuros por o atacar em resposta.

"Acha que és inteligente?", perguntou-lhe ele a ela. "Achas que és alguma espécie de guerreira verdadeira, porque sobreviveste a uma luta no Stade?"

"Eu não sou a única que fugiu da arena," disse ela.

Aquilo pareceu fazer com que Lucious ficasse ainda mais vermelho. Ele estendeu a mão para o seu cinto, onde estava uma espada. Não, não apenas qualquer espada. Quando ele a desembainhou, Ceres viu que era a espada que o seu pai tinha feito para ela. Ela queria estender a mão e agarrá-la naquele momento, porque ninguém como Lucious devia alguma coisa a chegar a tocar em algo que o seu pai tinha feito.

"Reconheces isto?", perguntou Lucious. Então ele fez algo que Ceres teria pensado que era impensável: ele começou a desmanchar a espada, tirando os seus componentes. Ele desenrolou o couro do punho, tirando o fio de ouro. Ele desapertou o punho, libertando a proteção do espigão. "Estou um bocado farto dele."

Ceres teve que engolir a sua própria raiva. Ela sentiu a mão de um dos lordes de combate no seu ombro, segurando-a de volta ou oferecendo apoio, ela não tinha certeza de qual. Como é que Lucious poderia fazer algo assim? Será que ele não sabia quanto trabalho dava uma espada daquelas? Pedacos de metal caíram no chão, mas Lucious não parecia importar-se.

"Perdoe-me, meu lorde", disse Mestre Isel, aproximando-se. "Mas eu acho que estes calções já tiveram uma pausa que chegasse. De volta ao trabalho, todos vocês."

Ceres queria ignorar a instrução. Ela queria esmurrar diretamente o sorriso no rosto de Lucious, mas ela voltou para as areias como o Mestre Isel tinha instruído.

Lucious gritou-lhe enquanto ela caminhava. "Treina tanto quanto quiseres. Não vai funcionar. Amanhã vais enfrentar o *meu* homem no Stade, e toda a dança ao redor com varas por todo o lado não te vai salvar!"

CAPÍTULO DEZ

Thanos deveria ter sido usado para marchar à frente de unidades de homens, liderando-os para a batalha. Ele era um nobre, treinado em violência, e tinha lutado no Stade.

Ele nunca tinha estado propriamente numa posição como aquela, porém.

O grupo atrás de si pareciam soldados do Império. Pelo menos, eles pareciam-se tanto com soldados do Império tanto quanto tinham sido capazes de gerir, tirando uniformes e armaduras dos mortos. No entanto, era fácil para Thanos ver que não havia a mesma disciplina rígida entre eles, mantida pela ameaça do chicote ou pela espada do carrasco. Os rebeldes não conseguiam acompanhar lá muito bem o seu passo enquanto marchavam, e eles transportavam a sua própria mistura de armas, ao invés de qualquer coisa emitida oficialmente pelos intendentos do exército.

"É melhor que isto funcione", disse Akila enquanto marchavam com vista às embarcações de desembarque do exército.

"Vai funcionar", Thanos prometeu-lhe. Ele esperava que isso fosse verdade.

"Apenas... tenta não matar ninguém se não for preciso."

"Queres que sejamos mansinhos com os teus amigos do Império?", perguntou Akila. Thanos percebeu que ele estava desconfiado.

"Eu quero que te lembres que estes são apenas homens comuns".

"Que escolheram atacar a nossa ilha", Akila salientou.

Eles caminharam pela beira-mar, onde ainda estavam os barcos de desembarque, com as embarcações a remo a arrastarem-se acima da linha de maré. Havia guardas ali com eles agora, que ergueram os olhos rapidamente quando eles se aproximaram.

"Parem, que vai aí?", perguntou o mais próximo.

"Não percebes?", respondeu Thanos. Era difícil fazê-lo soar natural. "Eu tenho soldados que precisam reabastecer nos principais navios."

O soldado ofereceu uma vénia apressada. "Perdoa-me, Sua Alteza, eu não sabia que eras tu. Mas estes navios são para ficar aqui. Ordens."

"Ordens de alguém maior do que o teu príncipe?", Akila ordenou, ao lado de Thanos. Para os ouvidos de Thanos, ele tinha representado na perfeição um bajulador embebido numa glória demonstrada.

"Não, claro, senhor."

"Em seguida, coloquem estes barcos na água!"

Os guardas desviaram-se. Alguns deles na verdade ajudaram os rebeldes a levar o navio de desembarque para lá das fortes ondas.

"Eu não posso acreditar que conseguimos", Thanos ouviu um dos rebeldes a dizer. Ele abanou cabeça.

"Esta parte é apenas o começo", disse Thanos. "Nós ainda precisamos dos navios principais."

Os homens de Akila foram para os remos, puxando para trás a partir do banco com golpes suaves que os levaram na direção dos navios mais para longe.

Aqueles cortavam perfis ameaçadores na água, lançando dardos e molas de fogo nas suas proas em adição ao sentimento de ameaça que emanavam. Os pequenos barcos espalharam-se, cada um indo para um navio diferente.

"Se aquelas coisas disparam sobre nós", Akila salientou, "vão afundar-nos antes de nos aproximarmos."

Thanos tentou projetar confiança. "Eles não vão disparar."

O líder rebelde não parecia convencido, mas ele permaneceu em silêncio quando eles se aproximaram dos navios. Thanos suspeitava que ele não queria arriscar que os seus medos se espalhassem para os seus homens. Em vez disso, ele estava ali na proa, esperando como uma figura principal até que os navios ficassem mais elevados que eles.

"Quem está aí?", perguntou um marinheiro, inclinando-se sobre o lado.

"Precisam de suprimentos?"

Obviamente, a combinação de barcos do Império e uniformes do Império era suficiente. Mesmo assim Thanos sentia a tensão no momento. Ele também pode ver Akila a pegar numa faca.

"É Thanos", disse ele. "Deixem-nos entrar a bordo."

O marinheiro deu um passo atrás, e eles escalaram a rede que estava pendurada do lado do navio exatamente para esse fim, subiram para o convés de uma forma que nunca poderiam ter esperado se tivessem de ter embarcado à força. Os marinheiros teriam-os cortado em pedaços quando eles aparecessem sobre a amurada, ou simplesmente teriam empurrado-os ao mar para se afogarem.

Não havia muitos marinheiros a bordo - Thanos suspeitava que a maioria teria ido a terra com as forças de desembarque - mas seriam os suficientes.

"Príncipe Thanos", um deles perguntou, "Precisas de atenção médica? Parece que estiveste a sangrar"

Thanos estava no convés, a olhar sobre a baía perto de Haylon. De onde estava, podia ver o cerco da zona portuária da cidade, com os soldados do Império ali aos montes contra as paredes. Os defensores tinham obviamente conseguido selar a cidade por agora, mas não havia lugar para onde eles

pudessem escapar, e os atacantes tinham as armas nos navios com os quais atacariam as paredes. Algumas partes da cidade já estavam em chamas.

"Não", disse Thanos. "Aquilo não é o que precisamos."

Ele sentiu-se mal por ter de fazer o que fez em seguida. Aquele homem provavelmente tinha uma família em algum lugar, e, provavelmente, estava ali só porque tinha sido obrigado. A única boa parte daquilo era que, pelo menos, Thanos podia certificar-se que ele conseguia escapar daquilo vivo.

Ele atacou, agarrando o homem pelo maxilar tão eficazmente quanto conseguiu, sentindo a ligação quando os nós dos dedos atingiram o alvo. O

marinheiro caiu no convés, e as pessoas de Akila chegaram-se à frente.

Um marinheiro correu para Thanos, com uma soveia na mão com a ponta afiada para o apunhalar. Thanos baixou-se, apanhando-lhe o braço e empurrando o homem. Ele veio por cima, agarrando o braço que segurava a arma com as duas mãos. Ele poderia ter apanhado a sua própria espada, mas Thanos não queria matar se pudesse evitá-lo. Aqueles homens não eram culpados. Aqueles que os governavam é que tinham começado aquilo. Em vez disso, ele baixou o seu cotovelo para baixo num arco curto, pondo o seu adversário inconsciente.

Ele olhou para cima e viu que os homens de Akila já tinham tomado o resto do navio. Nos navios próximos, Thanos podia ver a violência irrompendo, embora com os rebeldes a vestir as cores do Império, fosse quase impossível ver quem estava a ganhar.

"Achas que estamos a conseguir?", perguntou Thanos.

Akila assentiu. "Os meus homens são duros. Eles vão sinalizar quando tiverem os navios."

Com a certeza suficiente, um a um, os homens que estavam nos outros navios nas proximidades começaram a acenar o seu sucesso. Apenas alguns dos navios nas franjas não tinham sido tomados.

"E agora, Príncipe?", perguntou Akila. "Nós temos alguns navios. O que vamos fazer com eles?"

Thanos acenou para a balista que estava no castelo da proa do navio deles.

"Agora, nós fazemos o que conseguimos para parar o cerco."

Ele odiava aquela parte. Ele desejava que houvesse outra maneira, mas se eles não o fizessem, as forças do Império em breve iriam devastar Haylon. Akila e os seus homens fizeram o seu caminho em direção à arma do cerco, carregando-a com um dardo da altura de um homem. Eles acenderam-no para que Thanos pudesse ver as chamas a cintilar quando eles a viraram em direção a um dos navios que não tinham sido capazes de tomar. Ele pensou que poderia ver alguns dos marinheiros ali em pânico súbito quando se apercebessem que as coisas não estavam como deveriam.

Mas já era tarde demais. Akila gesticulou para a alavanca de disparo.

"Trouxeste-nos até aqui, Príncipe. Nós não teríamos conseguido tomar os barcos sem ti. Devias ser tu a iniciar isto."

Thanos sabia que era um teste. Seria ele capaz de o fazer? Ele olhou para o navio, onde os homens ainda estavam a lutar para fazer algo sobre o perigo, depois sobre a cidade, onde os soldados do Império estavam a devastar a orla.

Ele não podia fingir que não sabia o que as armas fariam. Ele tinha ajudado a delinear aquele plano sabendo de tudo aquilo. Parte de Thanos insistia que aquilo era errado, e que ele estaria a matar os seus próprios soldados. Quantos homens morreriam se ele fizesse aquilo? Ele perguntou-se.

Quantos morreriam se ele não o fizesse? Thanos tinha ouvido o General Draco. Não haveria misericórdia para quem resistisse. O exército na frente dele estava ali entregue à pilhagem e à destruição, de modo que, em breve, ninguém na cidade estaria seguro. Ele tinha que fazer aquilo.

Thanos sentiu a madeira áspera quando envolveu a alavanca de disparo com a sua mão. Em seguida, ele puxou.

O primeiro dardo cantou através do ar para apanhar as velas do seu alvo. O

fogo alastrou-se rapidamente, com o fumo a aparecer do navio em poucos momentos e as chamas a seguirem-no. Os marinheiros correram para apagar as chamas, mas mais dardos já estavam a voar.

Eles atacaram os navios que não tinham sido capazes de tomar, em primeiro lugar, disparando rajadas de dardos flamejantes e potes de cerâmica cheios de alcatrão. Muitos falharam. A maioria falhou, mas Thanos viu os suficientes atingirem os navios dos inimigos, fogo após o fogo. Ele viu marinheiros correndo, tentando parar os incêndios, ou disparando em resposta, ou colocando os seus navios em segurança. Ele via cada vez mais a mergulhar na segurança relativa das águas do Haylon, preferindo arriscar com os tubarões que tinham lá chegado para os mortos ao invés de arriscar com o fogo.

Eles voltaram a sua atenção para a cidade então. Thanos imaginava que as tropas à beira-mar teriam percebido que algo estava muito errado, mas eles ainda pareciam estar determinados perante o ataque deles. Foi só quando os dardos começaram a cair entre eles que começaram a dispersar.

"Mais três rajadas", disse Akila. "Depois temos de ir. Os meus homens já estão a preparar-se para disparar contra os navios."

Thanos assentiu. Ele desejava que pudessem manter os navios, mas a verdade é que eles não tinham os homens para segurá-los, ou as habilidades para os navegar. O melhor que podiam fazer era privar o Império dos seus abastecimentos.

Ele dirigiu-se a um dos homens que tinha nocauteado, sacudindo o homem até que ele despertar novamente. O marinheiro tentou libertar-se da mão que o abanava.

"Nós vamos queimar este navio", ele gritou, enquanto o homem lutava. "Tens uma escolha. Podes ficar aqui para lutar contra mim, ou podes ter a tua oportunidade nadando para a costa."

Não foi uma escolha que demorasse muito tempo. O marinheiro olhou para Thanos e mergulhou para o lado, respingando água para cima. Thanos já via Akila e os rebeldes a dispararem os últimos dardos para os soldados na costa, enquanto outros partiam os potes de cerâmica que continham alcatrão, espalhando-o sobre o convés. Incendiaram-nos, e imediatamente, Thanos conseguia sentir o calor das chamas quando

elas se ergueram para consumir o navio.

"Todos para fora!", ordenou Akila. Ele colocou a mão no ombro de Thanos.

"Isso significa que tu também, Príncipe."

Não pareceu assim tanto um insulto. Thanos caiu pelo lado do navio, puxando-se para o barco de desembarque. Em torno dele, os homens de Akila forçavam o seu caminho para tomarem as suas posições. Thanos pegou num remo, transportando-o com ele enquanto eles punham o barco em movimento sobre as ondas. Atrás deles, a frota do Império estava lentamente a transformar-se numa fogueira.

Thanos viu-o acenar na direção da cidade.

"A má notícia", disse Akila, "é que mesmo sem os seus suprimentos, ainda há mais soldados do Império do que nós. Nós temos muita luta pela frente. Estás pronto para isso, Príncipe?"

Thanos olhou em direção ao mar, onde os soldados ainda estavam a atacar em grupos dispersos. Eles eram o exército pertencente à sua terra, ao seu rei. Logo em seguida, porém, ele nunca se tinha sentido tão forte como no lado certo.

Ele assentiu. "Estou pronto."

"Bem, Príncipe", disse Akila com um sorriso, "parece que não te vamos matar, afinal."

CAPÍTULO ONZE

Ceres estava a suar por causa do ar da noite, e não por estar a lutar, desta vez.

Em vez disso, ela estava presa a esfregar os ladrilhos de um dos pátios do castelo, limpando a lama e sujidade que se tinha lá acumulado. Ela não tinha nenhuma dúvida de que isso era obra de Lucious; apenas outra maneira de lhe fazer a vida mais difícil, e talvez uma maneira de a desgastar antes da sua luta também.

Claro, ela tinha que fazer a sua limpeza, onde ela tivesse uma boa visão do salão principal do castelo, e onde aqueles lá dentro pudessem olhar para fora e rirem-se dela. Havia uma festa lá, completa com dança e entretenimento de luxo.

Ceres podia ver Lucious, Stephania e todos os outros membros da realeza a divertirem-se, a comerem doces delicados e a beber vinhos que provavelmente tinham sido trazidos de todos os cantos do Império. Miúdas em vestidos elaborados dançavam com jovens que passeavam por ali olhando como se achassem que mereciam toda a atenção do mundo.

Vê-los ali assim era difícil. Ceres esfregava os ladrilhos porque ela não tinha dúvida de que eles arranjariam qualquer desculpa para castigá-la, mas ela não se importava com trabalho duro. Ela já tinha feito pior do que aquilo, quando a sua mãe lhe definia tarefas intermináveis em casa. A parte mais difícil era vê-los a divertirem-se quando ela estava presa ali. Era saber que ela nunca seria suficiente boa para qualquer um deles, independentemente do que ela fizesse.

Mesmo se ela lá estivesse estado, Ceres sabia, que eles a tratariam como nada. Ela teria sido apenas

mais uma das servos e escravas que se moveriam pelo salão, oferecendo comida e bebida, dançando ou cantando para a sua diversão.

Thanos era o único que a tratava de forma diferente, e, agora ele se tinha ido.

Só de pensar nisso fazia Ceres olhar para as estrelas acima, à procura de respostas entre os seus pontinhos. Como é que ele poderia ter morrido? Apenas o pensamento de que Stephania lhe pudesse ter mentido, fazia Ceres seguir para a frente. Mas a verdade era que Stephania não tinha nenhuma razão para mentir.

Como ela tinha dito, a verdade era mais dolorosa.

Ceres ficou então a olhar para a festa. A rainha estava delicadamente sentada, a beber de um cálice de cristal, enquanto ao seu redor, pessoas menos nobres formavam anéis concêntricos de poder e mexericos. O rei estava sentado à parte, na cabeceira da mesa mais longa, onde alguns dos nobres mais jovens já estavam bêbados o suficiente para começar a agarrar as miúdas que serviam. Só de ver aquilo Ceres ficava agoniada.

Eu vou ganhar amanhã, disse a si mesma. *Independentemente do que me atirem.*

O que aconteceria depois disso, ainda assim? Jogo após jogo no Stade, sem tempo para se recuperar dos seus ferimentos? As suas costas estavam a curar-se, mas o trabalho físico de esfregar os ladrilhos era como se tivesse sido pensado para abrir as suas feridas novamente. Quando é que ela teria um ferimento do qual não conseguisse recuperar? Ceres não conseguia imaginar Stephania ou Lucious a conterem-se, independentemente de quão más as coisas ficassem.

Ceres podia ver Stephania ali, a dançar com Lucious. Ela movia-se tão graciosa e delicadamente, como uma borboleta cheia de joias a voar em torno dele. Quando Lucious ocasionalmente disparava olhares na direção de outras jovens mulheres, Stephania parecia não notar. Era difícil para Ceres adivinhar exatamente o quanto ela via. Ela certamente não parecia ter sido afetada pela notícia da morte de Thanos.

Mas a situação vai piorar, Ceres disse a si mesma. Eles vão encontrar uma maneira de torná-la pior. Ela estava certa disso. Não era apenas sobre quem ela era agora. Era sobre o símbolo em que ela se tinha tornado. A miúda que poderia lutar no Stade e vencer. A plebeia que conseguia fazer frente ao poder da realeza e viver. Ela tinha sido a miúda que ia se casar com um príncipe, também, e Ceres sabia que Stephania, pelo menos, a odiava tanto por isso como pelo resto.

Eles iriam encontrar uma maneira de tornar a situação pior para ela. Eles tinham-na tratado como uma princesa por causa de Thanos, em seguida, como uma lutadora, porque era assim que eles queriam que ela morresse. Aquela noite provava, porém, que não havia nada que os impedisse de tratá-la como muito menos. Eles empilharia humilhação em cima de humilhação, simplesmente porque eles poderiam, e se ela ripostasse, eles finalmente teria uma desculpa para simplesmente executá-la.

"Eu deveria ter ido com o meu pai", disse Ceres, mas ela realmente não acreditava nisso. Ela não podia fugir do que esperava por ela no Stade, e ela não podia deixar o seu pai correr o risco de tentar salvar dali.

Não havia outra opção, é claro. Ela poderia não ser capaz de vencer, mas ela poderia privar os nobres de

se divertirem às custas dela. Um golpe de uma faca nos seus pulsos e tudo terminaria. Ou ela poderia estar lá no Stade e deixar que acontecesse. Ela podia recusar-se a dar-lhes o entretenimento que eles exigiam.

"Ceres?"

Ceres virou-se, reconhecendo a voz.

Uma mulher saiu da escuridão. O coração de Ceres animou-se ao ver a sua velha amiga.

Anka. A miúda que ela havia salvado dos traficantes de escravas.

Ela parecia estar mais valente agora que ela se tinha juntado à rebelião.

Parecia um pouco menos assustada.

Ceres, surpreendida, correu para abraçar a amiga.

Ao ver Anka ficou surpreendida. Ela tinha tido a certeza de que não iria ver a jovem novamente. Ela estava segura com a rebelião, ou pelo menos tão segura quanto se poderia estar com ela. Mas era uma boa surpresa.

"Como é que chegaste aqui?", perguntou Ceres.

"Foi difícil entrar para te ver", disse Anka. "Mas há coisas que precisas de saber."

Algo sobre o seu tom disse a Ceres o que essas coisas seriam. "Rexus e Thanos estão mortos."

Ela disse-o como um facto, na esperança de ouvi-lo a ser refutado.

Anka fez uma pausa. "Já sabias?"

Ceres não quis dizer o nome de Stephania aqui. "Um dos nobres aqui certificou-se que eu descobrisse."

"Isso é..."

"Sim", disse Ceres. "Sim é. Tens a certeza ainda assim? Eles não estão a mentir?" Ela pensou no momento em que uma flecha tinha atingido Rexus enquanto ele estava a trepar, e ele tinha caído através das suas mãos, longe para as profundezas abaixo.

Anka abanou a cabeça. "Sinto muito, Ceres. Nós encontrámos o corpo. Rexus não sobreviveu à queda."

A dor atravessou Ceres, clara e palpável. Ela devia ter imaginado que seria assim, mas uma parte dela parecia ter assumido que Rexus iria encontrar uma maneira de sobreviver. Havia algo tão poderoso sobre ele, tão vibrante, que parecia impossível que algo o conseguisse matar.

"E quanto a Thanos?", perguntou Ceres.

Anka abanou a cabeça. "Nós temos amigos em torno das franjas do exército do Império. Alguns deles

dizem-nos que Thanos caiu no primeiro assalto nas praias lá, na confusão enquanto eles lutavam para entrar em terra."

Aquilo ainda a magoava mais do que as notícias sobre Rexus. Talvez fosse porque ela tinha tido mais esperança. Ceres tinha visto Rexus a cair, mas Thanos... aquilo poderia ter sido uma mentira destinada a magoá-la. Talvez fosse mais do que isso, porém, e pensar nisso fazia com que o seu estômago se encolhesse.

"Não importa", disse ela. Ela abanou a cabeça. "Nada disso importa."

"Não estás a falar a sério", Anka respondeu.

"Como é que pode importar quando eles estão mortos?", disse Ceres. A ideia de que o mundo poderia continuar sem Rexus, sem *Thanos*, parecia impossível.

"Não importa. Eu estarei morta em breve também."

De certa forma, tal era um alívio. Ela não iria terminar, ela própria, as coisas.

Não, ela iria fazer as coisas da maneira que o destino tinha estabelecido para ela.

Ela iria para o Stade e ela iria morrer. Naquele momento, ela não conseguia imaginar isso a acontecer de outra maneira.

"A revolução precisa de ti, Ceres", Anka insistiu.

"Não, não precisa", disse Ceres. "Quem é que tem estado a comandar a revolução desde que Rexus morreu?"

"Bem, eu tenho tentado fazer com que todos trabalhem em conjunto, mas..."

"Então essa é a resposta. Não precisas de mim, Anka."

Anka recuou. "Eu não sei o que dizer. Eu nunca pensei que fosses desistir assim."

A raiva passou por Ceres, e ela acolheu-a, porque parecia a única coisa que podia substituir o vazio que sentia naquele momento. As suas mãos fecharam-se em punhos. "Achas que eu queria isto?", perguntou ela. "Achas que eu queria alguma coisa disto? Achas que eu queria que o homem que eu amo... ", ela parou, percebendo o que estava a dizer.

"Sinto muito", disse Anka. "Eu não queria ser eu a dizer-te tudo isto. E eu pensei que poderia tentar levar-te para fora daqui."

Era a mesma oferta que o seu pai tinha feito. Anka podia até ter os recursos para fazê-lo uma vez que tinha chegado ali sem problemas. Ceres sabia que a resposta tinha de ser a mesma, ainda assim.

"Eu não posso ir."

Anka pegou o braço de Ceres, puxando-a para as sombras. "Tiraste-me da gaiola do traficante de

escravas. Ambas sabemos de todas as coisas de que me salvaste. Sabes como me sinto por saber que vais para o Stade amanhã para morrer?"

"Eu tenho de fazer isto", insistiu Ceres. "Isto é o meu destino, Anka."

"Mas nós podemos tirar-te daqui", Anka insistiu.

Ceres libertou-se da mão da outra mulher tão gentilmente quanto conseguiu.

"Mas não é o que eu quero."

Ceres ouviu um barulho vindo do salão principal e viu uma das portas a abrir-se. Era provavelmente um dos nobres a sair para a provocar enquanto ela trabalhava. Anka ouviu também, obviamente, porque ela virou-se para deslizar de volta para a escuridão, para além da propagação da luz da lâmpada do corredor.

"Esta é a tua última oportunidade", disse Anka. "Por favor, Ceres."

Ceres abanou a cabeça e, em seguida, quando Anka começou a ir, disse.

"Anka, espera. Se queres fazer algo que me vai ajudar, há algo."

"Tudo o que eu possa", prometeu Anka.

"Ajuda a garantir que o meu irmão e o meu pai estão seguros", disse Ceres.

"O exército levou Sartes e o meu pai está à procura de ele. Eles vão ambos precisar de toda a ajuda que conseguirem." Ela segurou as suas mãos com sinceridade, enquanto a sua amiga se preparava para fugir, e apertou-as.

"Posso confiar em ti?", perguntou ela.

Anka acenou de volta, com toda a solenidade.

"Com a minha vida", ela respondeu. "A tua família é a minha família, e não vou parar até os encontrar - e trazê-los para ficarem em segurança."

CAPÍTULO DOZE

Cada passo que dava para sul trazia a Berin uma sensação de angústia, enquanto ia em busca dos soldados que tinham levado o seu filho. Cada passo afasta-o um pouco mais da sua filha, deixando para trás numa cidade onde ela em breve ia lutar até à morte. De cada vez que o seu pé pisava o chão, parecia uma escolha impossível, que ele só tinha feito porque a sua filha tinha insistido.

E se ele tivesse cometido um erro?

Berin levava consigo todas as provisões que conseguia, com o seu peso a ser uma constante nas suas costas. Sair da cidade tinha sido suficientemente fácil, e, depois disso, ele continuou pelas principais estradas durante o tempo que conseguiu. As estradas estavam lá para o exército, afinal de contas, pelo

que ir por elas parecia ser a melhor maneira de encontrar a unidade que tinha levado o seu filho. Ele só as deixava quando ouvia os outros a vir, escondendo-se ao lado da estrada até que eles passassem. Ele não queria arriscar dar de caras com soldados, bandidos, ou pior, naqueles tempos conturbados.

Ele chegou a uma aldeia, depois de horas de caminhada, e era fácil ver que o exército tinha passado por lá. Estava muito calma, da mesma forma que os lugares ficavam calmos após uma tempestade. Berin já tinha visto aquilo quando ele seguia o exército para fazer trabalhos de forja para ele. Os exércitos devastavam o país através dos números absolutos de homens que continham, independentemente do lado que representavam. Os lugares ficavam despídos, sempre que eles ficavam por lá muito tempo, deixando os moradores a morrer de fome. Uma parte de Berin suspeitava que o Império tinha enviado o seu exército para enfrentar os inimigos estrangeiros simplesmente para não ter de sustentá-los em casa.

Ele odiava pensar que Sartes estava naquela situação. Ele não se daria bem na brutalidade das forças do Império. Ele não era cruel o suficiente, ou suficientemente forte. Quanto mais cedo Berin conseguisse ter o seu filho de volta, melhor.

Berin viu um pequeno mercado no meio da aldeia, embora não houvesse muitas bancas lá naquele momento. Aquelas que lá estavam pareciam que apenas tinham refugio, com tantos espaços vazios em carrinhos de mão e sob os toldos quanto mercadorias para venda. Berin parou na banca quase vazia de um vendedor de frutas.

"O exército passou por aqui?", perguntou.

"Sim. Levou metade dos meus produtos"

Berin acenou em solidariedade. Os tempos provavelmente iriam ser difíceis na aldeia por um tempo, enquanto os comerciantes e os pequenos produtores tentavam recuperar. No entanto, naquele momento, ele não conseguia concentrar-se em mais nada a não ser no que tinha acontecido a Sartes.

"Sabes para onde foram?", perguntou Berin.

"Porquê? Vais juntar-te?", perguntou o vendedor de frutas com uma gargalhada à qual Berin aderiu.

"Talvez. Embora eu ache que me dou melhor a forjar."

"És um couteleiro?", perguntou o vendedor de frutas. "Então devias ficar por aqui. Haveria muito trabalho para ti".

Berin abanou a cabeça, embora se tenha arrependido ligeiramente ao fazê-lo.

Se tivesse havido uma oferta como aquela há alguns meses, talvez ele não tivesse deixado a sua família. Eles poderiam ter encontrado um lugar naquela aldeia e estarem seguros. Agora, porém, já era tarde demais para isso. "Era bom, mas há coisas que eu preciso de fazer."

Ele começou a percorrer o resto do mercado, sempre a fazer as mesmas perguntas, sempre a tentar fazê-lo soar como se estivesse apenas a fazer conversa enquanto passava. Ele falou com funileiros e fornecedores, talhantes e agricultores, obtendo a mesma imagem de cada um deles: uma das unidades do exército tinha passado por ali um ou dois dias antes, em direção ao sul para acampar.

Berin estava a perguntar a uma vendedora de queijo se ela sabia de alguma coisa, quando ele viu soldados a dirigirem-se para o mercado. Ele tinha assumido que eles já se tinham ido embora há algum tempo, mas aqueles deviam estar deslocados em alguma missão. Havia três deles, todos com cavalos. Um deles usava a armadura mais elaborada de um oficial, enquanto os dois ao lado dele tinham as botas altas e as mais longas espadas da cavalaria. Eles estavam a falar com os donos das bancas e, apesar de Berin não conseguir distinguir as palavras, ele pode adivinhar o que eles estavam a falar, quando o vendedor de frutas apontou na sua direção.

"Parece que eles estão a olhar para ti", disse-lhe a vendedora de queijo. "Com todas estas perguntas, os outros provavelmente pensam que tu fazes parte da rebelião".

"E o exército deixou para trás soldados para vigiar", disse Berin. Ele devia ter pensado que eles o fariam. O seu estômago deu um nó. Ele ficou com medo, então, não por si, mas por Sartès. Se ele fosse apanhado, os soldados gostariam de saber o que ele estava ali a fazer, e se descobrissem que ele estava a tentar levar o seu filho para fora do exército, então Sartès podia ser o único a pagar o

preço. Berin não podia deixar que isso acontecesse, independentemente do que fosse preciso.

"Não culpes os outros", disse a vendedora de queijo. "Eles também estão com muito medo que os soldados façam qualquer coisa. *Estás com a rebelião?*"

Para Berin, ela quase que parecia querer que ele estivesse. Que, talvez, ele estivesse ali para lutar contra os soldados do Império por eles. Esse pensamento pode ter-lhe dado para rir se a situação não fosse tão séria. Era o suficiente para fazê-lo assumir um risco. Afinal, o que mais tinha ele a perder?

"Eu estou a tentar encontrar o meu filho", disse ele. Ele viu os olhos da vendedora de queijo arregalarem-se. "Ele foi levado pelo exército como um recruta, e eu quero trazê-lo de volta."

Era um grande risco. Ele tinha potencialmente acabado de dar a esta mulher o suficiente para o condenarem, mas algum instinto fê-lo confiar nela. Talvez fosse apenas ele a querer acreditar que as pessoas iriam ajudar, dada a oportunidade.

"Em tempos, eu tive um filho", disse a mulher. Ela assentiu com a cabeça.

"Ele morreu à fome há dois invernos, porque o Império levou muita da nossa comida para a cidade. Vem comigo."

Eles afastaram-se da banca, com ela à frente. Berin olhou para trás para ver os três soldados a percorrerem toda a praça do mercado, e ele apressou-se a ir atrás dela. Ela foi por um caminho em torno de uma das pequenas casas da aldeia, para um espaço onde estava roupa pendurada a secar ao sol.

"Por aqui", disse ela, apontando.

"Obrigado", respondeu Berin. "Eu não vou esquecer isso."

Ele queria dizer mais, mas não houve tempo. Em vez disso, ele baixou-se por entre a roupa pendurada, desviando-a enquanto ele se tentava perder nela.

Algures atrás dele, ele pensou ter ouvido soldados a gritar. Ele ignorou, concentrando-se em fazer o seu

caminho através da aldeia, permanecendo na sombra das cabanas e anexos. Ele olhou para trás e pareceu-lhe vislumbrar um uniforme do Império. Ele continuou.

Finalmente, Berin atingiu o limite da aldeia, onde as casas deram lugar aos sulcos crescentes de terra compartilhada. Havia ervas compridas ao longo das bermas da estrada, e, então, ele podia ter corrido facilmente sem ser visto, mas isso não o teria ajudado a aproximar-se mais de Sartes. Em vez disso, Berin encontrou um local onde ele não seria visto e agachou-se. Deixando de lado as dores nas suas articulações, ele agachou-se ali, esperando.

Do seu esconderijo, Berin conseguia ver os soldados na estrada. Ele prendeu a respiração quando eles olharam na sua direção. Se eles o apanhassem agora, não haveria forma de ele se safar. Ele iria fugir, e, para eles, isso seria suficiente para provar a sua culpa. O melhor que ele poderia esperar seria uma morte

rápida. Berin ficou parado, à espera enquanto os homens procuravam e, depois, conversavam entre si. Depois de um tempo, eles voltaram para a aldeia, e um dos três saiu montado no seu cavalo pela estrada.

Berin começou a seguir o cavaleiro, movendo-se lentamente, mantendo-se baixo. Quando deixou de o conseguir ver, Berin começou a seguir o rasto do cavalo, um rasto que um cego poderia seguir. Berin nunca tinha tido muito jeito para seguir rastos. Apesar da urgência de tudo aquilo, ele manteve a cabeça para baixo, movendo-se apenas em ritmo de passeio. Era difícil ser tão cauteloso.

Muito mais para ele que queria correr para o seu filho e libertá-lo das garras do exército. Mas ele não conseguiria ajudar Sartes se fosse capturado, e a verdade era que ele não conseguiria acompanhar o cavaleiro, mesmo se tentasse.

O terreno plano deu lugar a uma pequena elevação com um grupo de árvores perto do topo. Berin dirigiu-se para lá, abrindo caminho através da folhagem, tentando ver onde colocava os pés para não fazer muito barulho. Quando chegou ao outro lado das árvores, ele parou, congelando no lugar ao olhar para baixo.

Lá, espalhado lá em baixo, estava o acampamento do exército. Dali de cima, era fácil para Berin ver o padrão em grade das tendas, os espaços vazios deixados pelas áreas de treino e os grupos de vagões em torno dos centros de abastecimento. Ele conseguia ver as fortificações em torno dos limites do acampamento, também. Havia grandes valas revestidas com picos e construídas com bancos de terra, plataformas de vigia e postos onde os cães estavam acorrentados, ali para farejar intrusos. Berin questionava-se se eles estavam ali para manter afastados os aspirantes a atacantes ou para manter os recrutas no seu lugar.

Sartes.

O seu filho estava ali algures, perdido naquela cidade tenda, impossível de detetar quando todos ali estavam vestidos da mesma maneira. Sartes estaria ali em baixo entre os recrutas, maltratado casualmente, porque era isso que o exército fazia. Berin tinha de o encontrar. Ele *iria* encontrá-lo, quer porque ele queria a sua família de volta, quer porque ele tinha prometido a Ceres. Ele levaria o seu filho dali para fora.

Ele deu o primeiro passo, sabendo que iria arriscar a sua vida, sabendo que as suas oportunidades de sucesso eram mínimas e sabendo que não tinha outra escolha.

CAPÍTULO TREZE

Stephania movia-se silenciosamente pelo castelo no início da manhã. Ela duvidava que qualquer um dos outros nobres que tinham estado na festa da noite anterior estivessem já acordados. Lucious certamente estaria ainda a risonar.

Habitualmente, até mesmo Stephania não teria acordado tão cedo. Esta era uma hora para os servos e para as suas tarefas, não para aqueles que mandavam neles.

Em outras circunstâncias, ela provavelmente teria mandado bater na sua empregada por a ter acordado. Somente o conteúdo da mensagem que ela tinha recebido a fazia vaguear agora pelos corredores em chinelos de joias.

De certa forma, era provavelmente bom que mais ninguém estivesse acordado agora. Stephania queria fazer aquilo sem muitos olhares curiosos.

Ela encontrou-se com a mulher que tinha ido até uma pequena sala de recepção, apenas grande o suficiente para acomodar o sofá em que ela estava sentada.

Stephania não conseguia ver a sua semelhança com Ceres, mas mesmo assim, os seus servos tinham-lhe assegurado que aquela era a mãe de Ceres. Para Stephania, ela parecia-se com qualquer outra mulher camponesa, com o vestido manchado, envelhecido e amarrotado, endurecido e gasto com a sua vida. Pelo menos a mulher teve a decência de se levantar e fazer uma vénia quando Stephania entrou. Stephania duvidava que a sua filha alguma vez a fizesse, mesmo perante a ponta da espada.

"És a mulher que veio até ao portão, alegando ser a mãe de Ceres?", perguntou Stephania.

"Sim, minha senhora", disse ela. "Marita, minha senhora."

Ela entendeu que havia ali uma deferência adequada, pelo menos. Stephania não tinha certeza de que ela pudesse alguma vez gostar de alguém relacionado com Ceres, mas aquilo tornou isso mais fácil. Stephania fez um gesto para ela se sentar, juntando-se a ela no sofá, sem ficar muito perto para que ela não tivesse de lhe tocar.

"Estás aqui porque desejas ver a tua filha?", perguntou Stephania, observando a mulher com cuidado. Não era o que a mensagem tinha dito, mas Stephania estava habituada a que as pessoas mentissem. Se a vida na corte lhe tinha ensinado uma coisa, era que toda a gente mentia. Eles mentiam para obter vantagem, ou para dizer o que eles pensavam que as pessoas queriam ouvir, ou, ocasionalmente, só porque queriam causar problemas. Stephania tinha aprendido cedo a observar as pessoas com cuidado, a perceber os seus motivos reais, e a nunca confiar em ninguém.

Marita abanou a cabeça bruscamente, porém, e havia algo sobre o sentimento de raiva lá que fez Stephania querer acreditar na negação.

"Não tenho nenhum desejo de ver aquela... aquela *criatura*", disse Marita.

"Não quando ela me custou tanto."

Isso era interessante e longe do que Stephania tinha esperado, apesar da mensagem. Stephania esperava

ganância talvez, venalidade, mas aquele nível de ódio era... bem, era praticamente em linha com o seu próprio.

"O que é que ela te fez?", perguntou Stephania. Não era que houvesse ali o sentimento de uma alma gémea, obviamente. Aquela mulher nunca poderia ser qualquer coisa como um nobre, tal como ela. Mesmo assim, ela teve a mesma sensação de Ceres ter feito algo para prejudicá-las a ambas. Com ela, tinha sido a interferência nos seus planos para se casar Thanos. O que teria sido com aquela mulher? Stephania indagava-se.

"Ela fez-me perder tudo", disse Marita. "Ela fez-me perder dinheiro que deveria ter sido meu. Dinheiro que eu arranjei por ela honestamente! Então, quando o meu marido descobriu, eu fiquei sem nada!"

Em poucos instantes, Marita começou a soluçar. Stephania ficou ali a observá-la por um segundo ou dois, avaliando-a. Em seguida, ela estendeu a mão para confortar a plebeia, fazendo o que ela achou ser um bom trabalho ao esconder a sua aversão. Stephania era boa a esconder o que sentia e quem ela era.

"Isso deve ter sido difícil", disse ela. Ela tentou manter o tom de voz suave.

"Quando dizes que arranjaste dinheiro por ela, queres dizer que a vendeste a um traficante de escravas?"

"Eu tinha de ter algo por todos os problemas que ela causou ao longo dos anos", insistiu Marita. Stephania conseguia ouvir um tom defensivo ali. "O meu marido abandonou-me, e ela sempre foi difícil."

Ela fez uma pausa como se esperasse alguma repreensão severa. Em vez disso, Stephania afagou-lhe a mão.

"Eu entendo o quão difícil deve ter sido para ti."

"Foi!", Marita parecia quase chocada. "Ninguém se deu conta disso. O meu marido era tão cruel. Ele abandonou-me e, depois, abandonou-me! Ele só queria saber onde estava Ceres e o nosso filho Sartes."

Stephania já sabia onde ambos estavam. Eles estavam exatamente onde precisavam de estar. Ceres estaria a morrer no Stade naquele dia mais tarde, enquanto o seu irmão não iria durar muito tempo como um recruta. Rapidamente, ela equacionou se valeria a pena livrar-se da mãe também, mas não, ela decidiu que não faria nada para reivindicar justiça de Ceres pelo que ela tinha feito, e Stephania não era desnecessariamente cruel.

"Soa terrível", disse Stephania. "Ninguém deve ser abandonada pela pessoa a quem ela está prometida."

Aquele era um elemento da história daquela mulher com o qual ela se conseguia relacionar. A dor que ela tinha sentido quando Thanos foi dado a Ceres tinha sido um pingente de gelo apontado ao seu coração, com o frio a espalhar-se lentamente através dela, até não sobrar nada.

"Porque é que vieste aqui?", perguntou Stephania. "Disseste que tinhas informações para mim. Porquê trazê-las aqui então?"

"Eu achei que alguém devia saber", disse Marita.

Stephania percebia, no entanto, que não era toda a história.

"O que mais?", perguntou ela.

Marita fez uma pausa, parecendo embaraçada por um segundo. "Quando o traficante de escravas se foi embora com a minha filha, ele levou todo o dinheiro que me deu... Eu fui *enganada*."

"Eu entendo", disse Stephania. Ela tinha trazido uma bolsa com ela, embora fosse cedo. Ela tinha imaginado que poderia ser necessário. A ganância era uma das motivações mais fáceis de entender. Era também uma das mais comuns. Ela pressionou-o na palma das mãos de Marita, fechando os dedos em torno dele.

"Aqui. Para ajudar-te, agora que o teu marido se foi embora."

Ela sentiu a maneira como a mão da outra mulher o apertou-o. Com força, como se tivesse medo que lhe pudesse ser tirado a qualquer momento. "És muito gentil, minha senhora."

Stephania sorriu-lhe. "Eu acho que nunca ninguém me disse isso. Agora, conta-me o que aconteceu."

"Depois de o meu marido ter saído de casa, eu fiquei sem nada. Então eu fui à procura de Lorde Blaku para ver se conseguia reaver dele o meu dinheiro. Ele *devia* -me". Marita tinha uma nota de determinação na sua voz que Stephania considerou bastante divertida. Ela não sabia sobre aquele Senhor Blaku, mas ela sabia o suficiente sobre traficantes de escravas para adivinhar o que teria acontecido a esta plebeia se ela o tivesse encontrado.

"Foste atrás dele?", perguntou Stephania. "Encontraste-o?"

Ela não estar morta em alguma vala dizia que ela não o tinha encontrado.

"Eu encontrei o que restava dele", disse Marita. Ela abanou a cabeça. "Ele tinha sido morto, junto com os seus homens. Ao princípio eu pensei que era bandidos, mas os bandidos não deixariam isto."

Ela tirou um anel, mais caro do que qualquer plebeia como ela conseguiria pagar. Ele tinha uma insígnia ornamentada, um "B", na superfície plana do topo, juntamente com uma insígnia que poderia apontar para uma casa nobre. Stephania

não tinha de perguntar porque é que a mãe de Ceres não o tinha vendido. Seria muito óbvio que não era dela. Os guardas tê-la-iam prendido num piscar de olhos.

"Isso parece estranho", disse Stephania na sua voz mais doce. "O que é que achas que aconteceu?"

"Eu não preciso de adivinhar", disse Marita. "Eu sei. Eu perguntei ao redor.

Eu encontrei um dos escravos que eles tinham transportado."

Stephania esperou.

"A minha filha matou o Lorde Blaku", disse Marita. "Abateu-o a ele e aos seus guardas."

"Ela sozinha?", perguntou Stephania. Ela queria ter a certeza.

"Isso foi o que eles disseram, embora ela devesse ter tido ajuda", disse Marita. Aquilo apenas disse Stephania o quão pouco ela conhecia a sua filha.

Stephania não ia dar a Ceres muito crédito, mas ela conseguia lutar. Se ela não conseguisse, ela já teria sido morta e as coisas teriam sido muito mais fáceis.

"Ela matou o Lorde Blaku?", perguntou Stephania. Ela levantou o anel do traficante de escravos ao nível dos olhos. Era a sua imaginação, ou havia uma mancha de sangue seco sobre ele? Não era prova, não propriamente, mas que prova poderia haver para algo como aquilo? Até que ponto seria realmente necessária uma prova naquele momento? Se a história podia ser verificada posteriormente, se as pessoas podiam ouvir por si mesmas o que Ceres tinha feito, isso podia ser suficiente.

"Sim, ela matou", disse a mãe de Ceres. "Eu posso apontar o lugar num mapa, se quiseres."

"Sim", disse Stephania. "Eu acho que é uma ideia muito boa."

Isso não devia ter importância. Ceres estaria morta em breve de qualquer maneira, se o homem de Lucious fizesse a sua parte no Stade, mas havia algo insatisfatória quanto a isso. Era uma morte heroica, do tipo que as pessoas podem falar mais tarde. Mal gerida, Stephania suspeitava que até talvez se transformasse num grito de guerra para a rebelião.

Esta era potencialmente muito melhor. Se a mãe de Ceres a tinha vendido, então ela tinha sido uma escrava de acordo com a lei de Delos. Se um escravo matasse o seu mestre, ele poderia ser morto e ninguém poderia questionar acerca disso. Eles podiam ser esfolados vivos, chicoteados até não aguentarem mais ou simplesmente estrangulados. Eles podiam levar Ceres para longe para o tipo de morte tranquila que rapidamente desapareceria da mente e quaisquer argumentos podiam ser rapidamente anulados.

Sim, deixe-se que ela tenha esse tipo de morte. O tipo de morte que não iria inspirar ninguém. Stephania levantou-se e a mãe de Ceres levantou-se também.

"O que vais fazer com o que eu te disse?", perguntou Marita.

Stephania inclinou a cabeça para um lado. "Eu vou garantir que a tua filha recebe exatamente o que ela merece."

Marita pareceu considerar isso. Por um momento, Stephania pensou que ela poderia reclamar ou pedir algum tipo de leniência para Ceres.

Em vez disso, para a sua surpresa, ela concordou.

"Ótimo", disse Marita. "Eu devia tê-la estrangulado quando ela nasceu."

CAPÍTULO CATORZE

Ceres acordou cedo, levantou-se e esticou os seus músculos cansados ao sol da manhã, tentando fingir que era apenas mais um dia.

Embora soubesse que não era.

A sua vida estaria em jogo naquele dia. Ela lutaria hoje, na frente de milhares de espetadores, contra o lorde de combate de Lucious.

Aquele pensamento trazia consigo uma espécie de clareza, porque era óbvio que Lucious a ia colocar contra um adversário que não conseguia vencer. Um que asseguraria a sua morte.

Ceres sabia que devia ter medo, mas naquele momento, sentia-se mais calma do que ela pensava que conseguiria. Ela semicerrou os olhos, sentindo o calor do sol sobre ela enquanto esperava. A verdade era que ela não se importava se morresse naquele dia. Sartres ficaria em segurança, pois o seu pai e Anka estavam a ir para encontrá-lo. Rexus estava morto, mas a rebelião continuaria. Quanto a Thanos...

Ceres obrigou-se a respirar enquanto ela pensava no facto de ele estar morto, deixando o ar sair lentamente enquanto tentava voltar para o lugar calmo onde ela havia estado. Ela não tinha a certeza se queria estar viva num mundo onde ele já não estava.

Por fim, os guardas foram buscá-la, martelando na porta de uma forma que fez com que os ouvidos de Ceres ficassem a tocar depois do silêncio. Eles colocaram-lhe correntes para a levar para o Stade, embora Ceres não tivesse intenção de fugir agora. Ela viu a forma como os guardas a vigiavam agora, com uma espécie de respeito e medo. Eles, obviamente, tinham-na visto lutar da primeira vez.

Ela tinha feito o caminho para o Stade muitas vezes para praticar, mas parecia diferente ao ir para uma luta real. Parte disso era o som. Mesmo ali, os aplausos da multidão estavam filtrados, fazendo com que Ceres sentisse como se estivesse dentro da barriga de uma coisa viva.

Eles chegaram à sala de preparação e os guardas tiraram-lhe as correntes.

Para sua surpresa, um assentiu.

"Boa sorte."

"Obrigado", disse Ceres. Era difícil, por vezes, lembrar que mesmo os guardas eram pessoas. Tinha aquele a visto lutar a última vez? Ceres abanou a cabeça. Ela tinha de se concentrar em estar pronta para o que estava por vir, mas tal parecia impossível quando a sua mente continuava a voltar a outras coisas. A

última vez que tinha estado no Stade, como é que o seu pai se estaria a dar, Thanos...

Ceres entrou mais para dentro das salas de preparação. Ela não queria pensar em Thanos então, porque doía muito. Paulo, o seu guardião de armas, estava à espera dela com a sua armadura peitoral e kilt que deixava as suas pernas nuas.

Ceres sabia que a ideia era ter armadura que protegesse as áreas mais vitais do corpo, enquanto ainda dava à multidão a oportunidade de ver sangue nas areias.

Tal fazia com que as lutas durassem mais. Como se em resposta àquele pensamento, Ceres ouviu a aclamação que só vinha com o fim brutal de violência.

Um minuto depois, as portas de ferro que levavam até ao Stade abriram-se, com os guardas a deixar entrar um corpo que estava a ser arrastado. Eles abandonaram-no num dos lados da sala, provavelmente à

espera de mais.

"Dizem-me que estás a lutar contra o homem de Lucious hoje", disse Paulo.

Ceres assentiu, pegando a sua espada. "Sabes alguma coisa sobre ele?"

Paulo parecia desconfortável. Ceres percebeu porque é que ele, de repente, ficou quieto.

"Está tudo bem", disse ela. "Eu prefiro ouvi-lo. Tenho certeza que o Mestre Isel diria que conhecer um adversário é importante."

Paulo sorriu ao ouvir aquilo. "Ele diz que deves conhecer um inimigo como um irmão." Ceres viu o sorriso a desaparecer. "Mas ele também diz que a vitória nasce da confiança."

Ceres compreendeu. "Está tudo bem. Eu quero saber com o que estou a lidar."

"O Último Suspiro", disse Paulo, e Ceres podia ver o brilho de medo que atravessou o rosto do seu guardião de armas, enquanto falava sobre ele. "Ele foi trazido para cá, para o sul, de longe. Ele é maior do que tu, e mais forte. Ele é rápido, também."

Ceres encolheu os ombros. Ela imaginou que ele seria maior do que ela. A maioria dos lordes de combate eram. "O último homem com quem eu lutei era forte, também."

"Não tanto como este", disse Paulo. Ele abanou a cabeça. "A última vez que ele lutou no Stade, ele deixou cair a sua arma, então ele esmagou o crânio do adversário para acabar com ele. Mas ele não é apenas forte. Antes, ele lutou com Navencius. Eu nunca vi ninguém com um tridente melhor que Navencius, mas o Último Suspiro vence-o em menos de um minuto."

Ceres engoliu em seco. Ela observava as matanças o suficiente para saber o quanto isso significava. Habitualmente era difícil aproximarem-se dos lutadores de Tridente, com as suas lutas a parecerem longos jogos do gato e do rato. Matar um dos melhores com aquela arma tão rapidamente era mais do que impressionante, era assustador. Talvez o Mestre Isel tivesse razão. Talvez fosse melhor não saber.

"Portanto, eu deveria evitar o tridente então?", brincou Ceres.

Porém, Paulo não se riu. Em vez disso, ele segurou uma espada numa mão e um longo punhal na outra. "É melhor limitares-te ao que treinaste."

"Um punhal portanto?", perguntou Ceres. "Não um escudo?"

"Um escudo apenas te ia querer fazer ficar parada", disse Paulo. "Confia em mim."

Ceres confiou. Todas as pessoas ao redor do Stade tinham-se tornado algo como uma segunda família para ela, e Paulo sabia o que estava a fazer. Ela pesou a adaga na sua mão. Era comprida o suficiente para ser uma ameaça não só ao pé, mas curta o suficiente para não ficar no caminho da sua espada enquanto ela a empunhava. Era uma boa escolha. Ela esperou com as armas ao seu lado, enquanto que, para lá da sala de preparação, os sons da multidão aumentavam.

Por mais duas vezes, os guardas voltaram com corpos, enquanto outros três lordes de combate coxeavam de volta com feridas que precisavam ser suturadas.

Por fim, era a vez dela.

Ceres esperou que os portões de ferro se abrissem. Em seguida, saiu para a areia, pestanejando enquanto os seus olhos se ajustavam à luz solar. O cântico da multidão atingia-a ao mesmo tempo que a batida do seu coração.

"Ceres! Ceres!"

Da última vez, as palavras tinham parecido percorrê-la, construindo o seu próprio entusiasmo. Agora, no entanto, o entusiasmo sentia-se enterrado em algum lugar debaixo de tudo o que tinha acontecido. Os sentimentos da noite anterior ainda estavam lá. Ela estava lá para morrer. Ela sabia disso. Com Thanos morto, ela até se congratulava com aquilo. Mas ela não ia dar à realeza a satisfação de morrer sem lutar.

Ela saiu para o meio do Stade, olhando para a multidão. As bancadas pareciam estar ainda mais cheias naquele dia do que normalmente estavam.

Aquelas pessoas a mais estavam ali para a ver? Ela olhou para o camarote real.

Certamente, Lucious estava lá para assistir. Porém, os outros não estavam lá, como se ver o espetáculo da sua luta fosse de alguma forma algo inferior a eles.

Cornetas soaram. O seu coração gelou quando viu o seu adversário a sair para as areias.

Ele era tão grande como Paulo havia prometido, a sua pele escura com músculos salientes e tatuagens. Ele praticamente não usava armadura para além do kilt e pequenas grevas, como se ignorando a possibilidade de ser atingido.

Como arma, ele tinha um bastão que tinha espadas em forma de crescente em cada extremidade. Ele inclinou-se sobre o bastão, ignorando a multidão. Até mesmo o

seu guardião de armas parecia ter medo dele, seguindo-o por trás a uma distância segura e olhando para Ceres como se ele estivesse pronto para correr a qualquer momento.

Na borda do camarote real, um oficial vestido de branco levantou-se e fez um gesto pedindo silêncio e anunciou o combate.

"Para o nosso próximo combate temos a única mulher que já lutou no Stade, a princesa das areias: Ceres"

Ela deu um passo para frente, esperando enquanto os aplausos subiram para um crescendo. Ela devia ter ficado com medo, entusiasmada, qualquer coisa. Em vez disso, os pensamentos sobre o que havia acontecido com Rexus e Thanos pareciam consumir tudo o mais dentro dela, puxando-a para baixo para algum poço sem fundo dentro de si. Havia ali raiva, porém. Raiva por tudo o que a realeza tinha feito com ela, e com a forma como aquele mundo cruel funcionava.

Uma parte de Ceres deu por si a acolher a violência que estava para vir.

"Contra ela", continuou o anunciante, "temos o maior lorde de combate do Príncipe Lucious, o terror do Stade: O Último Suspiro".

O Último Suspiro estava ali, encostado à sua arma no que parecia a Ceres como sendo desprezo pela multidão. Ela se perguntou por um momento se ele gostava alguma coisa daquilo. Em seguida, ele levantou a arma e começou a girá-

la. O bastão de espadas devia pesar mais do que qualquer uma das armas de Ceres, mas o seu adversário girava-o como se não fosse nada.

Ele girava-o em arcos acima da cabeça e, em seguida, para os lados. Ceres podia ouvir o farfalhar das espadas quando elas cortavam o ar, com o seu ritmo como as equipas de foices que cortavam as ervas no prado no verão. Ele não via a arma enquanto a girava. Em vez disso, Ceres viu os olhos dele fixos firmemente sobre ela. Ele fez um arco final com o bastão de espadas e, em seguida, virou-o para baixo para espalhar a areia debaixo dos seus pés.

A multidão aplaudiu a exibição, mas o adversário de Ceres não reagiu. O seu olhar não vacilou, e Ceres podia sentir a hostilidade ali quando os seus olhos perfuraram os dela. Ela teve então o desejo de dar um passo para trás, ou recuar, mas manteve-se imóvel, concentrando-se em tudo o que o Mestre Isel lhe tinha ensinado. Ela podia vencer aquele adversário, mas ela tinha de se mover e manter em movimento.

Cornetas soaram para sinalizar o início da competição. Para Ceres, pareciam vir de muito longe. Mesmo a multidão parecia ocupar um espaço diferente. Havia apenas ela e o seu oponente, agachado e à espera. A explosão da corneta continuou por alguns segundos, desaparecendo em ecos, enquanto Ceres esperava.

Em seguida, o Último Suspiro saltou para ela, quase rápido demais para se seguir. Ceres sabia que tinha chegado o momento de lutar pela sua vida.

CAPÍTULO QUINZE

Quando Stephania encontrou o rei e a rainha, eles já estavam na sessão da manhã da sua corte, ouvindo uma discussão sobre os direitos comerciais nas franjas do Império. Um comerciante gordo discutia com um dos nobres menos importante da corte na frente deles.

"E eu digo que eu fiz todos os pagamentos necessários", disse o comerciante.

"Mas o Lorde Hywell não os passou aos colecionadores de receitas do Império."

"E há alguma evidência disso?", insistiu o nobre. "Tens registos desses pagamentos?"

"Chega", disse o Rei Claudius. Ele beliscou a ponte do seu nariz. "Achas que eu quero ouvi-lo a balbuciar tão cedo? Alguém encontre os registos do coletor de impostos reais. Se não há nenhum registo do imposto a ser pago, o comerciante Zorat vai pagar isso agora, juntamente com uma multa de uma parte por cem."

"Mas sua majestade..."

O olhar do rei era o suficiente para que mesmo Stephania sentisse o desejo de dar um passo atrás.

"Devias estar grato", disse ele. "Tentar evitar os impostos do Império normalmente é punido com a força. O que me lembra, quando encontrarmos o cobrador de impostos reais, ele que passe na propriedade do Lorde Hywell e descubra com quanto ele ficou que deveria ter sido meu."

Desta vez, foi a vez do nobre ficar pálido. "Eu sempre fui leal."

"É leal roubar do teu rei?", perguntou a rainha. "Tira dos camponeses se tiveres, mas *não* roubes de nós. Agora sai. O tribunal terminou por esta manhã."

"Esperem, suas majestades", disse Stephania. "Eu devo ser ouvida."

Quase todos ali se viraram para ela. A maioria parecia um pouco chocada por alguém se atrever a contradizer a rainha. Especialmente quando ela e o rei já pareciam estar com um humor perigoso. Vários recuaram, como que para se distanciar de tudo o que ia voltar.

"Stephania?", chamou a rainha. "Achas que podes ignorar as nossas ordens?"

Stephania vez a sua mais perfeita vénia, mantendo os olhos cuidadosamente para baixo. Ela tinha a certeza que ela parecia o retrato perfeito da submissão elegante à autoridade real.

"Perdoem-me, suas majestades, mas tenho informações que eu acredito que vão querer ouvir. Informações urgentes relativas a Ceres."

Ela olhou para cima para ver o Rei Claudius a olhar diretamente para ela.

"O que é que se passa com ela?", perguntou o rei. "Ela vai morrer no Stade hoje."

"Se Lucious estiver certo", disse Stephania. Ela endireitou-se. "E mesmo assim, é perigoso. A multidão pode tratá-la como uma heroína quando ela morrer."

Ao lado do rei, a rainha Athena tamborilava os dedos nos braços do seu trono. "Não foste tu uma das pessoas que sugeriu que era melhor o Stade do que executar Ceres? Estás a dizer-nos que nos aconselhaste mal, Stephania?"

Stephania pensou rapidamente. "Eu argumentei contra a execução de Ceres, sua majestade. As pessoas não iriam apoiar o facto de ela ser simplesmente morta sem motivo. Mas agora, eu acredito que eu *tenho* uma razão."

Então, Stephania captou a mudança de ares. Sentir o clima da corte era uma aptidão essencial para qualquer um na sua posição. Agora, ela podia senti-lo a mudar-se de afiado e perigoso para algo muito mais esperançoso.

"Que razão?", perguntou o Rei Claudius.

Stephania tirou o anel que ela tinha obtido da mãe de Ceres. Ela não o havia limpo, porque a mancha de sangue sobre ele parecia fazer a coisa toda muito mais convincente.

"Este anel é de um traficante de escravas chamado Lord Blaku."

"Não o conheço", disse a rainha. "Qual é o papel dele nisto?"

Era uma surpresa para Stephania que a rainha pudesse conhecer um traficante de escravas, mas a nobreza fazia o seu dinheiro através de todas as maneiras.

"Ele está morto, sua majestade", disse Stephania. "Tenho informações de que Ceres foi a pessoa que o matou, de quem trouxe este anel."

"E quem era?", perguntou a rainha.

"A mãe dela, sua majestade", disse Stephania. Ela arriscou um sorriso, porque essa era a parte que garantia a situação. Qualquer um poderia fazer uma acusação, mas ser denunciado pela própria mãe? Tal era praticamente impossível de ignorar. "Ceres era propriedade do traficante de escravas, e ela matou-o, enquanto escapava dele."

Stephania ouviu alguns a suspirarem no tribunal. Eles claramente compreendiam a gravidade do crime. Neste cenário, eles poderiam fazer quase qualquer coisa que quisessem com Ceres e isso não importaria.

O Rei Claudius juntou os dedos. "O que queres que façamos, Stephania? Não seria mais simples permitir que ela morresse no Stade?"

"Mais simples", disse Stephania, "mas talvez não melhor."

"E tens algo em mente em vez disso?"

Stephania assentiu. "Tenho, sua majestade. A Ilha dos Prisioneiros."

Isso provocou mais outro suspiro e Stephania sorriu para ele. Com todas as punições que o Império tinha, parecia que a perspectiva da Ilha dos Prisioneiros ainda tinha o poder de chocar. Stephania poderia entender isso. Era um lugar de crueldade e punição, do qual poucos regressavam. Aqueles que voltavam, voltavam destroçados e mudados, como sombras dos seus antigos eus. Stephania olhou em volta e viu que todos eles começavam a entender.

"No Stade," Stephania disse: "Ceres é um embaraço. Na melhor das hipóteses, ela é a miúda que tínhamos de matar publicamente porque a odiávamos tanto. Ela torna-se, dessa forma, um símbolo. Na pior das hipóteses... talvez ela ainda continue a ganhar."

"E isso vai se tornar um tipo diferente de símbolo", disse a rainha Athena.

"Um símbolo de que as pessoas podem resistir-nos com sucesso. Hmm.."

Stephania tem razão, Claudius."

O rei ficou ali parado, no que parecia ser uma eternidade. Stephania podia vê-

lo a equacionar. Outra pessoa poderia ter tentado dizer alguma coisa, empurrando-o numa direção ou outra. Lucius certamente teria, e, provavelmente, teria tido o seu rei em desacordo consigo, só para lembrá-lo do seu lugar.

Stephania tinha aprendido a lição que o nobre peticionário perante si não tinha.

Às vezes, era melhor ser paciente.

"Sim", disse o rei, finalmente. "Eu acredito que ela tem razão. É um plano muito melhor do que o do Lucious, pelo menos."

Stephania sorriu tão docemente quanto conseguiu. "Tenho a certeza de que Lucious sabe o que está a fazer."

A Rainha Athena olhou para ela com cuidado. "Mesmo assim, eu acho que talvez te tenhamos subestimado no passado, Stephania."

"Oh, não, sua majestade", disse Stephania, apesar de ser, sem dúvida, verdade. "Sempre foste muito gentil. E isto... bem, a mãe de Ceres poderia ter ido ter com qualquer pessoa."

"Sim, eu suponho que poderia", disse a rainha.

Claro, Stephania pensava, que isso requeria que os outros prestassem atenção e mantivessem os seus ouvidos abertos a informações úteis. Qualquer um deles *poderia* ter feito isso. Nenhum deles fez. Mas Stephania não tinha desejo de parecer esperta demais. Era melhor se eles apenas pensassem que ela tinha tido sorte. Muita, muita sorte, naquele caso.

"O que achas que deve ser feito com Ceres quando ela chegar à Ilha dos Prisioneiros, portanto?", perguntou o rei.

Stephania estendeu as mãos. "Uma morte tranquila, sua majestade. Da maneira que mais lhe agradar."

O Rei Claudius acenou. "Uma morte tranquila, sim. Uma morte que não cause mais problemas."

"E uma morte onde possamos demorar o nosso tempo", acrescentou a Rainha Athena. Havia algo de cruel sobre o conjunto das suas características quando ela disse aquilo, mas Stephania imaginou que ela se podia dar ao luxo de ser mais aberta do que Stephania era.

O Rei Claudius parecia estar decidido. "Sim, eu gosto desta ideia. Vai para o Stade, Stephania. Certifique de que Ceres não é morta, onde as pessoas vão vê-

la como uma mártir. Em vez disso, faz com que ela desapareça."

"Eu, sua majestade?", perguntou Stephania. Ela pensava que eles iam enviar um servo, ou os seus guardas, ou talvez eles próprios fossem. Ela não queria ser a pessoa que ia terminar a diversão de Lucious diretamente. Ele era potencialmente um aliado muito útil.

"Tu és a pessoa que sugeriu isto, Stephania", disse a rainha Athena. "Tu deves ser quem a coloca em prática. Vais ter a nossa total autorização."

E, sem dúvida, ser responsabilizada se alguma coisa corresse mal, pensou Stephania. Ainda assim, a ideia do rei e da rainha relativa à plena autoridade era agradável. Stephania fez outra vénia.

"Obrigado por confiarem em mim, suas majestades. Eu não vos vou dececionar."

"Eu tenho certeza que não vais", disse a rainha Athena. "E se não nos dececionares, vamo-nos lembrar de toda a ajuda que nos tens dado recentemente.

Agora vai."

"Imediatamente, sua majestade."

Stephania saiu da sala do trono menor, mantendo as cortesias necessárias na corte. Deu-lhe tempo suficiente para apreciar o fato de que as coisas estavam a ir da forma que ela queria. Quando chegou à porta, ela virou-se e correu pelos corredores do castelo. As Matanças já estariam a decorrer, com a multidão de plebeus a torcer na sua sede de sangue, e já não faltava muito tempo para cumprir as ordens do rei e da rainha. Stephania não queria pensar no que poderia acontecer se ela falhasse.

Stephania passou de uma caminhada para uma corrida. Ela nunca tinha pensado que iria fazê-lo, mas agora ela tinha de chegar ao Stade antes que Ceres fosse morta.

CAPÍTULO DEZASSEIS

Ceres atirou-se para trás pouco antes de uma espada em forma de crescente passar, de repente, perto da sua garganta. A multidão vibrava. O instinto levou-a a agachar-se quando a outra extremidade do Último Suspiro foi empurrada contra si.

Ela caiu na areia, sentindo-a a raspar a sua pele. Ela levantou-se com a sua adrenalina em alta com a intensidade da luta.

A multidão aplaudiu.

Ceres ficou ali por um momento, tentando orientar-se quando o seu oponente avançou para ela, mas não tinha tempo. Ela aparou outro golpe com as espadas cruzadas e, então, sentiu o eixo do bastão a bater-lhe nas costas.

Novamente, a multidão gritou.

Ceres recuou e circulou, mantendo-se à distância enquanto procurava uma maneira de passar o círculo rodopiante das arestas das meias-luas. Enquanto aqueles que estavam a assistir gritavam para ela atacar, ela se obrigava a respirar profundamente, recordando as suas aulas.

Paulo tinha razão sobre a força do seu oponente. Sempre que Ceres aparava um golpe do bastão, o choque reverberava pelos seus braços acima. Eles já lhe doíam do esforço, pelo que ela sentia como se toda a força que tinha construído nos treinos estivesse a correr para fora de si como água de um cano rachado.

Ela mudou-se para a direita, procurando uma maneira de fechar a distância.

Ela fintou com a sua espada, baixou-se sob um golpe de resposta e conseguiu raspar um corte em todo o braço do seu oponente com a sua adaga. Ceres ouviu a multidão cantar o nome dela.

Um raio de luz solar sobre o aço avisou sobre o contra-ataque e ela esquivou-se por pouco novamente.

O Último Suspiro ficou ali, tocou no seu braço e levantou um dedo sangrento, como se para examiná-lo. Ele encolheu os ombros e Ceres quase relaxou. Então ele pulou para a frente de novo, com golpes indo na direção de Ceres tão rapidamente que ela mal conseguia vê-los.

Ceres aparou os três primeiros, tentou esfaquear em resposta, e sentiu a dor súbita na sua perna quando uma das espadas a golpeou. Ouviu-se o choque do aço no aço quando mais um golpe a atingiu na armadura peitoral, combinado com um impacto que a fez girar para longe, felizmente fora do alcance do golpe de espadas que se seguiu.

Ceres viu o fraco rasto de gotículas no ar quando o bastão girou, arrematando o seu sangue.

Ceres, desesperada, chutou areia para cima para os olhos do lorde de combate, tentando ganhar tempo. A areia formou uma nuvem entre eles, deixando de ver por breves instantes o seu oponente. Uma espada crescente emergiu daquela nuvem balançando à volta tão rapidamente que Ceres mal a apanhou.

A sua espada estalou. Ceres teve um instante para recuar enquanto os fragmentos voavam; a espada arrancou-se logo acima do punho, provocando o choque na multidão que susteve a respiração.

Ela atirou a sua arma para o seu adversário e tentou manobrar à volta, de modo que Paulo conseguisse atirar-lhe uma nova arma. Porém, o Último Suspiro parecia ter previsto aquilo, mantendo-se entre ela e o seu guardião de armas, bloqueando qualquer oportunidade de Paulo atirar-lhe a pesada rede que ele estava a segurar.

Ceres deu por si à espera do poder que lhe tinha chegado nas suas lutas anteriores. Ela tentou convocá-lo, mas a verdade era que ela não tinha nenhuma ideia de como. Se ela conseguisse encontrar o poder que ela tinha usado antes para matar, ela poderia ter uma hipótese.

Mas ele não veio.

Pela primeira vez no Stade, ela sentiu-se... comum. Era apenas ela contra aquele monstro de um homem.

Ela percebeu, fria e duramente, que ia perder. Ceres ficou surpreendida ao descobrir o quanto isso significava para ela. Ela pensou que estava em paz com isso, pronta, até mesmo ansiosa por morrer. No entanto, agora que parecia que ela poderia morrer, o medo enrolou-se à sua volta, impossível de empurrar para trás.

Ela conseguiu dar a volta o suficiente para Paulo lhe lançar a rede pesada.

Não era uma arma de batalha da mesma maneira que uma espada era. Era algo projetado para uso no Stade, então, nesse sentido, talvez fosse uma boa escolha contra um adversário de tão longe, que poderia nunca ter visto uma antes. Um lutador hábil, com aquilo, poderia emaranhar e fazer tropeçar, envolver e confundir um adversário. Ceres sabia a teoria, mas ela tinha passado muito menos tempo com aquilo do que com a espada.

Ela manteve a distância do Último Suspiro, lançando a sua rede em arcos que ela tentava que correspondessem aos arcos do bastão de espadas. A sua única esperança agora era cansá-lo, enredar as suas espadas e puxá-lo para perto para acabar com ele. Era um plano desesperado e enquanto o lorde de

combate continuava a atacar, Ceres deu por si a recuar, passo a passo.

À volta de Ceres, a multidão vaiava. Se antes ela os ouvia a chamar pelo seu nome, agora ela ouvia vaiar e silvar. Ceres sabia o quanto as multidões no Stade

queriam ação. Eles odiavam combatentes que fugiam, apesar de que, naquele momento, Ceres não conseguia pensar numa opção melhor. O Último Suspiro avançou para ela, girando o seu bastão laminado, e chegar-se para trás foi a única maneira que ela conseguiu encontrar para sobreviver.

Por um momento, o bastão parou, e Ceres viu a sua abertura. Ela lançou a sua rede, atirando-a dissimuladamente na direção dele, fazendo com que se enrolasse no cabo da arma do seu oponente sem parar. Os pesos na rede trancaram-na no lugar, tão firmemente como se Ceres a tivesse amarrado. Envolvendo a corda que a segurava em torno do seu antebraço, Ceres fincou-se e puxou, tentando arrancar a arma do seu oponente.

Ela viu o Último Suspiro a sorrir enquanto ficou ali, firme como uma rocha.

Ele afastou-se e Ceres sentiu-se a ser puxada para a frente. Tarde demais, ela percebeu o perigo de prender a rede com tanta força. O seu oponente bateu com o punho da sua arma para a frente quando ela tropeçou, e a arma apanhou-a mesmo acima do maxilar. Por um momento, o mundo parecia nadar, e Ceres provou o sabor de ferro do sangue.

O lorde de combate atingia-a assim, sem parar, usando a madeira áspera do bastão para lhe bater na cabeça e corpo, enquanto Ceres continuava presa por estar a agarrar a própria rede. Algures naquela agressão, ela perdeu o domínio sobre a adaga. Em seguida, o Último Suspiro pontapeou-a, esparramando-a. Ceres ouvia a multidão a aplaudir de novo agora, e eles não estavam a torcer por ela.

Ceres estava deitada de costas na areia. Ela queria levantar-se, mas parecia haver uma grande diferença entre pensar e fazer. Em vez disso, ela só conseguia ver como o Último Suspiro sobre ela, parecendo apagar o céu acima quando ele levantou o seu bastão laminado para um golpe mortal. Ceres engoliu em seco, antecipando o momento em que ele iria trazê-lo para baixo, tentando não mostrar qualquer medo.

Ela ouviu um som de corneta, como se ao longe, e conseguiu olhar para o camarote real. Ela deveria ter adivinhado que Lucious iria querer tomar essa decisão. Seria um lembrete final para Ceres que o seu destino estava nas mãos dele. Ela olhou para o camarote real e viu o nobre ali de pé, com o braço estendido, enquanto a multidão no Stade chamava pela vida ou morte.

Muitos pareciam estar a pedir a sua morte.

Estava outra figura no camarote real, porém. Ceres demorou algum tempo a reconhecer Stephania e perceber que ela estava a discutir com Lucious. Lucious estava vermelho de raiva, com as suas feições próximas da fúria. Lentamente, com óbvia relutância, ele virou o polegar para cima pela vida.

Os guardas correram para a areia. Vários guiaram o adversário de Ceres de volta na direção dos portões de ferro. Mais agarraram-na pelos braços, erguendo-

a entre eles, pelo que os seus pés arrastavam-se pelo chão. Fixaram algemas nos seus pulsos parecendo não se preocupar com a forma como o ferro a picava.

Ceres queria lutar enquanto eles a arrastavam para longe, mas naquele momento ela não tinha forças. Ela ouvia as vaias da multidão a seguirem-na no Stade. Ela ainda os conseguia ouvir quando eles chegaram às salas de treino. Ela esperava que lhe tirassem ali as algemas, ou talvez que fosse arrastada de volta para os seus aposentos. Em vez disso, os guardas seguraram-na no lugar, ainda com as suas correntes, até que a porta para o exterior se abriu.

Stephania e Lucious entraram na sala juntos. Lucious ainda parecia irritado com Ceres, como se ele não conseguisse aceitar ter sido enganado por ter perdido a oportunidade de a ver morrer. Stephania parecia satisfeita, até mesmo triunfante.

"Devias agradecer-me pela tua vida, Ceres", disse Stephania. "Afinal de contas, acabei te de salvar."

"Porquê?", perguntou Ceres. Ela viu Stephania a acenar para os guardas e eles atiraram-na de joelhos para o chão.

"Vais dirigir-te a mim com a deferência apropriada, camponesa", disse Stephania. Ela fez uma pausa. "Não, tu não és uma camponesa, pois não? Tu és uma escrava."

Ceres começou a sacudir a cabeça, mas Lucious adiantou-se e agarrou-a.

"Isso foi bom. Se tivéssemos tempo, eu faria muito mais, escrava. Eu não podia acreditar quando Stephania me disse o que tu eras."

"Mas é verdade", disse Stephania. "E logo, todo mundo vai ouvir. Ceres é uma escrava que assassinou o seu dono."

"Eu nunca fui propriedade de ninguém", Ceres ripostou. Ela sentia a raiva a crescer dentro de si. "O Lorde Blaku não tinha o direito de me levar."

Stephania estendeu a mão para tocar o rosto de Ceres. "Achas que isso importa? O que importa é que tu o mataste. O que importa é o que as pessoas vão *ouvir*."

Stephania recuou em direção à porta, com um sorriso cruel no rosto.

"A tua morte não será rápida e valente", disse Stephania. "Vai ser lenta, dolorosa e anónima. Diz adeus a Delos e desfruta da tua viagem para a Ilha dos Prisioneiros", concluiu.

CAPÍTULO DEZASSETE

Thanos cortou o seu caminho em direção ao posto de comando de soldados do Império em Haylon. Um soldado balançou a espada na sua cabeça e Thanos baixou-se, atacando com a sua própria arma para atirar o homem ao chão. Outro correu para ele e Thanos desarmou-o, empurrando-o de volta para a comoção à sua volta. Ele lutava sem parar, nunca abrandando.

Ao lado dele Akila e os seus homens lutavam muito, indo para as tendas que o Império tinha erguido na borda da cidade. Era fácil avistá-los, porque o estandarte do Império estava pendurado acima deles, juntamente com bandeiras que proclamavam a presença do general Draco.

Os navios do Império tinham-se ido embora e a batalha por Haylon não durou muito tempo. Thanos tinha

razão em calcular que, sem o seu abastecimento e as suas armas de cerco, os seus oponentes estariam em desvantagem. Os soldados podiam ter estado em vantagem numérica, mas eles não tinham comida e não havia lugares seguros para dormir. Eles não sabiam que a ilha, e os homens de Akila eram especialistas em saltar de lugares escondidos para atacar.

"Continuem a andar!", gritou Thanos, e para sua surpresa, os rebeldes responderam. Desde os ataques contra os navios, não tinha havido mais conversas sobre matá-lo. Em vez disso, eles haviam confiado nele como um dos seus próprios. Tinha ajudado o facto de que Thanos tinha lutado ao lado deles contra os soldados que ainda restavam, conflito após conflito, ao longo de uma longa noite de luta.

Thanos derrubou outro soldado, fazendo o seu melhor para não matar o homem. Mesmo agora, parecia-lhe errado arriscar matar homens comuns que provavelmente não tinham muita escolha sobre estar ali. Parecia errado matar homens pelos quais, enquanto seu

Príncipe, ele deveria ser responsável. No entanto, ele continuava, porque recuar e deixá-los tomar a ilha teria sido pior.

"Já estás cansado, Príncipe?", perguntou Akila com um sorriso.

"Eu consigo continuar, se tu conseguires", respondeu Thanos, embora a verdade era que ele teria gostado de parar. Tinha sido uma longa noite de luta, e agora a sua espada parecia que era de chumbo em vez de aço. Era cada vez mais difícil oscilá-la.

Ele não tinha de continuar, apesar de tudo. A batalha terminou tão rapidamente quanto uma tempestade de verão. Thanos viu os poucos restantes soldados do Império entre os rebeldes e as tendas de comando atirarem ao chão as suas armas

e fugirem. Os rebeldes cercaram as tendas do comando, e, menos de um minuto depois, arrastaram duas figuras.

O General Draco andava de costas direitas e orgulhoso, de modo que a Thanos, ele parecia como se estivesse a marchar para um desfile. Ele parou quando viu Thanos, e Thanos imaginou que ele ficasse surpreendido por vê-lo vivo. Aquilo disse a Thanos muito sobre o quanto ele sabia da tentativa de assassinato. O Typhoon estava ensanguentado e magoado, ainda a lutar, mas mantido no lugar por meia dúzia de homens.

Thanos viu Akila a olhar para ele.

"Entendes que não podemos simplesmente deixar que eles vivam?", disse o líder rebelde. "Depois de tudo o que fizeram à nossa cidade, não podemos deixá-los ir."

Thanos entendeu o que Akila estava a dizer. Ele, obviamente, pensou que Thanos iria tentar salvar o geral e o Typhoon da mesma maneira que ele tinha tentado proteger os outros. Thanos não respondeu. Em vez disso, ele aproximou-se do General Draco.

"Draco".

"Thanos", disse o general. "Estou surpreso por te ver vivo."

"Eu sou mais difícil de matar do que isso", disse Thanos.

O general encolheu os ombros. Havia ali uma ponta de fatalismo. "Presumo que a captura dos nossos navios ficou a dever-se a ti? Ouvi relatos, mas eu não teria pensado que serias cruel o suficiente para disparar sobre o teu próprio lado.

Tu eras bastante reticente antes, eu lembro-me."

A mão de Thanos apertou-se em torno do punho da espada. "Tu ordenaste as mortes de mulheres e crianças. Incentivaste os teus soldados para violações e pilhagens. Eu não gosto de matar, mas o mundo fica melhor sem ti."

Parecia que o general queria dizer alguma outra coisa, mas Thanos não lhe deu uma oportunidade. Ele fê-lo rapidamente, antes que ele pudesse se conter. Ele empurrou para cima, na garganta do geral e para fora outra vez, dando um passo para trás, enquanto Draco olhava para ele em choque óbvio. O general caiu de joelhos e, em seguida, caiu para a frente na sujidade. Thanos passou para o Typhoon.

"Quem te mandou matar-me?", perguntou.

O Typhoon olhou para ele. "Deixas-me viver, se eu te disser?"

"Não", disse Thanos. "Tu vais morrer por todo o mal que fizeste aqui. Vais morrer por me tentares matar. Mas pelo menos podes morrer com alguma honra."

"O que é que sabes sobre a honra, traidor?", exigiu Typhoon.

Thanos atacou-o, desta vez com um golpe lateral, que terminou com a cabeça enorme do soldado a rebolar pelo chão. Thanos deixou cair a espada no chão. Ele

devia ter-se sentido satisfeito com aquilo, ou eufórico com a vitória, mas da forma como tinha sido parecia apenas que uma tarefa desagradável estava completa.

"Parece que, afinal, eu não precisava de me preocupar contigo", disse Akila, vindo para a frente para bater no ombro de Thanos. "Bem feito. Sem ti, Haylon já teria caído nas mãos do Império."

Isso era uma boa coisa para se lembrar já que Thanos olhava para a morte e destruição na qual ele tinha participado. Isso significava que ele poderia olhar para Haylon, onde ainda havia incêndios, e pensar que tudo aquilo valia a pena.

"Eu fiz o que precisava de fazer", disse Thanos.

"Fizeste mais do que isso", Akila assegurou. "Agiste da maneira que agiria um verdadeiro amigo, e vamos sempre pensar em ti dessa forma. Não, como mais do que isso. Como um irmão."

Ele abraçou Thanos. Thanos não sabia o que dizer. Ele não tinha tentado fazer nada de especial. Ele só estava a tentar fazer a coisa certa para o povo de Haylon.

Para libertar as pessoas.

"E agora?", perguntou Thanos. "Mais emboscadas?"

Akila abanou a cabeça. "Se os soldados do Império desejam fugir, deixa-os.

Quanto ao que acontece a seguir... bem, eu ia pedir-te isso, Príncipe. Eu e os meus amigos devemos-te muito, então o que queres fazer agora?"

Thanos ficou ali, a olhar para as tendas enquanto tentava decidir-se. A brisa do mar lavava algum do cheiro da morte que o rodeava, mas não todo. Não por um longo caminho.

O que é que ele queria? Durante os últimos dois dias, ele sentia-se como se tivesse estado a correr por instinto. Agora, porém, havia um momento para pensar, para fazer uma pausa e sentir. A última parte era fácil, pelo menos. Pela primeira vez na sua vida, ele sabia exatamente o que sentia.

Ele chegou-se à frente e apanhou um punhado do estandarte do Império, arrancando-o para baixo.

"Eu quero vingança", disse ele. "Eu tentei tanto ser o tipo de príncipe que o Império precisava, e eles tentaram matar-me por isso. Eu quero descobrir quem ordenou isso."

"É tudo o que queres?", perguntou-lhe Akila.

Thanos abanou a cabeça. Não era a única coisa. Não por um longo caminho.

"Eu quero encontrar uma maneira de fazê-lo parar. Eles passaram as suas vidas a prejudicar as pessoas que era suposto em nomes das quais eles governarem, a construir palácios e a tirarem deles. Quero ir para lá e tirar-lhes tudo à sua volta.

Quero mudar a forma como o regime trata as pessoas. Eu quero certificar-se de que pessoas como tu ficam livres para sempre... E quero ver Ceres."

Aquilo fê-lo brilhar mais do que todo o resto junto. Quando ele pensava que ele estava a morrer, era nela que ele pensava, e agora ele não queria nada mais do que ser capaz de a ter nos seus braços. Ele não se importava com o que fosse preciso, ele precisava voltar para ela.

"Quero levar os teus homens para o meio de Delos, tomar a cidade, e não parar até limparmos toda a crueldade no Império", disse Thanos.

"Pareces determinado", respondeu Akila.

Thanos estava. Naquele momento, ele poderia ter derrubado toda a família governante e liderado ele mesmo o ataque à Delos. Ele viu o líder rebelde sacudir a cabeça porém.

"Mesmo se eu pudesse convencer os meus rapazes a marchar para Delos agora", disse Akila, "não seria o momento certo para isso. O Império ainda está forte e os nobres ainda estão muito agarrados a Delos. Vai ser preciso mais do que um exército a entrar lá para resolvê-lo."

"O que será necessário, então?", quis Thanos. "Eu não posso simplesmente ficar aqui sentado sem fazer

nada, Akila."

"Não tens de o fazer", prometeu Akila. "Mas talvez possas fazer melhor dentro da corte de Delos do que podes a caminhar lá."

Thanos demorou um pouco para entender. "Queres que eu seja um espião para ti?"

Akila assentiu. "Tu és o único homem que pode ter uma oportunidade para trabalhar para os nossos interesses no interior. Podes dizer-lhes que sobreviveste à luta. Pode dar-te uma oportunidade de descobrires tudo o que queres, e podes avisar-nos se o Rei Claudius quer enviar mais homens para Haylon."

Fazia sentido, mas, mesmo assim, era difícil. Thanos não gostava de jogar os jogos da corte. Estar lá como um espião só iria piorar a situação. Ele queria marchar e vingar-se diretamente. Mas a verdade era que ele nem sabia quem tinha encomendado a sua morte. Isso podia-lhe dar uma oportunidade para descobrir, para pavimentar o caminho para a rebelião...

... e para ver Ceres.

Aquele pensamento foi o que fez Thanos decidir. Se ele pudesse ver Ceres novamente, então o resto valeria a pena. Ele poderia aguentar com qualquer quantidade de subterfúgios e políticas se ela estivesse lá. Pensar que ela estava lá à espera era suficiente para fazê-lo querer apressar-se para casa.

"Como é que eu vou voltar?", perguntou Thanos.

"Deixa isso connosco", disse Akila.

Levou tempo, e, nesse tempo, os rebeldes comemoraram-no a ele. Eles provocaram incêndios onde as tendas do Império tinham estado, e aqueles tornaram-se rapidamente os pontos centrais de uma festa. Os rebeldes dançaram e

beberam, comeram e felicitaram-se uns aos outros. Thanos dava por si no coração de tudo, incapaz de passar mais de um minuto ou dois, sem que um dos rebeldes lhe batesse nas costas ou lhe oferecesse vinho.

Encontraram um pequeno barco para ele, no final, com um casal de pescadores de Haylon para o tripular. O barco no qual ele tinha vindo tinha desaparecido, perdido nos fogos que os rebeldes tinham posto, mas pelo menos aquele parecia que poderia fazer a viagem. Os homens de Akila encheram-no com comida e suprimentos, alinhando-se na praia para cumprimentar Thanos quando este entrou a bordo.

"Thanos! Thanos!"

Thanos estava ali a observá-los. Ele nunca pensou que iria sentir-se como se estivesse a deixar uma família. Ele estava supostamente a ir para casa, mas naquele momento, aquele era o lugar que o fazia sentir-se em casa. Ele viu Akila a acenar na areia e Thanos saudou-o com a sua espada, um guerreiro para outro.

Ele sentiu o solavanco do barco quando aquele se começou a afastar. Thanos ficou a ver até os homens de Akila ficarem fora de vista. Rapidamente voltou os seus pensamentos para Delos, e para tudo que o ele

teria de fazer uma vez que lá chegasse. Seria perigoso, talvez mais perigoso do que qualquer outra coisa que ele tinha feito. Tudo isso valeria a pena, no entanto, por uma razão simples: Ele ia ver Ceres novamente.

CAPÍTULO DEZOITO

Ceres tropeçava na escuridão enquanto eles marchavam para o navio-prisão.

À sua volta, ela ouvia as piadas e insultos das pessoas pelas quais ela passava.

Ela não conseguia vê-los, mas conseguia ouvir o seu súbito ódio e desprezo, a derramar-se sobre ela como água numa tempestade.

Ceres encolheu-se quando algo a atingiu, fazendo ricochete na sua armadura peitoral. Poderia ter sido uma peça de fruta ou uma pedra, ela não sabia. Sem conseguir ver e presa, não havia nenhuma possibilidade de se esquivar. A sua armadura peitoral e o seu kilt oferecia alguma proteção, mas apenas significava que ela era mais fácil de identificar para a multidão.

"Assassina!"

"Escrava!"

A parte mais difícil era ouvir a raiva em vozes que tinham chamado pelo seu nome no Stade apenas um pouco antes. Ceres sabia que a realeza devia ter começado os seus rumores e os seus anúncios, mesmo antes da sua luta no Stade ter terminado, porque só assim se poderia ter espalhado tão rapidamente.

Ela sentia o metal contra os seus pulsos enquanto os guardas a arrastavam pelas algemas que a prendiam. Ceres não lutava contra o movimento, mas, de qualquer maneira, sentia os seus súbitos arrancos e empurrões contra as correntes.

Ela ouvia as pessoas a rirem-se quando ela tropeçava e Ceres sabia que essa era a intenção. Eles queriam que ela se sentisse humilhada.

Finalmente eles chegaram a um impasse, e os guardas tiraram-lhe o capuz da cabeça, deixando-a piscar para conter as lágrimas na luz solar que parecia tremendamente brilhante depois da escuridão prévia.

Uma enorme forma estava diante de si. Ceres demorou algum tempo a distinguir o detalhe do navio que estava ali. Era um casco feio de uma coisa, volumoso e redondo, esfarrapado e com acessórios enferrujados. O navio-prisão parecia estar projetado para intimidar acerca dos horrores que estavam por vir na Ilha dos Prisioneiros. Até mesmo a passadeira parecia a coluna de alguma criatura morta há muito tempo.

Eles arrastaram Ceres. Ela andava com passos baralhados. Ela teve tempo suficiente para olhar para trás e ver as multidões, olhando sobre o mar para os rostos com raiva, todos ali para mostrar o seu ódio dela. Era por causa das coisas que a realeza tinha dito sobre ela, ou era porque ela tinha perdido, ou ambas? Ela não sabia.

A passadeira parecia estender-se para sempre. Ceres pensou em mergulhar dali para a água, mas acorrentada como estava, ela se afundaria instantaneamente, mesmo se se conseguisse libertar dos

guardas.

Os passos dela pareciam abanar a passadeira. Por um momento Ceres pensou que, de qualquer maneira, poderia atirar-se. Ela sentiu os guardas a agarrarem-na e a atirarem-na para a frente, para que ela caísse na madeira áspera do convés.

Acima dela, velas pretas estavam enroladas nos seus mastros, enquanto ela via marinheiros a descansar no convés, observando-a da mesma maneira como as multidões abaixo a tinham observado.

Ceres levantou-se, mas os guardas agarraram-na novamente. Arrastaram-na para uma escotilha com barras de ferro, a céu aberto e, em seguida, atiraram-na por ela, e ela caiu pelos degraus abaixo. Ela tentou enrolar-se e rebolar para não se magoar, mas, mesmo assim, o impacto abalou-a.

A primeira coisa que a feriu foi o cheiro de muitas pessoas muito perto, com um cheiro agudo e acre de suor. Havia pessoas amontoadas lá em baixo com grilhões e correntes. Ceres via homens, mulheres e crianças a serem atirados juntos, sem qualquer ordem ou cuidados aparentes. Alguns estavam amarrados uns aos outros, enquanto outros estavam presos às paredes. Ceres indagava-se sobre de onde é que tinham todos vindo e sobre o que tinham feito.

Ceres olhou para cima em direção à escotilha, apenas a tempo para um dos guardas cuspir-lhe para cima em desprezo.

"É melhor podes-te confortável. A Ilha dos Prisioneiros será muito pior."

Ceres não se atrevia a dormir enquanto o navio rolava e abanava fazendo o seu caminho através do mar. Em vez disso, ela ficou a olhar para os outros prisioneiros ali, tentando projetar uma sensação de força que iria manter os mais perigosos ao largo.

Era um lugar cruel. Alguns daqueles ali eram provavelmente pessoas perfeitamente normais: os membros da rebelião que o Império não queria matar muito rapidamente, pessoas que haviam roubado para alimentar as suas famílias, ou que estavam no lado errado dos jogos políticos da corte. Havia outros, porém, que eram muito mais perigosos. Desde que ela tinha lá chegado, tinha ouvido um homem a gabar-se do número de pessoas que tinha matado, enquanto havia outro a gritar em fúria, sem motivo aparente. Ceres já tinha visto lutas, assassinatos e muito mais lá em baixo.

Até onde ela podia dizer, os guardas não tinham interesse em parar nada daquilo. Quando traziam comida, eles atiravam-na aleatoriamente para que as

pessoas lutassem. Ceres conseguiu agarrar um pedaço de pão que caiu perto dela, mas houve outros que não tiveram tanta sorte. Ela viu um homem com as roupas desbotadas de um nobre a ser espancado por uma crosta, com o brocado dourado da sua túnica a ser arrancado, simplesmente porque podia ter algum valor. Aquele lugar parecia não ter regras para além da regra do mais forte. A violência do lugar era suficiente para fazer Ceres sentir-se doente por as pessoas se tratarem assim uns aos outros.

Então Ceres forçou os seus olhos a manterem-se abertos, tentando manter-se de costas para a antepara do navio, onde ela podia ver todos os outros ao seu redor. Ela ainda estava a observar quando viu a miúda.

Ela era jovem, provavelmente com cerca de dez anos de idade ou mais, e dolorosamente magra. O seu vestido estava rasgado, e o seu rosto manchado com sujidade. O seu cabelo loiro cor de areia estava tão embaraçado. A poeira fazia com que parecesse castanho em algumas partes. Naquele momento, ela estava a rastejar, tentando roubar comida da prostituta sem ser vista.

Ela não teve êxito. Ceres viu um homem grande, com cicatrizes, a voltar para ela e erguê-la em toda a sua altura.

"O que pensas que estás a fazer? Dá-me isso! Miúda magricela, eu vou matar-te!"

Ele deu um passo para a frente. Ceres não conseguiu manter-se no lugar. Ela saltou para entre a miúda e o seu futuro atacante, com as mãos para cima pronta para lutar.

"Deixa-a em paz", disse Ceres.

"Eu vou fazer o que quero", disse o bandido. Ceres viu-o a olhar para ela de cima a baixo. "A ela e a ti."

Ceres sentiu raiva a crescer dentro de si. A energia aumentou no seu encalce, inundando-a. O seu oponente avançou na direção dela para a atacar, mas ela já estava em movimento. Ela desviou-se da investida do bandido, deixando o pé para o fazer tropeçar. Enquanto ele caía, ela já estava sobre ele, com as algemas que ligavam os seus grilhões a envolver-se firmemente em torno da garganta dele.

Ela ouviu-o fazer um som borbulhante enquanto ela o estrangulava, antes de ele cair imóvel.

Ela poderia ter continuado. Ela poderia tê-lo sufocado até ele morrer, ou ter puxado até o pescoço dele estalar. Teria sido o tipo de mensagem que o resto do porão iria entender. Em vez disso, Ceres largou-o, chutando o corpo inconsciente do homem para longe.

Ela viu vários outros habitantes a irem ter com ele para roubá-lo. Ceres conteve o seu desgosto e voltou para o seu lugar, em vez disso. A miúda estava

ali, obviamente não querendo afastar-se muito dela. Mesmo assim, ela parecia assustada, como se esperasse que Ceres se lançasse a ela a qualquer momento.

"Está tudo bem", disse Ceres. "Eu não te vou magoar. Chamo-me Ceres."

A miúda levou um bocado de tempo a equacionar e Ceres adivinhou que ela estava a tentar descobrir todos os caminhos pelos quais a conversa poderia ir.

"Chamo-me Eike."

Ceres estendeu um pequeno pedaço de pão para ela, e Eike agarrou-o, olhando para ele por um momento antes de o engolir avidamente. Ela olhou para Ceres, como se à espera do que aquilo lhe custaria. Ceres apontou para o convés ao lado dela.

"Podes sentar-se, se quiseres", disse Ceres.

"Tenho de o fazer?", perguntou Eike.

"Não tens de fazer nada que não queiras."

A miúda bufou. "Eu sei que isso não é verdade aqui."

Mesmo assim, ela sentou-se. Ela observava Ceres com curiosidade óbvia.

"É verdade que lutaste no Stade?", perguntou ela por fim.

Ceres assentiu. "É verdade."

"É verdade que mataste o teu mestre, também?", perguntou Eike.

Aparentemente, os rumores tinham chegado até ali também. "Eles dizem que é por isso que estás aqui."

"Eu matei um traficante de escravas que tentou capturar-me, e que tinha uma faca na garganta do meu amigo", disse Ceres.

Eike olhou para trás.

"Estou aqui porque a minha família juntou-se à rebelião", disse ela. "Quando os soldados chegaram, levaram-nos a todos. Agora eu sou a única que sobra", disse ela engasgando-se com um soluço.

Ceres colocou um braço ao redor dela. Ela sentiu Eike tensa como um animal pronto para ser executado, e isso fez com que ela apenas se sentisse pior por ela.

Ninguém que tão jovem devia ser preso num algum lugar como aquele. Ceres não queria pensar sobre o que eles fariam com a miúda na Ilha dos Prisioneiros.

Ela não queria pensar sobre o que fariam com ela, tampouco. A ilha tinha uma má reputação, como um lugar de torturadores e mortes cruéis, oubliettes e gaiolas para massas. Uma vez lá, quase não havia volta, certamente não para alguém como ela. Uma morte rápida no Stade teria sido melhor, Ceres decidiu. Muito melhor.

"Se quiseres dormir, eu posso vigiar", ofereceu-se Eike.

Ceres olhou para ela. Imaginou que a miúda estava a procurar uma maneira de tornar-se útil para que Ceres não a abandonasse. Ceres não faria isso, mas naquele lugar, seria difícil convencê-la que ninguém era capaz de agir por

altruísmo. Além disso, ela estava atualmente tão exausta que a ideia de ser capaz de dormir significava quase tanto quanto a liberdade.

"Eu gostaria", admitiu Ceres. "Acorda-me se houver problemas."

"Há sempre problemas", disse Eike. "Mas eu vou acordar-te se alguém se aproximar."

Parecia bizarro para Ceres estar a confiar a sua segurança àquela miúda, mas o esgotamento do seu dia tinha-se apoderado dela. Antes de ela conseguir pensar duas vezes, o balançar do barco já estava embalava os seus pesados olhos para dormir.

CAPÍTULO DEZANOVE

Lucious estava com disposição para comemorar. Ele atirou para trás uma taça de vinho muito rapidamente, elevando-a no ar num brinde com ar de gozo, enquanto lhe queimava a garganta.

"Para vencidos irritantes!"

Ele atirou a taça casualmente para um servo, e o homem arrastou-se para a apanhar, provavelmente com medo de que Lucious lhe batesse se ele a deixasse cair no chão. Lucious resolveu que o mandaria espancar depois, de qualquer das formas, apenas para manter o homem na ponta dos pés.

Ele fez o seu caminho em direção à sala do trono. Normalmente, ele achava que as coisas da corte eram aborrecidas, mas talvez hoje houvesse um clima de festa. O problema estava resolvido, e, em breve, seria o Festival da Lua, um dos maiores festivais no calendário de Delos. Normalmente, isso significava dias de festa sem fim, presentes e prazer. As festas no castelo eram sempre um caso pródigo.

Lucious estava a meio caminho para a sala do trono, quando viu a mulher mais velha a discutir com os guardas.

"Mas Lady Stephania prometeu-me! Fui eu que lhe entreguei Ceres!"

Lucious meteu-se na discussão, olhando para a mulher. Para ele, ela parecia desinteressante e desgastada, não merecedora do seu interesse. Apenas o nome de Ceres chamou a sua atenção.

"O que está a acontecer?", perguntou.

"Ela quer falar com Lady Stephania", disse um dos guardas.

"Devem-me dinheiro", disse a mulher. Ela tinha uma bolsa que agarrava com tanta força que Lucious conseguia ver os nós dos dedos a saírem. "Ela deu-me dinheiro pelo que eu sabia sobre Ceres, mas agora que ela se vai livrar da minha filha... "

"A tua filha?", disse Lucious. Apesar do vinho, ele percebeu. "És a mãe de Ceres?"

"Sou." A mulher parecia lembrar-se o suficiente para fazer uma reverência.

"Marita, meu senhor. Eu forneci as informações que os deixaram levar Ceres."

"Então tu és a razão pela qual eu não consegui vê-la morrer no Stade?", perguntou Lucious, deixando uma breve nota de raiva infiltrar-se na sua voz. Essa era a única parte daquilo que ainda doía. Que o seu plano cuidadosamente preparado pudesse ser posto de lado, e que o de Stephania tivesse funcionado tão

bem, ao invés. Toda a gente sabia que ela era apenas um ornamento na corte, mas através de algum golpe de sorte que ela tinha conseguido.

A mãe de Ceres parecia assustada com isso. Ela tinha razão para estar.

"E agora estás aqui por mais dinheiro?", perguntou Lucious. Ele abanou a cabeça. "Isso é apenas... ingrato."

A mulher pareceu, finalmente, entender a posição em que ela se tinha colocado. "Eu... eu vou."

"Ainda não", disse Lucious. Ele agarrou a bolsa de moedas, arrancando-o da sua mão e, em seguida, atirou-a a um dos guardas.

"Isso é meu!", insistiu a mãe de Ceres.

"*Era t eu*", disse Lucious. "Agora é deste guarda."

"Eu ganhei isso!", a mulher insistiu.

Lucious estalou os dedos. "Ela precisa aprender o preço de querer ter mais do que tem direito. Levem-na daqui para fora, e tirem-lhe tudo o que ela tiver de valor. Em seguida, atirem-na para a sarjeta como o lixo que ela é."

"Sim, Príncipe Lucious", disse o guarda.

"Não!", gritou Marita quando os guardas a agarraram pelos braços. "Não podes fazer isso comigo!"

Lucious divertia-se sempre quando os camponeses tentavam dizer-lhe o que ele não podia fazer. Eles não entendiam como o mundo funcionava. Ele ficou ali a ver os guardas a arrastarem-na dali para fora e depois disse, quase como uma reflexão tardia.

"Se ela resistir, batam-lhe até ela aprender."

Lucious sorriu e dirigiu-se para a sala do trono. Os outros já estavam lá, e como ele tinha previsto, havia ali uma certa atmosfera de carnaval. Ele conseguia ver Stephania no coração de um pequeno grupo de outras miúdas nobres, com elas a bajularem-na como de costume. O rei e a rainha estavam sentados no trono, enquanto diante deles, nobres conversavam, e se felicitavam por terem lidado com a crise. Provavelmente metade deles estava ocupada tentando reivindicar o crédito pelo resultado.

Lucious passou por eles e, naquele dia, a maioria deles deu um passo atrás para dar-lhe espaço para passar. Muitos dos nobres mais pequenos curvavam-se ou acenaram com a cabeça, dando-lhe o reconhecimento que merecia.

"Lucious, gostarias de vir a uma reunião que vamos ter no Festival da Lua?", perguntou um dos jovens nobres ali quando ele passou. "Temos um grupo de atores mascarados este ano que são simplesmente encantadores."

Outro cortou imediatamente. "Os atores mascarados são *tão* fora de moda.

Temos acrobatas trazidos do extremo sul e perfumistas que prometeram nuvens de fumo perfumado."

"Acrobatas?", disse o primeiro. "E eu suponho que estarás a servir as mesmas codornizes e bois como no ano passado também?"

Lucious forçou um sorriso. A verdade era que ele iria para onde quer que o tratassem mais como o príncipe que ele era na noite do festival. Ele provavelmente iria andar de festa em festa até que se misturarem numa só.

"Parece-me bem", disse Lucious. "Vou pensar nisso."

Outras ofertas se seguiam enquanto ele continuava no meio da multidão.

Ele estava quase à frente quando o Rei Claudius se levantou, erguendo a mão pedindo silêncio e levando instantaneamente o falatório a um impasse. Ele ficou ali e, apesar da sua idade, Lucious podia ver o poder que existia dentro dele.

"Porque é que estão todos tão felizes?", perguntou ele. "Porque nós nos livramos de uma miúda?"

"E matámos o líder da rebelião", salientou Lucious. "Rexus está morto. Ceres está desaparecida. As pessoas não têm ninguém para os liderar."

"Isso é verdade", disse a Rainha Athena. "A rebelião está ferida, mas isso não significa que o nosso povo resolva voltar para as suas vidas com facilidade."

"Eles devem ser *pressionados* novamente", disse o Rei Claudius, "e com firmeza!"

Lucious suspeitava que ele sabia onde é que aquilo ia dar. O rei e a rainha já tinham dado ordens para períodos de maior gravidade antes. Lucious nunca tinha entendido porque era necessário dar ordens. Certamente, nenhuma agitação ou desobediência deveria ser tolerada?

"Como é que os podemos pressionar, suas majestades?", perguntou Lucious.

Ele imaginou que aquela pergunta estivesse na maioria das cabeças daquelas pessoas ali. Bem, daquelas que não estavam preocupadas em como organizar a maior festa fora de controlo para o festival, pelo menos. Stephania, por exemplo, parecia totalmente desinteressada, mais preocupada com a atenção do seu círculo de mulheres nobres. "Que mais poderia ser feito?"

A Rainha Athena lançou-lhe um olhar duro. "Não acreditas que temos um plano, Lucious?"

"Tenho certeza que sim, minha rainha", disse Lucious. "Estou ansioso para ouvir o que é. Tenho a certeza que todos nós estamos."

Mais provavelmente, todos lá, queriam saber se o plano iria afetá-los. Ele voltou a pensar em algumas das coisas que eles tinham tentado no passado.

Aqueles com simpatias rebeldes tinham sido caçados e mortos ou escravizados.

As suas famílias haviam sido presas e as suas casas queimadas. Havia impostos austeros e métodos de recolha mais violentos. Parecia óbvio para Lucious que, no fim, eles iriam perceber que eles estavam a aplicar-lhes aquelas medidas em desafio, mas, curiosamente, quanto mais rebeldes eles tratavam com dureza, mais

pareciam existir. Não havia lógica para isso, mas então, quem entendia como as ordens de nível inferior pensavam?

"Eu ouvi-te a falar sobre o Festival da Lua", disse o Rei Claudius. "Bem, eu creio que é apropriado que o nosso Império faça aos seus governantes uma oferta para o festival, em reparação por todos os problemas que a rebelião causou."

"Que tipo de oferta?", perguntou Lucious.

O Rei Claudius encolheu os ombros. "Tudo o que nós desejamos. A partir de agora até eu decidir que o povo de Delos aprendeu o preço de resistência, qualquer nobre vai poder tomar o que quiser do resto. Se quiseres os filhos deles como escravos, eles são teus. Se quiseres as suas últimas moedas, ou as roupas que levam às costas, eles vão-te as dar. Eles dizem que lhes temos tirado muito?

Vamos passar entre eles e mostrar-lhes como é ter *tirar-lhes* tudo."

"Haverá aqueles que resistem," Lucious apontou.

"Tu soas como se estivesses a argumentar contra o nosso comando, Lucious", disse a Rainha Athena.

Lucious abanou a cabeça. "Nem um pouco, suas majestades. Estou apenas a perguntar o que eu estou autorizado a fazer quando eles *lutarem* em resposta."

Ele ouviu o bater da carne na carne, quando o rei bateu com o punho na palma da mão. "Acabem com eles. Matem qualquer que se recuse a entregar o que é nosso. Lembrem-lhes que eles só possuem algo neste Império através da nossa graça. Matem-os, escravizem as suas famílias, e certifiquem-se que os vizinhos deles vêm quando levarem tudo o que é deles."

Lucious sorria ao pensar naquilo. Era o tipo de coisa que ele tinha feito com a mãe de Ceres, só que numa escala que abrangia todo o Império. Talvez alguns discutissem, talvez alguns lutassem, mas eles apenas serviriam como exemplos para os outros.

"Eu gostaria de liderar esses esforços", disse Lucious, pensando com prazer nas possibilidades.

A Rainha Athena sorriu. "Nós pensámos que sim, e pensámos que tu és a escolha perfeita. Vai para a rua para o meio deles, Lucious. Leva os nossos guardas contigo, e fá-los ficar adequadamente com medo dos seus governantes pela primeira vez."

"Com prazer", disse Lucious. E seria um prazer. Não era tanto o pensamento de tudo o que ele poderia tirar aos camponeses mas mais o ato, propriamente dito, de tirar. Ele tinha a certeza de que haveria a oportunidade de mostrar a muitos deles o seu lugar, de maneiras que eles nunca se fossem esquecer.

"Quando queres que comece?"

"Imediatamente", disse o Rei Claudius. "Eu quero que este seja um Festival da Lua que todos em Delos se lembrarão."

"Oh, será", prometeu Lucious. "Será."

CAPÍTULO VINTE

Quando Thanos voltou a Delos, havia guardas nas docas - de facto, havia guardas em todos os lugares. Toda a cidade parecia estar sob cerco, o que tornava difícil distinguir entre a capital do Império e a forma como Haylon tinha estado quando sob ataque. Ele viu ossos pendurados numa forca sobre a água, com a corrente de ferro que os prendia a ranger enquanto se movia ao vento.

Uma parte de Thanos queria evitar os guardas. Lembravam-lhe muito dos soldados com quem ele tinha lutado na ilha dos rebeldes. No entanto, ele precisava de fazer o papel do príncipe fiel, a regressar da guerra, e isso significava não andar sorratamente por ali.

"Tu aí", disse ele ao primeiro grupo que encontrou. Eles pareciam estar a esvaziar uma casa à beira-mar. "O que é que estás a fazer?"

"A garantir o cumprimento das ordens do rei", disse o sargento. "O que é que tens a ver com isso?"

"Sou o Príncipe Thanos. Vão parar com isso e escoltar-me até ao castelo imediatamente".

Ele viu os guardas a ficarem pálidos com aquilo, mas fizeram o que ele mandou. Thanos olhou ao redor, enquanto eles caminhavam com ele de volta para o castelo. Durante o tempo que ele tinha estado fora, parecia que muito havia mudado. Ele podia ver outros grupos de soldados a saquear casas, enquanto mais forcas estavam penduradas nas esquinas. Alguns dos ocupantes ainda estavam vivos. Graffitis rabiscados nas paredes proclamavam a crueldade do rei entre os comentários mais habituais sobre os combatentes no Stade. Só de pensar neles pensou em Ceres.

Quando chegou ao castelo, era difícil concentrar-se noutra coisa, mas Thanos sabia que o tinha de fazer. Ele tinha que manter a pretensão da lealdade, a ilusão de ser o príncipe perfeito. Um deslize podia significar mais do que a sua vida.

Podia significar a derrota para os planos dos rebeldes também. Ele tinha de descobrir quem havia ordenado a sua morte e procurar maneiras de ajudar os rebeldes. Apesar de tudo isso, o desejo de ver Ceres era quase mais do que conseguia suportar.

Ele poderia ter ido para os seus quartos antigos e trocado de roupa antes de ir para a sala do trono. Em vez disso, Thanos foi como estava. Ele queria que todos o vissem com a sujidade e sangue do conflito por Haylon. Ele queria que eles percebessem o que tinha lá acontecido. Ele entrou na sala do trono e ouviu o suspiro coletivo daqueles que lá estavam.

Eles ficaram no lugar, como se congelados. Thanos avançou entre eles, deixando os seus olhos pestanejar para a esquerda e para a direita. Ele via ali imensos nobres que conhecia, todos parecendo que estavam vestidos para uma celebração. Ele viu Cosmas num canto, o discípulo aparentando estar a fazer anotações mentais sobre tudo o que estava a acontecer. Lucious foi para um lado, com uma grande armadura que o fazia parecer o general de um exército invasor.

Stephania estava a segurar um pêssego, simplesmente pronta para lhe dar uma dentada delicada. Ao fundo da sala, estava o Rei Claudius no seu trono, enquanto a rainha Athena tinha ido para o meio dos nobres para falar com eles.

Thanos assimilou tudo aquilo, deslizando por entre a multidão em direção ao trono. Quando chegou ao estrado, ele colocou um joelho no chão, inclinando a cabeça como se estivesse com vergonha.

"Sua majestade, lamento informar-te que a expedição para retomar Haylon não foi um sucesso."

Era um eufemismo. Se o rei não soubesse nada sobre o que tinha acontecido, ele saberia que tinha sido um desastre. Por breves instantes, a tensão fixou-se ao redor de Thanos. E se os soldados tivessem escapado de volta para Delos? E se uma pomba tivesse regressado com uma mensagem? O rei já podia saber sobre o papel que ele tinha tido na destruição das forças do Império.

A sala ficou em silêncio por alguns segundos. Ali, Thanos encontrou os seus pensamentos de possível descoberta afastados pela necessidade de examinar os outros que ali estavam. Alguém o tinha mandado matar. Ele ia descobrir quem tinha feito aquilo.

"Thanos?", disse o rei, de pé. Ele pegou as mãos de Thanos, puxando-o até aos seus pés. Para Thanos, parecia um gesto surpreendentemente terno, dado o quão cruel o rei normalmente era. "Estás vivo? Ouvimos que tinhas sido morto pelos rebeldes nas praias de Haylon."

Thanos tentou ouvir as nuances daquilo. Estava o rei dececionado? Teria sido ele a enviar o Typhoon com ordens para matá-lo?

"Eu estava quase morto, embora não fosse pelos rebeldes", disse Thanos. "Um dos nossos próprios soldados me apunhalou pelas costas."

Ele olhou ao redor do quarto ao dizer isso. Alguém parecia chocado com a revelação? Alguém parecia satisfeito? Quantos daqueles que ali estavam poderiam ter subornado ou comandado Typhoon? A verdade é que era demasiados. Não havia ali praticamente ninguém em quem ele pudesse confiar.

Cada sorriso com o seu regresso tanto podia ser fingido como real.

"Um dos nossos traiu-te?", perguntou o rei. "Porquê?"

"Ele alegou ter sido enviado por alguém da corte", disse Thanos. Mais uma vez, ele ouviu um suspiro ao redor da sala. "Embora ele não dissesse por quem."

"Como sobreviveste?", perguntou o rei.

"Eu fui deixado para morrer", disse Thanos. "Os pescadores encontraram-me e trouxeram-me de volta quando perceberam quem eu era. Eles pensaram que haveria uma recompensa."

Era o tipo de mentira em que ele achava que os outros iriam acreditar. Eles entendiam a ganância muito melhor do que a bondade, de acordo com a experiência de Thanos. Ele fez uma pausa. Ia ser difícil estar a mentir constantemente. Ele tinha tentado construir a sua vida baseada na honestidade...

... e isso quase que o tinha matado.

"E o meu exército?", perguntou o rei.

"Eu ouvi os pescadores a falar. Eles disseram que a frota imperial tinha sido queimada, as forças terrestres desmanchadas. Sinto muito, sua majestade, mas acredito que o Geral Draco está morto."

O Rei Claudius olhou para ele durante algum tempo. Thanos perguntava-se o quanto da sua história o rei acreditava. Ele tinha passado a sua vida com cortesãos a dizerem-lhe meias-verdades e mentiras. A única coisa que protegia Thanos agora era o fato de que ele nunca tinha mentido ao seu rei no passado.

"Uma perda terrível", disse o Rei Claudius. "Mas estou mais preocupado com o facto de que vocês foram atacados. Toda ajuda será prestada para encontrar o responsável. Se precisares de alguma coisa, é só pedires."

"Obrigada, sua majestade", disse Thanos, embora ele não tivesse intenção de simplesmente confiar nos esforços do rei. Havia uma coisa que o rei poderia lhe dar, apesar de tudo. "Dá-me permissão para ver Ceres?"

Isso fez com que a expressão do rei mudasse. Ela passou de algo que parecia uma verdadeira preocupação para raiva quase tão rapidamente quanto Thanos conseguia pestanejar.

"Com tudo isso a tua mente ainda está na miúda?"

Estaria sempre. Thanos pensava em Ceres como tinha ficado quando ele se tinha ido embora, irritada com ele pela traição de lutar contra a rebelião. Se ele lhe pudesse sussurrar a verdade...

"Eu gostaria de vê-la", disse Thanos.

"Isso não é possível", disse a Rainha Athena. "A miúda foi-se embora."

Thanos voltou-se para ela. "Foi-se embora? O que é que queres dizer com

'foi-se embora'?"

"Atenção ao tom, Thanos", disse o Rei Claudius. "O que já passaste dá-te alguma margem de manobra, mas lembra-te onde estás."

A rainha deu-lhe uma resposta, apesar de tudo. "A tua preciosa Ceres afinal não é tudo o que parecia. Ela era uma escrava que havia matado o seu mestre, não

apta para viver, muito menos ainda lutar no Stade. Enquanto falamos, ela está num navio a ir para a Ilha dos Prisioneiros."

A rainha parecia ter um certo prazer cruel em dizer-lhe isso. Ela sorriu quando Thanos cambaleou perante a notícia, e era tudo o que ele conseguia fazer para não começar a gritar. Ele queria exigir o retorno de Ceres; ele queria avançar até as docas e partir atrás dela em qualquer barco que pudesse encontrar.

Assim, ele descobriu que não conseguia suportar ficar ali por mais tempo. Entre as pessoas que tinham tentado matá-lo, as que se tinham livrado de Ceres, e a habitual atmosfera venenosa do costume da corte,

como é que ele tinha pensado que conseguiria ficar ali sem explodir?

De alguma forma, Thanos conseguiu controlar-se bastante para forçar uma vénia. "Perdoem-me, suas majestades. A minha ferida está a causar-me dores, e tem sido uma longa jornada. Com a vossa permissão, gostaria de me retirar para o meu quarto."

"Sim", disse o Rei Claudius. "Talvez seja uma boa ideia."

Thanos saiu depressa da sala do trono, vendo os cortesãos a apressarem-se a sair do seu caminho. Ele não sabia o que eles viam no seu rosto, mas eles recuaram rapidamente, deixando um caminho desimpedido para a porta. Thanos já tinha chegado a uma antecâmara quando sentiu uma mão no seu ombro.

Ele girou e a sua raiva subiu. Se alguém queria impedi-lo agora, nos momentos que se seguiam a ele ter sabido que tinha perdido Ceres, então...

"Príncipe Thanos", Cosmas disse, dando um passo para trás. O antigo discípulo estava muito igual a sempre, na opinião de Thanos: ágil, apesar da sua idade, calvo, com orelhas pronunciadas e um nariz bicudo que chamava a atenção para o intenso azul dos seus olhos.

"Cosmas", disse Thanos. A presença do velho foi o suficiente para acalmá-lo um pouco, mas só um pouco. "Eu sinto muito. Eu não posso falar agora. Ceres..."

"Eu sei, rapaz", disse o discípulo. "Algumas dores são demais para se lidar ao mesmo tempo. Tu voltaste e pensaste numa reunião feliz, e magoa ter isso adulterado."

Era mais do que magoar. Era como se algo em Thanos se estivesse a despedaçar. Mesmo assim, ele assentiu.

"Eu preciso de algum tempo sozinho", disse ele.

"Eu entendo", respondeu Cosmas. "Mas quando estiveres pronto, nós precisamos conversar."

"Porquê?", perguntou Thanos.

"Porque eu acredito que sei quem tentou matar-te."

CAPÍTULO VINTE E UM

Ceres estava a descansar quando o navio deu uma guinada. Ela estava à beira do sono com Eike perto dela, mal tendo tempo de acordar ao rebolar quando o navio se inclinou. Ela apenas conseguiu não cair para o outro lado do convés porque se agarrou a uma das longas correntes que prendiam os presos ao lugar.

Tinha de ser uma tempestade, e grande também para conseguir balançar o navio daquela forma. Ao lado dela, Eike agarrou-se à mesma corrente. Ceres aproximou-se para colocar os seus braços ao redor da miúda, trepando ao longo da corrente até conseguir fazê-lo. A miúda era tão pequena, que não havia nenhuma maneira de ela sobreviver se fosse atirada para o outro lado do porão do navio.

Vários daqueles prisioneiros que não estavam acorrentado foram, e Ceres ouviu guinchos e gritos de surpresa quando eles atirados pelos ares. Ela ouviu barulhos agoniantes quando alguns deles atingiram postes ou a parede oposta.

Vários não se levantaram, enquanto outros mais gritavam com membros partidos.

Os que caíram em nós de outros prisioneiros não ficavam muito melhor. Ceres ouviu as lutas a começarem, agarrando-se com mais difícil à corrente.

Ela só teve tempo de tentar perceber que tipo de tempestade poderia sair do nada como aquela antes do barco se endireitar e, em seguida, balançar para o outro lado. Naquele momento os prisioneiros chocaram contra a parede perto dela, e Ceres enrolado em torno de Eike, protegendo-a do pior. Pela primeira vez, Ceres estava satisfeita por eles a terem deixado com a sua armadura quando a atiraram para ali. Um homem com um ar louco aterrou ao lado delas e atacou reflexivamente com uma faca que parecia que tinha sido feita a partir de um pedaço de osso. A faca deslizou pelo aço. Ceres deu-lhe um pontapé, atirando-o para longe.

O navio nivelou-se, mais uma vez, mas apenas brevemente. Algo bateu no lado do navio, e, por um momento, Ceres pensou que eles deviam ter atingido uma rocha. Em seguida, o lado do navio dividiu-se, e um tentáculo tão largo como um homem irrompeu.

Parecia que, afinal, eles não estavam numa tempestade.

"Monstro marinho!", gritou um dos prisioneiros, e Ceres ouviu outras vozes a gritar.

O tentáculo atacava como um chicote entre os prisioneiros, envolvendo um par de homens antes de empurrar para trás. Eles estavam acorrentados no lugar, mas a força do tentáculo era suficiente para os libertar. Ceres viu um dos

prisioneiros a tentar agarrar-se ao lado do buraco no navio, mas o tentáculo atirou-o para o oceano.

A água era disparada através de uma gota que varria as pessoas para longe, parecendo a Ceres que entrava de uma forma incrivelmente rápida. Ela viu outro tentáculo a dar um murro através da madeira do porão, e, depois, um bico como o de um pássaro de rapina gigante entrou, rasgando o seu caminho. A água continuava a entrar e Ceres olhou para baixo para descobrir que já lhe dava pelos tornozelos.

"Nós vamo-nos afundar", disse ela. "Precisamos de sair daqui!"

"Como?", perguntou Eike.

Ceres não tinha uma resposta para isso, mas ela ainda assim foi em direção à escotilha que levava ao convés. Estava coberta por barras largas de ferro, firmemente trancadas a partir do exterior.

"Eu acho que consigo caber!", disse Eike.

"Então vai", respondeu Ceres. "Tu precisas de sair do navio!"

Ela poderia não ser capaz de se salvar a si própria, mas pelo menos ela poderia salvar a miúda. Outros prisioneiros empurravam para cima por detrás de Ceres, esmagando-a contra a escotilha, enquanto

tentavam passar, mas Ceres impedia-os de passar, enquanto Eike se contorcia a passar. Ela conseguiu passar e Ceres olhou novamente para o porão.

A água estava a subir agora. Ela conseguia ver aqueles prisioneiros cujas algemas os prendiam a um ponto específico puxando-os, a tentarem soltar-se das suas amarras. Um homem que tinha ficado inconsciente com a queda que tinha dado para o outro lado do convés deslizava sob a água enquanto Ceres observava, enquanto os tentáculos do monstro continuavam a agitar-se dentro do porão, arrastando prisioneiros indefesos em direção àquela mandíbula que estava à espera. Não havia para onde correr, e o navio já parecia como se estivesse delicadamente em equilíbrio, pronto para tombar a qualquer momento.

"Depressa, Ceres! Aqui em cima!"

Ceres olhou para cima e viu a luz solar, livre de grades. Eike estava lá para além da escotilha, com um conjunto de chaves orgulhosamente numa mão.

"Eu roubei-as de um guarda", disse Eike. "Eu aposto que uma vai abrir as tuas algemas também!"

Ela sorriu para Ceres, que lhe sorriu de volta. Ela arrastou-se para cima pela escotilha, para o convés, tentando entender o que estava a acontecer quando ela apanhou as chaves de Eike e as encaixou nas suas algemas. Ela tentava-se despachar o máximo que conseguia. Não era apenas a água a subir. Outros prisioneiros já estavam a abrir caminho para o convés por detrás de Ceres, que não queria lutar contra eles pelas chaves.

O navio estava claramente em apuros. O monstro atacante que tinha tentáculos enrolados em torno dos mastros, arrancava homens das correntes e esmagava-os apertando-os. Ceres viu um tentáculo a varrer ao redor como um mangual, atirando marinheiros e guardas à água como brinquedos. Acima, ela viu aves de rapina a juntarem-se, como se sentissem a potencial festa que estava para vir. Ela viu alguns dos guardas a apunhalarem os tentáculos com espadas e arpões. Nada disso parecia fazer qualquer diferença.

Ela viu um dos guardas olhar na sua direção quanto ela conseguiu tirar as algemas.

"Os prisioneiros estão a fugir", gritou e correu para ela com uma espada estendida.

Ceres não teve tempo para pensar, e o medo do monstro era grande demais para que qualquer outro medo conseguisse passar. Em vez disso, ela balançou as algemas, que tinha acabado de confinar à sua volta, com uma arma, apanhando o guarda do lado da sua cabeça e atirando-o ao chão. Um tentáculo esticou-se e agarrou-o, arrastando-o a gritar para a água.

Mais guardas vieram na sua direção, apesar da maior ameaça de o monstro os atacar a todos. Ceres atirou as chaves aos prisioneiros que vinham pela escotilha atrás dela e, em seguida, atingiu, com as suas algemas, a espada que um guarda segurava. Ela aproximou-se para a arrancar da mão e, em seguida, chutou o guarda para longe.

"Eras realmente um lorde de combate, não eras?", perguntou Eike. Apesar de tudo, ela parecia surpreendida com aquilo.

Ceres assentiu. "Fica perto de mim. Temos de encontrar uma maneira de sair deste navio."

O navio rangeu como se em resposta aquilo. O monstro tentacular continuava a rasgar por ele. Um dos

mastros estremeceu e caiu sob o poder do seu ataque, caindo para a água como uma árvore enorme, enquanto Ceres segurava Eike e tentava mantê-la afastada do perigo. Tinha de haver pequenos barcos de desembarque, não tinha? Tinha de haver uma maneira de sair do navio, para além da passadeira.

Assim que Ceres pensou naquilo, o navio inclinou-se, com a sua proa a mergulhar na água. O mundo parecia virar-se de lado, e, por um momento, ela teve uma vista da água lá por baixo, cheia de sangue, com homens a lutar e a massa fervilhante da criatura a atacá-los. Ela também conseguiu ver barbatanas, quando os tubarões nadaram em torno das bordas do navio, olhando para pegar retardatários.

Ceres teve um momento para experimentar o completo horror antes de a água chegar até si. Ela agarrou Eike, mas a miúda foi arrancada da sua mão quando

eles mergulharam no frio do mar. Ceres tentou tomar um fôlego, provando água salgada, e conseguindo colocar a cabeça acima da superfície por um segundo.

Não durou muito. O peso da sua armadura arrastou-a para baixo, e Ceres encontrou-se a cair sob as ondas mais uma vez. Ela atrapalhou-se com as alças da sua armadura peitoral e kilt de ferro, nadando livre apenas com a sua túnica e vendo-os cair nas profundezas juntamente com os tentáculos a agitarem-se e os prisioneiros a morrer. Ela viu toda uma corrente de prisioneiros a serem arrastados para as profundezas pelos seus elos, com os tubarões já a mergulharem em direção a eles.

Ela vislumbrou Eike mais por acaso do que por outra coisa qualquer. Um tentáculo tinha-se enrolado à volta do pé da miúda, ignorando os seus esforços inúteis para se libertar. Ceres mergulhou em direção a Eike, estendendo a mão para o tentáculo, embora ela soubesse que não havia nenhuma maneira de ela ter esperança em puxá-lo facilmente. Silenciosamente ela pediu à força que salvasse a miúda, apoiando as pernas enquanto a tentava libertar do monstro.

Ceres sentiu o momento em que o poder que ela exercia no Stade vinha a si como uma onda a crescer. Parecia começar em algum lugar profundo dentro de si, explodindo na direção do tentáculo que agarrava Eike. Esse poder explodiu na direção do tentáculo, que largou a miúda, fazendo com que saltasse para trás como se a partir de um pedaço quente de ferro. Ceres agarrou Eike e nadou para cima custando-lhe respirar.

Eles perfuraram a superfície juntas, não muito longe dos restos virados para cima de um dos barcos do navio. O resto estava a afundar-se rapidamente, enquanto os marinheiros gritavam na água a lutar com tubarões, tentáculos ou ambos.

"Depressa", disse Ceres, "entra a bordo."

Ela ajudou Eike a sair para fora da água e, em seguida, subiu ao seu lado. Um tentáculo estendeu-se em direção a elas e, em seguida, recuou, como se alguma parte do monstro se conseguisse lembrar do que tinha acontecido da última vez que tinha tocado em Ceres. Em vez disso, agarrou outro dos guardas que estava na água, seguido de perto pelos tubarões.

O frenesim da alimentação parecia durar para sempre. Ceres, no meio daquilo tudo, estava no casco do barco pequeno, com os seus braços à volta de Eike para protegê-la. Nada chegou perto delas. Nada parecia ousar. Mesmo os tubarões que andavam por perto se afastaram, dirigindo-se a outras presas.

Por fim, o último tentáculo mergulhou de volta na água e a calma substituiu a violência de antes. Ceres procurou outros sobreviventes, mas não conseguiu encontrar nenhum. Os restos do navio há muito que se haviam afundado na água, e qualquer pessoa agarrada aos destroços havia sido brutalmente colhida por tentáculos ou tubarões. Apenas uma amostra de madeira e material lascado mostrava que o navio alguma vez lá tinha estado

"Eles estão mortos", disse Eike em voz baixa. "Eles estão todos mortos."

Ceres segurava-se a ela enquanto ela chorava, tentando pensar numa forma de consolá-la, mal conseguindo encontrar uma maneira de ela própria superar o horror. "Está tudo bem. Estou aqui. Tu estás viva, e eu estou viva. Nós vamos encontrar ultrapassar isto."

No entanto, à deriva para o mar aberto, sem qualquer ideia onde estavam, Ceres não tinha ideia de como seria possível sobreviverem.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Anka manteve a cabeça baixa, tentando não atrair a atenção dos soldados do 23º enquanto caminhava pela cidade de tendas. Até agora, ela tinha tido sorte. Ela não tinha nada mais do que alguns olhares desconfiados. Da forma como os soldados eram, podia ser muito pior.

Ela conseguiu entrar para o campo, vestindo-se como uma das lavadeiras que passavam entre as fogueiras. Não havia mulheres soldados no exército, mas havia sempre servas e seguidoras de acampamento que iam atrás dele à medida que aquele se movia. Vestida como uma delas, ela era tão invisível como se tivesse estivesse sob a cobertura da escuridão.

Pelo menos, ela assim o esperava.

Ela não queria pensar sobre o que poderia acontecer com ela se eles a apanhassem, ou pior, o que poderia acontecer com a rebelião. Desde que Rexus tinha morrido, tinha sido ela a tentar levar as coisas para a frente, assegurando às pessoas que elas ainda poderiam continuar, e ainda ter sucesso. Ela tinha suavizado os argumentos, passado mensagens e encontrado maneiras de persuadir os seus apoiantes que não se iria repercutir neles.

Cada segundo que ela passava longe de Delos custava imenso à rebelião, mas ela continuava o seu caminho através do campo, segurando o seu cesto de roupa como se fosse um escudo protetor. Fosse qual fosse o custo, ela tinha prometido a Ceres que o faria.

Aquilo era importante para ela, mais do que o suficiente para ela enfrentar os olhares e as vaias ocasionais dos soldados quando ela passava, e esquivar-se por entre os grupos maiores deles. Ceres tinha-lhe devolvido a sua liberdade. Sem ela, Anka estaria a sofrer muito mais do que aquilo.

A parte mais difícil era encontrar um recruta no meio do vasto exército do Império. Simpatizantes haviam fornecido algumas informações, o suborno tinha-lhe chegado, mas em última análise, Anka viu-se a ter de acompanhar o percurso que os recrutas tinham seguido, fazendo perguntas e esperando o melhor.

Ela sabia que tal não iria funcionar ali. Se ela perguntasse por Sartes, isso iria trazer-lhe tantos problemas para ele como para ela. Anka olhou ao redor do acampamento do exército, tentando perceber

onde estava. À distância, ela via soldados nas fileiras e a correr enquanto os oficiais gritavam para eles. Outros abriam valas ou cortavam madeira para paliçadas.

Ela passou por um espaço entre as tendas onde um soldado estava amarrado a um poste, a ser chicoteado por alguma infração. Ela ouvia o choro abafado. O

homem mordida uma cinta de couro para não gritar, enquanto outros soldados, provavelmente membros da sua unidade, estavam à volta a ver o castigo.

Anka não se deixou ficar ali. Odiar o exército não era a mesma coisa que querer ver os indivíduos a sofrer. Em vez disso, ela dirigiu-se para as maiores tendas perto do centro do acampamento. O exército tinha de manter registos em algum lugar, não era? Certamente haveria folhas de pagamento ou detalhes de quem servia quem? A lista de chamada ou uma nota de castigos prometidos?

Alguma coisa, pelo menos.

No seu disfarce, ela foi capaz de chegar mais perto das tendas do que ela havia acreditado. Ninguém a desafiou. Provavelmente tinha ajudado o facto de ela ter caminhado a passos largos, tentando parecer como se soubesse aonde estava a ir, ao olhar ao redor de soslaio até ter a certeza do que fazer.

Ela encontrou a tenda que estava à procura ao lado do pavilhão de um comando maior e deslizou lá para dentro assim que teve a certeza de que ninguém estava a olhar. Certamente que os comandantes do 23º iriam querer manter os seus ajudantes e administradores por perto. Certamente que um apoio inclinado para escrever e pergaminhos estariam numa mesa de dobrar do acampamento, juntamente com as intermináveis caixas que obviamente teriam registos.

Anka atreveu-se a olhar lá para fora antes de começar, querendo certificar-se de que ninguém a encontrava. Esta era a parte mais perigosa, porque nunca ninguém, a não ser um espião, iria inspecionar os papéis do exército. Ela pressionou a ansiedade a baixar e começou a trabalhar.

Anka foi o mais rápido que conseguiu. Ela tirou registos, tentando discernir o que lá estava escrito enquanto procurava por qualquer vislumbre do nome de Sartes. Se ela conseguisse ter alguma noção de onde ele estava no campo, tal seria o melhor resultado possível, mas mesmo a confirmação de que ele estava realmente ali e ainda vivo seria suficiente.

Ela congelou ao ouvir o som de passos fora da tenda e, em seguida, rapidamente enfiou os rolos de volta no lugar. Ela terminou, pegou no seu cesto de roupa, conseguindo, por pouco, escapar até à porta quando um oficial entrou.

"Vê por onde vais!", berrou o oficial, parando seguidamente. A sua mão agarrou repentinamente o ombro de Anka. "Espera, o que é que estás a fazer aqui?"

A velha Mersha é que está encarregue de lavar a minha roupa."

Anka não teve de fingir o arrepio que a percorreu. "Eu não sei, meu senhor.

Ela mandou-me, e eu... Eu pensei que este era o lugar onde era suposto eu estar".

Ela agarrou num dos nomes que tinha visto nos papéis que ela tinha estado a ver.

"Eu estava à procura da tenda do capitão Thero?"

"Bem, estás no lado errado do acampamento, então", disse o oficial. "Ele mantém a sua tenda no quadrante norte. Não sabes nada?"

"Eu... eu sou nova aqui, meu senhor", disse Anka. Mais uma vez, ela não teve de fingir o medo. Se aquele homem imagina-se o que ela realmente estava a fazer ali, ela nunca iria deixar o campo. "O quadrante norte, disseste?"

O oficial acenou com a mão. " *Por ali*, miúda estúpida. Agora despacha-te. O

Capitão Thero não é um homem que se deixe à espera".

Anka saiu da tenda a correr com o que esperava ser o nível certo de gratidão, partindo na direção que o oficial havia indicado, mas, depois, desviando-se rapidamente, caso ele percebesse que ela não era exatamente o que parecia. Ela respirava fundo enquanto tentava pensar.

Ela não tinha conseguido nada dos registos. O nome de Sartre não aparecia em nenhum dos que ela tinha visto completamente, e não parecia haver nenhuma maneira óbvia para encontrá-lo sem aquele tipo de pista onde ele poderia estar.

Anka nem sabia ao certo se ele estava naquele acampamento. Tudo o que ela tinha conseguido obter dos seus contatos eram suposições e fragmentos.

A verdade era que ninguém mantinha o controlo de onde os recrutas individuais iam. O exército não se preocupava com eles o suficiente para isso, e apenas esse facto era suficiente para que Anka ficasse enraivecida. Em que tipo de mundo é que eles viviam, onde ninguém se importava o que acontecia com um rapaz, porque ele provavelmente estaria morto de qualquer das maneiras?

Mesmo não tendo prometido a Ceres que encontrava o seu irmão, aquilo teria sido suficiente para fazer com que Anka continuasse. Quanto mais *tempo* ela conseguiria aguentar? Indagou-se. Conseguiria ela realmente justificar a procura de um rapaz para sempre quando a rebelião poderia salvar muitos mais homens e mulheres jovens? Ela nem sequer sabia realmente qual era a aparência de Sartre.

Aquele pensamento desesperou-a. Anka começou a fazer o seu caminho através das tendas em direção ao fim do acampamento. Anka havia tentado dizer a si mesma que aquilo era uma tarefa mais fácil do que tentar derrubar um império inteiro, mas a verdade é que era quase impossível.

Apesar da sua promessa a Ceres, ela não pôde deixar de pensar em ir para casa então. A rebelião precisava dela, e se ela não conseguia encontrar Sartre ali, então tudo o que ela ia conseguir arranjar era ser capturada ou morta. O

pensamento de ter que desistir consumia-a, mas Anka não conseguia pensar no que mais poderia fazer. Para adiar o momento em que ela teria de tomar uma decisão, ela circulava à volta das barracas de comando. Talvez ela fosse capaz de fazer mais uma tentativa de espiar os registos do Exército, embora se fosse apanhada desta vez...

Ela esperou ao pé do pavilhões e tendas pertencentes aos oficiais do exército, à sombras e à procura de uma oportunidade para se esgueirar lá para dentro. Ela esperou, tentando fazer com que parecesse que ela

estava a trabalhar em algo

relacionado com o seu monte de roupa, e foi quando ela ouviu o nome de que estava à espera desde que ali tinha chegado.

"Sargento, tenho mensagens que preciso de transportar por todo o acampamento. O que aconteceu com aquele teu recruta?"

Anka espiou ao redor da tenda e viu um oficial na armadura dourada a falar com um homem corpulento que era, obviamente, de uma patente mais baixa.

"Sartes, senhor?"

"Como é que eu me deveria lembrar do nome do rapaz? Aquele que tem sido tão útil. Vai mas é buscá-lo."

"Sim senhor."

Anka assistiu a toda a troca com o coração na boca. Quando o sargento partiu, ela seguiu-o, com toda a cautela que tinha aprendido em Delos. Era mais seguro fazer aquilo do que ficar à espera ao pé das tendas de comando, porque pelo menos ela poderia fingir estar numa missão novamente.

Ela seguiu até que o sargento chegar a um campo de treino onde os recrutas estavam a trabalhar na sua esgrima. Dois já tinham feridas profundas para o futuro, porque as armas afiadas que eles estavam a usar não ofereciam margem para erros. Ela viu o sargento a parar na borda do campo de treino.

"Sartes! Vem já aqui!"

Anka olhou para o rapaz que saiu da luta. Ele tinha cabelo cor de areia e era corpulento, menos agora pela dureza do exército. À primeira vista, era difícil ver a semelhança entre ele e Ceres, porém, ainda havia uma ponta de semelhança lá, e aquele era ele definitivamente.

"Os oficiais têm trabalho para ti, rapaz", disse o sargento. "Vai para a tenda do comandante antes que te chicoteiem!"

Anka viu o rapaz a descolar numa corrida desenfreada. Ela odiava ver aquele ali, mas uma outra emoção se ergueu: a esperança. Ela tinha feito o que ela tinha prometido. Ela tinha encontrado Sartes.

Mas agora ela precisava encontrar uma maneira de salvá-lo - antes que o exército o matasse.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Se continuassem assim à deriva no mar, Ceres persentia, elas morreriam.

Ceres estava certa disso. Ou o sol as assava, ou os predadores viriam atrás delas.

Ceres percebia que já não tinha forças para combatê-los.

O pequeno barco tinha um pedaço de madeira que poderia usar como uma pá improvisada, mas parecia

não haver nenhum lugar para onde remar. Em vez disso, eles balançavam como o brinquedo de uma criança, à mercê do vento e das correntes.

Os lábios de Ceres estavam gretados com sede. Ela mal tinha forças para levantar a cabeça e olhar sobre a extensão de água que se estendia até ao horizonte em todas as direções.

Ela ouvia Eike a gemer ao lado dela. A miúda estava quase inconsciente agora, porque, apesar de a água ao redor delas, não havia nenhuma água que elas pudessem arriscar beber. Eike não tinha acreditado em Ceres quando ela a tinha avisado sobre aquilo e, rapidamente, vomitou a água salgada. Ceres sacudiu-a, e os seus olhos mal se abriam.

Ceres olhou ao redor de novo, vendo as aves marinhas acima que as seguiam, obviamente, esperando pelo momento em que elas finalmente sucumbissem. Uma aproximou-se e Ceres afugentou-a.

Foi quando ela viu a ilha.

Ao princípio, ela apareceu como uma mancha no horizonte, pequena o suficiente para que Ceres não estivesse mesmo certa que ela estava ali.

À medida que as correntes aproximavam o seu barco das ilhas, porém, ela viu as praias de areia e elevações rochosas que levando ao que parecia serem selvas no interior.

E, pela primeira vez, o seu coração encheu-se de esperança.

*

Ceres remou para a praia com o seu áspero remo de madeira durante, o que lhe pareceram, horas. Ela ignorava a forma como os seus músculos protestavam contra o esforço repentino, depois de estarem tanto tempo à deriva, continuando até passarem por umas rochas com o formato de dentes e, depois, em seguida, por ondas fortes que as levaram até a uma praia.

Ceres saltou para fora, puxando o barco para cima da areia com Eike ainda nele. Ela levantou a miúda, ajudando-a a sair e, em seguida, apoiando-a, enquanto

partiam ao longo da praia em busca de água fresca.

Ela não sabia o que ia acontecer a seguir. Ela não tinha certeza de onde elas estavam, ou o que iria acontecer com elas nos dias que se seguiam. Ela não tinha certeza se voltaria a ver a sua casa, e esse pensamento era assustador. Ceres estava apenas grata por estar viva.

Ceres sentiu uns olhos sobre ela, muito antes de alguém sair da selva circundante. Ela viu as folhas perto da borda a farfalhar de uma forma que poderia ter sido apenas o vento.

Surgiram pessoas, vestindo túnicas e vestidos lisos, complementadas pelo que pareciam ser folhas e galhos da floresta. Algumas pareciam ter flores emaranhadas nos seus cabelos, enquanto outros usavam videiras envolvidas em torno delas como joias.

Ceres permaneceu ali com cautela. Ela não tinha certeza de como essas pessoas reagiriam com estranhos, ou do que ia acontecer a seguir.

Foi só quando elas chegaram mais perto que Ceres viu que eles não estavam usando trajes, afinal. Em vez disso, ela viu videiras e galhos a emergirem da carne, pele que tinha dado lugar à rugosidade da casca ou ao verde das folhas.

Dois avançaram com tigelas de água. Ceres aceitou uma com gratidão, antes de ajudar Eike a saborear a dela. A miúda pareceu recuperar alguma força com o líquido, o suficiente para olhar ao redor. Ceres viu o ímpeto dela com a visão das pessoas ao seu redor.

"O que são eles?", perguntou Eike.

"Nós somos o povo da floresta", disse uma voz, e Ceres viu um homem a dar um passo à frente da multidão de pessoas. "Bem-vinda."

Ele era alto e magro, provavelmente apenas alguns anos mais velho do que Ceres, com a pele que parecia variar entre o delicadamente bronzeada e o verde coberto de musgo onde não estava coberta por uma túnica. Ele não era largo de ombros, mas Ceres conseguia ver os músculos que se destacaram quando ele se movia. Ele tinha traços fortes, com altas maçãs do rosto e um sorriso que parecia vir facilmente. O seu cabelo era escuro, cortado aqui e ali com um emaranhado de videiras frondosas, enquanto os seus olhos eram de um verde vibrante que Ceres não conseguia deixar de olhar.

Ele parecia estar a olhar para ela com a mesma intensidade.

"Chamo-me Ceres", disse ela.

"Chamo-me Eoin", ele respondeu.

"És o responsável aqui?", perguntou Ceres.

Eoin sorriu. "As pessoas às vezes ouvem-me, mas a verdade é que todos nós com a doença seguimos o caminho da floresta."

"Doença?", Ceres ouviu Eike a perguntar. "Tu estás doente?"

Eoin estendeu as mãos. "Eles chamam a isto uma doença, ou uma maldição."

Mandam-nos para aqui porque não querem que estejamos perto deles. Vivemos a nossa vez aqui, até que a floresta nos reclame. Mas não precisas de te preocupar."

Ele estendeu a mão para Eike, e para surpresa de Ceres, a miúda agarrou-a.

"Vamos para a aldeia e falar mais lá", disse ele. Ceres vi-o a olhar para ela novamente. "Eu acho que há muito o que falar. O oceano trouxe-vos até nós por alguma razão."

Eles partiram na direção da selva. Ceres seguiu Eoin ao longo de um trilho onde as árvores estavam arqueadas sobre eles como se formando um túnel. Ela olhou para cima e viu um pássaro a saltar de um galho para outro, e, incrivelmente, parecia brilhar com luz dourada ao fazê-lo. Ela virou-se para apontá-lo para Eike, mas a miúda já estava a olhar para outra parte da floresta.

Ceres seguiu o seu olhar e congelou no lugar. Um cavalo do branco mais puro estava ali, com um chifre

dourado a sobressair da sua testa e a empinar-se. A Ceres susteve a sua respiração. Um unicórnio? Mas era suposto eles serem apenas mitos.

Eoin parecia entender o seu espanto. "As criaturas da magia ainda têm lugares onde se reúnem", disse ele. "A selva é um deles. Já não falta muito para a povoação."

Eles continuaram a caminhar. Ceres viu a selva a abrir. Havia casas lá, mas ela levou um momento para perceber que eram casas, porque eram mais parecidas com plantas gigantes, que cresciam em formas, em vez de serem construídas. Ela viu cabanas e casas na árvore, edifícios que eram mais como plataformas simples nos ramos. O único edifício de pedra que conseguia ver era uma espécie de zigurate no centro de tudo aquilo, e que parecia estar ali há muito mais tempo que tudo o resto.

Havia plantas lá, e animais que pareciam impossíveis. Um lagarto passou a voar sobre a cabeça de Ceres com asas de borboleta, enquanto mais ao longe, ela viu um besouro do tamanho de um cachorro pequeno. Ela viu árvores também, deformadas e torcidas que quase pareciam estranhas esculturas de pessoas.

"Essas são os que a maldição invocou", disse Eoin.

"Queres dizer que são *pessoas*?", perguntou Eike. Ceres podia ouvir o horror na sua voz. Ela podia sentir aquilo.

"Elas eram", disse Eoin. "No fim, a maldição leva-nos a todos nós, e nós voltamos para a floresta. Não pode ser interrompido. Tudo o que podemos fazer é viver as nossas vidas até então."

"Isso é terrível", disse Ceres.

Eoin encolheu os ombros. "Não é tão assim tão mau. É bonito aqui, e nós temos o suficiente."

Ele liderou o caminho até uma cabana, onde havia alimentos à espera: frutas e tubérculos tirados da selva. Ceres e Eike comeram avidamente. Eoin e os outros juntaram-se a elas.

"Como é que vieram parar aqui?", perguntou Eoin.

"É uma longa história", disse Ceres.

Eoin sorriu. "Devia sempre haver tempo para histórias, e nós gostaríamos de ouvir."

Ceres fez o seu melhor para explicar. Ela disse-lhes sobre o que estava a acontecer no Império, e como ela tinha vindo a lutar no Stade. Ela contou-lhes sobre a sua última luta, e como ela tinha acabado condenada à Ilha dos Prisioneiros.

Durante todo o tempo, os olhos de Eoin estavam sobre ela. Era como se ele pudesse ver através dela, olhando além da superfície para qualquer outra coisa por debaixo. Ceres não tinha certeza o que era que ele conseguia ver, mas naquele momento, ela nunca se tinha sentido tão vulnerável com ninguém.

"És uma guerreira?", perguntou ele. "Talvez isso explique em parte porque foste enviada para nós."

"O que é que isso significa?", perguntou Ceres.

Eoin levantou-se, oferecendo a sua mão. "Vem comigo. Eu prometo que a tua amiga ficará segura aqui."

Ceres acreditou nele. Ela nunca tinha visto em lado nenhum nenhuma aldeia que parecesse tão calma quanto aquela aldeia escondida. Parecia simplesmente natural dar-lhe a mão, sentindo ali a força.

Ela deixou que ele a levasse para fora da aldeia, para um lugar no lado mais distante do zigurate que tinha sido libertado num grande círculo. Ali, ela conseguia ver duas mulheres novas a lutar, rodeadas por um pequeno grupo de aldeões.

Nenhuma das duas possuía armas, mas elas não pareciam precisar delas.

Ceres mal conseguia acompanhar enquanto elas se agitavam e rodopiavam, com as suas mãos e pés a atacar de todos os ângulos. Elas esquivavam-se e saltavam.

Em seguida, simultaneamente, tentaram bloquear os membros uma da outra, fazendo-se cair ao chão. Elas continuaram a lutar, até que Ceres viu uma a deslizar para trás da outra tão rapidamente como uma cobra, com o braço a deter-se em volta do pescoço da sua oponente. As duas levantaram-se, rindo-se, e começaram novamente.

Era como a treino que ela tinha feito para o Stade, e ainda assim totalmente diferente. A luta ali tinha sido brutal e eficiente, havendo, no entanto, algo bonito sobre isso, algo que parecia a Ceres estar perfeitamente em equilíbrio.

"É incrível", disse ela. "Ser capaz de lutar tão bem sem armas."

"Elas simplesmente movem-se em harmonia com o mundo", respondeu Eoin.

"Quanto às armas, nós temo-las, mas temos pouca necessidade delas."

Ele tirou de trás das suas costas, uma adaga que parecia ser feita de pedra e vítrea. Ele passou-a a ela. Ceres testou a borda, e para sua surpresa, era tão acentuada como a de qualquer aço.

"Para ti", disse ele. "Tu foste enviada aqui por uma razão, Ceres. Tenho a certeza disso. Eu não sei qual que é, mas vamos ensinar-te o que conseguirmos sobre a nossa maneira. Se quiseres, isto é."

A resposta dela era óbvia.

"Eu quero."

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Quando ele desceu para os jardins do castelo, Thanos deu por si a olhar em volta, desconfiado. A pressão do que ele estava a fazer pesava sobre ele agora, e ele se viu à procura de um lugar onde pudesse ser apenas ele próprio por um momento, sem arriscar a sua vida.

Em qualquer outro lugar no castelo, parecia que ele tinha de esconder o que sentia e quem ele era. Se alguém visse a sua raiva sobre o que tinha acontecido com Ceres, se alguém visse percebesse a atuação que ele tinha feito relativa à sua simpatia para com os rebeldes, então ele estaria morto, nobre do Império ou não.

Eles iriam chamá-lo de traidor, quando a verdade era que eles eram os únicos a traíam os interesses do seu próprio povo. Eles eram os únicos que tiravam do seu povo, e Thanos tinha ouvido o quanto isso tinha piorado desde que ele se tinha ido embora. Ele tinha ouvido falar dos partidos sob o comando de Lucious, devastando a paisagem. Só de pensar nisso cerrava os dentes com raiva.

Ele precisava encontrar uma maneira de manter a calma, por isso ficou ali a olhar para as flores, imaginando como Ceres reagiria se estivesse ali. Será que ela apreciaria a beleza suave das flores, ou que ela iria querer estar nas arenas a treinar para o Stade? Thanos sorriu com o facto de ele ter tido um tempo mais fácil a imaginá-la lá do que ali.

O sorriso desapareceu quando ele pensou sobre o que estava a acontecer com ela naquele momento. Ele tinha de encontrar uma maneira de ajudá-la, se conseguisse, mas Thanos não tinha certeza do que fazer para evitar que Ceres fosse levada para a Ilha dos Prisioneiros. Ele não podia simplesmente inverter a decisão do rei, e se ele tentasse, ele seria imediatamente suspeito. Ele poderia tentar levar uma mensagem à rebelião, talvez, mas...

"Não estou a interromper-te, ou estou?"

Thanos virou-se e viu Stephania a aproximar-se. Ela estava linda ao ar da noite, mas, então, ela estava sempre linda. Ela pareceu hesitar por um momento e, em seguida, abraçou-o com força. A rapidez com que o fez, apanhou Thanos um pouco de surpresa, assim como a própria ação. Ele sempre tinha pensado que Stephania era muito conveniente e reservada para uma demonstração de emoção.

"Fico contente por estares em segurança", disse Stephania ao dar um passo atrás. "Quando ouvi que tinhas sido morto..."

Thanos ouviu a apreensão ali na sua voz, e viu o brilho fraco no seus olhos que sugeriu que ela pudesse estar a tentar conter as lágrimas.

"Está tudo bem", disse ele, estendendo a mão para lhe tocar no braço enquanto tentava confortá-la.

"Agora sim", disse Stephania. "Porque estás vivo. É verdade que sobreviveste, porque alguns pescadores te encontraram?"

Thanos assentiu. Mesmo com Stephania, ele não se podia dar ao luxo de dizer a verdade. Talvez especialmente com Stephania, porque nunca lhe ocorreria a ela não dizer o que sabia pela corte. Ela tinha sempre sido o coração dos mexericos por ali.

Estranhamente, porém, não lhe parecia correto estar a enganá-la assim.

"Os pescadores salvaram-me", disse Thanos. Era verdade, tanto quanto podia ser. Sem os dois homens que o tinham encontrado, ele nunca teria conhecido os rebeldes de Akila. "Eles trouxeram-me de volta."

"Então, todos nós lhes devemos imenso", disse Stephania. Thanos viu os olhos dela a semicerrarem-se. "*Eu devo-lhes imenso. Eles ainda estão em Delos?*"

Thanos abanou a cabeça. "Eu acho que eles navegaram de volta para Haylon."

"É uma pena", disse Stephania. "Eu teria gostado de recompensá-los por te terem trazido de volta em

segurança. Alguém *realmente* enviou o Typhoon como um assassino?"

Soava a Thanos como se ela não conseguisse verdadeiramente acreditar até mesmo agora. Talvez ela não quisesse acreditar. Stephania estava naquele lado da corte que era quase alheia ao que se passava lá fora, não de forma cruel como alguns poderiam ser, mas de modo egocêntrico que parecia que as coisas difíceis no mundo não estavam realmente a acontecer.

Thanos assentiu. "Ele me apunhalou pelas costas na praia. Eu acho que a ideia era que parecesse que eu tinha sido morto no ataque."

Stephania assentiu. "Isso foi o que nos disseram aqui. Eles disseram-nos que tinhas sido o primeiro a dar à praia, atingido pelos rebeldes. Eles queriam fazer-nos pensar que tu tinhas tido uma morte heroica."

"Achaste que eu não conseguia dar conta de uma morte heroica?", perguntou Thanos, mas a piada não fez nada para aliviar o clima.

"Quando eu o ouvi, parecia que o mundo inteiro estava colapsar sobre mim."

Ela olhou para ele, e Thanos podia ver a forma como a sua respiração se tinha acelerado. "Posso... posso ver o que eles fizeram contigo? Não parece real de certa forma sem isso."

Thanos apenas hesitou por um momento antes de levantar a sua túnica para deixá-la ver. Não era o tipo de pedido que ele esperasse de alguém tão bom como Stephania, mas ele conseguia ouvir a preocupação na sua voz.

Ele viu-a aproximar com cuidado, até mesmo com ternura, tocando-lhe no local onde os homens de Akila o haviam suturado. Ele estremeceu reflexivamente.

"Desculpa", disse Stephania. "Ainda dói?"

"Um pouco", disse Thanos.

Ela fez uma pausa. "Disseste antes que não sabes quem enviou o Typhoon para te assassinar. Isso é verdade, ou estavas apenas a conter-te para que eles não te ouvissem?"

O facto de que ela podia perceber que ele podia fazer aquilo apanhou Thanos um pouco de surpresa. Era fácil esquecer às vezes que Stephania havia crescido no meio dos jogos da corte, e que mesmo a sua grande beleza não a tinha mantido fora deles. Se algo mais, aquilo tinha provavelmente feito dela um alvo para o ciúme de alguns ali.

"Eu realmente não sei", admitiu. "Eu pretendo descobrir, no entanto."

Ele viu Stephania acenar de acordo. Ela pareceu pensar por um momento. "Eu quero ajudar-te."

Thanos olhou para ela com surpresa. "Queres?"

"Claro que sim", disse Stephania. "Foi quando pensei que tinhas morrido. Ver o quão perto estiveste de morrer assim... Eu quero encontrar quem te fez isso, e eu quero que eles paguem por isso."

Thanos sentiu a determinação ali, feroz e dura por trás do exterior, de outra forma, gentil de Stephania. Ele não tinha percebido que ela se preocupava com ele assim tanto. Ele sempre tinha assumido que a promessa de casamento para ele era puramente política para ela.

"Eu juro-te", disse Stephania. "Eu vou ajudar-te a encontrar a pessoa que deu a ordem para seres morto."

Thanos estendeu a mão para tocar no seu rosto. "Foste sempre tão boa para mim", disse ele. "Mais do que eu mereço."

Stephania abanou a cabeça. "Isso não importa. Só estavas a fazer o que o rei e a rainha te fizeram fazer. O que importa é que estás aqui. Estás vivo, e nós vamos descobrir quem tentou fazer isso contigo."

Thanos recuou para olhar para ela; realmente olhar para ela. Era como se ele nunca tivesse visto verdadeiramente Stephania antes daquele momento. Ele sempre a tinha visto como uma das jovens mulheres tolas da corte, demasiado presa ao seu próprio estilo de vida luxuoso para pensar em qualquer outra pessoa.

Ele tinha assumido que ela era vaidosa, egoísta, e, provavelmente, interessada apenas nas últimas festas. Certamente, numa noite como aquela, ele teria pensado que ela estaria a preparar-se para o Festival da Lua em vez de procurá-lo.

No entanto, olhando para ela agora, era como se ele conseguisse ver através de tudo o seu interior de aço. Ela ficou ali no jardim, e ela encaixava-se perfeitamente na elegância das flores ali, mas valia a pena lembrar quantas dessas

flores tinham espinhos. Ele sentia-se melhor por imaginar que tinha um aliado assim na corte.

"Eu era um tolo", disse Thanos, abanando a cabeça. "Eu nunca deveria ter-te tratado da maneira que tratei."

"Não faz mal", assegurou Stephania. "Eu entendo."

"Perdoas-me?", perguntou Thanos.

"Não há nada a perdoar. A única questão agora é como é que vamos descobrir quem mandou o assassino atrás de ti."

Thanos assentiu. Era um alívio ouvir isso de Stephania, e um peso fora da sua consciência por ela não ter ficado magoada pela forma como ele a tinha afastado por causa de Ceres.

"Eu não sei como vou fazer isso", admitiu.

"Como *vamos* fazê-lo", disse Stephania. Com a sua mão tão bem encaixada na sua, parecendo tão natural para Thanos. "Isso não é algo que devas fazer sozinho."

Eu quero que me contes tudo o que descobras. Eu quero saber."

"Isso significa muito", disse Thanos. "Mas ainda precisamos de um ponto de onde começar."

Stephania ficou em silêncio durante algum tempo e Thanos questionava-se sobre o ela estaria a pensar. Havia, obviamente, algo que ela queria dizer, mas não dizia. Estranho ele sentir-se perto o suficiente dela para o saber.

"O que foi?", perguntou.

"Pode... haver algo", disse Stephania. "Eu estava nos estábulos há um tempo atrás, a preparar-me para cavalgar, e ouvi um dos rapazes do estábulo ostentando que ele era um amigo próximo de Lucious, e que ele fez favores para ele que ninguém mais podia."

"Parece ostentação oca", disse Thanos.

Stephania assentiu. "Isso é o que os outros trabalhadores do estábulo disseram na época, mas o rapaz mostrou-lhes um punhal que ele nunca poderia ter comprado sozinho, e ele estava a falar sobre levar mensagens a alguém no exército."

"O Typhoon?", adivinhou Thanos.

Ele viu Stephania a encolher os ombros. "Eu não sei. Não tenho a certeza. Eu acho que mesmo Lucious não seria estúpido para dizer a um rapaz do estábulo o que ele estava a planear. Mas foi o suficiente para me fazer pensar sobre isso. Eu não sei se é alguma coisa, no entanto."

Thanos pôs as mãos nos ombros de Stephania. "Obrigado por isso. É mais do que pensas."

Era um começo, pelo menos. E se o trilho levasse de volta para Lucious...

bem... então Thanos teria a certeza de que era um fim para o príncipe também.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Ceres estava ofegante enquanto a água trovejava em cima dela. A cascata martelado em cima dela e ela cambaleava, tendo de lutar para continuar. Ela não tinha ideia porque Eoin pensava que diretamente sob uma era o lugar certo para treinar as artes de combate que eles usavam na ilha, mas agora ela desejava que ele tivesse escolhido algum outro lugar.

Eoin, é claro, estava na parte rasa abaixo dela tão calmamente como se estivesse à chuva de verão. Ele quase não parecia levantar a voz para ser ouvido acima dela. "Isso é chamado Serpentear das Nuvens."

Ceres tremia com o esforço ao tentar copiar os movimentos que Eoin fazia.

Tentava concentrar-se apesar da pancada implacável da água, mas era quase impossível obter todos os detalhes corretos e Eoin parecia querer a perfeição em cada movimento. Os momentos em que ele a fazia repetir os movimentos sem parar, pareciam ser os únicos onde o seu sorriso fácil desaparecia.

Ela via-o a percorrer aquilo novamente: a volta complexa e movimento para trás das mãos que mais parecia o tipo de coisa que um bailarino na cidade poderia fazer e que pouco parecia ter a ver com luta. Ela tentou copiar o movimento e Eoin abanou a cabeça.

"Mais devagar."

Aquela era a parte mais difícil de tudo aquilo. Ela estava habituada à rigidez e às quedas das lutas do Stade, mas a forma de lutar na ilha parecia envolver o que parecia a Ceres como uma dança lenta. Ela queria acelerar, *lutar*.

"Quando podemos ir mais rápido?", perguntou Ceres.

"Quando conseguires fazê-lo bem devagar", disse Eoin. Ele finalmente sorriu.

"Estás a progredir, mas tens de aprender a mover-te em harmonia com o mundo, Ceres. Aprende as lições que ele tem para te ensinar."

"E que lição é que me é ensinada estando numa cascata?", perguntou Ceres, enquanto a água continuava a cair sobre ela.

Ela viu as mãos de Eoin a fluir através do movimento novamente. "Eu não sei.

As pessoas aprendem as suas próprias lições. Talvez as coisas mais suaves se possam tornar duras e implacáveis. Talvez seja para o mundo te fazer fluir suavemente". O sorriso dele alargou-se. "Talvez se vais ficar molhada de qualquer maneira, seja melhor aproveitares a oportunidade"

Ceres queria discutir sobre aquilo e sobre a formação sem fim que parecia ter tão pouco a ver com a luta. Antes que ela pudesse fazê-lo, porém, um dos outros

povos da floresta correu até eles. Aquele estava mais adiantado na mesma doença de Eoin, quase tanto planta quanto humano.

"Eoin, temos pessoas que desembarcam na costa de ardósia. Parece que são invasores a dirigem-se para a aldeia."

Ceres ouviu Eoin a suspirar. "Será que eles nunca aprendem? Tudo bem, eu vou."

"Devo ficar aqui com Ceres?", perguntou o recém-chegado.

"Eu deveria vir", disse Ceres. "Talvez eu possa ajudar."

Eoin acenou com a mão em demissão. "Nós podemos lidar com isso. Mas, talvez possas aprender algo a observar. Segue-me."

Ele correu ao longo dos trilhos que levavam através da selva em direção à aldeia. Ceres teve dificuldade em acompanhar. Ela era forte e rápida, mas Eoin parecia voar por entre as árvores tão naturalmente como se fosse uma parte delas.

No momento em que chegaram ao limite da aldeia, Ceres estava sem fôlego, enquanto Eoin parecia que poderia ter corrido por mais uma hora.

Ela podia ver homens correndo pela aldeia, com armas nas mãos. Por um momento, Ceres pensou que eles poderiam ser soldados do Império, ali para a perseguirem, e ela ficou com medo. Então ela viu o quão rudes eram as suas armas e a natureza fragmentada das suas armaduras. Aqueles eram realmente piratas e invasores, e não o exército.

Isso não fazia as suas intenções melhores. Enquanto ela observava, um dos atacantes correu para uma cabana baixa e ouviu-se um grito lá dentro. Na borda da selva, Ceres olhou para Eoin.

"O que fazemos agora?", perguntou Ceres.

Eoin apontou para um lugar. "Espera aqui."

"Mas eu posso lutar", ela insistiu. Ela não queria ficar à espera enquanto outras pessoas arriscavam as suas vidas.

Eoin abanou a cabeça. "Ainda não, mas *vais* poder. Por agora, observa.

Aprende."

Ceres não queria aguentar assim. Mas quando ela deu um passo adiante, ela sentiu a mão firme de um de os povos da floresta no seu ombro. Ela ficou ali, porque parecia não haver nenhuma outra escolha, e ela viu Eoin a correr para a aldeia.

Os povos da floresta juntaram-se a ele enquanto ele corria, parecendo vir do nada enquanto saíram de lugares escondidos nas árvores e arbustos. Com a sua maldição, eles misturavam-se perfeitamente. Eles fizeram lembrar Ceres da água da cascata ao mergulharem por entre as casas que eles estavam a tentar defender, tomando conta de todo grupo de invasores que tinha desembarcado.

No instante antes do ataque, Ceres teve que admitir ter tido um momento de medo. Os atacantes estavam fortemente armados, parecendo fortes e claramente perigosos. Alguns pertencentes aos povos da floresta, pelo contrário, pareciam demasiado delicados e de aspeto frondoso para fazer qualquer verdadeiro dano.

No momento em que a luta começou, porém, ficou claro que ela não precisava de se preocupar. Apesar da sua falta de armas, os habitantes da ilha movimentavam-se com uma graça mortal, nunca propriamente lá quando os seus adversários atacavam, atacando com golpes que pareciam lânguidos, mas que derrubavam os invasores onde quer que atacassem.

Ceres via Eoin no coração daquilo. Ele movia-se como água. Ele oscilou para lado para se desviar do golpe de um machado e, em seguida, baixou o seu antebraço dando uma pancada na clavícula do seu agressor que fez com que o homem caísse de joelhos. Ele levantou o pé num pontapé que parecia todo ele ser gracioso e elegante até bater na cabeça do atacante.

Ceres viu um movimento de espadachim perto de Eoin e ela tentou gritar em advertência, mas estava longe demais para ele conseguir ouvi-lo.

Porém, ele não precisava do aviso. Ele voltou-se, e os seus olhos pareciam ter-se fixado em Ceres por um instante. Em seguida, as suas mãos moveram-se num padrão que lhe era muito familiar, porque Ceres tinha estado a praticá-lo durante toda a manhã. Eoin serpenteou o seu caminho através dos movimentos delicados do Serpente das Nuvens, e algures no tempo, ele fez a espada rodopiar das mãos do seu atacante. O golpe com que ele respondeu apenas pareceu tocar no atacante, mas o homem caiu como uma pedra.

Os insulares precisaram apenas de uma questão de minutos para matar os seus atacantes, e eles mataram-nos *efetivamente*. Havia algo imparavelmente implacável acerca da maneira como eles se moviam

através dos atacantes, não deixando nenhum vivo, não deixando nenhum correr de volta para os seus barcos.

Quando terminaram, eles levaram os corpos para a selva tão suavemente como se eles estivessem a transportar amigos respeitados.

Tudo o que Ceres podia fazer era ficar ali a apreciar. Desarmados e doentes como estavam, eles haviam derrotado um grupo de desembarque inteiro de homens armados.

Afinal, talvez houvesse ali muito para aprender.

Naquela noite, Ceres sentou-se a uma das fogueiras na aldeia, comendo os frutos da floresta, enquanto acima das estrelas parecia rodopiar à medida que as

nuvens passavam. Eike estava lá ao lado dela, enquanto Eoin e vários dos outros aldeões estavam lá também.

Eoin tocava um instrumento de muitas cordas que parecia responder ao menor toque, com a música a flutuar pelo ar da noite enquanto ele tocava as notas. Era tão tranquilo que Ceres quase poderia ter sido capaz de julgar o ataque anterior como um sonho mau se ela própria não o tivesse visto.

"As pessoas atacam muitas vezes a tua ilha?", perguntou Ceres. Ela não poderia simplesmente ignorar o que tinha acontecido hoje.

"Às vezes", disse Eoin. "Eles pensam que por sermos amaldiçoados, somos fracos. É menos comum do que era. Eles costumavam invadir regularmente antes de nós aprendermos a contra-atacar."

"Como é que vocês ficaram todos tão bons na luta?", perguntou Ceres.

"Observámos o mundo", disse Eoin. "Nós aprendemos as lições da floresta.

Mas devíamos falar de coisas mais felizes. O momento para a luta já passou.

Podias contar-nos sobre as vossas vidas."

Ceres abanou a cabeça. "Não há muito acerca de felicidade a contar. O meu pai foi-se embora. A minha mãe vendeu-me como escrava. As pessoas com as quais me preocupo estão na sua maioria mortas."

"O passado pode ser difícil", concordou Eoin. "A minha família expulsou-me quando se aperceberam que eu era da floresta. A maioria das pessoas aqui tem uma história similar."

Houve acenos à volta da fogueira.

"Mas o futuro pode ser diferente", disse Eoin. "Conta-nos sobre as tuas esperanças e os teus sonhos."

Ceres tentou pensar. "Uma vez sonhei que seria uma lorde de combate famosa, a lutar no Stade. Acho que já alcancei esse sonho. Depois sonhei que talvez pudesse haver algo mais para mim com o homem que..."

Ela abanou a cabeça.

"Não importa. Ele morreu."

Ela ainda ouviu as notas do instrumento de Eoin ainda quando ele estendeu a sua mão para tocar na dela. "Eu sinto muito. E agora, no entanto?"

Ceres pensou por um momento.

"Agora", Ceres disse, "há um monte de coisas que eu quero. Eu tenho um irmão, e eu quero que ele esteja em segurança. Eu quero voltar para o meu pai e certificar-me que ele encontrou Sartres. "Ela apertou as mãos de raiva. "Eu quero vingar-me das pessoas que me tentaram matar. Mas depois disso... eu acho que quero mudar as coisas, se conseguir. Eu quero fazer um mundo melhor."

Eoin riu-se gentilmente. "Um mundo melhor seria bom. E quanto a ti, pequena? Sonhas com o quê?"

Eike parecia um pouco surpreendida por ser incluída, aos olhos de Ceres.

"Eu não sei", admitiu ela, abraçando os joelhos. "Eu acho que apenas quero um lugar onde estarei segura, e onde me encaixe."

"Eu acho que isso podia ser fácil o suficiente", disse Eoin, com um movimento do seu braço, que envolveu o acampamento. As pessoas estavam a dançar e a cantar ao redor das fogueiras agora, e Ceres podia sentir aquela energia a percorrê-la. Mesmo assim, ela não participou.

"E tu?", perguntou Ceres. "O que é que queres para o futuro?"

"O futuro é complicado para nós", disse Eoin, gesticulando em volta da ilha.

"Sabemos que, um dia, a floresta vai reivindicar-nos. Sabemos que o mundo não nos quer. Nós aprendemos a viver *agora*, e ver o que podemos deixar para trás".

Ele apontou para alguns dos outros. "Jan tem aqui a sua cerâmica. K'sala está a tentar tecer a tapeçaria perfeita. Muitos de nós tentamos entender o mundo, tanto quanto conseguimos, ou procurar a felicidade uns com os outros."

"E tu?", perguntou Ceres, não estando disposta a desistir.

"Eu tenho a minha música", disse Eoin. "E eu tenho a segurança das pessoas aqui com que pensar. Quero garantir que esta continua a ser uma comunidade onde qualquer um de nós consegue sentir-se seguro e feliz. Estes são, provavelmente, sonhos que são grandes o suficiente para uma vida, não achas?"

Ceres tinha esperança de que ele pudesse dizer mais do que isso. "E que tal construir uma vida com alguém?", perguntou ela. "E o amor?"

Ela viu Eoin desviar o olhar.

"O amor significaria apenas alguém deixado para trás quando a floresta por fim me levar", disse ele.

"Mas também pode significar ser feliz até então", releveu Ceres. Ela olhou para o fogo, vendo-o a dançar. "Talvez isso valha a pena."

"Talvez", Eoin concordou. "Por enquanto, todos nós devemos dormir um pouco. Se queres alcançar os *teus* sonhos, Ceres, ainda tens muito que treinar."

Aquilo era verdade, e, naquele momento, Ceres sentiu-se muito determinada.

Ela tinha visto o que os insulares conseguiam fazer. Ela ia aprender o que eles tinham para ensinar. Ela ia regressar a Delos e ela ia mudar as coisas.

Independentemente do que fosse necessário.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Sartes tinha um plano. Ele recordava-se disso vezes sem conta ao percorrer o seu caminho através do 23º acampamento, escapulindo-se da atividade no início da noite como um estranho. Ele tinha um plano para a sua fuga. Agora, ele tinha a esperança de que ia funcionar.

Repetir isso devia fazer com que ele se sentisse melhor, mas em vez disso, apenas o lembrava do quanto estava em jogo. A punição para um recruta que tentava escapar era a morte, sem exceção. O melhor cenário seria um golpe rápido de espada, enquanto tentava escapar-se do acampamento. O pior... eles podiam fazer os seus companheiros recrutas fazê-lo. Bater em Sartes até à morte para provar a sua lealdade. Ele não tinha nenhuma dúvida de que eles fariam isso.

Eles estariam com muito medo para fazer qualquer outra coisa.

Em alguns aspetos, o plano de Sartes era simples: ele estava a ir a pé até à ponta do acampamento e, em seguida, ia passar pelas estacas e arames, poços e cordões que o rodeavam. A parte complexa era realmente fazê-lo.

O facto de ele se ter conseguido tornar-se útil para os oficiais ao redor do campo ajudou. Tinha habituado as pessoas à ideia de que ele podia mover-se ao redor do acampamento, quando a maioria dos recrutas era cuidadosamente controlada. Tinha deixado que ele trabalhasse as horas das mudanças dos guardas e os locais das piores armadilhas em volta do campo.

"Eu consigo fazer isto", disse Sartes a si mesmo enquanto continuava a mover-se entre as tendas.

"Fazer o quê, recruta?", quis saber o oficial, colocando-se no seu caminho.

Sartes reconheceu-o como um dos mestres de treinos. Varion, Sartes achava que era o seu nome.

"Entregar esta mensagem, senhor", disse Sartes, tirando uma do meio de meia dúzia que tinha escondido. "O capitão disse que era urgente."

O mestre de treinos leu-a, olhou para o selo na parte inferior e, em seguida, atirou-a de volta para Sartes.

"Tudo bem, vai lá, recruta."

Sartes apressou-se. Ele ficou feliz por ter apanhado uma das mensagens reais, dada a forma como o oficial tinha verificado o selo. Ele tinha cuidadosamente recolhido mensagens antes de partir, andando à volta de tantos oficiais quanto conseguiu para as recolher porque quanto mais mensagens ele tivesse de entregar, maior acesso ele tinha ao resto do acampamento.

Ele tinha forjado mais, escrito mensagens sobre qualquer pergaminho que conseguisse roubar em lojas da intendência. Ele não podia lutar para sair do acampamento, mas o seu armazenamento de mensagens e ordens iria deixá-lo usar a máquina do próprio exército como uma espécie de proteção.

Mesmo assim, ele tinha de se apressar. Não havia nenhuma mensagem ou recado que tirasse um recruta para fora do acampamento sem pelo menos uma dúzia de soldados reais lá para acompanhá-lo. Isso significava que Sartre tinha de fugir numa das pequenas oportunidades entre as mudanças de guardas, quando as coisas estivessem confusas. Se ele perdesse aquela oportunidade toda a tentativa de fuga seria para nada.

Se ele perdesse aquela oportunidade ele nunca chegaria à rebelião. Ele nunca poderia ver a sua família novamente. Ele nunca iria ver a sua irmã e só de pensar nisso dava-lhe um nó no estômago.

Então ele correu pelo acampamento, brandindo o maço de ordens como um escudo. Ele estava quase na ponta, quando outro oficial o deteve.

"Tu, tu és o rapaz que leva mensagens para o general, não és?"

"Sim senhor."

"Bem, então eu quero que vás à sua tenda e me tragas os mapas mais recentes para os nossos preparativos contra a rebelião. Enviaram-me ordens, mas, na verdade, não tenho ideia nenhuma para onde supostamente devo levar os meus homens. Diz-lhes que foi Leus que te enviou. Toma, vais precisar disto."

O oficial entregou um anel de sinete, ficando ali de pé numa expectativa óbvia. Sartre saudou-o, porque ele não conseguia pensar no que fazer mais. Ele partiu de volta na direção do centro do acampamento, pela mesma razão, embora ele se desviasse para dentro tendas, assim que pôde, planeando voltar para trás.

Ele parou, com a mão sobre a tela áspera de uma das tendas. Ele levantou o anel de sinete, olhando para a prata trabalhada do *design*. Se ele fugisse agora, aquilo podia valer alguma coisa para a rebelião, dando-lhe a oportunidade de forjar ordens até que o oficial admitisse o que tinha acontecido.

Mas o homem tinha falado sobre ordens para ataques contra a rebelião. Os mapas para isso valeriam muito mais. No entanto, se ele fosse atrás dos mapas e planos, quanto tempo levaria? Ele havia planeado a sua fuga até ao último minuto.

Qualquer atraso, e eles poderiam encontrá-lo.

Aquele pensamento aterrorizava Sartre mais do que qualquer coisa. Ele não podia voltar atrás agora, e se ele fosse apanhado, não seria uma morte rápida. Ele não se podia dar ao luxo de algo correr mal quando ele tinha planeado tudo com tanto cuidado.

No entanto, se Sartre fugisse agora, e morressem pessoas porque não sabiam onde os ataques seriam, ele iria sentir-se para sempre responsável. Ele tinha de,

pelo menos, tentar obtê-los. Ele tinha tempo suficiente, se corresse. Ele esperava.

Sartre correu de volta para as tendas de comando, e agora ele devia parecer-se com aquilo que ele era: um recruta a quem acabara de ser dada uma instrução urgente por um superior e que não queria perder um único instante em segui-la.

Ele chegou à tenda do comandante e ficou ofegante na frente dos guardas, por um momento, segurando o anel do oficial.

"Leus quer os mapas para o próximo ataque", ele conseguiu.

"Ele está com pressa, não está?"

"Sim senhor."

"Então é melhor chegares lá e os trazes. O general está a assistir a uns treinos, portanto terás de encontrá-los sozinho."

Sartre mal podia acreditar na sua sorte. Ele teve de se esforçar para entrar lentamente na tenda do general para que parecesse normal para os guardas.

Apenas já em segurança no interior do pavilhão é que ele começou à procura em todos os papéis que conseguia, tentando descobrir o quanto ele conseguia fugir levando-os, sem que os guardas percebessem o que estava a acontecer.

No final, agarrou em tantos quanto ele conseguiu por debaixo do braço, envolvendo-os no mapa que o tinham mandado buscar e andando para fora com toda a confiança que conseguiu reunir. Ele meio que esperava que os guardas o tentassem impedir mas nem sequer pareceram notar.

"É melhor correres, rapaz", disse um deles a brincar. "Não vais quer atrasar-te."

"Tu nem sabes o quanto isso é verdade", disse Sartre, e partiu por todo o acampamento numa corrida novamente. O medo empurrava-o para a frente, sem saber se já se tinha demorado muito.

Ele tinha o seu percurso já planeado. Ele aprendeu o seu caminho entre as tendas, e seguia agora os sinais e bandeiras. Ele esquivava-se dos oficiais e guardas onde conseguia, tanto porque ele não podia dar-se ao luxo de mais atrasos e porque havia muita possibilidade de lhes verem o que ele estava a transportar. Agora que ele tinha tomado o risco de obter os planos, ele não poderia desistir deles.

Ele fez o seu caminho para o local que ele tinha escolhido para a sua fuga.

Havia um espaço perto de um canto do acampamento, onde as paredes de madeira davam lugar aos piquetes e havia árvores não muito longe. Os guardas entregavam os seus relógios mais perto do meio das linhas, antes de se irem embora, portanto, se ele tivesse cronometrado bem...

"Tu aí!", gritou uma voz. "O que é que estás a fazer aí?"

Sartes olhou em volta e viu um guarda que se aproximava. O homem era mais velho do que ele, e maior, de armadura completa, armado com espada, escudo e

lança.

"Eu fiz-te uma pergunta, rapaz. O que é que estás a fazer aqui?"

"Tenho ordens", disse Sartes automaticamente, mas ele sabia que não iria funcionar.

"Nenhum recruta sai. Essas são as ordens que importam. Desertar!" O guarda pôs as mãos sobre a boca, pronto para gritá-lo novamente.

Sartes viu uma figura a sair a correr das tendas e, depois, a bater no guarda.

Um martelo subia e descia, uma e outra vez. O guarda caiu e não se levantou. A figura endireitou-se. Sartes olhou para ele em choque absoluto.

"Pai?"

Ele ainda não podia acreditar, mas aquele *era* o seu pai. Ele ficou ali, estando exatamente igual à lembrança que Sartes tinha dele dos dias antes de ele os ter deixado. Sartes abriu os braços, correndo instintivamente para abraçar o seu pai.

"Sartes!"

Ele sentiu o seu pai abraçá-lo de volta, e pela primeira vez desde que tinha chegado ao acampamento, Sartes teve um momento em que ele se sentiu seguro.

"É tão bom ver-te", disse-lhe o pai. "Pensava que nunca te iria encontrar."

"O que é que estás a fazer aqui?", perguntou Sartes. Ele abanou a cabeça.

"Não importa. Estou tão feliz por te ver."

"Eu vim à tua procura. Os cuteleiros conseguem sempre encontrar uma forma de entrar num acampamento do exército". O pai dele recuou e olhou para ele à distância de um braço. "Estás bem? Magoaram-te?"

"Eu estou bem", assegurou Sartes. "Eu consegui evitar o pior."

"Fico contente", disse o pai. "Ceres disse-me que tinha de ser eu a vir e encontrar-te antes que ficasse pior."

"Ceres?", disse Sartes. "Ela está aqui?"

Isso teria sido o melhor resultado possível. Toda a sua família novamente junta, de uma só vez. A excitação que por breves momentos tinha sentido afundou-se novamente quando o seu pai abanou a cabeça.

"Ela está a lutar no Stade," disse o pai. "Ela disse que não podia escapar daquilo. Mas nós vamos buscá-

la. Nós vamos voltar e encontrá-la, se conseguirmos."

Sartes assentiu. "Nós vamos conseguir, e então vai ser melhor, certo?"

"Espero que sim", disse o pai. "Primeiro, porém, precisamos tirar-te daqui.

Aquele grito vai trazer problemas."

Sartes engoliu em seco com aquele pensamento. "Eu tenho uma solução.

Rápido, por aqui."

Era estranho ser ele a liderar o caminho para o seu pai, mas Sartre era o único que sabia o caminho através das defesas ao redor do acampamento. Ele tinha

estudado a rota, e agora ele forçou-se a se concentrar nela, evitando os fossos e as vigias que mantinham os recrutas lá dentro na medida em que mantinham os outros fora.

"Por aqui," disse ele.

"Nós temos de nos apressar", insistiu o seu pai. "O que é que tens aí? Deixa-o, precisamos de correr."

Sartes já conseguia ouvir o clamor no acampamento. Soavam cornetas em alarme, e ele via os soldados a correr enquanto tentavam perceber o que estava a acontecer.

"Eu não posso. Tenho planos que mostram o que o Império planeia contra a rebelião."

"O quê?", agora era o seu pai que estava ali em choque. "Eu ia perguntar-te como é que conseguiste, mas acho que não há tempo. Eles estão quase a chegar.

Nós precisamos de ir."

O coração de Sartre parecia que estava na sua boca. Aquilo não era como ele tinha planeado. Todo o seu plano de fuga tinha sido sobre escapar silenciosamente, e estar bem longe no momento em que alguém notasse. Ele tinha imaginado que ninguém iria seguir se desse muito trabalho.

Agora, porém, ele ouvia os sons de grupos de perseguidores a formarem-se.

Soavam trombetas e cães latiam em resposta. Sartre congelou com o som, mas o pai colocou-lhe uma mão no ombro.

"Temos de continuar em movimento, Sartre."

Eles correram, mas correr não tinha sido parte do plano de Sartre. Ele tropeçou num dos arames que ali estavam, levantando-se com dificuldade.

Alguns atrás deles, ele pensou que estava a ouvir os sons do grupo de perseguidores a aproximar-se.

Sartes abanou a cabeça. "Nós não conseguimos ir à frente deles. Eles têm cavalos."

Ele pensou que já estava a ouvir cascos. Ele *conseguia* ouvi-los, juntamente com os relinchos dos cavalos a serem incitados duramente. Ele olhou em volta à procura de uma vara, uma pedra, qualquer coisa que ele pudesse usar como arma.

Ele sabia que não poderia realmente lutar contra o exército, mas era melhor morrer a lutar do que de uma qualquer maneira nas mãos do exército se eles o apanhassem.

No entanto, o que ele viu a aproximar-se era uma única mulher, montada num cavalo, enquanto levava outros dois. Os cavalos pareciam de militares, completos com armas e equipamentos dos seus cavaleiros, mas as selas estavam vazias.

"Sartes?", gritou ela. "Berin?"

Sartes olhou com surpresa, aproximando-se mais do seu pai. "Quem és tu?"

"O meu nome é Anka. Não há tempo para explicar, mas Ceres enviou-me. Eu estou com a rebelião. Rápido, subam antes que eles percebam que lhes faltam cavalos."

Sartes fez uma pausa, olhando para trás em direção ao acampamento.

"Queres arriscar que eles te apanhem?", ordenou Anka.

Ela tinha razão. Mesmo eles não a conhecendo, se ela estava a afirmar estar com a rebelião, então, ela era provavelmente uma amiga. Escolhendo um dos cavalos que sobravam, Sartes subiu a bordo. O seu pai fez o mesmo com o outro.

"Eu espero que vocês os dois consigam cavalgar", disse Anka. "Porque há um *monte* de barulho lá atrás."

Havia. No limite da audição, Sartes pensou que conseguia ouvir mais cascos, acompanhados por gritos e cornetas. Ele viu Anka a montar e a chutar o seu cavalo, e o seu pai fez o mesmo.

Sartes suspirou. Ele estava fora. Ele tinha encontrado o seu pai. Ele até tinha planos que ajudariam a rebelião.

Agora tudo o que ele precisava fazer era sobreviver.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Thanos resistiu à vontade de esmurrar a parede dos estábulos, mas por pouco.

"Conta-nos a verdade", ele exigiu do rapaz dos estábulos que estava na frente dele e de Stephania.

Ele teria lutado com qualquer número de oponentes na arena de treinos ao invés de gastar mais um minuto na frustrante investigação. Ele teria dado qualquer coisa que tivesse para ter um adversário à sua frente, um problema que ele poderia resolver de forma simples, honesta, ao invés de andar à roda, tentando desfazer as intrigas da corte.

Mas ele *não* tinha um adversário à sua frente. Esse era o ponto. Ele foi apanhado em tudo aquilo, e ele não tinha certeza de quanto tempo ele tinha. No fim, ele tinha a certeza que alguém iria resolver o seu

novo papel com a rebelião, e isso significava que ele só tinha um pouco de tempo para encontrar a pessoa responsável pela tentativa de o matar.

"Eu preciso de uma resposta", disse Thanos.

"Está tudo bem", disse Stephania, num tom muito mais suave que contentou Thanos por a ter levado para aquilo. "Nós já sabemos que Lucious te deu o amuleto, não deu? O amuleto que usaste para provar ao Typhoon que tinhas sido enviada por ele?"

O trabalhador do estábulo desviou o olhar, mas concordou.

"Pelo menos, acho que sim", disse ele. "Ele enviou um dos seus servos. Era suposto eu levar o amuleto e entregar uma mensagem ao Typhoon."

"Que mensagem?", perguntou Thanos.

O rapaz do estábulo abanou a cabeça. "Eu não sei. Estava bem fechado. Eu não queria que o Typhoon ou o príncipe Lucious pensassem que eu estava a espia-

los."

Mesmo assim, Thanos podia adivinhar o que a mensagem teria dito. Era uma ordem para a sua morte, entregue, sem dúvida, por um rapaz tolo, determinado a impressionar.

"O que... o que é que vai acontecer agora?", perguntou o rapaz do estábulo.

Thanos conseguia ouvir o medo ali. O rapaz do estábulo provavelmente pensava que eles iam matá-lo pela sua parte na trama. No entanto, a verdade é que ele não era mais do que uma ferramenta usada por outra pessoa, e Thanos não era como Lucious. Ele deu por si a pensar no que Ceres teria feito numa situação como aquela. Aquilo ajudava-o, mesmo trazendo-lhe uma pontada de perda.

"Vais ficar calado acerca da nossa vinda aqui", disse Thanos. "Depois, quando chegar a hora, vais dizer o que sabes à corte."

"Eu... eu não sei...", começou o rapaz do estábulo.

Stephania deu-lhe um olhar duro. "Vais fazer tudo o que Thanos te ordenar, não vais?"

O rapaz do estábulo baixou a cabeça. "Sim."

"Ótimo."

Os dois saíram juntos, e, já fora dos estábulos do castelo, Thanos deixou-se relaxar um pouco. Ele virou-se para Stephania.

"Obrigado por teres vindo comigo para isto. Eu acho que ele não teria confirmado a sua história se não estivesses lá."

Stephania sorriu. "Estou feliz por ajudar. Acho que queres que eu mantenha o silêncio sobre isto por

enquanto?"

Thanos assentiu. Essa era a outra parte desta investigação que ele odiava. Por tudo o que o rei tinha prometido a sua ajuda, a verdade era que não podia confiar em ninguém na corte. Ele não sabia quem estava envolvido na tentativa de o matar, e ele tinha muitos segredos sobre a rebelião. Eles tinham de manter a fachada de uma investigação que não ia a lado nenhum, enquanto ao mesmo tempo conduziam uma investigação real por trás.

"Ninguém vai ouvir sobre isto por mim", Stephania prometeu. "Sê cuidadoso"

"Eu vou tentar", Thanos assegurou. "Embora eu ache que a coisa mais perigosa que vai acontecer no castelo nos próximos dias são as festas."

"Oh, as festas podem ser mais perigosas do que pensas", disse Stephania.

"Apenas não faças nada tolo como confrontar Lucious, quero dizer."

"Não faço", assegurou Thanos. Pelo menos, ainda não. Eles não têm o suficiente ainda para acusar um príncipe do Império. Eles precisavam de mais provas, pelo menos o porquê de Lucious fazer algo como isto para começar.

Ocorreu-lhe que havia pelo menos uma avenida que ele ainda não tinha explorado. Cosmas o discípulo tinha dito que ele tinha informações para Thanos, mas Thanos ainda não as tinha seguido. O velho sempre tinha sido um bom amigo para ele, e se ele disse que tinha algo para Thanos naquele momento, então Thanos acreditava.

Ele caminhou até a biblioteca do castelo, fazendo o seu caminho ao longo dos corredores retorcidos do castelo, tentando aparentar calma ao passar por funcionários e cortesãos, reconhecendo os seus acenos e tentando fazer com que parecesse que nada o afetava.

Thanos não tinha certeza se era a necessidade de encontrar o empregado do assassino que o tinha feito desconfiado, ou o seu papel com a rebelião naquele momento, mas de qualquer forma, ele via olhos em todos os lugares de uma forma

que ele não via antes. Todas as vezes que ele passava por um escravo que limpava o mármore dos pisos do castelo, ele perguntava-se a quem eles reportariam.

Ele odiava a paranoia da sua situação, mas ao mesmo tempo ele precisava dela se ele era para permanecer vivo ali. Havia tanta coisa em jogo, e potencialmente, tão pouco tempo para fazer tudo. Ele tinha de descobrir quem o estava a tentar e porquê. Ele tinha de ajudar a rebelião. Mais do que tudo isso, ele tinha de encontrar uma maneira de tirar Ceres da Ilha dos Prisioneiros. Para fazer todas essas coisas, ele precisava de ajuda.

Quando ele chegou à biblioteca, Thanos parou. A biblioteca tinha sido sempre um lugar onde Thanos gostava de ir. As suas grandes portas estavam abertas, com prateleiras em cada lado e mesas de trabalho em nichos tranquilos em todos os lugares onde elas poderiam caber. Ele encontrou Cosmas na biblioteca quando ele chegou lá, em pé no meio de pilhas de tomos, parecendo a Thanos como uma criatura mítica feita de livros da cintura para baixo. Cosmas provavelmente consideraria aquilo uma melhoria.

"Cosmas", disse Thanos. "Estás à procura de alguma coisa?"

"Simplesmente a tentar desfazer algum do caos que é criado quando a realeza mais jovem entra na biblioteca", respondeu o sábio. "Embora isso signifique que consegui encontrar pergaminhos que não via há vinte anos."

Normalmente, Thanos teria perguntado sobre eles, e provavelmente teria obtido uma longa palestra sobre algum assunto obscuro como resultado. Cosmas sempre parecia aprender sobre as coisas mais estranhas. Uma vez, Thanos havia-o encontrado a ler sobre as diferenças entre dois obscuros tipos de besouro, nenhum das quais foi encontrado no Império. Quando Thanos perguntou porque é que ele queria saber uma coisa tão inútil, ele respondeu simplesmente que valia a pena ter todo o conhecimento.

Hoje, porém, Thanos não tinha tempo para essas distrações.

"Estás aqui por causa do que eu te disse", perguntou Cosmas, emergindo por trás das suas pilhas de livros e pergaminhos.

"Sim, eu quero saber mais sobre..."

"Espera", disse Cosmas, e Thanos viu-o a ir para as portas da biblioteca, fechando-as com um grunhido de esforço. Trancou-as também, usando uma grande chave de bronze que Thanos duvidou que tivesse sido utilizada nos tempos mais recentes. Certamente, Thanos nunca tinha encontrado as portas fechadas antes.

"Agora podemos falar", disse Cosmas. "A biblioteca está projetada para estar em silêncio. Ninguém vai conseguir ouvir."

Thanos olhou para o discípulo. "Disseste antes que sabias algo sobre quem me tinha tentado matar e porquê?"

Cosmas balançou a cabeça, fazendo um gesto para Thanos o seguir enquanto se dirigia para as prateleiras. "Eu posso imaginar o porquê", disse ele. "O quem pode vir a partir daí."

Thanos esperou enquanto o velho tirou um livro quase tão grande quanto ele, encadernado com pele de bezerro e com cantos em prata. Thanos ajudou-o a carregá-lo, mas Cosmas foi quem lhe mexeu e abriu um espaço numa das mesas da biblioteca. Em seguida, abriu o livro para encontrar a página que ele queria.

Thanos olhou para baixo e deu por si a olhar para uma árvore genealógica.

Ele a reconheceu imediatamente como a sucessão do Império. O Rei Claudius estava lá e rainha Athena. Lucious estava lá, com Thanos e os seus pais de um lado, onde...

"Consegues vê-lo?", perguntou Cosmas.

Thanos via. Havia uma anotação nas margens.

"Ericthus, IV, 14-16? O que significa isso?", perguntou ele a Cosmas. Se houvesse alguma coisa escrita na biblioteca o velho não podia entender, Thanos não tinha encontrado ainda.

"Eu acredito Ericthus era um dramaturgo menor no reino do Rei Harrath", explicou Cosmas.

"Duzentos anos atrás", disse Thanos.

"Ah, então afinal sempre assimilaste alguns dos teus estudos."

Thanos duvidava que um dramaturgo morto há muito tivesse algo a dizer sobre ele, ainda assim. Pelo menos, não diretamente. Mas talvez alguém estava a tentar dizer coisas indiretamente, de uma forma que a maioria das pessoas simplesmente ignoraria.

"Tens estas peças aqui?", perguntou Thanos.

"Algures", disse Cosmas, com um movimento de uma mão enrugada que apanhou vários livros espalhadas ao redor. "Eu lembro-me de eles estarem ao lado de um tomo sobre a flora das ilhas periféricas."

Thanos suspeitava que aquilo não ajudaria muito, mas desatou a procurar pela biblioteca, de qualquer maneira. Às vezes, mesmo quando uma causa parecia perdida, ainda valia a pena tentar. Como com Ceres. Ele iria encontrar uma maneira de recuperá-la. Ele tinha de o fazer.

Por enquanto, porém, ele mergulhava entre livros e pergaminhos, tentando tirar o sentido de um sistema que, provavelmente, só existia na cabeça de Cosmas. Não havia nenhum método para aquilo. Ele mergulhou em obras sobre a construção adequada de aquedutos, pergaminhos filosóficos, tratados sobre geometria... Finalmente, tal como Cosmas tinha prometido, ele avistou um trabalho sobre plantas raras, e ao lado, viu um esbelto volume encadernado em couro.

"Eu consegui!", disse Thanos, segurando o livro no ar como se fosse o grande prémio no Stade depois de toda aquela procura. Ele levou-o para a mesa, abri-o para encontrar uma inscrição dentro.

Olivia, que encontres tanta felicidade no trabalho de Ericthus como eu. C.

Thanos congelou ao ver aquele nome. O nome da sua mãe. E a inicial, poderia ser... não, ele não poderia pensar aquilo.

Ao invés de olhar para a inscrição, ele foi para o quarto capítulo, procurando as primeiras dezasseis linhas. Elas pareciam fazer parte de um discurso de um dos seus personagens, uma nobre:

Deveria eu esconder a verdade de todos

Que o que devia ser feito à mão do meu marido

Caiu em vez disso na do meu rei?

Thanos olhou para as linhas. Como as do início do livro, elas recusaram-se a afundar-se.

"Isso tem que ser algum tipo de piada", ele conseguiu finalmente.

"Não é uma piada", disse Cosmas. "Um lembrete de outra velha história.

Embora esta não esteja escrito. Rei Claudius fez por isso."

"Que história antiga?", perguntou Thanos.

"Que houve uma parteira na cidade que tinha ouvido falar coisas da princesa do Império que ela tinha ajudado com o seu bebê."

"Estás a falar da minha mãe", disse Thanos. Ele nunca tinha conhecido o suficiente sobre a sua mãe ou pai para sequer os imaginar. Havia pinturas em algumas das galerias do castelo, mas mesmo aquelas eram tensas, coisas formais.

Cosmas assentiu solenemente, a sua cabeça calva mergulhando rapidamente.

Thanos conseguiu ver o seu topo.

"Sempre houve insinuações e histórias", disse o discípulo. "Mas elas desapareceram, e tu voltaste a ser apenas o sobrinho do rei outra vez."

"Estás a dizer... estás a dizer que eu sou o filho do rei". A enormidade daquilo atingiu Thanos naquele momento. Tudo o que ele havia pensado sobre o mundo parecia desvendar-se, de uma só vez. Durante toda a sua vida, apesar de tudo, ele sabia onde se encaixava, quem ele era. Agora, nenhuma dessas coisas parecia já ser estável.

Ele olhou para Cosmas, e uma nota de culpa penetrou na sua voz. "Se conheces essas histórias, então poderias simplesmente ter-me contado."

"Mas então não terias visto isto por ti mesmo. Não podes simplesmente procurar conhecimento, Thanos. Tu procuras a prova."

Thanos ainda não estava convencido. "Poderias ter-me contado anos atrás."

"Algumas coisas são deixadas no passado. Ficavas mais seguro não sabendo".

"Mas tu achas que nem todos as deixaram lá", adivinhou Thanos.

Cosmas estendeu as mãos. "Eu acho que alguém encontrou o livro, e decidi lembrar-se da sua linhagem. Eles encontraram uma nota nas margens, e foram mais persistente do que eu poderia imaginar. Eles aprenderam sobre os velhos rumores. Talvez eles vissem o começo de algo que não queriam que acontecesse."

"Quem?", perguntou Thanos.

Cosmas sorriu levemente. "Entendes que eu não posso dizer com certeza absoluta. Um homem sábio compreende os limites do que ele sabe, e tem havido muitas pessoas na minha biblioteca ultimamente."

"Cosmas", disse Thanos com mais força do que pretendia. "Sinto muito, mas a minha vida está em jogo."

"Muito mais do que a tua vida, eu acho", respondeu Cosmas. "E para responder à tua pergunta, Prince Lucious tem sido mais diligente do que o habitual com os seus estudos."

Lucious novamente. Para onde quer que ele olhasse, parecia que Thanos estava a encontrar o seu nome. A

evidência estava a acumular-se, mas nenhuma parecia ser final.

"Disseste algo sobre uma parteira?", perguntou Thanos.

Cosmas assentiu. "Eu não contei a Lucious esta parte, mas eu era capaz de localizar a mulher. Ela vive na cidade."

"Vou precisar do endereço", disse Thanos.

"Claro."

Thanos sentiu como se ele estivesse finalmente a chegar a algum lugar com as suas tentativas de descobrir o que estava a acontecer. Ele tomou nota do endereço que o discípulo lhe disse e praticamente correu para fora da biblioteca.

Ele obrigou-se a abrandar para um passeio enquanto se dirigia para os estábulos, determinado a descer para a cidade e a encontrar a mulher. Ele não queria que as pessoas pensassem que algo estava errado. Obrigou-se a fazer o seu caminho através do pátio do castelo tão calmamente como se estivesse a dirigir-se para um passeio de prazer, embora o seu instinto lhe dissesse para correr para o cavalo mais próximo e cavalgar depressa.

Quando se aproximou, os estábulos estavam mais ruidosos do que Thanos teria esperado. Normalmente, haveria o relinchar ocasional dos cavalos, alguns gritos de boa índole dos trabalhadores do estábulo. Agora, os cavalos soavam como se algo os tivesse assustado, fazendo barulho com os cascos nas paredes das suas barracas, recusando-se a acalmar.

Thanos correu para as portas do estábulo, surpreso ao encontrá-las semiabertas. Nenhum trabalhador do estábulo responsável iria deixá-las assim.

Ele olhou para dentro, tentando perceber. Os estábulos pareciam estar sem trabalhadores, os cavalos deixados a moer por ali quase em pânico.

No meio de tudo isso, Thanos viu o motivo.

"Não", disse Thanos ao ver o corpo ali deitado. Estava de costas, e Thanos instantaneamente reconheceu o rapaz do estábulo que tinha interrogado antes. O

rapaz estava com os seus membros bem abertos, e com um olhar vazio. Havia buracos sangrentos na frente da sua túnica, mas não havia cortes nos seus braços.

Ele não se tinha defendido. Em vez disso, alguém da sua confiança tinha caminhado até ele e tinha-o esfaqueado.

Não, não alguém. Lucious estava por trás disso. Thanos tinha certeza disso. A raiva subiu por si acima, e uma tristeza profunda de tristeza veio atrás. Se ele não tivesse vindo ver aquele rapaz, será que ele ainda estaria vivo? Tinha sido ele o causador daquilo? Não, isso era culpa de Lucious. Tudo apontava para Lucious.

Agora, Thanos precisava encontrar uma maneira de provar isso.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Ceres olhou para o zigurate do povo da floresta. Era enorme e antigo, obviamente construído muito antes da sua aldeia, mas ainda parecendo como se pertencesse ali. Ao lado dela, Eoin ficou à espera.

Degraus de lado conduziam a diferentes níveis da estrutura. Em cada um deles, estava uma pessoa da floresta de pé, ou sentada, ou a mover-se em lutas de dança elaboradas com o próprio ar.

"O que eu devo aprender aqui?" Ceres perguntou e depois conteve-se. "Eu sei, eu sei, toda a gente aprende as suas próprias lições. Mas como funciona este?"

"É simples", disse Eoin. "Quando conseguires encontrar-te comigo no topo, estarás pronta."

"Pronta para quê?", Ceres quis saber.

Eoin encolheu os ombros, com um sorriso que era muito irritante. "Eu digo-te no topo."

Ele subiu os degraus e Ceres seguiu-o, mas a mulher no nível mais baixo do zigurate mexia-se à frente dela.

"Primeiro, tu tens coisas para aprender. Sabes como pontapear? Dá-me um pontapé."

Ceres pensou que sabia, mas no momento em que deu o pontapé, o insular aparou-o quase com desprezo. O pontapé dela em resposta quase a derrubou.

Ceres atacou em resposta e, mais uma vez, bateu de lado.

"Isto é tudo o que consegues fazer?"

Ceres atacou uma e outra vez. Ela falhava sempre ou então era bloqueada. De cada vez, um pé ou uma perna atingiam-na. Antes, ela queixava-se de não lutar.

De ter de se mover lentamente e praticar os movimentos sem parar. Agora, com os braços a pulsar com contusões, Ceres estava a começar a desejar a lentidão ao jeito de dança dos treinos anteriores.

"Concentra-te!", disse, de repente, a mulher da floresta que estava à frente dela, marcando a sua posição com um pontapé que levantou ao ponto de despentear Ceres.

Ceres imaginou que deveria copiar e reagir, mas quando os povos da floresta eram muito mais qualificados do que ela, parecia que tudo o que podia fazer era deixar-se bater. Um pontapé lateral acertou-lhe no estômago. Ceres ficou com dificuldade em respirar.

"Como é que eu vou aprender tudo isso?", Ceres exigiu saber. "Tu nem sequer me estás a mostrar o que estás a fazer."

"Nós mostramos-te cada vez que nos movemos", respondeu a mulher. Ela girou, com o seu pé sacudindo-se de novo. Ceres, por pouco, inclinou-se para trás desviando-se a tempo. "O mundo mostra-se a cada respiração."

Ceres fez o seu melhor para copiar, dando pontapé após pontapé. Ela tentou imitar a forma, mas isso não pareceu ser suficiente para o seu adversário.

"O aspeto exterior dele não importa", ela retrucou, dando outra vez um pontapé em Ceres. Ceres forçou-se a dar com mais força, esperando que fosse o suficiente.

Eventualmente, com relutância, a mulher deixou-a passar. No momento em que ela o fez, Ceres sentiu que mal conseguia ficar de pé, e o ato de se esforçar para alcançar o nível seguinte levou tudo o que tinha. Ela nem sequer tinha a certeza de ter aprendido a partir da repetição infinita e desgastante.

E isso era apenas o primeiro passo.

Havia um homem no nível seguinte que golpeava em pontos vulneráveis do corpo com os dedos cobertos de casca. Ceres deu-lhe um dos pontapés que tinha aprendido, e ele atacou dolorosamente no joelho dela.

"Isso não é o que estás aqui para aprender."

Então ela tinha que começar de novo, sendo a dor a única maneira de aprender. Ela copiou o melhor que pôde, mas ainda assim pareceu uma eternidade antes que ela conseguisse transportar-se para o próximo nível e, depois, o próximo. Uma mulher atirou-a com força para o chão, um homem que atacou com os seus cotovelos e joelhos, impossível de se recuar.

Ela não via qual era o objetivo. Ela não podia aprender tudo aquilo numa tentativa, independentemente do quanto ela tivesse estado a treinar com Eoin.

Tudo o que ela estava a fazer era ficar cheia de nódoas-negras que ela mal conseguia subir de um nível para o outro.

Ela levantou-se, pronta para o seu próximo adversário, o seu próximo professor, e se viu diante de uma miúda pouco mais velha que Eike, tão profundamente enredada na maldição dos insulares que a sua pele parecia mais casca do que carne.

"É suposto eu lutar contigo?", perguntou Ceres.

A miúda riu-se. "Não é sobre a luta, tola. Não admira que estejas a apanhar tanto. É sobre a compreensão. Sabes, eu aposto que eu poderia empurrar-te diretamente para fora este zigurate se eu tentasse."

Ela tentou e Ceres teve de esquivar-se do empurrão. Em seguida, a miúda pegou o braço dela, torcendo, e Ceres teve que rolar para tirar a pressão.

"Consegues sentir a floresta?", perguntou a miúda, entre empurrões. "Eoin diz que vais sentir, mas eu não sei. Estás a ser *muito* atingida."

Ela continuou a atacar, numa estranha mistura de empurrões, viagens e bloqueios retorcidos de articulações que significavam que Ceres não conseguia lá muito bem obter o equilíbrio, nunca conseguia propriamente atacar.

"Tens de aprender as lições que o mundo tem", disse a miúda, com outra gargalhada. "Tens de ser parte

dele. Relaxa."

Ceres fez o seu melhor, mesmo parecendo estranho tomar lições de alguém muito mais jovem do que ela. Ela conseguiu desviar-se do caminho do impulso seguinte, mas o seguinte apanhou-a, enviando-a para a ponta do degrau onde ela estava. Por um momento, ela oscilou na borda, com a vista sobre a aldeia e a floresta lá em baixo. Foi uma surpresa ver o quão alto ela já tinha subido até então, com o resto espalhado como um tapete verde.

Ela sentiu o sopro do vento lá, parecendo segurá-la contra o lado do zigurate, ao vir da selva. Era como se a coisa toda estivesse a respirar como um organismo gigante, pulsando com vida.

"Não penses, move-te", disse a miúda, empurrando Ceres, que teria caído borda fora para a floresta lá em baixo se ela não se tivesse afastado para o lado.

Ela já estava tão cansada que o fez sem pensar, com a energia a subir dentro dela automaticamente. Parecia então que ela conseguia sentir tudo ao seu redor.

Ela podia ver o fluxo do próximo impulso, cronometrado no ritmo do pulsar interminável da selva. Ceres encaixou-se no fluxo desse impulso, moveu-se perfeitamente no espaço que ele criou, e programou um empurrão que atirou a miúda a rodopiar e a rir-se.

"Boa. Podes subir."

O próximo passo tinha um homem enorme cujas pernas estavam a meio caminho de ser troncos de árvores, e que dava socos que Ceres suspeitava que a teriam matado se ela não tivesse sido inundada pelo poder que estava dentro dela.

Ela contra-atacou, e embora o seu adversário não se movesse, ele parecia satisfeito.

A seguir era uma mulher que pegou Ceres, arrastando-a para o chão. Ceres sentiu a abertura e rolou, vindo por trás dela, colocando um braço em volta do pescoço do seu oponente e apertando.

Continuava sem parar. Cada um dos povos da floresta parecia ter uma habilidade diferente, mas Ceres estava começando a ver que eles não eram tão diferentes, afinal. Quer dessem murros ou pontapés, dançassem à volta dela ou avançassem para a atacar, todos os habitantes da ilha se moviam em sintonia com o mundo ao seu redor, não pensando para além daquele momento. Cheia de energia, Ceres achou fácil relaxar no mesmo momento, e um a um eles deixaram-na subir as encostas do zigurate.

Finalmente, Ceres subiu para o topo da estrutura, onde Eoin a esperava. Ali, Ceres podia ver uma faixa de água que caía pela inclinação traseira do zigurate, vindo de uma nascente que arqueava sobre um bloco de pedra, caindo para baixo numa cascata facilmente tão poderosa quanto aquela onde tinham treinado por baixo antes. Ceres não podia ver além dessa cortina de água, mas ela estava certa de que havia algo.

Eoin parou diante da parede de água. Ele ficou lá parecendo tão perfeito quanto uma estátua.

Ele lançou-lhe um olhar interrogativo. "Já entendes? Consegues senti-lo, Ceres?"

Ceres assentiu. Ela conseguia sentir o mundo inteiro em torno dela enquanto estava lá em cima. Ela podia

ver a ilha espalhar-se por baixo deles também, parecendo ainda mais bonita dali do que ao nível do solo. Ela podia ver os afluxos e lagoas lá, as enseadas e as praias que se erguiam para a selva. A esta altura, ela sentia o vento a girar em torno dela também, girando enquanto estavam ali juntos.

"A primeira vez que te vi, eu soube que tu tinhas poder", disse Eoin. "Eu pensei que as nossas maneiras te podiam levar a isso.", ele sorriu. "E agora vejo que estava certo."

Ceres ficou ali. Ela sentia a energia a pulsar dentro de si.

"Há algumas coisas que não podem ser controladas", Eoin continuou. "Podes muito bem tentar controlar a selva. Mas tens uma escolha. Podes optar por desenvolver o poder dentro de ti. Ou podes optar por deixá-lo desaparecer."

Ceres franziu a testa para ele naquele momento. "Porque faria eu isso?"

Eoin suspirou.

"Porque o poder dentro de ti é perigoso", disse ele. "É um presente muito antigo, e se optares por aceitá-lo, ele vai crescer dentro de ti. Vai ferir ou matar todos aqueles que tentarem prejudicar-te. Qualquer um que toque em ti com malícia vai transformar-se em pedra."

Ceres lembrou-se dos momentos no Stade quando o seu poder lhe tinha chegado, matando criaturas que tinham estado à beira de desfazê-la em pedaços.

Ela pensou na criatura que tinha atacado o navio, e da forma que ela tinha recuado de si.

"Isso não soa como uma coisa má", disse ela.

"Talvez não," respondeu Eoin. "Mas é como ter um animal selvagem para te protegeres. Pode ser ferozmente leal, mas não serás capaz de segurá-lo com os outros. Ele vai atacar qualquer um que te toque com raiva, quer queiras ou não magoá-los. Ele pode ferir aqueles que amas. E quando o teu poder for revelado, não pode ser contido."

Isso era uma coisa mais difícil, e foi o suficiente para fazer Ceres parar.

"Tenho de fazer isto?", perguntou ela.

Eoin abanou a cabeça. "Já aprendeste muito sobre a luta conosco. Talvez seja por isso que foste trazida para aqui. Talvez seja *tudo* para o qual foste trazida para aqui."

"Mas não acreditas nisso", supôs Ceres.

Eoin estendeu a mão para ela. Ceres tomou-a, sentindo a suavidade do musgo da sua pele, onde eles se tocaram.

"Eu acho que há muitos lugares onde poderias ter aprendido a lutar, mas muito poucos onde possas ir mais fundo. Onde podes aprender a entender o que está dentro de ti. Eu acho que foste trazida aqui por uma razão."

Ela estava ali, com o coração a bater forte, com medo de abraçar o seu poder

- ainda que o desejando.

Eoin recuou.

"A decisão é tua."

Ceres ficou de pé, olhando para a aldeia. Ela olhou mais para o longe, onde o oceano lambia as bordas da ilha. Algures para além daquele ponto, a sua família estava à espera. Ela queria voltar para eles. Ela queria ter a força para protegê-

los. A rebelião estava lá fora também. Eles precisavam que ela tivesse a força para fazer a diferença.

Mas seria preciso que ela desencadeasse algo assim? Quantas pessoas ela poderia magoar? Quantas pessoas podia ela matar? Aquela era uma decisão que não podia ser desfeita. O tipo de decisão que podia afetar toda a sua vida.

Ela viu Eoin passar através da parede de água na parte superior do zigurate, desaparecendo além dela. A sua voz voltou.

"Segue-me se tiveres coragem, Ceres."

Ceres ficou ali durante algum tempo. Ela pensou na rebelião, e em todas as pessoas que tinham sido levadas pelo Império. Ela pensou na sua família. Então ela pensou em Thanos, morto por causa de toda essa loucura. Loucura que ela poderia finalmente ter o poder de parar se ela aceitasse aquilo.

Ceres sentiu o trovão da água sobre ela quando ela a atravessou.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Thanos caminhava para os distritos mais pobres de Delos, tentando não deixar que a pena que ele senta pelo estado daquele quarteirão da cidade não transparecesse no seu rosto. Ele manteve a sua capa à sua volta para que ninguém visse quem ele era. Ele duvidou que ser um príncipe carregasse muito peso ali entre aqueles tão pobres que nem sequer podiam comprar comida.

As casas ali quase nem mereciam o nome. Elas não eram unidades discretas como as aglomerações de madeira e gesso, eram barracas que fluíam até à seguinte, sem que Thanos conseguisse dizer onde os edifícios começavam e acabavam.

Havia mendigos na rua, e Thanos imaginava que teria havido ladrões também se alguém havia possuído qualquer coisa que valesse a pena roubar. Ele mantinha um olhar atento sobre os becos em que ele passava enquanto ele tentava encontrar o que batia certo com o endereço que ele tinha da parteira.

Ele olhou para trás também. Não era apenas com os ladrões que ele tinha de se preocupar. Depois do que tinha acontecido com o rapaz do estábulo, ele não queria arriscar trazer a morte para outras pessoas.

Mesmo com o endereço que Cosmas lhe dera, estava a demorar a encontrar o lugar certo. O endereço era de uma casa num dos bairros mais pobres da cidade.

Thanos esquivou-se até lá na primeira luz da manhã, envolvendo-se na sua capa para não atrair a atenção.

Ele encontrou a casa depois de mais de uma hora de busca. Estava decrépita e em ruínas, parecendo a Thanos como se as teias de aranha fossem as únicas coisas que mantinham uma das paredes de pé. Havia um leve cheiro de podridão quando ele se aproximou, e estava tão calmo que Thanos não tinha certeza se estava vazia ou não.

Ele bateu, de qualquer das formas, e ficou um pouco surpreendido quando uma mulher da sua idade abriu a porta.

"Estou à procura da mulher que era parteira no castelo há duas décadas", disse ele. A jovem olhou como se ela pudesse trancar a porta, mas quando Thanos atirou o capuz do seu casaco para trás, ela pareceu congelar no lugar. Ela, obviamente, reconheceu-o.

"Por favor", disse ele. "É importante."

Ela ficou ali pensando por um momento. "Tu és..."

"Sim", Thanos disse com um aceno de cabeça. "Eu sou."

"Queres a minha mãe. Vem comigo."

Thanos seguiu até uma barraca que não parecia muito melhor no interior do que no exterior. A pouca mobília que havia parecia que era de há muito tempo.

Não se parecia certamente com a casa de uma parteira bem-sucedida o suficiente para ser chamada ao palácio.

Num quarto das traseiras, ele encontrou uma velha sentada numa cadeira que parecia que se podia desmoronar a qualquer momento. Assim que ele viu as suas mãos, cheias de artrite, Thanos entendeu porque as duas não estavam a viver em qualquer lugar melhor.

"Sê gentil com a Mãe", disse a jovem. "A memória dela não é o que era. Ela mal fala agora."

Thanos aproximou-se. Não houve resposta da velha mulher. Agachou-se ao lado dela, mas a sua expressão não mudou.

"Eu preciso da tua ajuda", disse Thanos. "Eu encontrei uma referência na biblioteca do castelo, numa genealogia. Eu estou a tentar descobrir o porquê."

Não houve resposta da mulher.

"Era a uma coleção de peças de teatro", tentou Thanos. Ainda assim, não houve resposta.

"Por favor", disse Thanos. "As pessoas estão a tentar matar-me, e eu acho que isso tem algo a ver com isso. Eu preciso entender o motivo."

Não houve qualquer resposta da velha mulher. Mal parecia haver qualquer faísca de vida ali, de modo que parecia a Thanos que ele pudesse estar a falar com uma concha vazia.

Os segundos estendiam-se, transformando-se em minutos. Ele olhou nos olhos da mulher, silenciosamente implorando por algo.

"Por favor", disse ele. "Eu só quero entender quem eu realmente sou."

Aquele era um caso perdido. Ele nunca iria descobrir o que ele precisava saber.

Ele se levantou com um suspiro. "Sinto muito ter-te incomodado. Eu irei."

Ele virou-se e encontrou uma mão presa no seu braço. Os dedos da velha estavam frágeis em torno do seu pulso, mas Thanos conseguia sentir a força lá também.

Thanos vi os olhos dela travarem nos seus quando ele se virou para trás. "O

filho do rei."

Thanos abanou a cabeça. "Sinto muito, mas eu sou o..."

"Filho do rei", disse a velha, interrompendo-o com uma voz que soava enferrujada com a falta de uso. "Ao princípio a miúda fingiu que não eras, mas ele estava lá fora da sala, andando de um lado para o outro como só um pai anda."

"Tens a certeza?", perguntou Thanos.

A antiga parteira assentiu. "Ela disse-me, porque não havia mais ninguém para contar."

Thanos engoliu em seco enquanto tentava que fizesse sentido. Mesmo que ele tivesse adivinhado aquilo com Cosmas, ainda era um choque para ele ouvi-lo assim, de uma mulher que tinha estado lá. Havia uma parte dele que ainda queria dizer que era uma mentira, mas isso fazia mais sentido do que ele pensava que faria. O choque ainda o atingiu como uma pedra a cair, mas havia algo sobre aquilo que parecia certo também.

Ele ficou ali, enquanto as peças se encaixavam. Se esta mulher velha estava a dizer a verdade, então ele realmente era o herdeiro. E isso dava a Lucious razões mais do que suficiente para querer vê-lo morto.

A raiva subiu em Thanos então, afiada e dura como um diamante. Ele tinha aturado com tanto que Lucious tinha feito ao longo dos anos. Ele tinha estado presente enquanto ele tinha sido o pior tipo de nobre, enquanto ele colocava Thanos para baixo, mesmo quando ele tinha atacado Ceres. Bem, isso já não ia acontecer mais.

"Obrigado", disse Thanos para a velha. "Eu tenho de voltar para o castelo."

"Não me agradeças, rapaz", ouviu-a ele dizer. "Há notícias que não trazem felicidade nenhuma."

Thanos voltou enfurecido para o castelo, ignorando os guardas que tentaram desafiá-lo nos portões. Ele fez o seu caminho ao longo dos corredores, indo para os quartos dele só porque poderia ir buscar as suas armas e armaduras. Logo em seguida, ele poderia ter caminhado até Lucious e tê-lo desfeito ao meio com

as próprias mãos, depois de tudo o que ele tinha feito.

Ele abriu as portas para os seus quartos, e ficou surpreso ao ver Stephania sentada lá num sofá, obviamente esperando por ele. Ela franziu o sobrolho, assim que ele entrou.

"Thanos? O que é que se passa?"

"Como é que entraste aqui?", perguntou Thanos. Muita da sua ira saiu quando ele fez a pergunta.

"Um servo deixou-me entrar", disse Stephania. "Havia coisas que eu precisava dizer-te, e pensei que era melhor esperar por ti aqui. Mas isso pode esperar. O que aconteceu?"

Thanos ficou ali, com as mãos enroladas. "Eu descobri a verdade."

"Que verdade?", perguntou Stephania.

Thanos parou por um instante antes de lhe dizer, mas ele tinha de dizer isto a alguém. "Foi Lucious que me tentou matar."

"Oh, Thanos", disse Stephania, e Thanos viu-a levar a mão à boca. Ele sabia como ela se sentia.

"Eu vou matá-lo", disse Thanos. "Depois de tudo que ele fez, eu vou matá-lo, Stephania."

Ela colocou-se entre ele e a porta.

"Não me tentes impedir", disse Thanos.

"Não é isso", Stephania respondeu. "É... eu tenho uma notícia."

"Isto pode esperar."

Ele viu-a sacudir a cabeça. " *Não pode* esperar. Trata-se de Ceres."

Isso foi o suficiente para deter Thanos. Ele ficou em silêncio.

"Devias sentar-se aqui", disse Stephania, indo de volta para o sofá e gesticulando para ele se juntar a ela.

Thanos não queria. Ele queria a notícia agora, fosse o que fosse, mas parecia claro que Stephania não ia dizer nada até que ele se juntasse a ela. Sentou-se com cuidado, sentindo a dureza do sofá debaixo dele.

"Não me digas que...", começou Thanos.

"Eles estavam a levá-la para a Ilha dos Prisioneiros num navio prisão. Esse navio nunca chegou."

Thanos pensou em todas as possibilidades. Talvez a rebelião tivesse intercetado o navio. Talvez o povo de Akila o tivessem capturado. Talvez Ceres tivesse orquestrado uma fuga.

"Quando um barco passou perto do seu caminho, eles encontraram destroços", disse Stephania. "Eles dizem que não deve ter sido uma tempestade. O navio foi dilacerado. Não houve... sinto muito, Thanos, mas não houve sobreviventes."

"Não", disse Thanos, balançando a cabeça. Ele levantou-se. "Não, não pode ser."

Ceres não podia estar morta. Ela *não podia* estar. Se ela estava morta, então nada mais fazia sentido. Thanos sentiu as lágrimas a saírem-lhe dos olhos, impossível de parar, não importa o quanto ele tentasse. Ele virou-se para que Stephania não visse, mas ela estava lá na frente dele de qualquer maneira.

Ela colocou os braços ao redor dele, segurando-o perto o suficiente para que ele pudesse sentir o cheiro suave e floral dela.

"Sinto muito", disse ela. "Queria ser eu a dizer-te. Eu não confiava em mais ninguém para fazê-lo".

"É...", ele não sabia o que dizer em seguida. Ele simplesmente não sabia. Era como se o mundo tivesse chegado a um impasse dissonante, preso entre um

momento e o próximo. Era como se ele suspirasse e o ar fresco se recusasse a entrar nos seus pulmões, deixando-o como uma espécie de naufrágio ofegante.

Stephania estava lá naquele espaço, segurando-o, sentindo-se como uma âncora para o mundo quando tanto de Thanos caía apesar de ele estar a flutuar livremente. A mão dela era tão pequena e delicada, mas ele não tinha forças enquanto ela segurava as mãos dele. Ela estava lá, enquanto a tristeza dele tomava conta de si, em ondas que ele não queria que ninguém visse.

Stephania esteve sempre com ele durante todo o tempo e Thanos estava cada vez mais grato pelo fato de ela estar ali. Ela estava certa; não havia ninguém ali que pudesse ter-lhe dito algo como isso. Não havia ninguém mais em quem ele teria confiado para segurá-lo assim.

E ele *confiava* nela. Stephania tinha estado lá para ajudá-lo na sua investigação. Ela colocou de lado a forma como ele a tratava, e ela estava lá agora, no momento mais negro da sua vida. Ela não dizia nada. Ela não precisava.

Ela estava simplesmente ali, esperando, enquanto a dor de Thanos se extinguia.

Ele ficou surpreso ao descobrir o que estava lá quando o primeiro embate passou.

Ele nunca pensou que poderia sentir alguma coisa por alguém como Stephania, mas agora, olhando para ela, era impossível não o sentir. Ela era perfeita, de muitas formas, mas aquele momento só foi para mostrar exatamente o quanto ele a compreendia.

Thanos percebeu o quão perto eles estavam então. Perto o suficiente que não teria sido preciso nada para fechar a distância entre eles. Teria sido tão fácil beijá-la, em seguida, e talvez isso tivesse ajudado. Talvez, pensou, fosse o suficiente para fazê-lo sentir algo, qualquer coisa, em vez de o vazio terrível que bocejava dentro de si.

Em vez disso, ele sentiu os dedos dela tocarem nos seus lábios.

"Não", disse Stephania. "Assim não. Estás chateado. Eu não quero que seja só por causa disso, e não é por isso que eu estou a fazer isto. Eu estou aqui porque tu és meu amigo, e porque eu me importo contigo."

O que era surpreendente era o quanto ele se importava com ela também.

Parecia que os sentimentos de Thanos por Stephania se tinham construindo dentro dele quase impercetivelmente à medida que ele passava mais tempo com ela. Ele tinha visto quem ela realmente era, e era alguém que ele poderia facilmente apaixonar-se.

Alguém com quem ele se via para sempre.

"Precisas de te concentrar nas coisas importantes", disse Stephania. "Como o que vais fazer a seguir."

"Essa parte é simples", disse Thanos. "Eu vou lidar com Lucious".

CAPÍTULO TRINTA

Sartes agarrava-se ao cavalo firmemente enquanto eles corriam em direção à cidade, com medo de cair se ele não o fizesse. Assim como estava com medo de poder deixar cair os planos preciosos que segurava. Ele freou o seu cavalo, e ao seu lado, Anka e o seu pai fizeram o mesmo.

"Anka, temos de ir mais devagar", disse ele. "Eu não posso arriscar deixar cair estes."

"O que é mais importante do que a sua vida?", Anka gritou de volta.

"Sartes tem planos tirados das tendas de comando do Império", disse o seu pai, respondendo por ele.

Sartes viu Anka olhar para ele com surpresa óbvia.

"A sério? Tens os planos deles?"

Sartes assentiu. "Um dos comandantes queria-os para ver para onde era suposto ele ir. Tirei tudo o que podia."

"Então não podemos simplesmente levar-te para a cidade da maneira normal", disse Anka. "Segue-me."

Ela pôs o seu cavalo a galopar e Sartes fez o seu melhor para a seguir. Ele atreveu-se a olhar para trás, e agora ele podia ver os cavalos no horizonte, com poeira a voar dos seus cascos. Eles tinham passado muito tempo a falar. Os soldados estavam à vista.

Sartes fez o seu melhor para se manter no cavalo enquanto Anka liderava o caminho de volta pelos trilhos e ao longo do terreno irregular. Ele olhou para ver o seu pai a incitar o seu cavalo, e tentou não mostrar o quanto ele estava assustado então. Se os soldados os vissem, aquilo transformava-se de uma caça numa corrida, e ele não sabia se ele conseguia ganhar.

Sartes seguiu Anka ao longo de uma série de trilhos contorcidos que levavam através de um grupo de árvores e passavam por um ponto onde duas pedras se situavam de ambos os lados, quase bloqueando o caminho. Parecia a Sartes que era um percurso concebido para confundir e distrair aqueles que o seguiam, mas isso significava que ele era sacudido com cada sulco e deslocamento da terra.

"Não muito longe agora", ele ouviu Anka. "Nós vamos ter de deixar os cavalos quando chegarmos à cidade, mas o nosso povo têm uma maneira de entrar."

O nosso povo. Sartre gostou do som disso. Ele queria ser uma parte da rebelião desde a primeira vez que ele tinha ouvido falar sobre isso. Ele queria estar lá para o ataque na Praça do Chafariz. Se ele fosse mais velho...

... então talvez ele tivesse acabado morto, como Rexus e o seu irmão. Antes, ele era muito novo para fazer qualquer coisa para a rebelião, mas talvez ele pudesse agora.

Ele viu um riacho em frente, íngreme dos lados e demasiado rápido a fluir para arriscar mergulhar, especialmente com os planos. O cavalo de Anka saltou-o facilmente, e Sartre viu o seu pai seguir. O seu cavalo parecia saber o que era exigido dele sem nada ser dito, não dando a Sartre tempo para pensar sobre o quão grande o espaço era, ou o quão fria a água estaria se ele caísse.

Ele sentiu os músculos do cavalo debaixo dele e agarrou-o com as suas coxas quando ele saltou. Por um momento, tudo parecia sem peso, em seguida, o chão veio a tropejar para encontrá-los, e Sartre quase abalou da sela. Ele sentiu os planos que manteve a segurar, agarrando-se a eles, conseguindo que não caíssem enquanto o cavalo avançava novamente.

Ao longe, Sartre viu as muralhas de Delos. Dada a miséria da cidade, ele nunca tinha pensado que ficaria tão grato por vê-los novamente. Os três deles andava em direção às muralhas, e Anka angulou um espelho para o sol num padrão que parecia repetir-se à medida que se aproximava.

Seguiram passando por uma porta lateral e Sartre ousou olhar para trás. Os soldados que os perseguiam estavam mais perto agora, com espadas prontos para lutar, com os seus cavalos tensos enquanto avançavam para eles os três.

Eles correram pelas ruas, cruzando-se com a multidão. Para surpresa de Sartre, um acenou.

"Desmontar aqui!", disse Anka, praticamente pulando do seu cavalo.

Sartre e o seu pai seguiram o seu exemplo, e quase antes de ele estar fora do cavalo, Sartre viu as rédeas a serem levadas por um homem em roupas simples, os punhos das armas apenas visíveis quando se moviam. Outro homem atirou um manto gasto e sujo na sua direção.

"Põe-o!", ordenou Anka, vestindo um que era quase idêntico.

A usá-los, Sartre, o seu pai e Anka pareciam a Sartre como um grupo de mendigos fazendo o seu caminho através da cidade. A multidão fechou-se em torno deles e ele viu os soldados a cavalo pelas ruas, empurrando as pessoas para fora do caminho. Resumidamente, o coração de Sartre estava na sua boca. E se o seu disfarce não funcionasse? E se os homens avistassem os três?

Mas eles passaram, enquanto Sartre e os outros faziam o seu caminho ao longo das ruas da cidade. Anka liderava o caminho, dando voltas e mais voltas que pareciam não fazer sentido, até que chegou a um espaço com um pátio murado. Anka dirigiu-se para dentro e, depois, para cima num prédio que misturava pedra e madeira, mais sólido do que a maioria dos que estavam em torno dele.

Sartre seguiu-o. O seu pai colocou uma mão no seu ombro.

"Nós conseguimos. Nós, na verdade escapámos."

Sartes acenou, aliviado. "Tu salvaste-me."

O seu pai abanou a cabeça. "Anka salvou-nos a nós os dois."

"E agora talvez possamos retribuir", disse Sartre, tocando os mapas que ele ainda segurava.

Ele seguiu enquanto Anka liderou o caminho até uma sala ao nível do sótão, onde mais de uma dúzia de pessoas estavam à espera por eles. Eles ficaram em torno de uma grande mesa, com o espaço iluminado por velas caleiras.

A coisa surpreendente para Sartre era o quão comum todos pareciam. Ele tinha ouvido tantas histórias da rebelião que ele estava à espera de algo... mais.

Talvez um exército de lordes de combate, todos prontos para assumir uma horda de soldados do Império. Assassinos qualificados, camuflados em preto e armados com venenos raros. Líderes heroicos como Rexus.

Em vez disso, eles apenas pareciam ser pessoas normais. Pessoas como o seu pai. Pessoas como ele. Eles não pareciam felizes.

"Anka, no que é que estavas a pensar ao cavalgar para aqui com tanta pressa?", perguntou um homem. Ele tinha os ombros largos de um agricultor e uma barba áspera. "Podias ter comprometido tudo aqui."

"Foram seguidos?", perguntou um homem mais baixo. Ele tocou o cabo de uma faca. "Precisamos de lutar?"

"Nós não foram seguidos", Anka assegurou. "E não havia tempo para mais nada. Nós temos algo para lhes mostrar."

Sartes deixou-a levar os planos dele e, então, ajudou-a a espalhá-los sobre a mesa.

"Como sabem, eu tenho estado à procura do irmão de Ceres, Sartre", disse Anka.

"Perda de tempo quando os filhos e irmãos de todos estão em risco", disse uma mulher."

Era difícil para Sartre gostar de alguém que pensasse que encontrá-lo era uma perda de tempo.

"Não é perder tempo, Hannah", Anka atirou de volta. "Eu encontrei-o. E ele nos trouxe isto. Planos que indicam as intenções do Império. Eles mostram quais das nossas bases eles conhecem, e quais pretendem atacar. Temos, inclusive, as ordens para nos dizer quando pretendem chegar lá."

"Então nós temos muito tempo para evacuar o nosso povo", disse o primeiro rebelde a falar.

"Essa é uma possibilidade", disse Anka.

"Qual é a alternativa?"

Sartes compreendia, mesmo que os outros não compreendessem. "Poderíamos emboscá-los."

"És Sartre?", perguntou Hannah.

Sartre assentiu.

"Então, nós devemos-te imenso por obteres estes documentos, mas isso não significa que saibas sobre táticas ou estratégia."

Sartre encolheu os ombros. "Somente tanto quanto eu aprendi no exército."

"Como um recruta," a mulher respondeu. "Eu duvido que eles te ensinem muito sobre o planeamento."

"Eles ensinam-te a sobreviver", disse Sartre. "Aprendes sobre os seus inimigos. Adivinhas o que eles vão fazer antes de o fazerem, para que eles não te possam magoar."

Ele fez uma pausa ao perceber que os olhos de todos estavam sobre ele. Ele quase não conseguiu continuar, mas depois ele sentiu a mão do seu pai no seu ombro. Essa presença foi suficiente para dar-lhe a confiança para continuar.

"Eu sei o que o exército é como melhor do que qualquer um de vocês", disse Sartre. "Eu consigo dizer-vos qual dos oficiais irá precipitar-se, e qual será cauteloso. Posso dizer-vos que os recrutas irão fugir, se lhes deres qualquer perspectiva real de escape. Podemos emboscá-los. Nós podemos ganhar."

"É o que temos de fazer", disse Anka, acrescentando a sua voz à dele. "Não podemos lutar contra eles de frente, então o que resta? Nós, ou sentámo-nos e esperamos para sermos destruídos, ou aproveitamos oportunidades como esta."

"Temos pessoas suficientes?", perguntou um dos rebeldes.

"Temos algumas", disse Anka.

"Vais ter mais, se libertares os recrutas", disse Sartre. "Eles odeiam o Império. Os que não lutam por ti vão fugir."

"E nós lutamos de forma inteligente", insistiu Anka. "Olhem aqui. Se eles querem chegar ao nosso povo pelo norte da cidade, significa ir através dos cemitérios aqui e aqui. Sabemos que existem catacumbas para atacar de onde eles não nos possam ver. E se fizermos isto aqui, temos as ruínas dos antigos mausoléus para usar. Poderíamos mandar as paredes abaixo. Então nós temos arames, poços... poderíamos reduzir para metade os números deles antes mesmo da luta começar."

"Eles continuam a estar mais bem armados e blindados do que nós," insistiu Hannah.

Sartre apontou para o seu pai. "O meu pai é o melhor couteleiro que alguma vez vais encontrar. Ele pode ajudar-te a fazer todas as armas que alguma vez precisarás."

Sartre viu o seu pai a acenar. "Isso é verdade. Dá-me metal, fogo e pessoas suficientes para ajudar, e eu consigo produzir o que precisas."

"Quão rapidamente?", perguntou Anka.

O pai dele pareceu pensar durante um pouco. "Isso vai depender do tipo de recursos que me possas dar. Mas se me deres pessoas suficientes, eu posso equipá-las, tão bem quanto o exército. Melhor."

"E nós precisamos de bastantes para os tomarmos a todos de uma vez", Anka salientou. "Nós precisamos apenas de pessoas e armas suficientes para atingir as forças mais fracas. Podemos atingir centros de abastecimento para tomarmos mais. Vejam. Poderíamos evacuar as pessoas no antigo bairro, deixar armadilhas para trás, e atingir o seu comboio de abastecimento, enquanto eles ainda estão à nossa procura."

Ela começou a traçar os seus planos, e Sartres tinha de admitir que estava impressionado. Ele esperava que as coisas fossem difíceis para a rebelião sem Rexus, mas Anka parecia entender cada detalhe. Em alguns aspetos, pensou Sartres, ela era uma opção ainda melhor do que Rexus. Onde o ex-líder dos rebeldes poderia ter avançado, Anka parecia mais cautelosa, querendo planejar tudo tão cuidadosamente quanto possível para garantir que os seus povos não eram feridos.

Algures em todo o planeamento, Sartres foi andando para o fundo da sala. O

seu pai estava lá e ele colocou um braço à volta dos ombros do seu filho. Pela primeira vez desde que os soldados o haviam levado como recruta, ele sentia-se efetivamente seguro.

"Parece que vamos ter um monte de trabalho", disse o pai.

Sartres assentiu. "Eu não me importo. Eu *quero* ajudar a rebelião."

"Tens a certeza?", perguntou o pai. "Isso já está me custou um filho. Tu podias ir e ficar seguro."

"Tu irias?", perguntou Sartres.

O seu pai abanou a cabeça. "Eles precisam de mim para lhes fazer armas. Mas tu poderias escapar-te."

"Para onde?", perguntou Sartres. "Onde é seguro? Para qualquer lugar que eu fosse, o exército podia vir e levar-me, ou matar-me só porque lhes apetecia. A única maneira de ficar em segurança é se ajudarmos todos, e eu *quero* ajudar todos. Há ainda muitos como eu, presos no exército, ou a serem atacados todos os dias lá fora."

O seu pai concordou. "Eu estou orgulhoso de ti, filho, e tu estás certo. Nós temos de fazer isto melhor. Eu acho que posso fazer isso fazendo armas."

"E eu vou fazer o que puder para ajudar", disse Sartres.

Ele ainda não tinha certeza do que iria fazer, mas ele tinha certeza de uma coisa: desta vez, quando chegasse a hora de lutar contra o Império, ele queria estar lá.

CAPÍTULO TRINTA E UM

A parede de água jorrava sobre Ceres, tão fria que a fazia estremecer.

Enquanto caía sobre ela, parecia que estava a lavar algum bloco ou barreira, deixando algo abrir-se dentro dela como uma flor.

Ela tinha passado no teste dos insulares. Ela tinha aprendido as lições que eles queriam que ela aprendesse. Mesmo agora, ela conseguia ouvir o sussurro da ilha ao fundo, a pulsar como uma coisa viva. Por um momento, o seu próprio poder pulsou em resposta, e a força daquilo era suficiente para que Ceres não se conseguisse concentrar.

Apenas a voz de Eoin a trouxe de volta para si mesma, deixando Ceres ver que ela estava num túnel com paredes de pedra, que descia acentuadamente numa longa espiral. Ela não poderia dizer se era natural ou se tinha sido esculpido pelas mãos dos insulares.

"Por aqui", disse Eoin, e Ceres conseguia vê-lo um pouco mais à frente.

Ela seguiu-o para baixo pela luz solar fraca que parecia refletir-se das paredes. O túnel contorcia-se e virava-se, pelo que, passado pouco tempo, Ceres não tinha a certeza se eles ainda estavam sob o zigurate, ou totalmente noutra lugar.

À frente, Ceres pensou que ela conseguia ver um quadrado de luz solar, com a silhueta breve de Eoin, quando ele saiu de lá. Ceres continuou, passando uma outra cortina de água, que gotejava se comparada com a anterior.

Ela saiu para as ervas, para uma depressão gigante em forma de tigela. Havia árvores penduradas sobre a borda em ângulos improváveis, agarrando-se à rocha à medida que ressaltavam. Ceres perguntava-se quantos do povo da floresta teriam sucumbido à maldição.

Estava ali povo da floresta, construindo uma fogueira num dos lados do espaço aberto com troncos e moitas. Havia outros que preparavam comida e bebida, obviamente, para um banquete a partir de frutos do bosque e peixes das margens.

"Vamos comemorar aceites o teu poder", disse Eoin.

"E depois?", perguntou Ceres.

Eoin estendeu a mão para Ceres pegar. "Isso depende de ti. Podes ficar connosco durante o tempo que quiseres. Podes voltar para o Império para lutar.

Ou podes ir para outro lado se escolheres. Vamos ajudar-te, para onde quer que vás."

No centro da depressão em forma de tigela, havia um redondel que parecia ser um plinto rodeado de postes de madeira. No entanto, ao aproximar-se, Ceres viu olhos nos postes, a moverem-se mesmo não conseguindo mover o resto.

"Nos últimos estágios antes da maldição os reivindicar totalmente, o nosso povo está ligado à selva mais do que nunca", disse Eoin. "Eles veem coisas que o resto de nós não vê. Nós vimos aqui para as decisões mais importantes."

Ceres foi com ele àquele círculo, sentindo os olhos em cima de si. O povo da floresta estava agora reunido. A sua fogueira ardia ao fundo.

Uma taça estava sobre o plinto. Eoin levantou-se e ofereceu-a a ela. Tinha um cheiro doce e parecia pegajosa. Ele pressionou-a contra as mãos dela.

"Se quiseres aceitar o poder dentro de ti, bebe. Bebe e ver."

"Bebo e vejo o quê?", perguntou Ceres.

Eoin estendeu as mãos. "Tudo."

Ela pegou a taça e deu um gole, bebendo rapidamente. Ninguém ia tentar magoá-la. Pelo menos, não de uma forma que não envolvesse a dureza normal e as quedas das lutas. A bebida era pegajosa e espessa, sabendo-lhe a frutas doces e a seiva de plantas da selva.

"O que é que tem?", perguntou Ceres, mas Eoin apenas sorriu. Ceres olhou ao redor, e as chamas da fogueira pareciam nadar.

Ela ouviu uma batida repetitiva, e, por um momento, pensou que talvez um baterista tinha começado a tocar. Então ela percebeu que era o bater rítmico dos pés do povo da floresta, batendo nos tempos perfeitos. Parecia juntar-se ao bater cada vez mais alto do seu coração.

Parecia incrivelmente lento, tal como o resto do mundo. Parecia-lhe como se os dançarinos estivessem à deriva como se fossem folhas à luz do fogo, cada movimento tão lento e preciso que parecia que eles nem sequer estavam a dançar.

O mundo parecia nadar, e Ceres sentiu-se a cair. Eoin estava lá ao lado dela, colocando-a suavemente no chão da floresta.

"Dorme, Ceres", disse ele. "Dorme e sonha."

Ceres olhou para ele por um instante ou mais. Foi uma boa última visão antes de ela fechar os olhos.

Delos espalhava-se por baixo dela como um brinquedo de alguma criança.

Parecia que ela estava à deriva em direção à cidade, cada vez mais para baixo, cada vez mais próxima. Ceres sentia o ar a passar através dos seus dedos, mas ela não se sentia como se estivesse a cair. Ela certamente não se sentia em perigo.

Ela caiu mais perto, percebendo que estava a cair em direção à sua antiga casa. Praticamente assim que se aperceber, a cena mudou, e ela viu-se a olhar para duas pessoas, levando um segundo para as reconhecer.

A sua mãe e o seu pai pareciam muito mais jovem ali; mais jovens do que Ceres alguma vez os tinha visto. Ela via um rapaz minúsculo a andar de um lado para o outro, sabendo que tinha de ser o seu irmão mais velho, Nesos. Os dois estavam a olhar para baixo para um berço.

"O que fizeste?", perguntou a mãe.

"O que tinha de fazer", respondeu o seu pai.

"Se achas que vamos acolher algum pirralho, então..."

"Isso é exatamente o que vamos fazer", insistiu o seu pai. "Vamos criá-la como se fosse nossa, e nunca

lhe vamos dar qualquer motivo para ela pensar o contrário."

Ceres queria olhar mais de perto, mas as imagens à sua frente mudaram novamente.

Agora, havia exércitos conflitantes em torno dela, o choque das espadas a misturarem-se com os gritos dos moribundos e o baque de corpos vestidos com as armaduras a baterem uns nos outros. Ela via pessoas a lutarem umas contra as outras, esfaqueando e golpeando enquanto lutavam por espaço.

Ela viu-se no meio daquilo, vestida com armadura dourada pontiaguda, empunhando uma espada e escudo. Um homem correu para ela e ela afastou-se, golpeando com a sua espada. Ela ouviu-se a gritar ordens por cima do caos da luta, e, para sua surpresa, aqueles ao seu redor escutavam. Eles renovavam-se, avançavam e lutavam novamente.

Ceres viu-se no coração da luta, com os seus adversários a caírem até que, finalmente, eles viraram e fugiram, com a derrota a espalhar-se a partir do ponto onde ela lutava até abranger todas as forças opostas. Ceres ouviu o grito de guerra dos seus soldados, repetido várias vezes.

"Ceres! Ceres!"

Ceres permanecia ali, sem entender. O que estava a acontecer? Eram estas imagens apenas aleatórias, ou havia mais acerca delas?

"Tu sabes o que são, Ceres."

Ceres virou-se, e já não estava num campo de batalha. Ela podia ter voltado para a ilha novamente, mas aquela ilha era diferente. Onde a casa do povo da floresta estava coberta com o verde da selva, ali sobressaía, em pináculos e arcos por cima de prados planos, o mármore do arco-íris.

Uma mulher estava ali, ou pelo menos a vaga impressão de uma mulher. Ela usava o que parecia a Ceres ser uma capa, à primeira vista, mas era mais do que isso. Era como uma névoa através da qual ela não conseguia ver; um espaço na visão que ela não conseguia perfurar.

"Quem és tu?", Ceres exigiu saber. "O que és tu?"

"Uma visão, uma imagem", disse a mulher.

"Uma imagem do quê?", Ceres não ia desistir.

A mulher inclinou a cabeça para um lado, com o capuz deslocando-se com a resposta.

"Da tua mãe."

A mulher estendeu-lhe a mão, e Ceres manteve-se quieta enquanto ela lhe tocava na testa. O poder dentro dela ardia com aquele toque, e Ceres sentia-o como uma coisa viva dentro de si. Naquele momento, parecia disparar dentro de si, saindo de si como um fumo escuro até ficar suspenso acima dela numa nuvem.

A figura feminina parecia venerá-la. Ela estendeu a mão, moldando o fumo entre as mãos como barro, torcendo-o em mechas, dando-lhe uma nova forma.

Parecia aumentar à medida que ela o fazia, tornando-se algo diferente, algo mais.

"Escolhes isto?", perguntou a figura feminina.

Ceres assentiu. "Sim."

"Então sê o que deves ser."

Verte-se novamente para Ceres e, então, agora parecia enchê-la até estourar.

Estava ali nela, e, de repente, era ela. O poder daquilo parecia dominá-la naquele momento. Ceres caiu. A mulher escondida apanhou-a, deitando-a delicadamente.

"Quando acordares, vem à minha procura", disse ela.

"Onde?", perguntou Ceres.

"A Ilha Para Além da Névoa."

Ceres queria perguntar o que é que ela queria dizer com aquilo, e onde era, mas naquele momento ela sentiu a visão a começar a desaparecer. Ela deixou-se cair de volta para o estado de vigília, e percebeu que estava deitada nas ervas ao pé da fogueira.

Ela viu Eoin a olhar para ela, com uma preocupação óbvia.

As dores das suas lutas haviam desaparecido, o poder dentro dela estava logo ali abaixo da superfície. Ela deixou Eoin ajudá-la.

Ela ainda estava de pé dentro de um círculo do povo da floresta, e ela conseguia agora ver a forma como eles a observavam. Ela sabia que eles podiam ver o novo poder dentro de si, da mesma forma que ela conseguia senti-los todos a juntarem-se na sua conexão com a ilha.

Lentamente, eles começaram a cantar. Ceres demorou um momento até perceber o que eles estavam a cantar, lenta e solenemente, como se um grande líder estivesse entre eles.

"Ceres, Ceres, Ceres!"

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Thanos tinha feito o seu caminho até às câmaras do rei muitas vezes na sua vida, mas duvidava que alguma vez já se tivesse sentido assim. Raiva, traição, mas também uma estranha sensação de ter encontrado algum tipo de conclusão.

Todos eles disputavam espaço dentro de si enquanto ele caminhava em direção à entrada.

As portas eram coisas extravagantes, como muitas coisas do castelo, cobertas com entalhes pintados com cenas de batalha e julgamento. Quando era mais novo, Thanos tinha-os traçado com as mãos, imaginando todos os grandes feitos dos reis mortos há muito tempo. Agora, ele via-os pelo que eram: um motivo de orgulho, uma mensagem.

Estava um guarda em cada um dos lados das portas, vestidos com armaduras que praticamente escorriam em ouro, dada a sua condição de guarda-costas reais.

Um levantou a mão quando Thanos se aproximou.

"Sinto muito, sua alteza, mas o rei não está a receber visitas."

Thanos fixou-o com um olhar. Normalmente, ele teria argumentado ou tentando persuadi-lo. Ele entendia que aquele homem estava apenas a tentar fazer o seu trabalho, mas naquele momento, nada iria impedi-lo de falar com o Rei Claudius.

Com o seu pai. Apenas pensar naquilo era suficiente para uma nova onda de emoção se apoderar dele.

"Desvia-te", disse Thanos. Os guardas devem ter ouvido algo na sua voz, porque eles rapidamente se desviaram. Isso era bom. Apesar de tudo, Thanos não queria magoá -los.

Ele abriu as portas. Dentro, ele encontrou o Rei Claudius a beber, a ser servido por umas miúdas enquanto mastigava uma coxa de frango. Ele estava sentado numa cadeira elegantemente esculpida à frente de uma lareira, com um tabuleiro de jogo à sua frente, com os contadores a sugerir que o jogo já estava em andamento.

Thanos viu o rei olhar quando ele entrou. Ele viu o brilho inicial de raiva suavizar ao vê-lo, e agora Thanos podia adivinhar porquê.

"Thanos, pensei ter dito que não queria ser incomodado. Mas não faz mal.

Junta-te a mim. Normalmente, a única maneira de eu fazer um bom jogo é jogar sozinho."

Thanos ficou ali, a olhar em volta para as servas. "Saíam todas". Elas não se moveram e ele levantou a voz. "Saíam, já disse."

Ele observou as servas a correr para a porta e, em seguida, esperou que esta ficasse fechada. O Rei Claudius levantou-se e, pela primeira vez em algum tempo, Thanos olhou, realmente olhou, para ele. Ele estava a observar o rosto do rei, procurando características e semelhanças. Era aquele arco das sobrancelhas o mesmo que o seu? A ligeira elevação das maçãs do rosto?

Naquele momento, parecia que a principal coisa que eles tinham em comum era a sua raiva. O Rei Claudius estava a ruborizar-se com aquilo, e Thanos viu seu braço varrer para fora as peças do jogo.

"Como ousas descartar as minhas servas? Já te esqueceste quem é o rei aqui, Thanos?"

"Eu não me esqueci", disse Thanos. Noutro dia, ele poderia ter-se curvado ou ajoelhado, mas não hoje.

"E aparecer de rompante aqui. Quem pensas que és para fazeres uma coisa dessas?"

"Eu penso que sou teu filho", disse Thanos. Cada palavra parecia uma laje de pedra a ser colocada no chão. Ele não tinha a certeza de como iria dizê-lo, mas agora que já tinha dito, não poderia voltar atrás.

A energia da raiva pareceu desvanecer-se do quarto tão rapidamente quanto havia chegado. Se Thanos

não tivesse já a confirmação de quem era, aquilo teria chegado, sem necessidade de o rei dizer nada. Mesmo assim, ele queria ouvir o Rei Claudius admiti-lo.

O rei cambaleou para trás na sua cadeira, caindo com tanta força como se Thanos o tivesse empurrado. Ele pegou a taça de vinho e, em seguida, atirou-a para a lareira. Thanos ouviu barulho contra as brasas, com o vinho a sibilar enquanto se evaporava.

"O que é que ouviste?", exigiu saber o Rei Claudius. " *Onde é que ouviste?*"

Thanos pensou na parteira e, em seguida, no trabalhador do estábulo, morto.

Ele não ia causar problemas a ninguém. Mesmo Cosmas podia estar em perigo se Thanos explicasse muito sobre como tinha sabido a verdade.

"Isso importa?", Thanos contrapôs. "O que importa é que eu sou teu filho, não sou?"

O Rei Claudius olhou para os restos do seu jogo durante um longo tempo antes de, finalmente, responder.

"Sim. A tua mãe ... ela era tão bonita. Quando eu soube que ela estava grávida, eu fiquei tão feliz, mas eu não podia assumir isso. Nenhum de nós podia.

Teria sido um desastre. Em vez disso, nós escondemos os factos."

Thanos pensou nas referências deixadas no livro de genealogia. O rei poderia ter dado ordens para o esconder, mas a sua mãe tinha tido a intenção clara que ele

fosse dado a conhecer, em determinada altura. Isso, ou ela simplesmente queria o conforto de ser capaz de colocar a verdade em algum lugar.

"Então, eu sou teu filho", disse Thanos. "O teu filho mais velho."

"E o meu melhor", disse o Rei Claudius. "Tu és tudo o que eu poderia ter esperado que tu fosses. Tu és inteligente, hábil na guerra, diligente, capaz de comandar aqueles que te rodeiam. Tu foste vitorioso no Stade quando Lucious fugiu, e eu não poderia estar mais orgulhoso de ti, então. Quando eu pensei que estavas perdido na guerra, algo se despedaçou dentro de mim. Quando voltaste, foi como se o sol retornasse depois de um longo inverno."

Thanos não tinha certeza do que dizer perante aquilo. Ele não ouvia o rei falar dele calorosamente há muito tempo, e, para começar, tinha sido o Rei Claudius que o tinha mandado para a guerra. Significava muito ser o filho do rei, mas ele ainda não tinha a certeza *do que* isso significava, porque aquele homem continuava a ser cruel, continuava um tirano para o seu povo.

"Eu estou contente por finalmente saber a verdade", disse Thanos. "Eu sinto que sei quem sou, pela primeira vez."

"Sempre foste meu filho", disse o rei. "Mesmo que tu não o soubesses, sempre foste um homem que eu poderia ter desejado ser."

Thanos era mais do que isso, porém, não era? "Se eu sou teu filho, sou teu herdeiro?"

Rei Claudius assentiu. "E isso é uma razão pela qual não podíamos falar sobre isso. Tal teria dividido o Império."

"O império está a dividir-se", Thanos salientou, mas aquele não era o momento para esse argumento. Havia muito em que pensar antes disso.

Demasiado para processar ao mesmo tempo. Tudo o que ele pensava sobre si mesmo tinha mudado. Ele nem sequer sabia onde se encaixar no Império agora.

O rei parecia estar a ter tantos problemas com isso como Thanos estava.

Ficou ali sentado, olhando ao redor da sala, como se à procura de uma resposta em algum lugar ali.

"Estou feliz por saberes", disse o Rei Claudius. "Eu achava que não ia ficar.

Eu passei tanto tempo a esconder isto de ti, mas agora que sabes, parece que saiu um peso de cima de mim."

"Não é a única coisa que eu sei", respondeu Thanos. "Eu sei quem tentou matar-me."

Tal trouxe o rei de volta à realidade. "Sabes? Quem? Vou mandar enforcá-los.

Vou mandar..."

"Lucious", disse Thanos simplesmente.

Ele viu a mudança na expressão do rei imediatamente. Quando ele disse ao Rei Claudius que ele conhecia o segredo do seu nascimento, Thanos viu puro

choque. Agora, a surpresa estava de volta, mas desta vez não tinha sido nem de perto nem de longe tão boa. Porque seria? Ambos sabiam que Lucious era mais do que capaz de o fazer.

"Não", disse, sem certezas, o Rei Claudius.

"Sim", insistiu Thanos. "Ele enviou uma mensagem para o Typhoon, e fê-lo tentar matar-me. Ele seguiu as mesmas pistas que eu segui sobre o meu nascimento, e ele queria-me ver morto por causa disso. Ele *quer* matar-me."

"Lucious é um príncipe do Império também", disse o Rei Claudius, como se isso tornasse impossível que ele fizesse algo assim.

"O que explica porque lhe foi tão fácil que o Typhoon lhe fizesse o trabalho", insistiu Thanos. "Encontrei o rapaz que ele mandou entregar a mensagem. Lucious deu-lhe um amuleto para identificar a mensagem como vinda dele."

"E tens esse rapaz? Ele vai jurar isso?"

Thanos rangeu os dentes. "Ele foi assassinado pouco depois de eu falar com ele."

E Thanos pensou que o rei teria ouvido falar de algo como isso acontecer no seu próprio castelo. Será que ele não se importava realmente com o que acontecia às pessoas que passaram a vida a servi-lo?

"Ele descobriu o que estava a acontecer", insistiu Thanos. "Ele mandou o rapaz. Quem mais poderia? Ele deve ser executado por isso!"

"Eu não executarei Lucious", retorquiu o Rei Claudius. "Nem sequer sugiras isso."

"Prende-o então", disse Thanos. "Coloca-o onde ele não consiga fazer mais danos. Deves saber como ele é. Eu pensei que estavas apenas a mantê-lo por perto por causa do seu estatuto, mas se eu sou teu filho..."

"Lucious tem a sua utilidade", disse o Rei Claudius. "Ele tem um papel a desempenhar, mesmo se não entenderes isso agora."

"O que há para entender?", quis saber Thanos. Ele conseguia sentir a raiva a crescer dentro de si, esmagando o estranho tipo de bondade que tinha sentido ao ouvir o rei admitir quem ele era. "Ele tentou matar-me. Ele *matou* aquele rapaz.

Ele precisa ser parado".

"Ele vai fazer exatamente o que ele precisa de fazer", disse o Rei Claudius.

"E não vais fazer nada para puni-lo?"

Thanos viu-o abanar a cabeça.

"Vem, Thanos", disse o Rei Claudius. "Este devia ser um momento feliz. Eu tenho um filho que sabe quem eu sou novamente. Senta-se comigo, come."

"De repente, perdi o apetite. Por favor, com a tua licença, sua majestade."

"Thanos", disse o Rei Claudius. "Não faças nada insensato."

Insensato? Thanos não ia fazer nada insensato. Ele ia fazer algo que deveria ter sido feito há muito tempo. Se o seu recém-descoberto pai não ia fazer nada acerca de Lucious, então, ele o faria.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Lucious gostava de vinho, por isso parecia óbvio ficar com uma vinha.

Quando o rei lhe tinha dado licença para ficar com o que quisesse para mostrar aos camponeses o seu lugar, porque não deveria ele?

Não qualquer vinha, é claro. Havia vinhas mais do que suficientes em torno de Delos produzindo aguadilha pelo qual ele tinha chicoteado um servo ao colocá-la em frente a si. A vinha Cervin, porém, valia a pena. Não só produzia vinho que valia a pena beber, mas os seus proprietários vendiam vinho de todo o mundo a todos os nobres que Lucious conhecia. O dinheiro seria uma adição útil para os cofres reais. Lucious certamente iria gostar de a ter.

Ele e os seus homens cavalgavam pelos campos, provavelmente parecendo um bando de cavaleiros nobres que tinham saído para matar um monstro. Ele viu os trabalhadores espalharem diante deles e fugirem. Rapidamente, Lucious pensou em persegui-los por simples prazer, mas era melhor fazer o que tinha ido ali fazer.

Eles não se pareciam com escravos, portanto, talvez fosse melhor que eles fugissem, de qualquer das maneiras. Lucious não queria ter de pagar aos trabalhadores na sua nova vinha.

"Lembrem-se do que estamos aqui para fazer", disse Lucious, olhando em volta para os homens que estavam com ele. Ele próprio os tinha escolhido, selecionando apenas os mais duros, os mais rijos membros do exército para o trabalho. Ele tinha querido homens que não se coibissem de fazer o que fosse preciso. "Vamos mostrar a Delos o preço da rebelião!"

Os homens rugiram em resposta. Tinha havido um casal que tinha expressado dúvidas no último par de incursões. Lucious havia-lhes ordenado que fossem para a frente para lutar contra os rebeldes. Ele não tinha tempo para a fraqueza. Os homens que restavam tinham provado que estavam dispostos a seguir qualquer ordem. A maioria deles parecia gostar disso.

Aproximaram-se da quinta a galopar avidamente. Lucious casualmente pontapeou para o lado um rapaz que corria muito perto deles, espalhando-o num emaranhado de ossos partidos. Lucious não olhou para ele uma segunda vez.

A quinta era maior do que a maioria em torno de Delos, provavelmente graças ao dinheiro do vinho. Era um casebre em comparação com o castelo, é claro, mas não seria preciso muito para remodelá-lo para os clientes ou caça. Talvez até mesmo como um lugar para manter uma amante da nobreza. Ele tinha Stephania debaixo de olho há algum tempo, mas havia muitas outras.

Ricas ou não, aquelas pessoas ainda eram camponeses, sem uma gota de sangue nobre. No máximo eles eram a pior das classes mais baixas, pensando que a capacidade de fazer bom vinho os fazia de alguma forma melhor do que todos os restantes. Talvez até mesmo quase tão bons quanto aqueles que eles deviam servir. Só de pensar naquilo Lucious ficava feliz por ter escolhido aquele lugar.

Eles pararam do lado de fora da porta, e Lucious entregou as rédeas a um dos homens. Ele não se incomodou em bater à porta e, em vez disso, esperou enquanto outro dos seus homens a pontapeou contra a parede. O homem entrou e Lucious seguiu-o.

Lá dentro, ele viu um salão com um pé-direito alto, dominado por uma longa mesa com talheres sobre ela. Havia uma ampla escadaria ao lado, com troféus, como a casa de um nobre deveria ter. Lucious tinha tido razão acerca desses fabricantes de vinho terem ideias acima da sua posição.

Havia um homem camponês gordo, com cabelos grisalhos, vestindo veludo e prata suficientes de tal forma que ele poderia ter sido um nobre. Havia uma mulher da mesma idade, vestida numa moda igualmente tola. Um homem mais jovem estava a usar roupas de trabalho resistentes, mas Lucious conseguia ver a semelhança entre ele e o seu pai. Havia duas jovens mulheres, uma grávida e, possivelmente, a esposa do jovem. A outra seria provavelmente a sua irmã.

O gordo já estava a levantar-se da mesa quando Lucious entrou.

"O que é isto?", trovejou o comerciante de vinhos. "O que é que pensas que estás a fazer, invadindo a minha casa assim? Com que direito tu..."

Lucious desembainhou a espada num movimento suave e esfaqueou o homem gordo no seu amplo estômago. Ele era tão grande que a espada nem sequer saiu do outro lado.

"Eu acho que eu sou o teu príncipe," Lucious disse, de repente, recuando depois para deixar o homem cair. "E esta casa é minha agora."

"Pai!", gritou o homem mais jovem. Ele desenhou uma foice do seu cinto, correndo para Lucious. A espada fez ruído no aço da armadura de Lucious. Ele deu um passo para trás e, em seguida, o príncipe passou com a sua espada em toda a altura da garganta. Ele estava apontado para uma decapitação limpa, digno do guerreiro que ele era, mas em vez disso, a sua espada só chegou a metade da garganta do homem. Ele sentiu-a a ser arrastada da sua mão quando o jovem colapsou.

"Honestamente, vocês os camponeses nem conseguem *morrer* decentemente sequer?", exigiu saber Lucious. Ele colocou um pé sobre o peito do homem e puxou a sua espada, ficando ainda mais irritado ao tentar tirá-la. Finalmente, ela soltou-se.

"Viram-nos a resistir", disse Lucious aos seus homens. "As famílias dos traidores serão confiscadas. O jovem vai para os poços de escravos. Enforcem os outros quando tiverem despachado estes. Encontrem quaisquer servos e preparem-nos para os vender se eles valerem nada. Matem os outros. Depois eu quero esta casa despida de qualquer coisa de valor. O que é que estão à espera?"

Ide!"

Os seus homens corriam e as mulheres gritavam quando eles as arrastavam.

Lucious sentou-se à mesa, apreciando o início da violência. Havia uma garrafa de vinho sobre ela, e ele serviu-se, bebendo dela diretamente, enquanto à volta da casa, mais gritos soavam. Não era o melhor *vintage*, mas era mais do que razoável.

Ele olhou em volta, imaginando o que faria com o espaço, agora que o saque havia começado. Os talheres de prata valeriam uma quantidade razoável, enquanto o espaço podia ser bom para festas. Sim, ele decidiu enquanto o corpo de um servo veio pelas escadas abaixo, que aquele era um bom lugar para ser tomado.

Ele saiu para a luz do sol, onde os seus homens estavam a ligar os servos pelos joelhos. Lucious caminhou ao longo da linha, em silêncio, vendo se valeria a pena manter algum. Um estava a discutir com os seus homens quando estes o estavam a levar para um nó de força.

"Tu precisas de mim", disse ele. "Agora que o vinicultor mestre está morto, eu sou o único que conhece todos os detalhes do seu negócio."

Lucious entrou. "Esperem. Ele tem razão. Nós precisamos saber estas coisas."

Ele ouviu o servo suspirar de alívio. Lucious sorriu para isso.

"Portanto, certifiquem-se que só o matam depois de lhe arrancarem todos os detalhes", completou ele.

Ele continuou a andar, encontrando o rapaz que ele tinha derrubado antes.

Lucious observou-o a tentar arrastar-se para longe, com a perna obviamente partida, e, depois, agachou-se ao lado dele.

"Podes muito bem parar", disse ele. "Eu podia apanhar-te a qualquer momento que eu quisesse."

"Por favor", disse o rapaz. "Por favor, não me mates."

"Qual é teu nome, rapaz?", perguntou Lucious.

"V-Vel."

"Sabes quem eu sou, Vel?", perguntou Lucious.

"Tu és o príncipe Lucious", disse o rapaz.

"E sabes o que está a acontecer aqui?"

"Tu... tu mataste-os."

"Sim", disse Lucious. "Porque eles eram traidores que não iriam prescindir do que pertencia aos seus superiores. Porque não há um preço a pagar pela rebelião, e porque todos nós o vamos pagar até a rebelião parar. É culpa deles que isto esteja a acontecer. Achas que consegues lembrar-te de tudo isto?"

O rapaz assentiu.

"Boa. Eu não vou ter de te matar então. Um dos meus homens vai imobilizar a tua perna, e então podes ir para Delos. No caminho, vais dizer a toda a gente que encontras tudo isto, entendes?"

O rapaz assentiu. "S-sim".

"Sim o quê?", Lucious exigiu uma resposta, com a sua voz novamente afiada.

"Sim, sua Majestade."

"Assim está melhor", disse Lucious. Pelo menos um camponês tinha aprendido o seu próprio lugar hoje.

Era um começo.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Sartes estava no meio das estátuas e mausoléus do cemitério, a ouvir os líderes da rebelião a discutir. Eles tinham-se reunido em torno de uma das lajes lá, com o mapa espalhado sobre ela, com Anka no centro de um conjunto de figuras mais elevadas da rebelião. Sartes estava assim tão perto apenas porque Anka tinha insistido nisso.

"Nós não sabemos se eles vão passar por aqui, não com certeza", insistiu um grande homem que parecia um guarda de cais. "Nós poderíamos estar a comprometer todo o nosso povo por razão nenhuma."

"Não sem motivo, Edrin", insistiu um homem mais jovem. Ele parecia um lutador. "Para parar o Império de capturar, torturar e matando o nosso povo."

"Estás sempre a tomar o lado de Anka", disse Hannah. Ela tinha estado na reunião quando decidiram sobre aquele assunto.

Sartes começava a ter uma melhor noção de quem os rebeldes eram. O jovem era Oreth. Enquanto Anka lutava para manter a rebelião junta, ele parecia estar a fazer o papel de vice. O grande homem, Edrin, era sólido, mas, obviamente, suspeitava se Anka conseguiria fazer o trabalho. Sartes não gostava de Hannah, porque parecia muito que ela estava mais interessada no seu próprio lugar dentro da rebelião do que em qualquer outra coisa.

"Estamos no lugar certo", perguntou Anka, apontando para o mapa.

"Então onde é que estão eles?", perguntou outro homem. Ele era chamado de Yeralt e Sartes tinha ouvido dizer que ele era o filho de um comerciante, provavelmente, mais rico do que o resto das pessoas da rebelião. "Eu não quero discutir, Anka, mas o nosso povo está a ficar preocupado, assim à espera. Eles acham que está acontecer algo de errado."

"Então eu vou falar com eles", disse Anka. Ela olhou ao redor. Sartes ficou surpreendido ao ver os olhos dela fixarem-se nos seus. "Vem comigo, Sartes."

Vamos mostrar-lhes o que é que eles querem com esta luta."

Sartes seguiu Anka quando esta saiu para a estrada que atravessava o cemitério. Ao redor deles, os rebeldes escapavam de esconderijos em fossos e atrás de estátuas para ouvir.

"Ouve-me", disse Anka. "Eu sei que estás com medo. Eu sei que há alguns de vocês que pensam que não deveríamos estar de todos a fazer isto. Que devíamos estar a fugir e a evacuar o nosso povo. A verdade é que nós poderíamos fazer isso". Ela levantou a voz. "Nós poderíamos fazer isso e o exército marcharia diretamente por aqui. Desceria sobre cidades e aldeias, à nossa procura, mas não haveria problema. Nós não estaríamos lá."

"As pessoas comuns estariam", continuou Anka. "Nós todos vimos o que o exército pode fazer. Vai entrar naquelas cidades e vai matar as pessoas. Vai arrastá-las para fora e torturá-las. Vai recrutar jovens como Sartes aqui. Vai escravizar aqueles que não podem lutar por eles. Nós poderíamos fugir, mas não o vamos fazer. Não o vamos fazer, porque o povo de Delos precisa de nós."

Tal soltou uma aclamação dos rebeldes que os cercavam, e Sartes não poderia deixar de participar. Acima dele, ele ouviu um estrondo. Oreth correu.

"Eles estão a vi!"

Sartes viu Anka acenar. "Todos aos seus lugares! Lembrem-se do plano!"

Sartes correu de volta ao seu lugar ao pé da estátua, e viu os outros ocuparem as suas posições. Eles praticamente desapareceram na paisagem do cemitério, assim que lá chegaram. Sartes assistiu à aproximação dos soldados do Império através do braço de uma figura de mármore. O seu estômago deu

um nó com o pensamento do que estava prestes a acontecer, mas ele não se mexeu. Ele não fugiu.

Em vez disso, ele pensou em como Ceres seria corajosa se ela ali estivesse.

Ele agarrou a espada com mais força. O seu pai tinha-a feito. Encaixava-se perfeitamente na sua mão, de uma forma que as espadas de treino que o exército dava aos recrutas nunca tinha encaixado. Na outra mão, ele segurava uma corneta pronta a explodir. Ele usava o uniforme que o obrigavam a usar no exército, porque eles precisavam disso para o plano.

Em torno dele, Sartes conseguia ver os outros membros da rebelião. Eles esperavam nos seus esconderijos, armados com a armadura e armas que tinham começado a produzir sob instruções do seu pai, posicionados exatamente de acordo com as instruções de Anka por todo o cemitério e pelas antigas ruínas dentro dele.

Ela estava ao lado dele. Sartes via a forma como ela mantinha os seus traços em branco, tentando não demonstrar medo. Ela continuava a olhar à volta, ainda assim, e Sartes percebeu que ela estava a rever sem parar os preparativos que eles tinham feito.

"Não te escapou nada ", sussurrou Sartes. Ele nunca tinha visto ninguém tão completo. "Pensaste em tudo."

"Espero que sim", Anka sussurrou de volta.

Sartes observava a coluna de soldados que se aproximava. Ele podia ver cavaleiros à frente, armados com espadas e arcos curtos, lá para servir como batedores ou arqueiros que se movimentam rapidamente. Eles levavam correntes nas suas selas e Sartes percebia que elas estavam ali para prender prisioneiros e

escravos também. Atrás deles, vinham os recrutas, fáceis de reconhecer com as suas armaduras irregulares. Os soldados normais seguiam-os, como se para entalá-los de modo a que eles não conseguissem escapar. Sartes conseguia ver oficiais e soldados de elite entre eles, resplandecentes nas armaduras gravadas ou cobertas de ouro, com mantos vermelhos ou dourados. Na parte de trás da coluna vinha um grupo com cores mais escuras: escravos e torturadores, ali não por qualquer ataque que o exército fosse conduzir, mas para o rescaldo.

Sartes molhava os lábios, levantando a sua corneta pronta a tocar quando chegasse a hora.

"Não estão muito longe agora", Anka sussurrou ao lado dele. "Espera por isso."

Sartes esperou, apesar de ser difícil, quando a coluna de soldados passou tão perto. A qualquer momento, um dos soldados poderia olhar em volta e vê-los, mesmo que eles estivessem bem escondidos entre os monumentos do cemitério.

Qualquer um deles poderia ter visto o que estava por vir e gritado em advertência. Em seguida, a rebelião teria de se retirar ou arriscar uma batalha muito mais perigosa.

Mas eles não olhar à volta. Eles continuaram. Os soldados continuavam a marchas, os recrutas continuavam a ser empurrados para a frente e Sartes prendia a respiração enquanto os cavaleiros continuavam a liderar o caminho.

"Agora", Anka sussurrou, e quase apanhou Sartres de surpresa ao fazê-lo.

Ele teve de lambe os lábios novamente antes de soprar na corneta mas ele conseguiu fazê-lo. A única nota alta ecoou em torno do cemitério, e, durante um momento, tudo ficou quieto. Em seguida, os rebeldes explodiram dos seus esconderijos à frente da coluna, preparando arcos e atirando pedras de fundas.

Sartes viu que uma delas atingiu um cavalo, de modo que ele se empinou, atirando o cavaleiro da sela abaixo.

Os outros sacaram as suas espadas em resposta, incitando os seus cavalos para a frente. Sartres engolido em seco ao ver os cavalos de guerra a avançar e o som de trovão dos cascos. Parecia óbvio que eles iriam levar os seus atacantes, que de repente, pareciam tão poucos e muito mal preparados.

Em seguida, os cavalos tropeçaram nos arames que Sartres e os outros tinham preparado anteriormente, e os cavaleiros gritaram ao cair.

Os cavalos deles caíram, fazendo com que os cavaleiros cambaleassem sobre as suas costas embatendo no chão. Alguns tentaram cavalgar à volta, indo bater nos fossos revestidos com picos. Em pouco tempo, os cavaleiros estavam a tentar pular sobre os seus próprios companheiros, e os rebeldes estavam a disparar para eles ao mesmo tempo. Atrás deles, Sartres via os soldados ali, como se não soubessem o que fazer a seguir.

"Outra vez", disse Anka.

Sartes assentiu e tocou a corneta mais uma vez.

Naquele momento, o cemitério explodiu em movimento. Os rebeldes que tinham estado escondidos atrás das paredes das ruínas empurraram-os em conjunto, utilizando longos mastros de madeira, empurrando contra lugares que haviam deteriorado durante a noite. Pedras caíam sobre as cabeças dos soldados nas extremidades das linhas, forçando os outros a juntarem-se.

Os rebeldes atiraram painéis de fogo para o meio das suas linhas, e eles espalharam-se novamente. Sem uma parede de escudos sólidos, eles não eram capazes de se defender contra as flechas e pedras que choviam sobre eles.

"Agora", disse Anka, e Sartres soprou a sua corneta uma última vez.

Ele viu rebeldes a correr para dos seus esconderijos. Alguns levantaram-se dos fossos cobertos que pareciam sepulturas recém-cavadas até eles atacarem dali. Outros vinham das entradas para as catacumbas do cemitério, avançando através da luz do sol. Ele viu o seu pai entre eles, vestindo uma armadura peitoral e empunhando um martelo grande o suficiente para esmagar através de qualquer escudo.

Durante todo aquele tempo, aqueles que estavam já ali continuavam a atirar pedras e flechas para o meio dos soldados do Império.

Agora era a vez de Sartres fazer a sua parte.

Ele saiu na frente deles, sem saber se algum deles iria reconhecê-lo. Eles não tinham de o fazer, desde

que ouvissem. Ele levantou a voz sobre os sons da batalha.

"Recrutas! O meu nome é Sartres. Escapei do exército para me juntar à rebelião. Estamos aqui para vos salvar. Juntem-se a nós para lutar ou corram para a segurança. Não vão ser feridos!"

Uma flecha veio na sua direção, e Sartres esquivou-se para o lado, repetindo a sua mensagem. Alguns dos recrutas pareciam confusos, mas pelo menos eles não estavam a juntar-se à luta enquanto os rebeldes atacavam o corpo principal de soldados. Ele viu alguns a separarem-se e a fugirem, enquanto outros largavam as armas. Alguns até mergulharam para a luta, batendo num dos traficantes de escravas ali e arrastando-o até ao chão.

Sartres ficou para trás. Ambos Anka e o seu pai tinham sido claros sobre isso, mas ele já tinha feito a sua parte. Sem os recrutas, a força do Império era muito menor, já desmoronada sob o ataque dos rebeldes. Apanhados de surpresa, eles não tinham oportunidade de montar uma defesa real, ou reorganizar a partir das longas filas da sua coluna em algo que poderia proteger os seus flancos. Ele viu o seu pai a martelar o escudo de um oficial, segurando-o sob o peso dos seus golpes.

Sartres viu um soldado a correr para ele a partir da batalha. Por um momento, ele pensou que talvez um dos recrutas estivesse a correr para fugir da violência, mas a espada do homem estava fora, e ele usava a armadura de um oficial.

"Eu posso morrer, mas pelo menos vou matar-te, traidor!", gritou o oficial.

Ele deu balanço à espada na direção de Sartres, e foi provavelmente irónico que, se não fosse pelos seus treinos no exército, Sartres provavelmente teria morrido logo de seguida. Da forma como era, ele ergueu a sua própria espada para cima, lutando e recuando para as fileiras de estátuas.

"Tu não consegues fugir para sempre, raquítico", disse o oficial.

"Ele não precisa", disse Anka, dando um passo para o lado. Ela empurrou um longo punhal por um oficial que passava, apanhando-lhe a garganta. O oficial tentou virar-se para a esfaquear, mas Sartres agarrou-lhe o braço, segurando-o até o homem cair entre eles.

"Obrigado", disse Sartres.

"Tu és um de nós, Sartres", respondeu Anka. "Nós protegemo-nos um ao outro."

Sartres olhou em volta à procura de outro lugar para ajudar. Ele viu um dos recrutas que se tinham juntado a eles em apuros, freneticamente a defender-se contra um par de traficantes de escravas armados com paus. Sartres avançou para a frente.

"Isto é pelo meu irmão!", gritou ele, esfaqueando o primeiro traficante de escravas quando ele se virou. O segundo balançou um conjunto de algemas na sua cabeça e, em seguida, golpeou com o seu bastão quando Sartres se baixou. Sartres golpeou a perna do homem de um lado ao outro e depois enfiou o bastão no seu peito quando ele caiu.

O resto da batalha não demorou muito. Com uma emboscada como aquela, nunca iria ser demorado, porque a rebelião não dava aos soldados do Império uma oportunidade para contra-atacar da maneira como eles estavam acostumados.

Em questão de minutos, os únicos soldados que Sartre conseguia ver que não estavam mortos ou eram recrutas libertados ou que tinham fugido.

Ele olhou para as consequências do mesmo. Ele nunca tinha visto uma batalha com o exército, pelo que ele não sabia o que esperar. A realidade era difícil de ver. Havia tantos cadáveres ali no chão, amontoados que era difícil acreditar que minutos atrás, todos eles eram pessoas que andavam e respiravam. Havia cavalos mortos e feridos, derrubados pelos arames, ou caídos nos fossos.

Havia também membros da rebelião mortos, embora poucos, graças aos planos de Anka. Sartre via homens e mulheres feridos, a serem ajudados a levantar-se pelos seus colegas, e macas a serem trazidas para fora dos esconderijos. Anka tinha obviamente planeado esta parte também.

Era revoltante ver tanta morte e destruição. O cheiro já era horrível, e Sartre sabia que o mesmo só iria piorar. Era difícil compreender a ideia de tantas pessoas a serem mortas num curto espaço de tempo. Apenas o pensamento de que, se não tivessem feito aquilo, aqueles mesmos soldados teriam saqueado através de uma área rebelde o que não tornaria a situação mais fácil.

"Temos de ir", disse Anka. "Diz aos recrutas que eles podem dispersar ou vir connosco, mas eles têm que decidir agora. Eles vão ouvir melhor se fores tu a dizer."

Sartre assentiu, e saiu na frente dos recrutas restantes para entregar a mensagem. Outros mais saíram a correr, mas a maioria ficou. Ele não conseguia decidir se isso era porque realmente eles queriam juntar-se à rebelião, ou se eles simplesmente não tinha nenhum outro lugar para onde ir.

Eles estavam ali no centro do cemitério, e mais uma vez Anka dirigiu-se a eles.

"Meus amigos, hoje nós ganhamos uma vitória. Custou-nos. Não existe tal coisa como uma luta bonita, indolor. Mas devemos lembrar o que significa a vitória. Significa que os homens jovens capturados pelo Império são agora livres!

Significa que as pessoas que teriam sido torturadas, escravizadas e assassinadas estão seguras. Acima de tudo, significa que o Império está um passo mais perto de cair. Nós ganhamos uma vitória hoje, mas não será a última!"

Sartre foi quem começou o cântico. Parecia que era a coisa óbvia a fazer.

"Anka! Anka!"

Ao princípio, ele foi o único a entoá-lo. Então ele ouviu outras vozes a juntarem-se à sua. A do seu pai, a de Oreth. A dos recrutas. Por fim, o canto repercutiu-se por todo o cemitério, enchendo-o completamente.

Eles tinham encontrado uma verdadeira líder.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Thanos estava armado para a guerra, e mais do que pronto para matar.

Ele tinha a sua armadura do Stade pronta, a sua espada ao seu lado e um escudo no seu braço. Ele tinha

uma lança amarrada às suas costas e uma adaga na bota. Mesmo o seu cavalo estava blindado, a barda que o protegia de um golpe de espada errante brilhava ao sol do pátio do castelo enquanto ele apertava as tiras na sua sela.

Um segundo cavalo tinha as suas provisões, embora a verdade era que Thanos duvidava que durassem muito. Ele iria sair, fazer o que fosse necessário, e voltar.

Ou não. Talvez ele fosse morrer fazendo aquilo. Talvez ele fosse e se juntasse aos rebeldes em Haylon novamente. Seria difícil voltar ali depois de ter matado um príncipe do Império.

"Estás a ir atrás de Lucious, não é?", perguntou Stephania. Thanos olhou para ela quando ela correu para o pátio. Thanos tinha esperança de evitá-la, mesmo porque ele sabia que isso iria acontecer, e porque ela era a única pessoa ali que seria difícil de deixar.

"O que estás a fazer aqui?", perguntou Thanos. "Tu não devias participar nisto."

"Achas que te poderias escapar, sem eu notar?", contrapôs Stephania. "Os servos ocasionalmente dizem-me coisas, sabes."

Ela parecia tão bonita como sempre, composta, mesmo com um olhar de preocupação que parecia fora do lugar relativamente ao resto. Ela estava preocupada com ele?

"Eu estou a fazer o que eu preciso de fazer", disse Thanos.

"Porque ele tentou matar-te", disse Stephania. Ela estendeu a mão para colocar a mão sobre a dele enquanto ele apertava a sua apertada sela.

"Não apenas isso", disse Thanos. "Ele é responsável pela morte de Ceres. Ele matou aquele rapaz do estábulo. Mesmo agora, ele está lá fora a assolar o campo, e o Rei Claudius não vai fazer nada com ele."

"Não podes esperar que ele execute Lucious", disse Stephania. "É pedir demais."

"Ele nem sequer o vai prender", respondeu Thanos. "Se tiveres um cão louco a morder as pessoas, mesmo se antes o adoravas, vais abatê-lo."

"E é isso que vais fazer, não é?", ripostou Stephania. "E se ele te matar?"

Thanos tinha tido a esperança que Stephania não fizesse aquela pergunta, porque não havia respostas fáceis.

Thanos forçou um sorriso. "Eu posso vencer Lucious. Ele nunca teve perto de me vencer num treino."

"E se ele tiver sorte?", perguntou Stephania. "E os outros homens que ele vai ter com ele? E se ele disparar contra ti com um arco de caça a uma boa e segura distância, e afirmar que foram os rebeldes que o fizeram? Ele começa por se ver livre de ti e ter mais uma desculpa para ir atrás deles."

"Eu vou ficar bem", insistiu Thanos.

Stephania colocou-se entre ele e o seu cavalo. "Não, *não vais*. Mesmo se fizeres isso, não conseguirás

voltar. E eu quero que tu voltes."

Isso foi o suficiente para Thanos fazer uma pausa. A mera proximidade de Stephania tinha muito a ver com isso, assim como a paixão que ele conseguia ouvir ali na voz dela. Ele conseguia ouvir o quanto ela se importava, e a verdade era que ele se sentia da mesma maneira. Se pudesse, ele teria ficado ali com ela.

Mas querer algo e esse algo ser possível não eram a mesma coisa.

"Eu tenho de fazer isto", disse Thanos. "Lucious tem de ser parado. Ele tem de *morrer*."

"Então nós vamos garantir que isso aconteça", disse Stephania. "Mas há melhores maneiras de fazer isso. Formas mais inteligentes".

"O que é que isso quer dizer?", perguntou Thanos.

Ele sentiu o toque da mão de Stephania quando ela a aproximou e tocou no seu rosto. Em seguida, ela fez algo com que ele sonhava desde aquele momento no quarto dele. Ela beijou-o. Os lábios dela tocaram nos seus. Havia algo de tão doce nela que ele não conseguiu evitar beijá-la também.

Foi um beijo suave e delicado, que terminou cedo demais, mas ainda assim incrível. Thanos ficou com uma respiração acelerada quando se afastaram, e ele via os lábios de Stephania ligeiramente entreabertos enquanto ela olhava para ele.

"Eu preciso que confies em mim", disse ela. " *Confias* em mim, Thanos?"

Ele assentiu. Não havia ninguém no castelo em quem ele confiasse mais. Não havia lá ninguém com quem ele se preocupasse mais.

"Então confia em mim para fazer isto", disse Stephania, colocando a mão no peito de Thanos e gentilmente afastando-o do seu cavalo. "Eu vou encontrar uma maneira. Uma maneira que não te coloque em perigo, que signifique que ainda podes ficar aqui. Comigo."

Aquela parte era difícil de ignorar.

"Eu gostaria disso", disse Thanos. Ele olhou para Stephania novamente. Era tão difícil para ele tirar os olhos de cima dela. Cada pequeno movimento que ela fazia parecia atrair o seu olhar, como se ela fosse o mundo inteiro. "Eu estava tão errado acerca de ti antes."

"Pois estavas", disse Stephania com um sorriso, "mas eu estou à espera que tenhas muito tempo para aprender tudo o que há para saber sobre mim."

Houve algo na maneira como ela o disse que fez com que Thanos inclinasse a cabeça para um lado. "O que é que queres dizer com isso?"

Stephania fez uma pausa, dando um passo para trás. "Eu pensei... oh, entendi mal, não entendi? Não, é uma ideia estúpida. Eu deveria saber..."

"O quê, Stephania?", disse Thanos.

Ela parecia recompor-se. "Eu pensei que, talvez, pela forma como estavas a falar, querias ir em frente com o casamento que eles planejaram para nós os dois."

Aquilo apanhou Thanos um pouco de surpresa. Ele não pensou que Stephania ainda quisesse ir em frente com o casamento depois de tudo o que tinha acontecido com Ceres. Ele não se tinha atrevido.

Pensar em Ceres fez com que Thanos parasse. Se ela ainda estivesse viva, ele não estaria de todo a pensar assim. Ele teria tentado salvá-la e ficado com ela.

Mas desde a sua morte, ele tinha começado a perceber o quanto Stephania realmente significava para ele. Stephania tinha sido a única que tinha lá estado para ele desde a sua morte. Ela tinha sido a única pela qual os sentimentos dele floresciam.

"Mas eu sei", Stephania continuou, "é demasiado cedo, e tu tens muito em que pensar, e..."

Thanos agarrou-a pelos braços. "Eu acho que é uma ideia maravilhosa, Stephania."

Ela abanou a cabeça. "Está a dizer isso só por dizer. Não tens de o fazer só porque achas que deves, Thanos. Tu não sabes o que estás a dizer."

"Sei", insistiu Thanos. Num impulso, pegou numa das mãos de Stephania, entre as suas, e caiu sobre um joelho. Ele queria que ela visse o quão sério ele estava sobre o assunto. Sim, a morte de Ceres ainda doía. Ele suspeitava que a dor nunca mais ia passar. Mas Stephania aliviava a sua dor, e ele queria isso.

"Oh, Thanos, levanta-te", disse Stephania rindo-se.

"Não até eu fazer isto", disse Thanos. "Stephania, tens sido tão boa para mim, e eu comecei a perceber o quanto significas para mim. Se tudo isto não tivesse acontecido, talvez já tivéssemos casado, e agora, eu não consigo pensar em mais nada que queira. Queres casar-te comigo?"

Stephania ficou quieta, como se não conseguisse acreditar que ele realmente tinha dito aquilo. Talvez ela não conseguisse pensar no que dizer. Talvez ela já estivesse com dúvidas.

"Sim", disse ela, atirando os seus braços ao redor dele. "Sim, é claro que me caso contigo."

Thanos levantou-se, levantando-a e Stephania riu-se. Logo em seguida, Thanos ficou com vontade de fazer o mesmo. Tudo o resto na sua vida era tão

complicado, tão difícil, mas aquilo era tão intenso e maravilhoso.

Stephania era como um ponto de luz na escuridão, levando-o para a frente.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Stephania passou as horas que se seguiram em preparações, para o casamento e... não só.

Ela passava a maior parte do tempo, pensando na alegria de se casar com Thanos, no vestido que iria

usar, na festa que iria ter lugar, e em como seria aparecer na corte pelo seu braço. Ela trabalhava a forma como eles iriam anunciar o casamento aos outros nobres, e, claro, em todas as coisas que iriam acontecer depois. As suas criadas e as damas da corte movimentavam-se à sua volta, aparentemente deliciando-se com a notícia ainda mais do que ela. No meio de tudo aquilo, ela deixou uma mensagem de tranquilidade.

"Chega, por agora", disse ela com um sorriso cuidadosamente exasperado.

"Eu acho que vou passear nos jardins. Se eu soubesse que casar envolvia tanto, não tinha deixado que Thanos me pedisse em casamento."

Todas elas se riram, juntamente com ela, é claro. Em parte, Stephania sabia, era porque elas tinham aprendido que era melhor rirem-se das suas piadas. Em parte, era porque não havia uma única delas que se conseguisse a imaginar a não querer se casar com alguém tão bonito e poderoso quanto Thanos. Provavelmente, algumas riram-se com a sua piada de que ela conseguia fazer com que um príncipe do Império fizesse qualquer coisa.

Ela tinha conseguido, ainda assim. Os toques e olhares certos, estar lá no momento certo... a sua demonstração de timidez no pátio tinha sido perfeitamente julgada para que ele lhe perguntasse. Stephania queria que Thanos se lembrasse daquilo como sendo uma ideia dele, tanto quanto dela.

Agora para outro assunto. Ela caminhava graciosamente ao longo dos corredores do castelo, acompanhada com a presença de não mais do que o mínimo de damas-de-companhia e amigas nobres. Ela sorria e ouvia as suas fofocas enquanto caminhava, analisando-as mentalmente em úteis e improváveis, com uma facilidade suficiente que ela mal tinha de prestar atenção.

O pedido de Thanos para ela se casar com ele, trazia outras propostas: a miúda nobre que estava a casar-se com um irmão de uma família fora das fronteiras, enquanto secretamente apaixonada pelo outro irmão, uma união entre duas casas comerciais selada por um acordo entre dois nobres ainda pouco mais do que crianças, uma esposa aristocrática que tinha abandonado o seu marido quando ele foi para a guerra. Stephania fez todos os simpáticos e apropriados ruídos enquanto se dirigiam para os jardins. Ela levava uma garrafa de vinho consigo, juntamente com dois copos.

"Toda esta conversa deu-me uma grande dor de cabeça", disse Stephania quando elas se aproximaram. "Posso implorar um ou dois momentos de solidão?"

Elas concordaram, é claro. Ninguém ali era suficientemente importante para discordar com qualquer coisa que Stephania sugerisse, e elas sabiam disso. As que não tinham sido discretamente capinadas do seu círculo social há muito tempo, ou ensinadas lições apropriadas. Elas provavelmente não acreditavam todas na sua dor de cabeça, dado o vinho, mas mesmo essas, provavelmente, pensavam que ela só se estava a despedir de um admirador agora que ela estava para se casar. Afinal de contas, era o que elas faziam.

Isso significava que Stephania era capaz de entrar nos jardins sozinha. Ela tinha de admitir que os jardins do palácio eram bonitos. Havia algo sobre a maneira como as flores escondiam os seus espinhos que ela achava particularmente atraente.

As suas favoritas eram as rosas brancas de haste longa, com um aspeto tão delicado e cuidadosamente cultivadas que pareciam quase frágeis em comparação com outras plantas, no entanto, mais do que

capazes de se contorcerem em torno delas e estrangulá-las se ocupassem muito espaço. Stephania estendeu a mão para arrancar uma, ignorando os espinhos e levantando-a para que ela pudesse beber o perfume inebriante dela.

O homem que ela procurava estava na extremidade do jardim. Ele estava na casa dos trinta, com características finas e uma barba pontuda que só adicionava ao efeito. As suas roupas eram de alta qualidade, mas menos grandiosas do que aquelas dos melhores nobres. Se Stephania não soubesse o que ele era, ele poderia ter-lhe colocado na cabeça que ele era um daqueles nobres menores, que se envolviam em poesia ou música, usando-os como uma desculpa para visitar as grandes casas e cortejar uma esposa rica, participando de encontros amorosos sempre que conseguissem entretanto.

Provavelmente até a sua empregada acreditava que era algo parecido.

Stephania esperava que sim. Seria lamentável ter que fazer a miúda desaparecer.

"Xanthos", disse Stephania, e deu um passo para a frente.

"Minha senhora", disse ele, enquanto ela se aproximava. Ele tinha um sotaque, mas Stephania nunca tinha sido bem capaz de perceber de onde era.

Possivelmente era fingido, como tantas outras coisas sobre ele. "O teu brilho ofusca o próprio sol hoje. Tens uma outra tarefa para mim?"

Stephania sorriu.

"O que aconteceu com Thanos?", perguntou ela. "Porque falhaste?"

Xanthos engoliu em seco, parecendo de repente nervoso.

"Eu não posso ser responsabilizado pelas falhas do Typhoon", disse Xanthos.

"Eu disse-te que as coisas seriam incertas numa batalha."

Ele sorriu.

"Além disso", acrescentou, "parece que assim ainda foi melhor."

Ela teve de admitir que ele tinha razão. As coisas tinham resultado pelo melhor, afinal de contas. Thanos não estava morto, mas agora ele era *dela*. E, talvez, afinal de contas, isso fosse igualmente bom.

"Talvez tenhas razão", disse ela.

Ela viu-o a relaxar e tirou a rolha do vinho, enchendo dois copos. O vinho brilhava, limpo e puro à luz solar do jardim.

Ela levantou o copo. "Ao sucesso."

"A nós", Xanthos rebateu, e bebeu o seu com tal velocidade que era óbvio que ele queria passar por aquela parte o mais rápido possível.

Stephania suspirou, e derramou o dela para o arbusto mais próximo.

"Porque é que estás a fazer isso?", perguntou Xanthos, e, em seguida percebeu, em choque. "Não, não fizeste, tu..."

Ele começou a arfar, apertando a sua garganta e dando um passo para Stephania. A sua mão presa no seu vestido, segurando fracamente. Stephania afastou-a. Ela viu a espuma a sair pelos cantos da sua boca. Ele caiu de joelhos.

"Eu não me posso dar ao luxo de ter pontas soltas, Xanthos", disse Stephania.

"Na medida em que o mundo sabe, eu amo Thanos. Eu sempre amei Thanos. Eu tenho certeza que entendes."

Ela observou-o cair, e ficou ali, a olhar, rindo-se, até que finalmente o seu corpo parou de se contrair.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Ceres estava acima de uma das muitas baías da ilha, sentindo o vento a despentear-lhe o cabelo. Ela estava no topo da falésia com vista para ela. Parecia que podia haver uma tempestade a aproximar-se, mas de momento, pelo menos, o dia estava perfeito.

Ela sentia o poder a vibrar dentro de si, em sintonia com o vento e os ritmos da ilha. Parecia empurrá-la para cima contra os limites da sua pele, enchendo-a com um role constante de energia que parecia querer estalar para fora dela a cada toque.

Ela já tinha sentido o poder a vir até si, ela sabia o que sentia, mas tinha sempre se afastado no passado, deixando-a novamente um ser humano normal.

Agora, o poder estava ali mesmo que não houvesse nenhum perigo. Ceres viu-se a ter de ajustá-lo a cada movimento, acostumando-se à nova força do seu corpo.

Sentia-se uma pessoa diferente enquanto estava ali na borda do penhasco. O

que quer que lhe tinha acontecido após a caminhada através da parede de água, após beber a bebida sagrada, tinha mudado algo dentro dela. O poder tinha afastado tudo o que estava dentro dela e que bloqueava aquela energia de emergir, fazendo com que ela se move-se agora pelo mundo de uma nova maneira. Mesmo a maneira como ela reagia a esse poder era diferente. Ela sentia o vento agora a respirar contra a sua pele, e toda a ilha estava lá atrás se ela quisesse. Ela conseguia entender a ligação dos insulares à sua casa agora, e a forma como eles tentavam encaixar-se com o que estava ao seu redor.

Mas ali não era a sua casa, e havia coisas no mundo que valiam a pena tentar mudar. Ela não podia recostar-se e deixar o Império fazer o que quisesse com o seu povo, ou deixar que aqueles que o dirigiam escapassem por terem mandado matar Thanos. Ela queria ver o seu pai e o seu irmão mais uma vez, também.

Abaixo, Ceres podia ver o povo da floresta a preparar o navio que ia levá-la à Ilha Para Além da Névoa. Eles reuniram-se para prepará-lo. Ceres conseguia ver Eike no meio deles, juntando-se onde ela conseguia. Ceres sabia sem ninguém lhe ter dito nada que ela não iria levar a miúda com ela na sua

viagem. Enquanto Ceres estava a tentar encontrar uma maneira de controlar os seus poderes, Eike tinha encontrado uma casa para substituir a que tinha perdido. Ceres não podia afastá-la disso.

A forma como o povo da floresta trabalhava o seu barco mantinha Ceres a assistir. Onde os construtores de barcos no Império teriam trabalhado com serras e machados, rebites e alcatrão, o povo da ilha parecia estar a fazer crescer uma

embarcação a partir da madeira viva da ilha. Eles persistiam e trabalhavam, tocavam a madeira e, parecendo impossível esticá-la, eles juntavam-na da mesma forma que um tecelão faz meadas.

Eles criaram o barco enquanto Ceres assistia, fazendo com que aquele se erguesse das águas com lados arredondados e suaves e com cordas que pareciam ser feitas de trepadeiras. Ceres ouviu Eoin a aproximar-se antes de o ver. O facto de ela o ter conseguido ouvir quando ele se moveu tão silenciosamente apenas mostrou como, ela estava em sintonia com a ilha naquele momento.

Ele deu um passo ao lado dela, e Ceres não pode deixar de observá-lo. Ele juntou-se a ela ali na borda, parecendo como se ele pudesse ter sido enraizado na beira do precipício.

"Não vai demorar muito para que o teu barco esteja pronto", disse Eoin. "A nossa maldição tem um monte de desvantagens, mas podemos trabalhar com madeira."

"É incrível", disse Ceres. "Se quisesses, poderias criar uma frota que poderia governar o mundo."

"E porque nós haveríamos de querer fazer isso?", perguntou Eoin. "Nós não somos o Império, Ceres, a querer governar os outros. E só temos tanto tempo neste mundo graças à nossa maldição."

Aquele era um pensamento preocupante. Olhando para Eoin lá, tão forte e tão perfeito, era fácil esquecer que, eventualmente, a selva iria reivindicá-lo como tinha reivindicado muitos dos outros. É claro que ele não iria querer um império.

Ele tinha a sua música e o seu povo, e isso era suficiente.

"Vais sentir a minha falta quando eu me for embora?", perguntou Ceres.

"Porque é que sentiria a tua falta?", perguntou Eoin com um sorriso que implodiu numa gargalhada com a mudança de expressão de Ceres. "Eu estou contigo em espírito."

O coração de Ceres animou-se com aquelas palavras. Ela tinha pensado que, durante o seu tempo na ilha, tinha havido algo entre eles. Talvez se ela conseguisse voltar, ela conseguisse descobrir.

"Quem me dera poder ir nessa viagem contigo", disse Eoin. "Mas esta é uma jornada para ti sozinha."

Ceres sentiu um fio de preocupação com aquelas palavras. "Eu não sei o caminho."

"O teu poder vai-te colocar no caminho certo", prometeu Eoin. "Tu não o viste, afinal de contas."

Ceres tinha, mas ela tinha visto um monte de outras coisas também. Ela tinha visto a violência que se seguiu. E ela tinha visto inúmeras massas a gritar o seu nome. Tinha-se visto como rainha.

Rainha.

Primeiro, ela tinha sido uma escrava.

Em seguida, uma guerreira.

E então, um dia, de alguma forma, rainha.

Não parecia possível.

"Estás pronta?", perguntou finalmente Eoin, quebrando o silêncio.

Apesar de todo o tempo que passara na ilha, Ceres sentia como se as coisas estivessem a mover-se rapidamente. Ela esperava ter mais tempo. O mundo parecia estar a mover-se no seu próprio ritmo, e era um ritmo que Ceres não tinha certeza se conseguiria acompanhar.

Mesmo assim, Ceres deu os primeiros passos em direção à praia. Ela tinha uma viagem para fazer, e ela *tinha* de fazê-la. Apesar de todo o poder, apesar da guerra, apesar de tudo, só uma coisa importava agora.

Ela ia descobrir quem realmente ela era.

Ela ia encontrar-se com a sua mãe.

EM BREVE!

Livro nº3 em De Coroas e Glória

Quer livros gratuitos?

Subscreva a lista de endereços de Morgan Rice e receba 4 livros grátis, 3 mapas grátis, 1 aplicação grátis, 1 jogo grátis, 1 história em banda desenhada grátis e ofertas exclusivas! Para subscrever, visite: www.morganricebooks.com



Oiça a série O ANEL DO FEITICEIRO em formato Audiobook!

Agora disponível em:

[Amazon](#)

[Audible](#)

[iTune s](#)



[Faça o download dos livros de Morgan Rice no Google Play agora mesmo!](#)

Livros de Morgan Rice

O CAMINHO DA ROBUSTEZ

APENAS OS DIGNOS (Livro nº1)

DE COROAS E GLÓRIA

ESCRAVA, GUERREIRA, RAINHA (Livro nº1)

VADIA, PRISIONEIRA, PRINCESA (Livro nº2)

REIS E FEITICEIROS

A ASCENSÃO DOS DRAGÕES (Livro nº1)

A ASCENSÃO DOS BRAVOS (Livro nº2)

O PESO DA HONRA (Livro nº3)

UMA FORJA DE VALENTIA (Livro nº4)

UM REINO DE SOMBRAS (Livro nº5)

A NOITE DOS CORAJOSOS (Livro nº6)

O ANEL DO FEITICEIRO

EM BUSCA DE HERÓIS (Livro nº1)

UMA MARCHA DE REIS (Livro nº2)

UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro nº3)

UM GRITO DE HONRA (Livro nº4)

UM VOTO DE GLÓRIA (Livro nº5)

UMA CARGA DE VALOR (Livro nº6)

UM RITO DE ESPADAS (Livro nº7)

UM ESCUDO DE ARMAS (Livro nº8)

UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro nº9)

UM MAR DE ESCUDOS (Livro nº10)

UM REINADO DE AÇO (Livro nº11)

UMA TERRA DE FOGO (Livro nº12)

UM GOVERNO DE RAINHAS (Livro nº 13)

UM JURAMENTO DE IRMÃOS (Livro nº 14)

UM SONHO DE MORTAIS (Livro nº 15)

UMA JUSTA DE CAVALEIROS (Livro nº 16)

O PRESENTE DA BATALHA (Livro nº 17)

TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA

ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro nº 1)

ARENA DOIS (Livro nº 2)

ARENA TRÊS (Livro nº 3)

VAMPIRO, APAIXONADA

ANTES DO AMANHECER (Livro nº 1)

MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO

TRANSFORMADA (Livro nº 1)

AMADA (Livro nº 2)

TRAÍDA (Livro nº 3)

PREDESTINADA (Livro nº 4)

DESEJADA (Livro nº 5)

COMPROMETIDA (Livro nº 6)

PROMETIDA (Livro nº 7)

ENCONTRADA (Livro nº 8)

RESSUSCITADA (Livro nº 9)

ALMEJADA (Livro nº 10)

DESTINADA (Livro nº 11)

OBCECADA (Livro nº 12)

Acerca de Morgan Rice

Morgan Rice é a best-seller nº1 e a autora do best-selling do USA TODAY da série de fantasia épica O ANEL DO FEITICEIRO, composta por dezassete livros; do best-seller nº1 da série OS DIÁRIOS DO VAMPIRO, composta por doze livros; do best-seller nº1 da série TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico composto por dois livros (a continuar); da série de fantasia épica REIS E FEITICEIROS, composta por seis livros; e da nova série de fantasia épica DE COROAS E GLÓRIA. Os livros de Morgan estão disponíveis em edições áudio e impressas e as traduções estão disponíveis em

mais de 25 idiomas.

[TRANSFORMADA \(Livro n 1 da série Diários de um Vampiro\), ARENA](#)

[UM \(Livro n 1 da série A Trilogia da Sobrevivência\) e EM BUSCA DE HERÓIS](#)

(Livro n 1 da série O Anel do Feiticeiro) e [A ASCENÇÃO DOS DRAGÕES](#)

(Reis e Feiticeiros – Livro n 1) estão disponíveis gratuitamente no Google Play!

Morgan adora ouvir a sua opinião, pelo que, por favor, sinta-se à vontade para visitar www.morganricebooks.com e juntar-se à lista de endereços eletrónicos, receber um livro grátis, receber ofertas, fazer o download da aplicação grátis, obter as últimas notícias exclusivas, ligar-se ao Facebook e ao Twitter e manter-se em contacto!

Document Outline

- [CAPÍTULO UM](#)
- [CAPÍTULO DOIS](#)
- [CAPÍTULO TRÊS](#)
- [CAPÍTULO QUATRO](#)
- [CAPÍTULO CINCO](#)
- [CAPÍTULO SEIS](#)
- [CAPÍTULO SETE](#)
- [CAPÍTULO OITO](#)
- [CAPÍTULO NOVE](#)
- [CAPÍTULO DEZ](#)
- [CAPÍTULO ONZE](#)
- [CAPÍTULO DOZE](#)
- [CAPÍTULO TREZE](#)
- [CAPÍTULO CATORZE](#)
- [CAPÍTULO QUINZE](#)
- [CAPÍTULO DEZASSEIS](#)
- [CAPÍTULO DEZASSETE](#)
- [CAPÍTULO DEZOITO](#)
- [CAPÍTULO DEZANOVE](#)
- [CAPÍTULO VINTE](#)
- [CAPÍTULO VINTE E UM](#)
- [CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)
- [CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)
- [CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)
- [CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)
- [CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)
- [CAPÍTULO VINTE E SETE](#)
- [CAPÍTULO VINTE E OITO](#)
- [CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)
- [CAPÍTULO TRINTA](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E UM](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E DOIS](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E TRÊS](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E QUATRO](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E CINCO](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E SEIS](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E SETE](#)